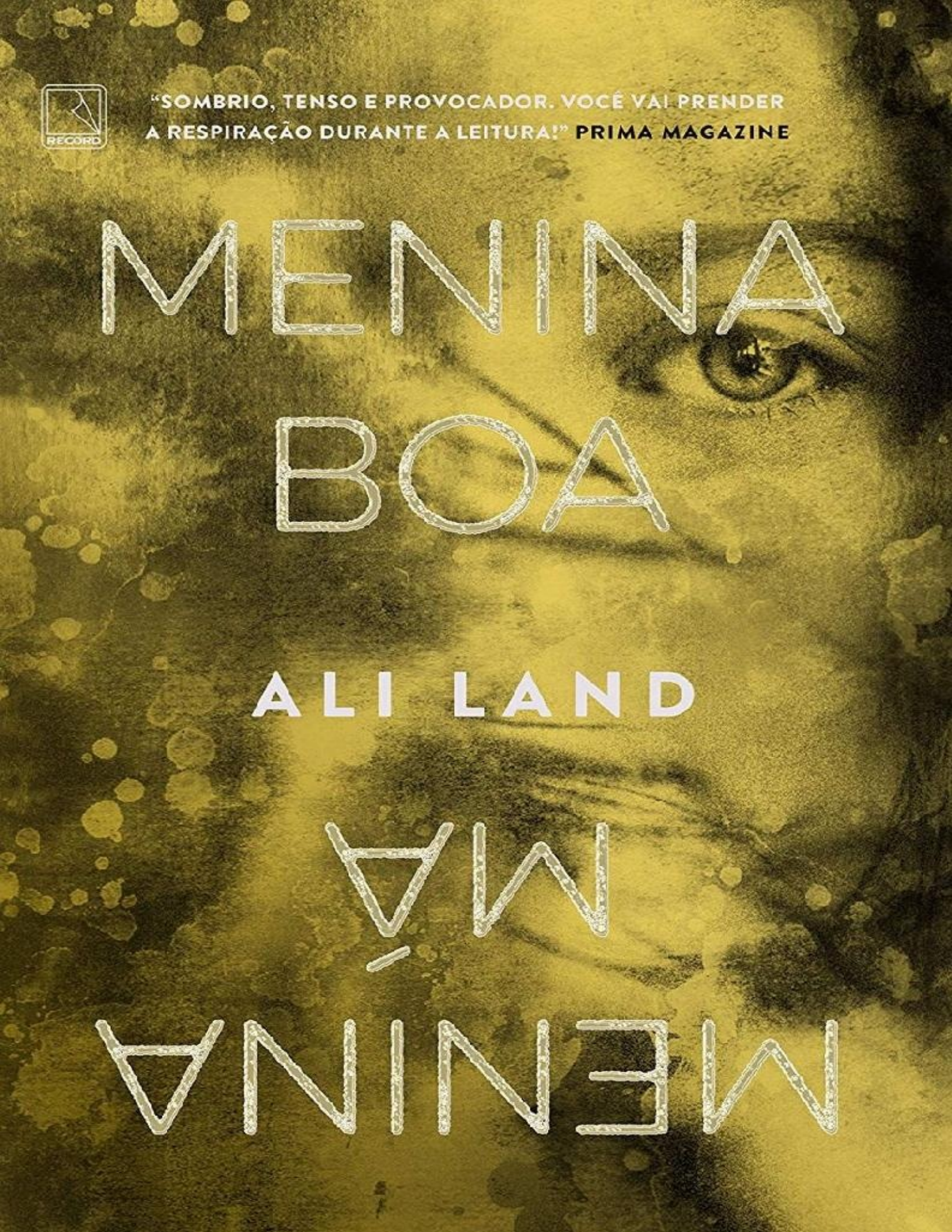
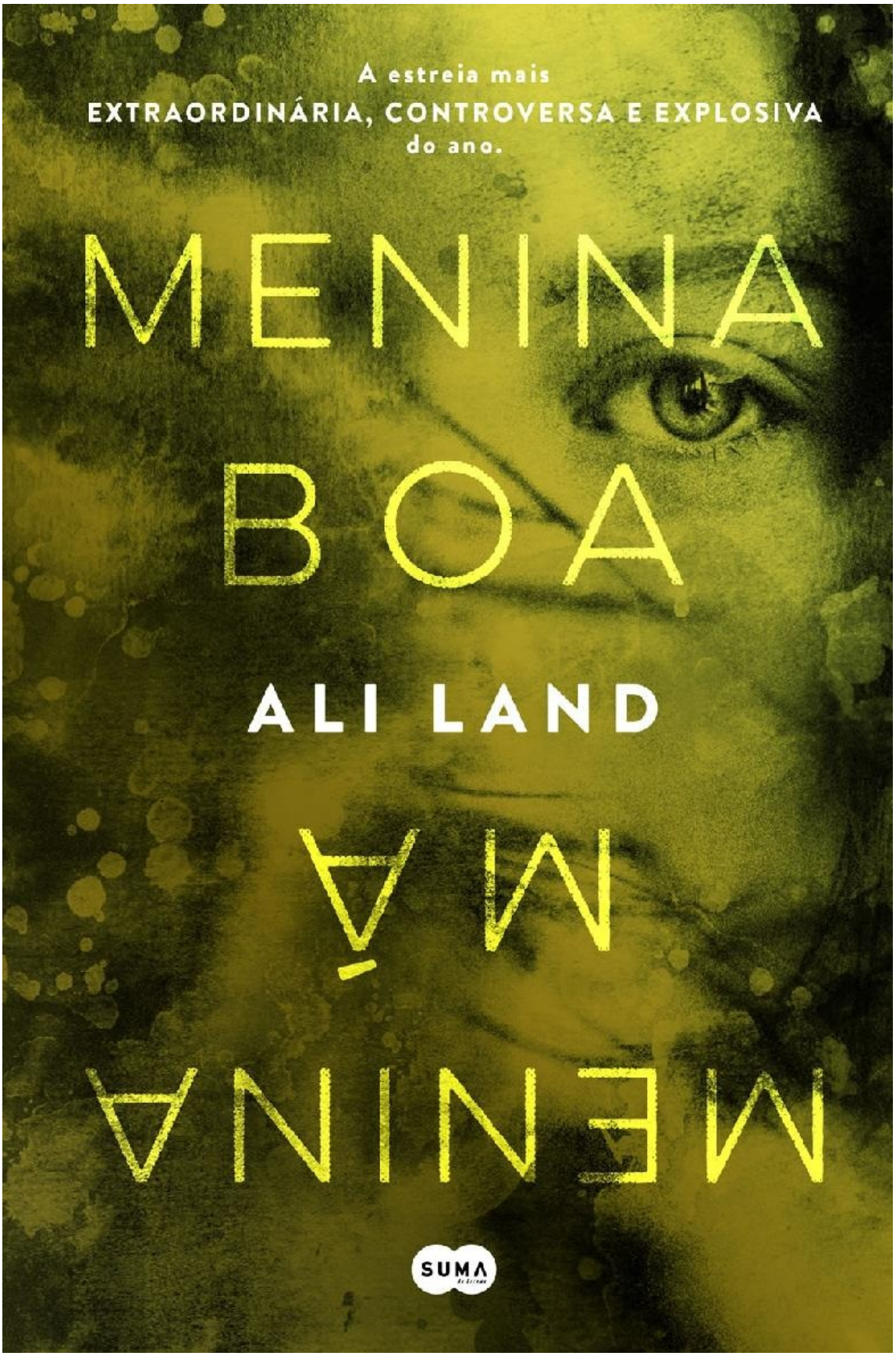

"SOMBRIO, TENSO E PROVOCADOR. VOCÊ VAI PRENDER A RESPIRAÇÃO DURANTE A LEITURA!" PRIMA MAGAZINE
MENINA BOA
ALI LAND
MENINA MÁ


A estreia mais
EXTRAORDINÁRIA, CONTROVERSA E EXPLOSIVA
do ano.
MENINA BOA
ALI LAND
MENINA MÁ
SUMA

ALI LAND

MENINA BOA,

MENINA MÁ

Tradução de

MARGARIDA FILIPE

Aos enfermeiros especialistas

em saúde mental e psiquiátrica.

As verdadeiras estrelas de *rock*.

Este livro é para vocês.

«Mas o coração das crianças é um órgão delicado.

Um cruel início de vida acaba por o deformar

de maneira singular.»

Carson McCullers (1917-1967)

Já alguma vez sonhou com um lugar longínquo? Eu já.

Um campo de papoilas.

Minúsculas bailarinas vermelhas, a dançarem a valsa

numa enorme alegria.

A apontarem as suas pétalas em direcção a um

caminho que vai dar à costa. Aberto. Desimpedido.

Atrás de mim, um oceano azul-turquesa. Um céu limpo.

Nada. Ninguém.

Anseio por escutar: *Nunca deixarei que algo de mal te aconteça*. Ou: *A culpa não foi dela, era apenas uma criança*.

Sim, é este o tipo de sonhos que tenho.

Não sei o que vai ser de mim. Estou assustada.

Diferente. Não tive escolha.

Mas faço uma promessa.

Prometo ser o melhor que conseguir.

Prometo tentar.

Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro.

A porta à direita.

O parque infantil.

Era o que ela lhe chamava.

O lugar onde as brincadeiras eram maldosas

e havia sempre um único vencedor.

Quando não era comigo, ela obrigava-me a assistir.

Um buraquinho na parede por onde se podia espreitar.

Depois vinha perguntar-me:

O que viste, Annie? O que viste?

Perdoa-me quando te disser que fui eu.

Fui eu quem deu com a língua nos dentes.

O detective. Um homem amável, com uma barriga grande e redonda. A in

Depois, as jardineiras sujas que tirei da minha mochila. Minúsculas.

Na parte da frente, um urso de peluche salpicado de vermelho, de sangue. Poderia comigo, havia tantas peças de roupa por onde escolher. Ela nunca soube que eu as

Ajeitou-se melhor na cadeira, foi o que ele fez. Sentou-se mais direito, ele e a sua barriga.

A sua mão — apercebi-me de que tremia ligeiramente na direcção do telefone. Chega aqui imediatamente, disse. Tens de ouvir isto. O silêncio enquanto esperávamos chegasse. Suportável para mim. Não tanto para ele. Centenas de perguntas a mart lhe a cabeça.

Estará ela a dizer a verdade? Não pode ser. Tantos? Mortos? Não pode ser.

Contei a história outra vez. E outra vez. A mesma história. Diferentes rost diferentes ouvidos a escutarem. Contei-lhes tudo.

Bom…

Quase tudo.

A câmara de filmar ligada, um leve zumbido, o único barulho que se ouv terminei de dar o meu depoimento.

É possível que venha a ter de testemunhar em tribunal; tem noção disso, testemunha, comentou um dos detectives. Acham que é seguro mandarmo-la para casa? Se o que ela está a dizer é verdade…?, interrogou-se outro. O inspector encarregado do caso respondeu-lhe: Teremos uma equipa a postos dentro de algumas horas. E depois, virando-se para mim, disse: Não te vai acontecer nada de mal. Já aconteceu, apeteceu-me dizer-lhe.

Aconteceu tudo muito depressa depois disso, nem poderia ser de outra forma. De
me boleia,
num carro não identificado, até ao portão da escola, a tempo da hora de saída. A t
lá buscar à hora de saída. Esperar-me-
ia com as suas exigências, mais prementes nos últimos tempos.

Dois nos últimos seis meses. Dois meninos ainda pequeninos. Foram-se.

Age com naturalidade, disseram-me eles. Vai para casa. Vamos lá prendê-
la. Esta noite.

O compasso do relógio por cima do meu guarda-
fatos. Tiquetaque. E foi o que eles fizeram.

Vieram. A meio da noite, com o elemento surpresa a seu favor. Passos quase imp
gravilha lá fora e eu já tinha descido ao piso térreo quando forçaram a entrada.

Gritos. Um homem alto e magro, vestido com roupas normais, não como os resta
de ordens a entrecortar o ar ácido da nossa sala de estar. Tu, ficas com o andar de
aqui. Vocês os dois, ficam com a cave. Tu. Tu. Tu.

Uma onda de uniformes azuis espalhou-
se pela nossa casa. Seguravam as armas com as duas mãos
contra o peito, quase como se rezassem. A adrenalina da busca e o terror
estampados nos seus rostos em igual medida.

E depois tu.

Arrastada do interior do teu quarto. Uma linha vermelha a sulcar a tua bochecha,
confusos na transição entre o repouso e o cativeiro. Não disseste uma palavra. Ne
tua cara estava a ser espalmada contra a alcatifa, os agentes a informarem-
te sobre os teus direitos
pressionando joelhos e cotovelos contra as tuas costas. A tua camisa de dormir su
te pelas ancas acima. Não tinhas roupa interior. Toda a indignidade da situação.

Viraste a cabeça para o lado. Encaraste-
me. Os teus olhos nunca deixaram os meus, consegui lê-

los na perfeição. Não lhes disseste nada, mas a mim disseste tudo. Esbocei um ac

Mas sem que ninguém visse.

2

Um nome novo. Uma família nova.

>Um.

Eu.

Novinho.

Em.

Folha.

Na minha família de acolhimento, o Mike, o pai, é psicólogo, especializad
filha, a Phoebe, também, embora mais para os causar do que para os curar. Saskia
está a tentar fazer com que me sinta em casa, mas não tenho a certeza, e
mamã. Magrinha e vazia.

Enquanto esperava que o Mike aparecesse, os funcionários da unidade diss
me que eu era
uma sortuda. Que os Newmont eram uma família fantástica. E uma vaga em Wetl

UAU. *Okay*, já percebi. Deveria sentir-
me uma sortuda, mas, na verdade, tenho medo. Medo de
descobrir quem e o quê poderei ser.

Medo de que eles o descubram também.

O Mike foi buscar-
me há uma semana, já a entrar na recta final das férias de Verão. Com o cabelo
muito bem penteado, preso num rabo-de-
cavalo, pratiquei como deveria falar, estando de pé ou
sentada. A cada minuto que passava, quando as vozes que ouvia não eram
enfermeiras a contarem piadas, ia ficando cada vez mais convencida de que o Mil
tinham mudado de ideias. Ganhado juízo. Não saí do mesmo sítio, à espera de qu
me: Lamentamos, afinal, não vais a lado nenhum hoje.

Mas eis que ele chega. Cumprimenta-
me com um sorriso e um aperto de mão, não formal, antes
agradável — foi agradável perceber que ele não tinha medo de estabelecer uma re
risco de ficar contaminado. Lembro-
me de o ter visto notar a minha falta de pertences, só uma mala
pequena. Dentro dela, uns quantos livros, algumas roupas e umas coisas es
memórias de ti. De nós. O resto, levado como provas de quando a nossa casa foi e
preocupes, vamos combinar uma ida às compras, disse ele. A Saskia e a F

Jantaremos todos juntos, umas boas-vindas como deve ser.

Tivemos uma reunião com o director da unidade. Com calma, com muita calma, a
dia de cada vez. Tive vontade de lhe explicar, o que me mete medo são as noites.

Trocámos sorrisos. Apertos de mão. O Mike assinou um papel e depois vi
se para mim e perguntou: Preparada?

Não, nem por isso…

Mas, mesmo assim, saí de lá com ele.

A viagem de carro até casa foi curta, demorámos menos de uma hora. Ca
uma novidade para mim. Ainda era de dia quando chegámos a uma casa grande, c
na fachada. Tudo bem?, perguntou o Mike. Disse que sim com a cabeça, a

Esperei que ele abrisse a porta da frente, o meu coração a saltar-
me dentro do peito quando vi que
nem sequer estava trancada. Simplesmente, entrámos por ali adentro. Da m
nós, poderia ter sido qualquer outra pessoa. Ele chamou pela mulher, com
estivera algumas vezes. Sas, chegámos. Estou já a ir, foi a resposta dela. C
vinda.

Sorri, foi o que achei que deveria fazer. *Rosie*, o
terrier da família, também me cumprimentou, empoleirando-
se contra as minhas pernas e espirrando de alegria quando lhe fiz umas festinhas j
às orelhas. Onde está a Phoebs?, perguntou o Mike. Foi a casa da Clondine, mas j
respondeu a Saskia. Óptimo, então jantamos daqui a uma meia hora ou assim, afi
que a Saskia me mostrasse onde era o meu quarto e lembro-
me de o ter visto fazer-lhe um sinal com a
cabeça que parecia ser de encorajamento. Para ela, não para mim.

Segui-a escadas acima, esforçando-
me para não contar os degraus. Uma nova casa. Um novo eu.

O nosso quarto é no segundo andar, tu e a Phoebe ficam com o terceiro por vossa
Saskia. O teu quarto será o das traseiras. A varanda tem uma bonita vista para o ja

Foi o amarelo dos girassóis aquilo que vi primeiro. Uma cor viva. Como

Agradeci-
lhe, disse que os girassóis eram das minhas flores preferidas, ela pareceu f

Explora tudo à vontade, disse a Saskia. Encontrarás roupa no guarda-
fatos. Vamos comprar-te mais,
claro, à tua escolha. Depois de me perguntar se precisava de alguma coisa e de eu
não, foi embora.

Pousei a minha mala, dirigi-
me à porta de acesso à varanda, verifiquei que estava fechada.

Trancada. O guarda-
fatos do lado direito, alto, de pinho, com um ar antigo. Não espreitei para
interior, não queria pensar em vestir e despir roupas. Ao virar-
me, reparei que havia gavetões debaixo da cama, abri-
os, apalpei até ao fundo e depois ao longo das laterais — nada. Seguro, por
agora. Uma casa de banho privativa, grande, um espelho a cobrir toda a parede di
ao meu próprio reflexo, não queria ser relembrada. Confirmei que a fechad

funcionava e que não era possível destrancá-
la a partir do lado de fora, depois sentei-me em cima da
cama e tentei não pensar em ti.

Não tardou que ouvisse o ribombar de passos pelas escadas acima. Tentei
me calma, lembrar-
me dos exercícios de respiração que o meu psicólogo me tinha ensinado, n
tonta, por isso, quando ela apareceu na soleira da porta, fixei a sua testa, o mais p
contacto visual que me era possível. O jantar está pronto, a sua voz era mais um r
uma pitada de sarcasmo, tal e qual como me lembrava dela de quando nos tínham
ocasião da reunião com a assistente social. Não podíamos encontrar-
nos na unidade, ela não podia
saber a verdade ou ter sequer hipóteses de desconfiar. Lembro-

me de me ter sentido intimidada. O ar
dela, loura e convencida e entediada, obrigada a acolher estranhos dentro da sua p
duas vezes durante esse encontro, perguntara durante quanto tempo eu lá f
tinham-na mandado calar-se.

O pai pediu-me para vir chamar-
te, disse ela, de braços cruzados à frente do peito. Na defensiva.

Tinha visto os funcionários da unidade chamar a atenção dos pacientes par
linguagem corporal, a rotulá-
la. Eu observava em silêncio, aprendi muito. Já se passaram vários
dias, mas não me sai da cabeça a última coisa que ela me disse antes de dar meia
bailarina zangada: Ah!, e sê bem-vinda ao manicómio.

Segui o seu cheiro, doce e cor-de-
rosa, até lá abaixo, à cozinha, a sonhar acordada sobre como
seria ter uma irmã. Que tipo de irmãs eu e ela viríamos a ser. Ela poderia ser a Me
nossa própria versão das *Mulherzinhas*. Na unidade, tinham-
me avisado de que a esperança seria o meu melhor trunfo, ela far-me-
ia superar tudo.

Estupidamente, eu acreditei.

3

Naquela primeira noite, dormi com as roupas que trazia vestidas. Um pijar
pela Saskia ficou por usar, só lhe toquei para o tirar de cima da cama. O
toque. Agora já consigo dormir melhor, ainda que não seja a noite toda. Fiz grand
que te deixei. Os funcionários da unidade disseram-
me que eu não abri a boca durante os primeiros
três dias. Fiquei sentada em cima da cama, encostada à parede. A olhar para o vaz

Em choque, disseram. Algo bem pior, quis dizer-
lhes. Algo que entrava no meu quarto de todas as
vezes que me permitia adormecer. Algo que rastejava por debaixo da porta
autointitulando-se «mamã». E continua a fazê-lo.

Quando não consigo dormir, não conto carneirinhos, mas sim os dias até o julgam
contra ti. Toda a gente contra ti. Desta segunda-
feira a doze semanas. Oitenta e oito dias. Todos os

dias é menos um. Conto por ordem crescente, conto por ordem decrescente
chorar, depois continuo a contar até parar de chorar, e, eu sei que é errado, mas, a
contagem, começo a ficar com saudades tuas. Terei de me esforçar muito
preciso de fazer bater certo dentro da minha cabeça. Coisas que preciso de
certo se for chamada a apresentar-
me em tribunal. Há tanto que pode correr mal quando todos os
olhares se fixam na mesma direcção.

O Mike desempenhará um papel muito importante neste esforço. O plano
por ele e pelo pessoal da unidade prevê que faça uma sessão de terapia por seman
data do julgamento. Uma oportunidade para eu abordar qualquer problema
ele sugeriu que fosse às quartas-
feiras, a meio da semana. Concordei, não porque quisesse, mas
porque ele queria que eu o fizesse, ele acha que a terapia vai ajudar-me.

As aulas começam amanhã, estamos todos na cozinha. A Phoebe está a ag
pode esperar para regressar à escola e sair desta casa. O Mike ri, não dan
Saskia parece triste. Ao longo da última semana, reparei que há qualquer coisa er
Phoebe. Têm existências praticamente independentes uma da outra, com o
tradutor, um mediador. Por vezes, a Phoebe trata-
a por «Saskia» e não por «mãe». Da primeira vez
que a ouvi fazer isso, julguei que ia ser castigada, mas não foi. Não que eu tivesse
as vi terem qualquer tipo de contacto físico, e acho que o toque é um indicador de

o tipo de contacto físico que tu experienciaste, Milly. Existe contacto físico
mau, explicaram-me os funcionários da unidade.

A Phoebe anuncia que vai sair para se encontrar com uma tal Izzy, que a
França. O Mike sugere-
lhe que me leve também e me apresente. Revirando os olhos, ela reclama:
Oh, por amor de Deus! Não vi a Iz durante todo o Verão! Ela pode conh
la amanhã. Seria bom
para a Milly conhecer uma das tuas amigas, insiste o Mike. Leva-
a a um dos sítios onde vocês
costumam ir. A Phoebe cede. Tudo bem… Embora não seja propriamente uma ob

— Mas é gentil da tua parte — comenta a Saskia.

A Phoebe olha fixamente para a mãe. Fita-a e torna a fitá-

la, até que ganha. A Saskia desvia o olhar, as faces coradas.

— Estava apenas a comentar quão gentil achava que estavas a ser.

— Sim, pois, mas ninguém perguntou a tua opinião, pois não?

Fico à espera de uma retaliação, de uma palmada ou de um objecto atirad
apenas diz:

— Por favor, não fales assim com a tua mãe.

Saímos de casa e vejo que está uma rapariga de fato-de-
treino sentada no muro em frente ao
acesso para a nossa casa, que nos olha quando vamos a passar. Baza daqui, sua ot
muro para te sentares, diz-
lhe a Phoebe. Em resposta, a rapariga faz um gesto obsceno com o dedo.

— Quem era aquela? — pergunto.

— Apenas uma miúda parva do bairro social.

Com um aceno de cabeça, indica-
me os blocos de prédios altos do lado esquerdo da nossa rua.

— Já agora, não te habitues a isto. Quando as aulas começarem a sério, tenho a m
pensar.

— Tudo bem.

— Aquela vereda ali passa mesmo junto ao nosso quintal. Não há nada de especia
umas garagens e isso assim, e o caminho mais rápido para a escola é por aqui.

— Habitualmente, a que horas sais de casa de manhã?

— Depende. Costumo encontrar-
me com a Iz e vamos a pé juntas. Às vezes passamos pelo
Starbucks e ficamos um bocado por lá, mas agora é a época do hóquei e eu sou a
maior parte das manhãs, terei de sair cedo para fazer exercício e assim.

— Deves ser muito boa, se és a capitã.

— Suponho que sim… Então, qual é a tua história? Onde estão os teus pais?

Uma mão invisível insinua-se bem no fundo do meu estômago, aperta-o com força, não o larga.

Sinto a cabeça novamente a transbordar. Descontrai, digo para comigo. Pra este tipo de perguntas com o pessoal da unidade, uma e outra vez.

— A minha mãe foi-se embora quando eu era pequena. Eu vivia com o meu pai, mas ele morreu recentemente.

— Caramba, que cena fodida.

Concordo com um aceno de cabeça, deixo a coisa por ali. Menos é mais, assim m

— O pai provavelmente mostrou-te alguma destas coisas na semana passada, mas já aqui, no final da nossa rua, há um atalho para a escola, naquela direcção.

A Phoebe aponta para a direita.

— Atravessas a estrada, viras na primeira à esquerda e a seguir na segunda rua à (são mais ou menos uns cinco minutos.

Estou prestes a agradecer-lhe, mas ela não está a prestar atenção, a sua cara a esboçar um sorriso.

Sigo-lhe o olhar e vejo uma rapariga loura a atravessar a rua em direcção a nós, a lança de forma exagerada. A Phoebe ri e acena, dizendo que se trata da Iz. As reluzem nos calções de ganga rasgados que traz vestidos e, tal como a Ph bonita. Observo a maneira como se cumprimentam, se colam uma à outra, conversar a mil à hora. Fazem perguntas, devolvem perguntas, tiram os tel comparam fotografias. Desatam na coscuvilhice sobre rapazes e uma rapariga cha Izzy diz ficar pavorosa de biquíni. Segundo a Izzy, a maldita piscina ficou mergulhou. Toda esta interacção dura apenas uns minutos, mas é tão constranged me parecem horas. É a Izzy quem por fim olha para mim e depois, dirigindo-se à Phoebe, pergunta:

— Então e quem é esta? A mais recente adição ao abrigo do Mike?

A Phoebe ri e responde-lhe:

— Chama-se Milly. Vai ficar connosco durante uns tempos.

— Pensava que o teu pai já não ia acolher mais ninguém.

— Sei lá… Sabes que ele não consegue controlar-
se quando se trata de errantes…

— Vais frequentar Wetherbridge? — pergunta-me a Izzy.

— Sim.

— És de Londres?

— Não.

— Tens namorado?

— Não.

— Bolas, só sabes falar assim como um *robot?*
Sim. Não. Não. — A Izzy mexe os braços e faz um
barulho mecânico como o Dalek do episódio da série
Doctor Who a que assisti numa aula de teatro

na minha antiga escola. Desatam ambas a rir e voltam a pegar nos seus teler
poder dizer-
lhes que falo desta maneira, lenta e objectiva, quando estou nervosa e que
ruído. O ruído de fundo, pontuado pela tua voz. Até mesmo agora, especialmente
minha cabeça. Um comportamento normal não implicava um grande esforço para
uma avalanche. Sempre me surpreendeu quanto te adoravam no teu empreg
raiva, o teu sorriso sempre simpático, a tua voz reconfortante. Na palma das tuas
tinhas, onde os isolavas. Puxavas à parte as mulheres que sabias que era possível
lhes ao ouvido. Seguras. Amadas. Era assim que fazias com que elas se sentissem
elas te confiavam os filhos.

— Sou capaz de ir andando para casa, não me estou a sentir muito bem.

— Tudo bem — diz a Phoebe. — Mas não me metas em apuros com o Pai.

A Izzy ergue o olhar, esboça um sorriso provocador.

— Vemo-nos na escola — diz ela, e, mal me afasto, ouço-
a acrescentar: — Isto vai ser divertido.

A rapariga de fato-de-treino já não está sentada no muro. Detenho-
me a olhar para o bairro social,
percorro com o olhar as torres altas até ao céu, a cabeça toda inclinada para trás. I
de prédios altos em Devon, somente casas e campos. Hectares de privacidade.

Quando entro em casa, o Mike pergunta-
me onde está a Phoebe. Explico a situação com a Izzy, ele
sorri, um pedido de desculpas, suponho.

— Elas são amigas desde sempre. Têm a conversa de um Verão inteiro para pôr e
te conversar só por um bocadinho no meu escritório? Só para assentar ide
aulas amanhã?

Digo que sim — parece-me que ando a fazê-
lo muitas vezes, é uma boa palavra, uma palavra atrás da qual posso esconder-
me. O escritório do Mike é grande e tem um recanto semi-hexagonal coberto
de janelas com vista para o jardim. Uma secretária em tons de mogno, uma moldu
de pé verde com um ar antigo, montanhas de papéis. Inclui também a sua bibliote
prateleiras embutidas na parede, todas alinhadas e cheias de livros, as resta
num tom de malva. Tudo transmite uma sensação de estabilidade. De segurança. I
me a olhar para as prateleiras e ri.

— Eu sei, eu sei, são realmente livros em demasia, mas, aqui entre nós, acho que
livros a mais.

Aceno com a cabeça, em concordância.

— A tua escola tinha uma boa biblioteca?

A pergunta não me agrada. Não gosto de pensar sobre a vida, sobre como
respondo-lhe, mostro-lhe que estou disposta a abrir-me.

— Nem por isso, mas havia uma numa vila perto da nossa e eu ia lá às vezes.

— Ler é muito terapêutico. Se quiseres algum livro emprestado, é só dizer. Tenho
podes ver.

O Mike pisca-
me o olho — mas não de um jeito que me deixa desconfortável —, indic
poltrona com um gesto, senta-te, descontrai. Sento-
me, reparo que a porta do escritório está fechada, deve tê-
la fechado quando eu estava a olhar para os seus livros.

— É confortável, não é? — pergunta, referindo-se à poltrona onde estou sentada.

Digo que sim com a cabeça, tento parecer mais relaxada, mais confortável. Querc
me bem. Dá
para reclinar, acrescenta ele. Basta puxares a alavanca de lado. Se te apete
apetece, não o faço. Só de pensar em estar numa poltrona reclinável num quarto s
pessoa, eu deitada. Não. A ideia não me soa bem.

— Bem sei que já conversámos sobre isto na unidade antes de teres tido
relembrar o que combinámos antes de ficares absorvida pelas próximas semanas

Começo a bater com um pé para cima e para baixo sem parar. Ele repara.

— Pareces insegura.

— Um pouco.

— Tudo o que te peço é que mantenhas a mente aberta, Milly. Que encar
momentos de um certo alívio, uma altura em que podes parar e respirar fundo. Te
três meses até o julgamento começar, por isso, em parte, estaremos a prep
te para isso, mas
também daremos continuidade ao trabalho de relaxamento orientado a que
deu início contigo.

— Temos de continuar a fazer isso?

— Sim, ser-te-á útil a longo prazo.

*Como lhe posso dizer que não será, não se as coisas que me metem medo arranjc
sair cá para fora*.

— Faz parte da natureza humana querer evitar as coisas que encaramos como am
coisas que nos fazem sentir fora de controlo, mas é importante aceder-
lhes. Começar o processo de
pôr tudo para trás das costas. Gostaria que pensasses num sítio que te par
te
que me fales sobre esse sítio da próxima vez que conversarmos. De início
te difícil
fazer isso, mas preciso que tentes. Pode ser um sítio qualquer, uma sala de aula na
um percurso de autocarro que costumavas fazer.

Ela levava-me de carro à escola. Todos os dias.

— Ou algum lugar na vila próxima de onde vivias, como um café ou a biblioteca
qualquer sítio, desde que a ele associes uma sensação de conforto. Faz algum sen

— Vou tentar.

— Muito bem. Então, em relação a amanhã, como te sentes? Nunca é fácil ser a r

— Mal posso esperar por estar ocupada, acho que ajuda.

— Bom, certifica-te apenas de que estás a integrar-
te aos poucos. A escola de Wetherbridge
poderá ter um nível exigente, mas não tenho dúvidas de que vais ser capaz de agu
algo mais que gostarias de abordar ou de perguntar, alguma coisa sobre a
segura?

Tudo.

— Não, obrigada.

— Então hoje ficamos por aqui. Mas, se surgir alguma coisa entre hoje e a nossa
a porta está sempre aberta.

De volta ao meu quarto, não consigo evitar sentir-
me frustrada pelo facto de o Mike querer
prosseguir com a hipnose. Ele acha que se lhe chamar «relaxamento orientado» n
que se trata, mas a verdade é que percebo. Ouvi o psicólogo da unidade comentar
tinha esperança de que a técnica de hipnose que estava a aplicar seria uma boa fo
abrir. É

melhor deixar-me fechada, tive vontade de lhe dizer.

Escuto música quando vou a passar pelo quarto da Phoebe, o que deve querer diz
em casa. Arranjo coragem para bater à sua porta, quero perguntar-
lhe o que devo esperar da escola amanhã.

— Quem é? — grita ela.

— Milly.

— Estou ocupada a preparar-me para amanhã. Devias fazer o mesmo.

Murmuro a minha resposta através da porta —
tenho medo —, depois vou para o meu quarto e
disponho as peças do meu novo uniforme. Uma saia azul, uma camisa branca e u
em dois tons de azul. E, por muito que tente não pensar em ti, é tudo o
viagem de carro todos os dias, de casa para a escola e da escola para casa, tu a tra
turno para que eu não tivesse de apanhar o autocarro. Uma oportunidade p
canção que cantavas enquanto me beliscavas. Como ficava com água na boca por
nossos segredos são especiais, era o que me dizias quando chegavas à parte do re
nós as duas.

Pouco depois das nove da noite, a Saskia vem ao quarto dar-me as boas-
noites. Tenta não ficar
preocupada em relação a amanhã, diz ela. A escola de Wetherbridge é rea

Depois de fechar a porta do meu quarto, ouço-
a junto à do quarto da Phoebe. Bate, depois entra.

Ouço a reacção da Phoebe: O que queres?

Vim só ver se tinhas tudo a postos para amanhã. Como queiras, riposta a Phoebe,
ser fechada.

4

Sobrevivi aos dois primeiros dias de aulas, quinta e sexta da semana passada, sem
o programa de inserção a providenciar-
me uma redoma. Sermões sobre regras e expectativas, uma
introdução à minha orientadora, a professora Kemp. Normalmente, os alunos do

não têm orientadores, mas, como sou a única que entrou este ano e ela é professo
emparelhadas. A directora da minha antiga escola enviou, através da Assistência
onde explicava o talento que achava que eu possuía. A professora Kemp p
disse que mal podia esperar para ver aquilo de que eu era capaz. Achei-
a simpática e bondosa, mas
nunca se sabe. A verdade é essa. Recordo o seu cheiro mais do que qualquer outr
misturado com algo que não consegui identificar. Algo familiar, porém.

O fim-de-
semana foi pacífico. O Mike trabalha aos sábados no seu consultório em N
Gate — é daí que realmente vem o dinheiro. A Saskia entrava e saía de casa, entr
yoga e
assim. A Phoebe em casa da Izzy. Muito tempo para me dedicar a mim. No domi
a Saskia levaram-
me a um cinema chamado Electric, na Portobello Road, e, embora tenha sido mui
diferente das noites de cinema que costumávamos ter em casa, passei o tempo toc

Quando regressámos, a Phoebe estava na sala e saiu de lá com um ar zangado. Qu
comentou. Perguntámos-
te se querias ir connosco, respondeu o Mike. Ela encolheu os ombros. Sim,
pois, mas não voltei de casa da Iz a tempo, não foi?

Subimos as escadas juntas. Parece que estás a instalar-te bem, disse-
me ela. Aproveita enquanto
podes, não vais cá ficar muito tempo, nunca ninguém fica muito tempo. Senti-
o, bem no âmago. Um alarme. Um sinal.

No dia seguinte, ao pequeno-
almoço, somos só eu e o Mike. Ele explica que a Saskia vai ficar a
descansar até um pouco mais tarde, tem o sono em atraso. Ele não sabe que já vi
mala dela.

Infelizmente, a Phoebe já foi para a escola, diz ele. Gostavas que te acompanhass
conta que será a tua primeira semana completa? Respondo-
lhe que fico bem por minha conta, embora
não saiba se isso é verdade. Nos meus dois dias de apresentação, almocei com as
refeitório. A curiosidade inicial depressa se transformou em desinteresse quando

ela fala como um

robot, está sempre de olhos postos no chão. Escondi o facto de as minhas
tremerem por vezes — danos permanentes no meu sistema nervoso —, ent
as nos bolsos do

casaco ou carregando uma pasta. Ficou claro que nesta escola as coisas acontecer
dentro ou ficamos de fora, tudo num abrir e fechar de olhos. Nem vale a pena con
que, obviamente, prefere não ser associada a mim, por isso sou ignorada, vaticina
forasteira. «A» forasteira.

Mas hoje, segunda-feira, é diferente.

Hoje, uma onda de olhares de soslaio acompanhados pelos sorrisos trocistas das r
ano varre o pátio da escola à medida que o atravesso.

Reparam em mim.

Assim que entro, viro à direita, desejosa de evitar o corredor central, um
encontro de raparigas falsas, arrogantes, lindas. Deixo para trás as risadas mal dis
os insultos em voz aguda que tão facilmente trocam entre elas, mesmo ent

sobretudo entre as que são amigas —, e dirijo-me à sala onde ficam os cacifos.

Sirvo-me das costas para abrir a porta. Tenho os braços cheios de *dossiers*.

Viro-me. Vejo-a de imediato.

AMPLIADA. Colada com fita-
cola ao meu cacifo. A minha fotografia para a escola, tirada na
semana passada, no meu primeiro dia. Constrangida e insegura. Feia. A bo
entreaberta, o suficiente para lhe sobreporem a imagem de um pénis gigan
desenhada.

A MILLY COME SALSICHAS

Movo-me, deixando a porta fechar-se. Um leve baque que sela a divisão. Sinto-
me a ser atraída
para o cartaz. Para mim. Curiosa para me ver como nunca me vi. Um intruso rosa
sair-me da boca. Inclino a cabeça, imagino-me a morder. Com força.

Uma explosão de barulho chega do corredor quando a porta se abre e volta a fech

se. Os passos
suaves da pessoa atrás de mim. Arranco o cartaz no mesmo instante em que
uma mão pousa no meu ombro. O chocalhar das suas pulseiras pesadas, o cheiro
envolver-me como um cobertor num dia já se si demasiado quente. Amaldiçoo-
me por ter hesitado.

Ela viu-
o antes de eu o arrancar, sei que sim. Idiota. Já deveria saber melhor do
ensinaste-me melhor do que isto.

— O que tens na mão, Milly?

— Nada, professora Kemp, está tudo bem.

Deixa-me em paz.

— Vá lá, podes contar-me.

— Não há nada para contar.

Os seus múltiplos anéis. Sinto-
os contra a base do meu pescoço quando ela me vira para a encarar.

Já tão interessada, consigo senti-
lo, como se os comentários que ouvi as outras raparigas fazerem —

sobre ela ser um pouco tonta, um pouco dedicada demais, por vezes — fossem ve
vai deixar passar em branco. Os meus olhos, fixos no chão, recaem sobre
tamancos de
hippie, com uma sola de madeira pesada. Quanto mais os fito, mais me p
barcos ancorados ao largo, encalhados num areal secreto sob a sua saia.
Soltem amarras, deixem-me em paz.

— Não me parece que seja nada. Deixa-me ver.

Amachuco o papel contra o fundo das minhas costas. Entoo um feitiço mudo.
Faz-me desaparecer, ou a ela. Boa. Melhor ainda.

— Estou atrasada, devia ir andando.

— Não te vou deixar ir embora a sentires-te assim. Mostra-
me, se calhar posso ajudar.

A sua voz, o modo como ela a coloca, quase musical. Sinto-
me melhor, um bocadinho. Ergo um
pouco o olhar. Canelas. Ela é uma novidade para mim. Sê cautelosa, sim,
te de que a maioria das pessoas não constitui uma ameaça, recomendou-
me o meu psicólogo. Ancas. Mais merdas
hippies, cenas palermas. Uma saia de veludo
cotelet, uma camisa com cornucópias, um
projecto ambulante sem estar perfeitamente acabado, o tipo de estilo caótic

Cores e camadas. Camadas e cores. As mãos fechadas uma sobre a outra,
grandes a colidirem com um tilintar, como carrinhos de choque. Nervosa?

Expectativa. Sim. Um momento entre nós. Um estreitar de relações, acha e
opressivo agora. Consigo levantar os olhos até encontrar os seus. Cor de a
escuros e claros, a sua mão estendida na minha direcção.

— Deixa-me ver.

A campainha toca, por isso, entrego-
lhe o cartaz, não quero chegar atrasada à aula, mais uma razão
para ser ostracizada. Ela tenta alisar os vincos do papel, espalmando-
o contra a sua coxa, passando a
mão como se estivesse a engomar. Desvio o olhar. Ouço-
a respirar fundo, como se estivesse a tentar conter-
se. Como foram capazes de fazer isto? E alcança-me com a mão, pousando-
a na manga do meu casaco, não sobre a minha pele. Felizmente.

— Preferia que não, professora.

— Não, lamento, mas vou ter de apurar o que se passou, até porque sou a tua orie
alguma ideia de quem está por detrás disto?

Respondo que não, apesar de não ser totalmente verdade. Na semana passada, na

As palavras da Izzy: Isto vai ser divertido.

— Tenciono descobrir, Milly. Não te preocupes.

Quero dizer-
lhe para não se maçar, que já vi pior, mas não posso — ela não sabe quem sou, de
onde vim. Quando volta a olhar para o cartaz, os meus olhos focam-
se no seu pescoço. A pulsação,
forte e estável. A cada batida do coração, a pele em redor estremece ligeiramente.
esvai-
se da minha cabeça assim que a Phoebe e a Izzy irrompem pela porta, de
se ao perceberem que não estou sozinha. Parece-
me óbvio que vieram vangloriar-se, os telemóveis a
postos nas mãos. Para registar o momento. Os olhares nervosos entre uma
suficiente. Não percebo porque é que as pessoas não são melhores a esconder aqu

bom, há que admitir que eu tenho mais prática do que a maioria. A profe
as a entreolharem-
se, tira a sua própria conclusão. A conclusão certa. Talvez não seja tão bu
tonta como as raparigas acham.

— Não posso crer! Especialmente tu, Phoebe, como pudeste fazer isto?! O que é
diriam? Ficariam furiosos! Não entendo, já não entendo nada de nada… Vo
como se tratam umas às outras… Preciso de pensar sobre isto. Vocês as duas, ven
sala de Artes Plásticas depois do registo e…

— Mas, professora Kemp, vai haver uma reunião sobre a viagem da equipa de hó
férias de Outono e eu tenho de ir, sou a capitã.

— Por favor, não me interrompas, Phoebe, estás a ouvir? Tu e a Izzy estarão na m
e cinquenta e cinco, o mais tardar. Caso contrário, vou levar este assunto
longe. Perceberam?

Um silêncio, de apenas alguns segundos. A Izzy pronuncia-se.

— Sim, professora Kemp.

— Muito bem. Agora vão, assinem o registo, depois sigam directas para a
melhor também ires assinar. E não te preocupes, vou resolver isto.

O meu coração bate aceleradamente durante todo o caminho até ao registo
demasiado ocupada a estar «envolvida», não se apercebeu do gesto que a
saímos da zona dos cacifos. Um dedo a cortar a garganta. Os olhos fixos em mim

Feita ao bife.

Como se isso fosse possível.

Oh, Phoebe, minha querida.

5

Nem duas horas mais tarde, à porta do bar da escola, vêm direitas a mim esmagando-
me entre elas. Uma sanduíche humana feita com melenas brilhantes em qu petulância.

— Como é ser o novo animal de estimação da professora Kemp? — Sinto a respi Izzy junto ao meu ouvido esquerdo.

A Phoebe, nem vê-
la. É esperta demais para isso. Substituída, na minha direita, pela Clondine, a sua outra melhor amiga, desejosa de agradar, com as mangas da camisa er casas de banho nas traseiras do pavilhão de Ciências, quase nunca usadas, sarilhos. As suas mãos empurram-
me porta dentro. Empurrão, encontrão, um último empurrão.

Não perdem tempo.

— Com que então achas que és muito espertinha, não é? A denunciar- nos à tua queridinha professora Kemp.

— Não lhe disse nada.

— Ouviste isto, Clondine? Ela nega tudo.

— Ouvi, sim, eu é que não acredito numa palavra.

A Izzy avança, de telemóvel na mão. A filmar-nos. Empurra-
me. Com força. O hálito a cheirar a
morangos, tão apelativo que me apetece mergulhar dentro da sua boca. A pastilha se no
meio da sua dentição perfeita de membro da claque, não usa aparelho como a Clo boca cheia de metal colorido. Pousa a mão na parede acima da minha cab

pequena. Ameaçada. Uma cena de um filme a que assistiu. Faz um balão com a p
rosa e opaco. O balão toca no meu nariz, rebenta sobre ele. Elas desatam a rir. A
Clondine assume o seu lugar.

— Dá-
me o teu número, e não digas que não tens telemóvel porque a Phoebe disse-
nos que o Mike te comprou um.

Silêncio.

A tua voz dentro da minha cabeça. Assim é que é a minha menina, mostra-
lhes como é. Grata, era o
que deverias estar agora, por tudo o que te ensinei, Annie. O teu elogio, tão raro,
me como
um fogo descontrolado cuja boca quente e esfomeada engole casas e árvor
que não são tão fortes. Olho-
as nos olhos, os restos da pastilha elástica da Izzy a penderem-me do

queixo. Vejo que estão surpreendidas pelo meu ar desafiante. Há um leve tremor
lábios carnudos, os seus olhos estão um pouco arregalados. Abano a cabeç
deliberadamente. A Izzy, a mais faminta das duas, morde o isco.

— Dá-me o teu maldito número de telemóvel, cabra.

As suas mãos empurram-
me, a cara fica encostada à minha, acolho o contacto físico de bom grado.

Sou real. Vejam-me, sintam-
me, mas fiquem sabendo que venho de um lugar onde isto não passa de
um exercício de aquecimento.

Volto a abanar a cabeça em negação.

Sinto um ardor a atravessar a minha bochecha e a sair-
me pela orelha. Uma bofetada. Ouço risos,
admiração perante o desempenho da Izzy. Estou de olhos fechados, mas imagino-
a a fazer uma vénia,
típico de quem quer sempre agradar ao público. A sua voz é ténue, o zumbido no
abafa, mas as palavras são bem claras.

— Eu. Não. Vou. Perguntar. Outra. Vez.

E eu nunca me esqueço.

Nunca.

Depois de obterem o que queriam, vão embora. Toco na minha face quente e as m
de ti reavivam. Sou engolida. Uma espiral de memórias. Estamos na nossa
alfazema que adoras, a do vaso na casa de banho. Trata-
se da noite em que foste presa, eu tinha
passado toda a tarde na esquadra da Polícia. Forjei uma carta tua, entregue
a na Secretaria da escola, deixaram-
me sair a seguir ao almoço, sem fazer perguntas.

Sentia pavor de olhar para ti naquela noite, de te olhar nos olhos, como s
daquilo que tinha feito estivesse estampada na minha cara. Ofereci-
me para passar a ferro, qualquer
coisa para evitar que as mãos me tremessem e para estar armada caso a Polícia ap
me atacasses. Parecias diferente, mais pequena, ainda intimidante, mas menos. Po
tinhas mudado, era eu. O fim à vista. Ou o início.

Estava preocupada por causa de eles poderem não aparecer, por terem mudado de
que eu estava a inventar tudo. Tentei respirar normalmente, ficar de pé normalme
fizesse diferença, uma vez que podias passar-
te da cabeça de um momento para o outro. Podias estar
a fazer um arranjo floral num minuto e no seguinte exigias que eu montasse um e

Não há muitas actividades do dia-a-
dia que não me recordem de ti, de como tu gostavas de as fazer.

Quando era hora de ir para a cama, tinha de esperar que me dissesses onde devia
me. Às vezes
era na tua cama, outras, eu tinha direito a um descanso e mandavas-
me ir para a minha. O mais
engraçado, ou triste, é que uma parte de mim queria dormir contigo naquela noite

a última, e outra parte de mim estava demasiado aterrorizada para ir para o andar

Sobe-se oito, sobe-
se mais quatro, a porta à direita. Em frente à minha. O parque infantil.

Não disseste uma palavra ao fechares a porta do teu quarto, era uma dessas noites
dias a fio sem falar comigo ou sem reparar em mim e depois engolias-
me, a minha pele, o meu
cabelo, em poucos minutos, qualquer coisa que conseguisses agarrar. Disse-
te adeus naquela noite,
num murmúrio. Acho que talvez também tenha dito que te amava, e era v
embora esteja a tentar parar.

Quando fui para cima, encostei-
me à parede do corredor, do lado de fora do quarto em frente ao
meu, precisando de sentir algo sólido contra o meu corpo, mas depressa m
as. As
vozes dos minúsculos fantasmas a atravessar a parede. A varrer o ar. Em voo pica

Ela vai lá estar, à espera, a rapariga que mostrou o dedo médio à Phoebe num ges
sei que vai lá estar. Já a vi algumas vezes desde aquela primeira noite. Viro a esqu
rua e lá está ela, sentada em cima do muro. Sinto qualquer coisa na minha barriga
medo. Acho que é satisfação. Entusiasmo. É pequena, está sozinha. Ainda
estou a fazer por isso. Quando vou a aproximar-
me, ela começa a balançar as pernas para cima e
para baixo, batendo contra os tijolos do muro que rodeia o seu bairro, em
pancadas alternadas. O seu olho direito, roxo e inchado, mal abre. Enverga
T-shirt do
equipamento de uma equipa de futebol, toda azul. O seu olho aberto fita-
me quando vou a passar.

Pisca, pisca outra vez. Um código morse zarolho. Tiro o pacote de batatas
barulho quando o abro, sabe que tem um papel a desempenhar. Olho-
a. Ela desvia o olhar, começa a
assobiar uma melodia alegre, toda ela sardas e desinteresse. Encolho os ombros, a

Três. Dois…

— Tens alguma coisa que se coma?

Um.

Viro-me para a encarar.

— Posso partilhar as minha batatas contigo, se quiseres!

Ela olha em redor, por cima do ombro, como se estivesse a verificar se estamos s
pergunta:

— De que sabor é que são?

— Vinagre e sal.

Caminho na sua direcção, estendo-
lhe o pacote. Se quiser comer, vai ter de descer do muro. Ela
desce. À velocidade da luz, tira-me o pacote e volta a sentar-
se. Os seus ténis gastos retomam a dança — *tump*,
tump, direita, esquerda. Pergunto-lhe como se chama, mas ela ignora-
me. Só se

passam uns minutos, ela engole, mais do que come, as batatas fritas. Devo
as. Inclina o pacote
sobre a boca, sacode o fundo, as migalhas que restavam desaparecem. O pacote v
chão. É mais velha do que parece, talvez tenha uns doze ou treze anos. É pequena

— Tens mais alguma coisa?

— Não, não tenho mais nada.

Com a saliva, forma um balão que me deixa simultaneamente enojada e fascinada
cresce sobre os seus lábios, a maneira como ela o suga de volta. Ousado e, no ent
ao mesmo tempo. Quero perguntar-
lhe porque fica sozinha aqui sentada tantas vezes, porque é que um
muro na rua é melhor do que a sua casa, mas ela vai embora. Faz passar as pernas
do muro, afasta-
se a caminhar, em direcção a um dos blocos de prédios altos. Fico a vê-
la ir, de algum modo, sabe-o, sente o meu olhar fixo nela. Vira-
se, olha para mim de um modo que acho que
quer dizer «Qual é a tua?». Respondo-
lhe com um sorriso, ela encolhe os ombros displicentemente.

Volto a tentar.

— Como te chamas? — grito.

Ela pára, vira-

se na minha direcção, raspa um dos ténis no mesmo sítio como se estivesse a alisa
o chão. Uma vez. Duas vezes.

— Quem quer saber?

— Milly. Eu chamo-me Milly.

Ela semicerra os olhos com uma expressão de incerteza, mas mesmo assim respo

— Morgan.

— Que nome bonito.

— Como queiras — retruca e desata a correr, desaparecendo de vista em pouco te
a rua a experimentar o nome dela nos meus lábios, saboreando as letras e
chaves de casa na minha mochila, não consigo evitar sentir-
me satisfeita. Enfrentei a Clondine e a
Izzy e conversei com a rapariga do muro. Eu consigo fazer isto, eu consigo ter un

6

Até agora, tenho conseguido manter as tuas visitas nocturnas em segredo.

O facto de chegares como uma cobra, rastejando por debaixo da porta. Sobes até

Deitas o teu corpo coberto de escamas ao lado do meu, aferindo-
me. Relembras-me que ainda te
pertenço. Quando chega a manhã, estou deitada no chão, em posição fetal, com o
da cabeça. A minha pele a escaldar, mas por dentro estou com frio, é difí
num livro que as pessoas violentas ficam de cabeça quente com facilidade, enqua
têm um coração frio. Quente e frio. Cabeça e coração. Mas… e se viemos
ambas as coisas? O que acontece então?

Temos um encontro marcado para amanhã com os advogados da Procurado
mulheres escolhidos para te derrotar. Para te fechar para sempre a sete chaves. Fi
tua cela a perguntar-
te porquê? Porque é que te deixei na altura em que deixei, quando já se tinham
passado tantos anos? Foi por dois motivos, mas só posso falar sobre um deles. Ei-
lo.

O dia dos meus lindos dezasseis anos. É só em Dezembro, embora tenhas começa
lo há
meses — mas não da maneira que uma mãe deve fazer. Um aniversário q
disseste-me. Ou a que nunca sobreviverei, lembro-
me de pensar. Começaram a chegar *e-mails* de
outros que conheceste. As vísceras da Internet. Encurtaste a lista. Três hon
convidaste a vir partilhar a diversão. Para me partilhar. Seria o meu aniversário, n
presente. A pinhata que iam partir. O dia dos meus lindos dezasseis anos,
esperar. As palavras soavam a gomas cheias de açúcar na tua boca. Mas eram cor
para mim. Amargas e ácidas.

Sinto uma enxaqueca despontar quando estou a preparar-
me para ir para a escola, mais um
pequeno presente que me deste. Os botões da minha camisa são um desafi
como tentar enfiar uma linha na agulha usando pauzinhos chineses. Demor
costume e quando passo pelo quarto da Phoebe a porta está fechada. Pergu
me se já terá ido embora. Não voltei a vê-
la desde o que aconteceu ontem junto aos cacifos. Espero que ela e as
amigas já se tenham «divertido» o suficiente às minhas custas.

Estamos no terceiro andar, no chão uma grossa alcatifa creme. Passa a azulejos ac
hall
do piso de baixo. Calculo mal a distância para o último degrau e tropeço, caindo s

Devo ter gritado, porque o Mike surge, vindo da cozinha.

— Cuidado, deixa-me ajudar-te a levantar.

Senta-me no último degrau das escadas, ocupa um lugar ao meu lado.

— Que estupidez a minha.

— Não te preocupes — responde-
me. — É natural, a casa ainda não te é familiar. Estás a evitar
olhar para a luz. Tens uma enxaqueca?

— Acho que sim.

— Foi-
nos dito que seria de esperar. Talvez o melhor seja não ires à escola, pelo menos n

parte da manhã. Tenta dormir, pode ser que passe.

O meu primeiro instinto é recusar, mas depois lembro-
me de onde estou — e de onde tu estás. Por vezes, tiravas a sexta-
feira, fazias ponte. Ligavas para a escola, dizias que eu estava doente, com uma
virose gástrica ou gripe. Três dias inteirinhos, só tu e eu.

— Há água acabada de ferver na chaleira eléctrica, faço-
te um chá. E depois voltas para a cama, está bem?

Anuo, ele ajuda-me a levantar-me. Pergunto-
lhe onde estão a Phoebe e a Saskia, ele diz que já foram embora.

— Ah, é verdade, por falar nisso, a Sas deixou-te um presente na cozinha.

É um presente pequeno, quadrangular, embrulhado em papel azul, com um laço v

— Abre-o, se quiseres.

Trata-se de um gesto bonito. Sento-
me à mesa e, vendo o Mike a preparar o chá, a gentileza com
que pega e pousa as coisas, sinto-
me inundada de gratidão. Não há muita gente capaz de acolher uma
pessoa como eu em casa, não há muita gente que quisesse assumir essa responsab

Luto contra as lágrimas, mas elas vencem. Caem sobre a toalha lilás. Qua
chávena de chá, apercebe-se e senta-
se na cadeira ao meu lado. Olha para o presente ainda por abrir
na minha mão. Não te preocupes, demora o tempo que precisares. Bebe o chá, pu
a doçura ajuda.

Ele tem razão, e a quentura.

— Eu sei que hoje ainda só é terça-
feira, mas logo devíamos conversar um pouco, se te achares
capaz. Penso que hoje te faria bem. O que achas?

Anuo, apesar de ter vontade de recusar. Não o quero a esmiuçar-
me, a abrir caminho por entre os
meus pensamentos e desejos. Ele ficaria enojado se soubesse que tenho sa

sentir saudades tuas neste preciso momento. Ao abrir as cortinas hoje de manhã, r
de pássaros no jardim dos vizinhos e isso fez-
me lembrar de quando construímos uma juntas. Usaste
um martelo para pregar os pregos. Pedi-
te para também experimentar e afagaste-me o cabelo,

consentiste mas disseste para eu ter cuidado com os dedos. A enfermeira em ti, a
a dor em vez de a causar, por uma vez que fosse.

— Folgo em ver que já não estás tão pálida. Porque não te vais deitar, q
te mais tarde?

Lá consigo dormir durante o resto da manhã. O Mike passa o dia a trabal
almoçamos juntos, uma sopa preparada para nós pela Sevita, a empregada domés
de fiambre. A
Rosie fica sentada com o focinho quase a tocar na minha perna, sem tirar os seus
castanhos molhados de cima de mim. Dou-
lhe um pedaço de fiambre à socapa enquanto levantamos a mesa.

No escritório do Mike a iluminação está agradável, dois candeeiros, a luz de cima
explica que vai baixar as japonesas mas deixar as portadas abertas. As fitas das ja
com uns pompons roxos elaborados. Reparando que estou a fitá-los, sorri.

— Sas. De nós os dois, a artista é ela.

O Mike dirige-se à sua secretária, baixa o ecrã do portátil, tira os óculos. Senta-
te, diz, apontando
para a poltrona onde me sentei da última vez. Conto mentalmente enquanto me se
decrescente a começar no dez, tentando acalmar a minha respiração. O Mike pega
uma das outras poltronas. De veludo azul. Aproxima-
se de mim, pousa a almofada no braço da minha poltrona. Sorri. Senta-
se à minha frente, cruza as pernas, entrelaça os dedos, os cotovelos a repousar
nos braços da sua poltrona.

— Acredito que tens andado a pensar sobre amanhã, sobre a reunião com a June

Lembras-
te da June, certo? Ela é quem está responsável na Procuradoria pelo teu processo
testemunha neste caso. Conheceram-se de passagem no hospital.

Aceno com a cabeça.

— Abordaremos vários tópicos, mas, acima de tudo, o facto de que talvez sejas ir
Defesa em relação ao depoimento que deste na esquadra.

Pego na almofada, abraço-me a ela.

— Tenho noção de que isto é difícil para ti, Milly, e sei como foi doloroso teres d
mãe, antes de mais nada, mas, aconteça o que acontecer, vamos ajudar-
te a superar.

— O que vão querer saber? Terei de contar tudo outra vez?

— Ainda não temos a certeza absoluta, mas os advogados da Procuradoria estão a
o que os da Defesa estão a aprontar.

Gostaria de lhe poder dizer que não é com os advogados de Defesa que precisam
mas sim contigo. As horas e horas que tens passado enfiada numa cela, andas a fa
tempo. Sei que sim. Sei que estarás a conceber um plano.

— Pareces-me preocupada, Milly. Em que estás a pensar?

Que, se tivesse ido falar com a Polícia mais cedo, o Daniel, aquele últim
puseste as mãos, ainda estaria vivo.

— Em nada de especial. Estava só aqui a pensar se os advogados que vão defend
tiveram acesso às minhas declarações.

— Sim, eles receberam uma cópia do vídeo, e é provável que sejas interr
sobre isso. És a testemunha principal no julgamento da tua mãe e a Defesa procur
declarações. Tentarão gerar uma dúvida razoável em relação a determinados acon

— E se eu me atrapalhar ou disser alguma coisa errada?

— Não quero que te preocupes com isso agora. Temos tempo suficiente para te pr
chamada a testemunhar. Esperemos que seja possível ter mais informações amanh
importante é que te lembres de que não és tu quem está a ser julgada. Está bem?

Anuo, digo que sim. Por agora, penso.

Assim que o Mike começa, percebo que ele é melhor que o psicólogo da unidade,
seja apenas porque me sinto mais à vontade com ele. Quero deixar o passado para
quero. Contudo, ainda assim, tento resistir a descontrair-me e a deixar-
me ir na sessão. Cerro os punhos, o Mike diz-
me para relaxar as mãos e concentrar-me na respiração. Manda-
me fechar os olhos, pousar a cabeça nas costas da poltrona. Pede-
me para descrever o meu lugar seguro, eu faço-
o. A sua voz, quando me responde, grave, estável, tranquilizadora. Inspira, expira
membros do meu corpo, instruindo-
me a contrair e descontrair um por um. Uma vez. E outra. Agora
pesados, preenchidos. Deixa a tua mente ir para onde quer ir, para onde precisa de

O meu lugar seguro dissipa-
se. Outras coisas surgem em pano de fundo. Imagens que se agudizam.

A minha mente descreve círculos, nada contra esta corrente, tenta rejeitar estas im

Uma cama. Escuridão, a silhueta das árvores a dançarem em padrões maníacos no
de ser observada, uma sombra atrás de mim. Ao meu lado. A respirar para o meu
afunda-
se quando a sombra se deita junto de mim. Perto demais. Não fala, mexe-
se em meu redor.

Por cima de mim. Mau. Pior. A voz do Mike está agora muito longe, quase nem c
está a dizer-
me. Continuo a voltar a um sítio para onde não quero ir, o quarto em frente ao me
das crianças a chorarem. E tu a rir.

O Mike pergunta-
me o que mais consigo ver ou ouvir. Uns olhos amarelos a brilhar no esc
digo-
lhe. Um gato preto, do tamanho de um ser humano, uma sentinela junto à minha c
para me vigiar, para me manter ali. A mostrar e a esconder as suas garras.

— Não gosto de estar ali, quero ir embora.

A voz do Mike, mais nítida agora, manda-
me ir outra vez para o meu lugar seguro. Caminha até lá,

diz ele. E é o que faço. O velho carvalho oco nas traseiras da nossa casa. Costuma

me lá, no seio da árvore, quando tu trabalhavas durante o fim-de-semana e nem sempre me levavas contigo,
ficava a ver a luz mudar de cor sobre os campos. Vermelha e laranja.

Era seguro.

— Quando te sentires preparada, abre os olhos, Milly.

Deixo-
me ficar quieta por um minuto ou dois. Sinto que tenho o pescoço molhado. Abro vejo que a almofada tem marcas de lágrimas, o veludo manchado. Olho para o M fechados, faz pressão com os dedos por cima da cana do nariz, massajand transição entre psicólogo e pai adoptivo. Abre os olhos quando me ouve dizer:

— Devo ter estado a chorar.

— Por vezes, recordar faz-nos chorar.

— Não há outra maneira?

O Mike abana a cabeça, chega-se mais para a frente na sua poltrona e responde:

— A única forma de sair é atravessar.

De volta ao meu quarto, abro o presente da Saskia. A primeira coisa que vejo den caixa quadrangular é: ouro. Um fio com um nome. Milly, o meu novo nome, não letras com os dedos, perguntando-
me quanto um nome pode mudar uma pessoa, se é que a muda sequer.

Termino uma composição para a aula de Francês e estou prestes a dedicar-
me ao desenho quando ouço a porta do quarto da Phoebe abrir, fechar-
se outra vez, passos nas escadas — como se tivesse
ido só pousar as suas coisas e depois voltado a descer. Decido descer tam minutos. Quero ver se a Saskia está em casa para lhe poder agradecer.

Encontro-
a com a Phoebe na sala de estar, uma divisão cheia de sofás macios, uma tela na p e um projector. A televisão está ligada, mas a Saskia desliga-
a quando me vê entrar. Segura uma
bebida contra o peito. Um copo pequeno de cristal, o tilintar de cubos de gelo, um

Phoebe está debruçada sobre o telemóvel, não levanta o olhar.

— Olá, Milly. Já te sentes melhor? O Mike disse que tinhas uma enxaqueca.

— Muito melhor, obrigada. E obrigada pelo presente.

Ergo o colar, ela esboça um sorriso turvo. A Saskia aprecia as bebidas fo com os comprimidos que toma, o efeito é letal. A Phoebe olha para cima, levanta se do sofá, dirige-se a mim.

— Deixa-me ver — pede, mas, sem esperar que lho mostre, tira-
me o fio da mão.

A Saskia estica as pernas que tinha dobradas em cima do sofá, pousa o c

diante dela, onde se amontoam pilhas e pilhas de revistas de decoração. Acho que se, mas, antes que tenha oportunidade de o fazer, a Phoebe vira-
se para ela e exclama:

— Inacreditável! Especial, disseste tu quando me deste o meu no ano passado po exames. O que é que ela fez assim tão especial?

— Phoebs, não sejas assim. É um presente de boas-vindas, devia fazer…

— Eu sei exactamente qual foi a tua intenção.

A Phoebe vira-se para mim e diz:

— Não penses que és especial, porque não és. — E, atirando-
me com o colar para o peito, passa por mim com um encontrão.

Viro-me para a Saskia e peço-
lhe desculpa, mas ela diz que a culpa é dela, não minha, e depois
volta a pegar na sua bebida, bebe-a até ao fim, afunda-
se de novo no sofá e fica a olhar fixamente para a televisão desligada.

7

Na manhã seguinte, tento ignorar quanto a Phoebe me deixa nervosa, o fa como mais um intruso indesejado, a mais recente adição a uma longa lista de miú

acolhimento temporário. Prometo para comigo, enquanto desço as escadas, forma de melhorar as coisas, de fazer com que tudo corra bem entre nós me no
patamar do primeiro andar, escutando a conversa que ela está a ter com o Mike.

— Porque é que ela pode faltar às aulas outra vez? Porque é que eu não posso?

É evidente, pelo tom jovial e brincalhão com que o Mike lhe responde, que a prof lhe contou nada sobre o cartaz pendurado no meu cacifo. Ela deve estar a lidar co maneira. A resolvê-lo «sem levantar ondas».

Procuro sentir, através da camisa, as marcas ao longo das costelas. O padrão fami bem escondidas. Uma linguagem que só eu compreendo. Um código, um mapa. *braille* sobre a minha
pele. Onde estive, o que me aconteceu por lá. Detestavas quando me autol tratava de um hábito do mais nojento que há, mas eu não conseguia parar, por mu

O som de passos acima de mim traz-
me de volta ao presente e eu baixo a mão. A Saskia aparece
no patamar no andar de cima e começa a descer as escadas na minha direcção.

— Bom dia. Está tudo bem?

Há uma certa emoção na sua voz, um desespero para ganhar a minha confiança, p comigo do que se tem saído com a Phoebe. Aceno com a cabeça. Retraio-me. A verdade é que a
maioria das pessoas não consegue lidar com a verdade, com a minha verd chega um sapateado sobre a tijoleira. *Rosie*. Dá várias voltas, deixa-
se cair sobre os mosaicos, encontrou uma nesga do sol de Setembro. Vejo-a respirar. A sua barriga peluda a subir e a descer.

Penso no meu cão, o *Bullet*, um
jack russell que resgatámos do canil, outra tentativa de parecermos
normais e de mantermos livre de ratos a velha casa onde morávamos. Estes não ta se para outras paragens e tu trataste
Bullet por «lindo menino» até ele ter virado as suas atenções para a
cave. A farejar e a arranhar a porta. O seu instinto dizia-
lhe, sabia o que se encontrava lá em baixo.

Conseguia cheirá-lo.

Afogaste-
o num balde enquanto eu estava nas aulas. Deixaste o seu corpo rígido, c
molhado escorregadio. Embrulhei-o na manta da cama dele e enterrei-
o no jardim. Não tive forças para o levar para a cave. Não para a cave.

Os ratos voltaram em menos de uma semana.

A Saskia sorri e diz: Sei que hoje é um dia importante. Vamos lá encher essa barr
bom pequeno-almoço. Sigo-
a e ao cheiro da sua cara loção corporal até à cozinha.

O rádio está ligado, o noticiário.

Tu.

A protagonista pelas razões erradas. É subtil, mas noto-
a, a ligeira aflição na voz da locutora ao
relatar aquilo de que és acusada. A Saskia e o Mike entreolham-
se. A Phoebe, que não sabe de nada, pára com a torrada a caminho da boca.

— Que cabra psicótica, deviam era enforcá-la — comenta.

Um nó no meu estômago. Estabeleço contacto com o objecto mais próxim
o de cima do balcão. Cai no chão e parte-
se, salpicos de compota vermelha a pintalgar o chão. Ajoelho-me, a
minha mão toca em vidro. Mais vermelho, desta vez vindo do meu dedo.
arrastadas, alguém desliga o rádio. Desculpem, digo. Desculpem. A Phoebe olha-
me de cima, só com os lábios chama-me «aberração» e vai embora. Ouço a
Rosie ganir à sua passagem. O Mike agacha-
se ao meu lado. Não devíamos ter tido o rádio ligado nas notícias. Não q
ouvido aquilo.

O teu nome. As acusações contra ti, mamã.

A minha realidade tornada pública.

Encolho os ombros. Tudo o que vejo é o vermelho, já estou habituada. D
como o vermelho escorre pelas fendas do soalho e é impossível apagá-
lo por mais que se esfregue.

Lembro-
me das horas que passei na unidade psiquiátrica, onde «eles», os profissior
mental, tentaram preparar-
me para a vida depois de ti. Como responder a perguntas sobre de onde
vim, que escola costumava frequentar, porque vivo numa família de acolhi
não me prepararam, nem poderiam, era para quão parecida contigo sou. E, apesar
nas notícias na maior parte dos dias, quando o julgamento realmente come
pior. Estarás em toda a parte.

Eu estarei em toda a parte.

És a cara chapada da tua mãe, era o que costumavam dizer no abrigo par
violência doméstica onde tu trabalhavas. É disso que tenho medo, respondia eu m

Limpo a sujidade do chão. O Mike tenta ajudar-me, mas peço-
lhe para não o fazer. Ele dá-me um
penso rápido para eu pôr no dedo. Come qualquer coisinha, incita a Saski
apetece-me dizer-lhe. Ao invés, respondo:

— Acho que não vou conseguir tomar o pequeno-
almoço. Vou subir para ir lavar os dentes.

O Mike diz que espera por mim no *hall* e pede-
me que não demore muito pois temos de estar no

escritório dos advogados às nove. Quando vou a passar pelo quarto da Phoebe, ou
a ao telefone, a
rir, a contar, provavelmente à Izzy ou à Clondine, que eu deixei cair o frasco da c
escovo os dentes ouço a tua voz: Quem faz uma coisa assim? Quem denu
respondo, não sei o que dizer nem como me sinto perante o facto de ser essa pess

De volta ao piso térreo, paro para fazer festinhas na barriga da
Rosie, com o seu pêlo de arame
arruivado. Ela fica satisfeita com o gesto, o meu toque meigo, e bate com a cauda

— Ela gosta de ti, sabias? — afirma o Mike quando se aproxima.

— E eu gosto dela.

— Bom, acho que iremos de metro, é mais rápido do que ficarmos presos no trân

Ao chegarmos a Notting Hill Gate, juntamo-
nos à horda de pessoas a caminho do emprego,
descemos até à plataforma e apanhamos o metro. A carruagem está cheia
colarinho branco, envergando fato mas sem o casaco e com as mangas da camisa
cotovelos para fazer face ao calor de se estar num nível subterrâneo, mesmo em S
tão diferente em Londres, o modo como as pessoas se movem em conjunto, viver
outras. Aqui não há hectares de privacidade. Eu e o Mike seguimos de pé
massa humana, e descemos numa paragem chamada St. Paul. Assim que a
Mike começa a falar sobre o julgamento, sobre as opções de que disponho se tive

— Tenho pensado muito sobre isto. Sobre as medidas especiais sob as quais te en
fazer uma videoconferência, em vez de teres de comparecer na sala de audiências

Inútil. É isso que eu acho. Consigo sentir-te a carregar as armas e a posicioná-
las. Poderia dizer
que sim ao Mike, dizer que sim, preferia mil vezes prestar depoimento por videoc
não sabe com que sentimentos convivo todos os dias. Ele não sabe que, a
contigo, uma parte de mim continua a querer agradar-
te e satisfazer o meu desejo de voltar a estar
perto de ti, na mesma divisão. A última oportunidade que terei.

— Vamos virar aqui à esquerda, para evitar a confusão — ouço o Mike dizer.

Saímos da rua principal e seguimos por uma ruela calcetada, a mudança n
ruído tem um efeito calmante. A Catedral de São Paulo no intervalo entre os edifí
tinha visto em fotografias. É tão mais bonita ao vivo. Nunca pensei que fosse gos
cidade grande, mas a quantidade de construção e de gente é reconfortante. Segura

— Milly, não me respondeste. Ouviste o que eu disse?

— Sim, ouvi, desculpa, e percebo porque é que achas que a videoconferên
mas… e se eu quiser recusar? E se eu não quiser beneficiar de medidas especiais?
me um folheto no qual dizia que tinha essa opção.

— Podes recusar, mas não sei porque haverias de querer fazê-lo.

Não lhe posso contar, não sou capaz de o dizer. Que a pessoa de quem quero esca
pessoa para cujos braços quero correr. Então, em vez disso, digo-
lhe que é porque, por uma vez que
seja, quero escolher. Quero ser eu quem toma uma decisão que me diz respeito.

— Compreendo as tuas razões, embora não possa dizer que concorde, espe
que aconteceu esta manhã. Ficaste bastante perturbada quando estava a dar o noti

— Foi mais o choque do que outra coisa. O frasco de compota escapou-
me da mão, foi um acidente.

— Eu sei, mas, ainda assim, nós queremos proteger-te.

Ele não pode. Ninguém pode. Está a decorrer um jogo, um frente-a-
frente secreto. Sem árbitros. A minha única hipótese de libertação é ir a tribunal.

— Vou completar dezasseis anos em breve, Mike. Já não sou uma criança
oportunidade de fazer isto, de me sentir corajosa, de pôr isto para trás das costas c
de que fui capaz de ser interrogada no tribunal de queixo erguido, sabendo
encontrava presente.

— Preciso de pensar um pouco sobre o assunto, Milly, mas o que tenho a dizer é
te muito bem, melhor do que alguma vez alguém poderia ter pensado.

— Então, na verdade, devo ser capaz de me apresentar em tribunal.

Paramos no final da ruela, onde esta volta a cruzar-
se com a rua principal, o ruído do tráfego novamente audível. O Mike vira-
se para me encarar. Estabeleço contacto visual — consigo fazê-lo,
quando necessário, mas não por muito tempo.

Ele anui, o seu raciocínio mental uma roda dentada em movimento. Uma pedra n

— Falaremos com os advogados sobre isso hoje. Percebo o teu ponto de vista, só
tipo de coisa em que todos temos de estar de acordo e, para ser sincero, não estou
a June vá alinhar. Mas, se te serve de consolo, vou conversar com ela, pelo menos
também em conta a tua perspectiva, e depois logo se vê. Está bem?

— Está bem. Obrigada.

Dei-lhe a volta, tenho-o na palma da mão.

Entramos na recepção do escritório dos advogados através de uma porta gi
cheio de luz que chega de um tecto abobado todo em vidro. A June já cá
nos,

sorridente. Quando a conheci na unidade, ela disse, no seu forte sotaque irlandês: for melhor para ti. Nem sequer me conhecem, quis responder-lhe.

— Olá, malta! Então, conseguiram dar bem com isto?

— Sim, sem nenhum problema — responde o Mike.

— Olá, Milly, é bom ver-
te outra vez, já lá vai algum tempo. Está tudo bem contigo?

Digo que sim com a cabeça. Olho para os gabinetes em nosso redor, anda corporativo, sem nenhuma cereja no topo. Pessoas de fato, expressões neut

Máscaras. Paira no ar um sentido de propósito, movimento, sapatos a ecoar pelo c

Um segurança vigia os torniquetes à medida que os cartões de identificação lamir pescoço são removidos para serem passados no leitor. Tantas decisões são vidas alteradas. Em breve será a tua. E a minha.

— Milly…

— Milly! A June está a falar contigo.

— Desculpem.

— Estava só aqui a explicar ao Mike que o tribunal, que se chama Old E daqui. Deverão usar o estacionamento subterrâneo, caso venhas a ser chamada a c

— Porquê?

— Só por uma questão de precaução.

A June olha para o Mike. Ele olha para ela. O mundo gira com um milhão de olha

Trocas. Faço um esforço para as decifrar, um esforço maior do que a maioria das psicólogo na unidade explicou-
me o motivo. É possível que a tua capacidade de interpretar emoções
esteja comprometida, foi o que ele disse. O que ele queria dizer era: a mi como a da média das pessoas. Por isso, leio manuais, assisto a programas de telev pessoas na rua. Pratico. Saltos e ligações, estamos sempre a aprender. «Média» é

não me agrada.

— Não é motivo de preocupação. É só porque, às vezes, podem aglomerar-
se algumas pessoas à
porta quando estão a decorrer julgamentos importantes. Uns autênticos idiotas, ba
armar confusão.

— As pessoas querem vê-la, não é? — pergunto.

A June toca-me no antebraço e eu sacudo-
a. O Mike assente com a cabeça, ele compreende.

— Desculpa — diz ela. — Sim, as pessoas vão querer vê-
la. Porém, é também uma maneira de te
protegermos. Embora a Imprensa não esteja autorizada a mencionar o teu n
qualquer fotografia, nunca se sabe.

— E se fôssemos andando? — intercede o Mike. — Já são quase nove horas.

— Sim, tens razão, devíamos ir andando, os advogados estão à nossa espe
estar na hora de bebermos uma chávena de chá, talvez até de comermos u
chocolate, com um pouco de sorte. Gostas de bolachas de chocolate, Milly?

Anuo, pensando que gostava mesmo era de lhe enfiar uma pela goela abaixo.

Seguimos de elevador até ao piso –
2, as entranhas do edifício. Onde é mais sossegado. Onde não

seremos perturbados. Já estou perturbada que chegue, na opinião deles. A June in
nos uma sala, esperam-
nos dois homens em torno de uma grande mesa rectangular. No tecto, filas
fluorescentes, o prenúncio de uma enxaqueca, será agravada pelo ligeiro tre
encontra no canto mais distante. No meio da mesa, café e chávenas de chá, cháve
de porcelana, nada daquela desculpa esfarrapada do polistireno. O detective
prestei o meu primeiro depoimento disse que era por motivos de segurança
polistireno, querida.

Lembro-me de na altura me ter ocorrido: não, mas pode usar-
se o líquido quente que contém.

Os dois homens levantam-
se, trocam apertos de mão com o Mike. Procuradores da Coroa é o seu
título oficial. Pergunto-
me se terão sido escolhidos a dedo, ou talvez se tenham oferecido. Se calhar
houve uma horda de voluntários, todos eles desejosos de fazer parte de un
casos alguma vez julgados em tribunal. O seu trabalho é ir no teu encalço
crucificar-te. Mera formalidade, foi-
me dito. Não tens qualquer hipótese. Um bilhete só de ida para a
prisão. Sem passar pela casa de partida, sem receber a nota de duzentos. Estás foc

Fui eu quem te entalou bem entalada.

Não apanhei os seus nomes, Magricela e Gorducho vão ter de servir, é fácil de re

— Vamos começar? — pergunta o Magricela.

A June começa por fazer uma actualização sobre como estou a «lidar» com tudo
adaptação à nova escola. O Mike dá o seu contributo, quase tudo coisas p
impressionados por ver como tenho estado bem.

— Não sofres de distúrbios do sono? — pergunta a June.

— Nem por isso — respondo-lhe.

Mentira.

Mike lança-
me um breve olhar de soslaio, tem suspeitas em contrário, fica calado.

Territorialidade. Ficará com os louros por eu estar bem, por eu
parecer estar bem. Sempre gostava
de saber se também assumiria as culpas caso eu viesse a revelar ser igualzinha a t

O Gorducho passa então a abordar o processo de julgamento ao pormenor. Diz qu
serei ali chamada uma semana antes para assistir ao vídeo do meu depoimento.

— Por essa altura, já saberemos sob que ângulo os advogados de Defesa estão a p
como os derrotar, claro — explica.

Inclina-

se para trás na cadeira. As salsichas gordas, que são os seus dedos, entrel
pousadas em cima da sua barriga volumosa. Arrogante. Os botões da cami

Desvio o olhar, enojada pela sua falta de disciplina.

Ele prossegue:

— Os membros do júri ficarão a conhecer todos os pormenores da tua infância. R
do teu historial clínico, incluindo a extensão dos teus…

Cala-
se, o ambiente pesado devido às palavras que não consegue pronunciar. Encaro-
o, é a vez de
ele ter dificuldade em manter contacto visual. Com um ligeiro aceno de ca
seguimos em frente. Não o culpo, é uma reacção normal. Ouvi as enferme
conversarem sobre os meus ferimentos. Fora de alcance, achavam elas. Nunca vi
uma. Causados pela própria mãe, e é ela enfermeira, dá para acreditar? Sim, por i
parte dos ferimentos nunca foram reportados, eram tratados em casa, respo
poder ter filhos, sabes? Tu disseste-me que devia estar-te grata, tinhas-
me feito um favor. As crianças não passavam de empecilhos.

— A última, e talvez a mais importante, questão que precisamos de definir é se a
não apresentar-
se em tribunal — diz o Magricela. — E, de certa forma, isto poderá não
nossas mãos, tendo em conta os desenvolvimentos dos últimos dias.

— Desenvolvimentos? — pergunta a June.

— Tem havido um certo zunzum da parte da Defesa em relação a algumas coisas
gostariam de questionar a Milly.

O meu coração bate aceleradamente. Um pombo-
correio, com uma mensagem importante numa
pequena argola à volta da pata. A portinhola da gaiola fechada enquanto os outro
liberdade.

— Que tipo de coisas? — insiste a June.

— Ainda não sabemos ao certo e, provavelmente, não nos serve de nada ficarmo
isso até termos a certeza — responde o Gorducho.

— Bom, teria sido melhor se tivéssemos sabido antes do nosso encontro de hoje - olhando primeiro para mim e depois para os advogados. — Não deixa a Milly nu agradável, não sabendo sobre o que lhe quererão perguntar.

Tenho um pressentimento de que já sei. Um mau pressentimento.

— Concordo — acrescenta a June.

— Tal como eu disse, é um desenvolvimento recente e, nesta altura do campeona esconder bem todos os seus trunfos — retruca o Gorducho.

— Soa-
me a medidas tomadas em desespero de causa, tendo em conta o depoimento inic

Não, June, não são medidas desesperadas, apenas a primeira fase de um plano q executar, mamã.

— Quanto ao que isso significa para a Milly — começa o Magricela —, devemos la para a eventualidade de ser contra-interrogada sobre o seu depoimento.

— Mike — chamo.

Ele olha para mim e tranquiliza-me:

— Está tudo bem, vai correr tudo bem.

O estômago vazio, não tomei o pequeno-
almoço, e no entanto parece que tenho comida entalada na
garganta. Engulo em seco. Não estou a ser julgada, tu é que estás. Só preciso de n

— Qual é a probabilidade de isso acontecer? — pergunta a June.

— Temos praticamente a certeza de que a Defesa vai querer seguir esse caminho. cabe ao juiz, levando em consideração as nossas recomendações. Mas não é tudo Magricela. — A Milly tem a opção de o fazer por videoconferência ou, se acharm disso, de testemunhar presencialmente. Montar-se-
ia um painel para que não possa ver a mãe. Na minha opinião, sentá-
la no banco das testemunhas só fará com que o júri tenha uma reacção favorável. Não há nada como um miúdo em tribunal quando se quer apelar ao lad

— Não me agrada a ideia de usar a Milly como isco — afirma o Mike.

— A mim também não — riposta a June.

— Gostem ou não, é assim a natureza do sistema judicial — riposta o Magricela.
as coisas, todos queremos o mesmo.

Os presentes anuem com a cabeça, menos eu, que estou concentrada em respirar.
não os deixar ver que consigo ouvir-te rir dentro da minha cabeça.

— Então e tu, Milly? O que dizes?

«Protegida». Adoravas dizer essa palavra. Suficientemente corajosa. Será qu
ensinamentos que me deste, suficientemente bons. Será que são? Queres qu

Também estavas lá, Annie. Tento ignorar a tua voz, responder à pergunta da June

— Eu e o Mike temos conversado um pouco sobre o assunto e pensamos que, qua
começar, estarei bastante forte e que talvez ajude se eu me apresentar em tribunal

— É uma atitude muito sensata — diz o Magricela, de volta de um pedaço de pel
da boca. Para mim, é desagradável ficar a ver, por isso olho para outro lado, para
que me faz ficar tonta e com o coração a bater mais depressa.

— Parece-me optimista demais, se querem saber a minha opinião.

Pois, mas não queremos, June, por isso é que ninguém a pediu.

— Todos nós sabemos como os advogados de Defesa podem ser quando g

continua ela.

Sinto um aperto na garganta, gritaria se pudesse. Os meus pés estão completamen
é a força com que os finco no chão. Se ao menos pudesse explicar-
lhes porque é tão importante estar

no tribunal. Porque tenho de entrar neste jogo contigo. Viro-
me para o Mike, comunico o suficiente
com o meu olhar, pedindo que interceda. O que ele faz.

— Ao longo das próximas semanas, eu e a Milly trabalharemos em algumas estra

minha opinião, ela parece estar bem resolvida em relação a este assunto. T
encarar a situação como sendo uma oportunidade para fechar este capítulo.
catártica, se for bem gerida.

— E se não for? Lamento estar a fazer de advogada do Diabo, mas… e se for den
para ela neste momento? E se a Defesa entrar a pés juntos, se tentarem confundi-
la, manipulá-la até
que corrobore com a versão dos acontecimentos que lhes convém? Ela já
chegue.

— Vamos com calma, June, não me parece pertinente estarmos a falar sob
Milly à frente de toda a gente.

— Desculpa, tens razão. Mas precisamos, de facto, de tomar uma decisão
penso que, para o fazermos, talvez seja melhor conversarmos um pouco ali fora.

A June esboça um gesto para o Mike e os advogados e saem porta fora,
demoram. Através da roupa, percorro com os dedos os socalcos formados pelas c
os.

Vinte vezes ou mais.

Pergunto-
te o que acontecerá se eu não quiser entrar na brincadeira, se eu recusar. A tua res
em tom de escárnio: VAIS SEMPRE QUERER ENTRAR NA BRINCADEIR

QUE TE FIZ.

Por fim, lá regressam à sala. Primeiro o Magricela, depois a June, seguida

Gorducho… nem vê-
lo. Deve ter ido almoçar mais cedo. Um dos três porquinhos tinha sempre o que
comer.

Não escuto mais nada para além das palavras do Magricela:

— Chegámos a um acordo. Se fores chamada a testemunhar, fá-lo-
ás presencialmente.

Em vez de satisfação, o que sinto é um fosso abrir-

se dentro de mim. Um lugar vazio e solitário.

Ninguém me pode ajudar agora.

Segue-
se uma discussão sobre como gerir o meu grau de exposição à cobertura mediátic
início do julgamento, limitando o tempo a que assisto aos telejornais e ouço rádio
monitor. Aconselham-me a manter-
me ocupada. Escuto alguma coisa do que dizem, não presto
atenção à maior parte.

Estou a ouvir uma outra voz, uma voz que diz:

COMEÇOU O JOGO, ANNIE.

8

Mike deixa-
me à porta de Wetherbridge pouco antes do intervalo grande da manhã. D
me que está orgulhoso de mim, eu agradeço-
lhe, quem me dera sentir o mesmo. Estou a assinar o registo de
entrada quando me ocorre que me esqueci de o relembrar que tenho um encontro
Kemp depois das aulas, pelo que lhe envio uma mensagem enquanto aproveito os
sossego na sala dos cacifos. Hoje não encontro nenhum cartaz à minha espera, ma
minha conta de correio electrónico da escola no portátil — outro presente do Mik
vejo que tenho um *e-mail* da professora Kemp.

Olá, Milly, estou mesmo ansiosa pelo nosso encontro hoje. Pensei que podíamos
te na sala de Artes Plásticas mais logo.

PK.

PK. Nunca tinha visto uma professora assinar só com as iniciais.

O resto do dia passa-
se sem nada a assinalar. Matemática, uma aula de duas horas de Ciências e
Religião e Moral para terminar. Quando a campainha toca, dirijo-
me até à sala de Artes Plásticas.

Ouço as suas vozes ainda antes de as ver. Anasaladas e estridentes. Rapari

descer as escadas na minha direcção e pergunto-
me que tipo de castigo, se é que algum, a PK lhes
deu por causa do cartaz. Paro para as deixar passar, o vão das escadas não é sufici
Phoebe empurra-me contra o corrimão.

— Olá, Focinhuda.

Focinhuda? Era suposto virmos a ser como irmãs. Como nas Mulherzinhas.

— Ela está à tua espera. É tão querido que tenhas uma miniaturazinha co
para te defender.

— Em relação ao colar, Phoebe, não vou usá-lo, sinto-me mal.

— Que conversa é esta sobre um colar? — pergunta a Izzy.

— Não é nada — responde a Phoebe.

— Oh, vá lá, conta — insiste a Izzy, dando-lhe uma cotovelada no estômago.

Exaurida. Menos hostil, menos corajosa. Envergonhada em frente à amiga. Dever
me mal por ter tocado neste assunto agora, na presença de outra pessoa. Deveria.

— A atrasada mental da minha mãe também lhe ofereceu uma daquelas correntes

nome.

— Como aquela que mandou fazer para ti? E não tinha também mandado fazer pa
as duas ficarem de igual?

A Phoebe anui. Tento pedir-lhe desculpa, mas ela manda-me calar.

— Uh-oh, a mãezinha querida decepcionou-te outra vez, não é?

— Deixa-me em paz, Iz.

— Tem lá calma! E, afinal, quem é que precisa de uma mãe quando nos temos un

Riem-
se as duas e continuam a descer as escadas. Não digo nada, mas tenho vontade de

Eu preciso de uma mãe.

A Izzy detém-se no patamar inferior, olha para cima e pergunta-me:

— Tens recebido chamadas estranhas ultimamente?

Levo a mão ao telemóvel que tenho no bolso do casaco.

— Pelo teu silêncio, depreendo que não. É bom que te prepares, tenho a certeza d
muito.

Mais gargalhadas.

Sal na ferida. Arde. Ao olhar para os seus belos rostos lá em baixo, lembro-
me de uma história
que li. Uma lenda segundo a qual um índio da tribo Cherokee explica ao
pessoa, se trava uma batalha entre dois lobos. Um é mau, o outro, bom. Quando c
dos lobos sai vencedor, o avô responde: Aquele que tu alimentares. Os rostos dela
se em alvos perante os meus olhos. Sinto-
me tentada a abrir a boca, o cuspo que cobriria a maquilhagem
que têm na cara. Bonecas. Um cheiro doce a bronzeado artificial paira no ar. A Iz
dedos e enfia a língua no meio. A Phoebe imita-
a. Pensamentos negativos pairam na minha cabeça.

Alguém abre uma porta no corredor do piso de baixo, forçando-
as a seguir caminho. Verifico o meu
telemóvel enquanto subo os últimos degraus até à sala da PK, não tenho chamada

Quanto entro na sala, vejo dois cavaletes montados frente a frente. Dois b
carvão. Tudo em duplicado.

— Oi — diz ela. — Bem-vinda! Pronta para desenhar?

Aceno que sim com a cabeça, pouso a minha mochila e o meu casaco. Ela pergun
copo de água.

— Não, obrigada.

— Já alguma vez trabalhaste com carvão?

— Sim, um pouco.

— Boa. Escolhe um cavalete e instala-te.

Ela gesticula muito e depressa, como se o peso dos anéis provasse ser demasiado

ficassem quietas durante mais de um segundo. Senta-se à minha frente.

— Tens alguma ideia sobre o que gostarias de desenhar?

Sim. Mas não me parece que alguém fosse gostar.

— Nem por isso, é-me indiferente.

— O que achas de desenharmos a peça que está ali em cima da mesa? É de um es
Giacometti. Ou então… tenho um frasco de perfume na minha mala que tem um

O perfume dela. É mesmo isso. Familiar. Ramos de alfazema, acabados de colher
por ti.

— A escultura parece-me bem — respondo.

— Boa escolha. Vou buscá-la.

Movendo-
se com fluidez, o colar de contas deixando um rasto sonoro a cada passo. O cabel
carrapito semipreso com um gancho com um padrão asiático qualquer. Ela faz ler
páginas da *National Geographic* — um cruzamento entre uma *geisha* descomposta e a alta
sacerdotisa de uma tribo. Começamos a desenhar ao mesmo tempo, de alguma fo
nossas mãos sincronizadas, pegamos no carvão. Ela pergunta como têm corrido a
respondo-lhe que está tudo bem.

— «Bem» quer mesmo dizer «bem» ou quer dizer «podia estar a correr m
falar sobre isso»?

— Talvez um pouco das duas coisas.

Esfrego. Pó. No papel, uma cabeça. Pergunto-
me se ela também começou pela parte de cima.

— A arte é uma excelente terapia, sabes?

Sinto os meus espinhos assumirem posição. Tenho dentro de mim paredes
metade, erigidas na totalidade em poucos minutos perante a ameaça de fica

Porque haveria ela de dizer algo assim? Só sabe quem realmente precisa d
me o
Mike. A directora James, eu e a Saskia, e é só. Mais ninguém sabe sobre a tua mã
cima do meu cavalete. Sem maquilhagem, as faces naturalmente coradas. C

Ela ergue o olhar, sorri, pequenas marcas e rugas formam-
se à volta dos olhos. Aposto que sorri e ri, muito.

— Como está tudo a ir aí por essas bandas?

— Bem, obrigada.

A cabeça tem agora um corpo, delgado, como o chicote que usavas, apesar de eu

— Como têm corrido as coisas com as raparigas?

Pior do que nunca.

— Não muito mal, acho eu.

— Achas tu?

— Tenho o pressentimento de que não vou encaixar -me muito bem aqui.

— Nem sempre é fácil, lá isso é verdade. As raparigas daqui são espertas e têm jc
maioria delas sempre viveu em Londres. Já tenho visto acontecer, qualquer
fora passa um mau bocado. É por isso que existem os orientadores. E, sorte a min
me tu!

Vá, estás preparada para me mostrares o teu desenho?

— Sim, acho que sim.

Limpando as mãos no pano húmido que tem a seu lado, ela levanta-
se, aproxima-se do meu cavalete, assobia em aprovação e comenta:

— Valha-
me Deus se a directora da tua escola anterior não tinha razão! Que incrível utiliza
sombras, a estátua parece mover-se, saltar da página. Importavas-
te muito se eu ficasse com isto?

Gostava de o mostrar aos alunos do oitavo ano, eles estão a aprender a figura hun

— Claro que não, se acha que está suficientemente bom.

Estou prestes a libertar a folha da mola que a prende ao cavalete quando
porque me esqueci de uma coisa.

— Ah, desculpe.

— Um artista deve sempre assinar o seu trabalho.

Olho para a professora Kemp, que me pisca o olho e me dá um toque no ombro, e
estranha ou pouco à vontade como me senti quando a June tocou em mim
tenho de ser mais cuidadosa no futuro — por pouco não assinei «Annie».

Já estou a ir embora quando ela me diz:

— Não te preocupes com as raparigas, estou de olho nelas. Tenho-
as tido por aqui a arrumar e a
lavar paletas. Parecem estar arrependidas do que fizeram, portanto, estou convenc
voltar a acontecer. Antes de ires, porque não pegas num rolo de papel e numa bar
poderes continuar a desenhar em casa?

Uma sensação boa quando saio, o lobo bom. Enfartado.

Há uma quietude nos corredores, não tenho de me apressar nem ficar preo
cruzar-
me com o resto das raparigas. Passo pelo meu cacifo para apanhar uma pa
esqueci e estou a atravessar o pátio quando o meu telemóvel toca. Um número qu

Vem-
me de repente à cabeça a expressão de escárnio da Izzy quando perguntou
algumas chamadas estranhas ultimamente?»

Não deveria atender, mas a curiosidade é mais forte. A curiosidade matou o…

— Estou?

— É a Milly?

Uma voz grave. Abafada.

— Quem fala? — pergunto em resposta.

— Estou a ligar por causa do anúncio.

— Qual anúncio?

— O postal.

— Que postal?

— Ora, vá lá, fofa, não é preciso seres tímida.

— Onde é que arranjou este número?

— No anúncio, já disse. Ouve, não estou a querer armar-
me em engraçado, mas é mesmo verdade?

— Pode ser.

— Gostas de fazer joguinhos, é? — pergunta ele.

A voz dele. Diferente, mais urgente. Sei o que significa.

— Depende — respondo.

— De quê?

— Se consigo ou não ganhar.

Desligo, fito o telemóvel por uns segundos, abandono o pátio. Embora esti
hoje de manhã, nas últimas semanas o vento à noite mudou, soprando sobre as mi
pontinha de frio. Guardo o telemóvel no bolso do casaco, tenho demasiada
considerando que levo a pasta e o rolo de papel que a PK me deu. Sinto-
o vibrar contra a minha
anca, uma mensagem. Não paro para a ler, daqui a nada estou em casa. Quando ch

a minha rua, tiro o telemóvel do bolso, outra vez um número desconhecido.

Tenho a pila dura e pronta combina encontro

Releio, sem saber bem o que me ofende mais: se o conteúdo ou a falta d
grosseiro. A mensagem desaparece do ecrã por começar a entrar uma nova
reconheço o número, é o mesmo de há bocado. É mais forte que eu, atendo. É qua

— Sim?

— Desligaste-me o telefone na cara?

Paro na esquina, encosto-
me à parede, deixo cair a minha mochila pesada para aliviar os ombros.

— Talvez.

— Tens o uniforme da escola vestido neste momento?

— Como sabes que ando na escola?

— Dava para ver pela fotografia. Usas uma saia ou um daqueles vestidinhos curto

Consigo perceber a excitação na sua voz, óbvia para mim. Sempre me per

soaria diferente do que numa mulher. Soa igual.

— Onde é que nos podemos encontrar? Eu pago bem.

Desligo. Dois a zero, seu falhado. Aprecio o poder, ser desejada. Entro na minha
assobiar. A Morgan. Ela usa os dedos como um homem das obras faria, ou um do
cão. Sorrio e ela esboça um aceno de cabeça, chama-
me para ir ter com ela e depois puxa com a boca o casaco do fato-de-
treino até só a parte de cima da sua cara ficar visível. Segura qualquer
coisa numa das mãos. Dirijo-
me a ela. O seu olho já está menos roxo, mas, quando ela tira a cara de
dentro da roupa, noto que tem os lábios cheios de gretas e marcas de san
os como se fossem comida. Um aperitivo.

— Olá.

Não obtenho resposta. Vira a cara, mordisca o lábio, puxa um pedaço de p
olhar para mim, tem sangue a brotar, como se tivesse comido uma amora,
apetecível. Lambe o sangue, limpa a boca com a manga do casaco. Vejo que o qu
postal, mas não consigo perceber de que tipo.

— Vim mesmo agora das aulas.

Ela encolhe os ombros.

— O teu olho parece estar melhor.

— Sim, até à próxima vez.

— O que aconteceu?

— Fui contra uma porta, pelo menos é isso que a minha mãe diz sempre — respo
esgar.

E o que a mamã diz é lei, certo?

— Disseste que te chamavas Milly, não foi?

— Sim.

— Encontrei uma coisa que acho que te pertence. Tem o teu nome e a tua foto. M
I-L-L-Y.

Ela soletra o meu nome, enunciando as letras devagarinho e concentradamente at
ferida.

— Porque estás a soletrar assim dessa maneira?

— Vai-te lixar, está bem? Sou disléxica.

Fica com uma expressão sentida. Desvio o olhar, envergonhada por a ter magoad

— Seja como for, não é preciso saber ler como deve ser para perceber de que se t

Dá-
me o postal. É um trabalho de profissionais, laminado, impressão a cores, de boa

Penso em como foi feito, passando por todas as fases de produção numa tipografi
com excesso de peso a engasgarem-
se com o seu chá enquanto eu era passada de mão em mão.

— Onde arranjaste isto?

— Encontrei-
o ontem à noite numa cabina telefónica, lá ao fundo, à direita, junto às arcadas pe
de Ladbroke Grove. O meu telemóvel está avariado e a minha mãe não tem saldo

Sei a que sítio ela se refere. Entre o pó e a sujidade, o mijo e a pastilha elástica, e
colecção de anúncios. Eu. Uma cara nova, uma adição ao menu. Façam fila, faça
chegada deliciosa. Uma galeria de mamas, bocas abertas, mulheres exibindo expr
grotescas. E, agora, uma colegial. A imagem, a mesma usada no cartaz de

texto, diferente.

MILLY, COLEGIAL COM VONTADE DE FODER

DISPONÍVEL PARA CHUPAR PILAS,

LIGAR PARA O NÚMERO ABAIXO

As casas de banho do pavilhão de Ciências. A Izzy. «Eu não vou pergunt
telemóvel vibra, rangendo dentro do bolso esquerdo. Aprecio, por um brev
popular. Todos os cães a um osso, nunca é demais.

— Sem ofensa, mas não me pareces esse tipo de pessoa.

— E não sou.

— Então de que se trata?

— Alguém achou que teria piada fazer isto.

— Deves ter feito esse alguém ficar mesmo chateado contigo, pois é uma
gosto.

— São duas raparigas da escola e a rapariga com quem vivo.

— O quê? Aquela cabra loura armada em boa?

A Morgan aponta para a nossa casa, eu olho por cima do ombro.

— Sim, essa.

O acesso à nossa casa esconde a maior parte das janelas, mas duas ou três têm vis

Subitamente, sinto uma necessidade de manter a Morgan em segredo.

— Já alguém te ligou? — pergunta.

— Acabaram de ligar.

— Foda-se. O que vais fazer para te vingares dela?

Hei-de pensar em alguma coisa.

— Não tenho a certeza. Provavelmente, vou deixar passar. Durante quanto tempo postal esteve afixado?

— Talvez um dia, ou coisa assim. Não sei. Acabaste de te mudar para cá, não foi?

Aceno com a cabeça e respondo:

— Eles são a minha família de acolhimento.

— Quase fomos parar a uma instituição quando a minha mãe foi presa, m tomou conta de nós.

— Então e agora a tua mãe já está em liberdade?

— Sim, ela só ficou dentro durante umas semanas. Por ter ajudado o meu qualquer.

A Morgan começa a arrancar as peles dos lábios outra vez. Resisto ao impulso de dela com uma palmada e dizer-
lhe para parar com aquilo. Desce do muro e endireita-se. Pergunto-lhe
se gostava de combinar qualquer coisa comigo um dia destes. Talvez, responde. I bem, penso mas não digo. É mais seguro assim.

— Podíamos encontrar-
nos ao fundo do meu quintal. Dá para entrar pela porta azul na vereda.

Habitualmente, está trancada, mas eu podia deixá-
la aberta. O meu quarto é o que tem a varanda.

— Porque é que pareces tão interessada em passarmos tempo juntas?

— Não sei. Não é fácil ser a rapariga nova, sobretudo quando se tem um
como a minha.

Ela anui. Tenho a sensação de que também se sente sozinha.

— O que me dizes? Achas que te apetece? — volto a perguntar.

— Já te disse, talvez. Queres que nos encontremos no teu jardim para ninguém sa
amigas, não é?

— Não, não é por isso, é por causa da cabra loura com quem vivo. Estou
palavras.

Ambas sorrimos quando digo isto.

— Ela arranjaria maneira de dar cabo de tudo, contava ao pai dela ou algo assim -

— Aposto que o faria, sendo a vaca louca que é.

Preciso de alguma coisa para fechar o negócio. Os presentes abrem portas, é mais
confiança de alguém depois disso, vi-
te fazer isso centenas de vezes com os miúdos do abrigo.

Pensa, Annie, pensa. A tua voz dentro da minha cabeça. O telemóvel pens
vibrar dentro do meu bolso. Pergunto à Morgan se tem algum jeito para telefones
o do bolso, mostro-lhe.

— Safo-me.

— O que achas que devo fazer, agora que estou a receber chamadas por causa do

— Não sei. Mudar de número?

— Não posso, teria de pedir ao meu pai adoptivo e ele ia perceber que se passa qu
errado.

— E livrares-te do telemóvel?

— É novinho em folha, é um desperdício deitá-lo fora. Podia dizer-
lhe que o perdi, mas acho que ele ia ficar bastante chateado.

— Ninguém se importa com isso, devem ter imenso dinheiro. O que é uma merda
para eles?

— É verdade, mas, mesmo assim, sinto-
me mal por o deitar fora sem mais nem menos. Disseste
que o teu estava avariado, talvez te pudesse emprestar este por uns tempos. Muda
assim.

— *Nãã*… Não me parece bem. Mal te conheço.

— Mas assim poderíamos manter o contacto uma com a outra, para o caso de que
um encontro.

— E não preciso de fazer nada em troca para ficar com ele?

— Nada mesmo. Como já disse, estarás a ajudar-me.

Ela mordisca o lábio mais um pouco, fita os pés, depois ergue o olhar e, pegando
Está bem, combinado. Quando tiver um número novo, arranjo maneira de te avisa
me o que deve fazer ao postal.

— Só havia esse?

— Que eu visse, sim.

— Faz o que quiseres com ele. Queima-o, quero lá saber.

A Morgan anui e vai-se embora. Fico a vê-la afastar-
se, satisfeita comigo. Os teus ensinamentos, a tua voz são-me úteis. Às vezes.

*

A casa está mergulhada em silêncio quando abro a porta, destrancada, pelo que al
em casa, provavelmente a Saskia, ela esquece-
se sempre de trancar a porta depois de entrar. O

radiador ao lado da sapateira emite um murmúrio, o esforço necessário para mant
hall de entrada quente, revelando-
se extenuante para a canalização antiga. Reparo num par de ténis no chão, que nã
reconheço, são demasiado grandes para pertencerem a uma mulher.

Descalço os sapatos e pouso as minhas coisas nos primeiros degraus das escadas.
Rosie olha-
me com os olhos semicerrados, confortável demais para se levantar da sua
cumprimentar-me, fica-
se por um ligeiro abanar de cauda. O jantar já está servido nos pratos,

deixados em cima da bancada da cozinha. Três em linha. A Sevita já sabe que nã
um a contar com a «Dona Saskia». O que significa que tanto o Mike com
chegaram. Arrisco-me a ligar o rádio enquanto a jardineira aquece no micro-
ondas, para tentar ouvir
alguma coisa, mas o noticiário já terminou. Como depressa, na esperança de evita
me com a
Phoebe, e, depois de colocar o meu prato na máquina de lavar louça, vou até ao e
batendo à porta para me assegurar de que ele não está em casa. Ninguém respond
post-
its que está em cima da mesa ao lado do nicho de leitura e escrevo: «Queri
muito, mas perdi o meu telemóvel. Não consigo encontrá-
lo em lado nenhum. O que devo fazer?»

Colo-
o na porta do escritório, mesmo na sua linha de visão, fazendo com que seja impo
não o ver. Um pedido de desculpas cor-de-rosa berrante e um vai-
te foder secreto para a Phoebe.

Quero arranjar um telemóvel novo o mais rapidamente possível para que e
manter-
nos em contacto. Quando vou a passar pela porta para a cave reparo que está aber
lavandaria e ao ginásio. Dou uma espreitadela rápida para ter a certeza de
encontra lá em baixo, depois fecho a porta, desejando que houvesse uma fechadu

Na minha varanda, confirmo que estou certa em relação ao facto de o portão para
fora de vista. Estou prestes a voltar para dentro de casa quando ouço um assobio,
na vereda, acenando-
me. É então que ela faz qualquer coisa com as mãos. Uma faísca, depois outra,

um isqueiro a ser aceso, seguido por uma fraca labareda. É impossível ver a esta d
que está a queimar o postal. Quando fica demasiado quente para o segurar
o
cair ao chão, esboça um gesto, como se varresse, missão cumprida, e desata a cor
a leva de regresso à rua.

Baixo a minha guarda, adormeço depressa demais. Vens felicitar-
me. Relembrar-me que, se não
tivesse sido pelos teus ensinamentos, nunca teria conseguido levar a Morga

Acordo em lágrimas.

Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro.

A porta à direita.

Veste as calças.

Veste a camisa.

Faz o que te digo.

Experimentar roupas. A tua brincadeira preferida.

Os rapazes vestidos à rapaz *, as raparigas também*.

Bonecos em tamanho real, que andavam

e falavam, para tu poderes brincar.

E deitar fora quando te aborrecias.

Ficas tão especial vestida como um rapaz, Annie.

Aproxima-te mais, deixa a mamã ver melhor.

9

Hoje de manhã, ao ver que, para além do que normalmente carrego, tenho
grande pasta de portefólio onde os meus trabalhos deste período para a disciplina
ficarão guardados, a Saskia ofereceu-

se para nos dar boleia até à escola. A Phoebe, envergando
equipamento desportivo, recusa por ter planos para ir correr com duas das
moram na vizinhança. Depois relembra os pais de que esta noite vai dormir na ca
a calçar os ténis junto à entrada quando o Mike grita:

— Não te esqueças de comer qualquer coisa ao pequeno-almoço.

A porta de entrada é aberta, depois fechada com força. O Mike produz um som d
logo em seguida.

— Vi a tua nota sobre teres perdido o telemóvel. Habitualmente, diria par
alguns dias, para ver se aparece, mas prefiro saber que posso entrar em contacto c
for preciso. Desta vez, vou repô-lo, mas, por favor, tenta ser mais cuidadosa.

Peço-lhe para mudar de número, vai ajudar-me a sentir-
me mais segura. Ele mostra-se
compreensivo e diz que à noite já tudo terá sido tratado. Como os meus cereais d
almoço
enquanto espero que a Saskia se arranje e, quando ela está despachada, vamos até
Mini descapotável. Enfio a pasta do portefólio dentro do porta-
bagagens, cabe mesmo à conta. Uma
zona de Londres onde o estilo se sobrepõe ao sentido prático. As aparências conta
dados no ar enquanto facas são espetadas nas costas. Que perverso.

— Pronta? — pergunta, sentando-se no lugar do condutor.

Anuo, irritada por ela fazer a pergunta de um modo excessivamente anima
aplicada na perfeição sobre a sua pele, há uma fraqueza à espreita. A reprodução
e a cores, de uma mãe. A Saskia carrega demais no acelerador, o carro arranca co
um protesto dos pneus na gravilha. Quero dizer-
lhe que pode ficar descansada, que eu não mordo.

Bom, até mordo, mas não o farei. Ela sente uma certa desconfiança em re
feminina, talvez. Não se consegue esquecer de quem sou, de dentro de quem saí.

Olha para mim quando julga que estou distraída e não vou notar.

Eu noto.

— Isto é agradável — comenta ela ao passar do nosso acesso para a rua propriam

— É — respondo, os meus olhos à procura da Morgan.

— Como vais na escola?

— Ocupada, é muito para absorver.

— O Mike comentou que te interessas por arte.

— Gosto de desenhar.

— Sempre fui péssima a Artes, péssima em quase tudo, para ser sincera. Ao cont
muito inteligente, segundo ouvi dizer.

— Não tenho certeza em relação à parte de ser inteligente, mas obrigada.
te uma pergunta?

— Claro, estás à vontade.

— O que fazes durante o dia, enquanto o Mike está no trabalho e nós nas aulas?

— Imensas coisas, diria.

— Tais como? Se não te importas que pergunte…

Viro-
me para a encarar, ela aclara a garganta, olha noutra direcção. Uma reacção invol
quem está na berlinda, com algo a esconder, interiormente grata por o percurso at
apenas alguns minutos.

— Pequenas coisas a ver com a lida da casa, sobretudo. Compras de supe
Internet.

Sim, as quais a empregada arruma.

— Às vezes, encontro-
me com as outras mães para falarmos sobre assuntos relacionados com a
escola e, quando dou por isso, o tempo voou e vocês já estão todos em casa outra

— Esqueceste-te de mencionar o *yoga*. Adoras praticar *yoga*, não é?

— Sim, é verdade, que tonta fui em esquecer-me do

yoga. Gosto mesmo muito, vou às aulas quase todos os dias.

Espero uns segundos e depois digo:

— E o teu instrutor de *yoga*, gostas muito dele?

O seu rosto perde o tom de pele natural. Fica vermelho. Os lábios comprimidos. A mão esquerda da manete das mudanças e coça o nariz umas quantas vezes única que tem segredos.

— Sim, ele é fantástico — responde.

— Por acaso, ele passou lá por casa ontem à noite?

Ela olha para mim. Sigo o seu raciocínio sem qualquer dificuldade. Não é possíve se.

Não estava mais ninguém em casa, pois não? Desvia o olhar antes de me respond

— Por acaso, até passou. Eu tinha encomendado um novo tapete de exercícios e e casa levar-mo. Estava perto, suponho.

O timbre da sua voz. Um tom mais agudo do que o normal. O carro pára revelarem-
se um suplício. Para ela. Para mim, está a ser um prazer. Seguido pela cu porque estou a massacrá-la, porque é que isso me está a dar gozo.

Comento com a Saskia que foi simpático da parte dele ir entregar-
lhe o tapete. Ela assente com a
cabeça, receosa do que se seguirá, mas eu paro por ali. Não lhe conto que ontem à fechado a porta que dá para a cave, ouvi uns barulhos. Não lhe conto que ginásio e a vi a ser comida no chão por um homem com metade da idade dela. Va porque os segredos, quando os gerimos com cautela, podem provar-se úteis.

— Aqui é o mais perto que consigo deixar-
te — diz ela, encostando o carro à berma junto ao
quiosque do lado oposto à escola.

— Está óptimo. Vou só ali ao porta-bagagens tirar as minhas coisas.

Quando me viro para abrir a porta do carro, vejo-
te na primeira página de um jornal pendurado na
porta do quiosque. A Saskia apressa-
me, dizendo que está a empatar o trânsito. Saio do carro, fecho
a porta, retiro a minha pasta do portefólio do porta-
bagagens e, assim que o fecho, a Saskia buzina e
arranca. Demoro o máximo de tempo possível a apanhar as minhas coisas do chã
em ti. Ouço alguém atrás de mim reclamar: Dava para estares mais no meio do ca
tudo e dirijo-me à passadeira. Chupa-
chupas cor de laranja em ponto grande, um caudal de estudantes
nos seus uniformes.

Vou até à sala de convívio, um lugar habitualmente muito parecido com o «corre
evito, mas onde vai decorrer logo pela manhã uma reunião obrigatória para
alunos do meu ano,
O Deus das Moscas. Abro a porta. A Phoebe é a primeira pessoa que vejo, tendo
já substituído o equipamento desportivo pelo uniforme da escola. Um punh
distribuem-
se pelos sofás e pelos pufes. A maioria delas não olha para mim quando
debruçadas sobre os seus telemóveis. Os dedos teclam. Fazem
scroll. Para cima, para baixo. Não é
sobre o rapto de mulheres e crianças na Nigéria que estão a ler. São obcecadas pe
as coisas insignificantes. Os famosos que se separam. Os que fazem as pa
divórcios. Quem traiu quem. Ora, foi bem feito para ela, estúpida de merda. Com
propósito de tudo e de nada. Os dedos cada vez mais velozes. Carregam num botã
vezes de seguida. Carregam de novo. Cancelam, porque mudaram de ideias
inconstantes.

Pouso a minha pasta ao pé da porta e, sem pensar, pego num jornal que está em c
perto de mim e sento-
me. O meu coração dispara quando me apercebo de que estás na primeira
página deste jornal também. Agora não é a altura certa para desfrutar de ti, para d
olhar para ti. Abro o jornal, não interessa em que página, seja como for, não me c

suficiente para ler as palavras. Passado cerca de um minuto, a Phoebe abandona c
aproxima-se, tira-me o jornal das mãos. Uma protecção. Uma armadura. É-
me arrancada. Ela tem-te, a tua cara, na mão direita.

— Obrigada, Focinhuda. Bem sabes como adoro manter-me a par das notícias.

Deixa-se cair na cadeira em frente. A saia do uniforme, enrolada na cintura, fica-lhe mais curta do
que devia, revelando o que resta do bronzeado nas suas pernas tonificadas. As me

— a partir da próxima semana, vamos passar a estar todas de
collants e aposto que ela vai encontrar
uma maneira de os tornar atraentes. Dobra as pernas para cima, com os pés apoia
nós as duas, as cuecas à mostra, o jornal sobre as coxas. Abaixo do joelho, um co
caneta ao lado de uma cicatriz antiga. Oval. Ver a cicatriz lembra-
me de ti, tu adoravas deixar a tua
marca no meu corpo. Conquistada e reivindicada. Fixo o olhar quando penso em
que tenho. Camadas de pensamentos, a minha cabeça a trabalhar à velocidade de
pinball.

Não me apercebo de que estou a fazê-lo.

— Gostas de olhar para as cuecas das raparigas, é?

Desvio o olhar, algumas das raparigas riem, outras estão ocupadas, concentradas
sepulturas cibernéticas. A Phoebe retoma a leitura e, pelo canto do olho, v
a abanar a cabeça.

Quando ela diz «foda-se» sei que está a referir-se a ti.

— Clonny!

— Sim?

— Vêm aqui mais umas notícias sobre aquela cabra psicótica que matou aqueles

— Foda-se, a sério? O que é que diz?

— Qualquer coisa sobre um parque infantil. Anda cá, eu mostro-te.

A Clondine abandona o pufe onde estava sentada e gatinha até à Phoebe.

Pânico. Suores frios. Na minha nuca.

— Queres que leia em voz alta? — pergunta a Phoebe.

— Sim, sim, força — responde a Clondine.

Engulo em seco, tento, pelo menos. Tenho um *gremlin* a apertar-
me o pescoço. Um sabor horrível.

Não vomites, não podes. Não aqui.

Gera-
se interesse. Uma por uma, como abelhas pelo mel, as raparigas ocupam as cadei
da Phoebe, espreitando sobre os ombros umas das outras — ela sabe como conqu

«Ruth Thompson, de 48 anos, era uma funcionária querida na casa de acolhiment
vítimas de violência doméstica onde trabalhava. Desempenhando funções de enfe
conselheira,
era a pessoa que tinha mais contacto com um elevado número de mulheres, e com

ali se refugiavam, muitas vezes tendo escapado das garras dos seus cônjuges viol

Mal sabiam elas que tinham deparado com uma pessoa igualmente, se não
Thompson foi presa em Julho deste ano e acusada de matar nove crianças,
cometido ao longo de uma década, entre 2006 e 2016. Segundo informações rece
os assassinatos ocorreram no seu domicílio em Devon ,num quarto a que
infantil'. Após a sua prisão, os cadáveres de oito crianças foram encontrados na c
um nono nesse tal 'parque infantil'. Julga-
se que as vítimas teriam idades compreendidas entre os
três e os seis anos. Ruth Thompson habitava nessa casa com a sua filha a
aparentemente forneceu provas cruciais para montar o caso.»

— Mas que raio…? Ela tinha uma filha? Oh, meu Deus, imagina o que seria vive

— *Ya*, o tempo todo a pensar que podias ser a próxima…

— «Parque infantil»? Tarada do caralho! Estou para ver o que mais ainda se vai f

As restantes palavras que a Phoebe lê — «abuso», «buraco na parede», «segredos
se
todas enquanto penso no que a Aimee disse: «O tempo todo a pensar que podias s

Também costumava pensar nisso, sobre ser a próxima. Mas não podias, pois não?
amasses, não porque ficarias destroçada, perdida sem mim. Mantiveste-

me viva porque precisavas de mim. Eu fazia parte do teu disfarce.

A Phoebe acaba de ler, faz-
se silêncio. A respiração sustida, exalada. Ouço várias vezes a palavra
começada por F. A Marie, a rapariga francesa, quebra o gelo, comentando:

— Afinal, talvez as nossas mães não sejam assim tão más, hã?

Acenos de cabeça. Aos poucos, a matilha dispersa-
se, de regresso aos seus lugares iniciais. As
cabeças debruçadas, os dedos a teclar. Depressa, cinco minutos, escoaram-
se. Têm de voltar a pôr-
se a par. O mundo pode mudar num piscar de olhos nas redes sociais. Excepto a F
com o nariz colado ao telemóvel, está a olhar para mim. Só consigo pensa
chapada e que, de algum modo, ela estabeleceu essa ligação.

— O que pensas sobre isto, Focinhuda? Achas que ela é culpada?

Sei que é.

— Isso será decidido em tribunal.

— Não me pareces muito perturbada, ou talvez também estejas envolvida em cen
a gente sabe que os miúdos vindos das instituições não são bons da cabeça.

Viro a cara para o outro lado, com vergonha da vontade que tenho de chorar, mas
mais. Ela detesta ser ignorada.

— És muito espertinha, não és? Disseste ao pai que tinhas perdido o telemóvel, n

se eu lhe contasse tudo sobre o tipo de actividades extracurriculares de qu
disponível para foder», não era o que dizia o anúncio?

A maneira como ela o diz. Escorre-
lhe da língua, daqueles lábios. Reluzentes. Divinos. Volto a encará-
la. A maior parte das cabeças também se viram na mesma direcção. A Cl
risadinhas enquanto filma, de telemóvel apontado no meio do ar. Típico. C
repassado, editado. Acrescentar-lhe-
ão música. Tudo o que for necessário para o tornar digno de
visualizações no Facebook ou no Instagram. Toca a campainha para a primeira au

onde raio está a professora Mehmet. Um forte pulsar, a minha mão no bolso do ca
de olhar para saber que arranquei um pedaço de pele do polegar, o suficiente para
horas são, por causa do toque, mas, mesmo assim, olho para o relógio, escapando
da Phoebe. A almofada que ela me atira acerta-
me na cara, de lado. Apanho um susto, os nervos em
franja depois de a ter ouvido ler no jornal sobre ti e sobre o facto de tu também te

Eu.

Estamos todas prestes a ir embora quando a professora Mehmet chega, qua
dentro, anuncia quem vai desempenhar o quê na peça e pede voluntários p
pintura dos cenários. As audições decorreram na terça-
feira em que fiquei em casa por causa da enxaqueca, mas ela pede-
me para fazer de ponto, depois lembra-nos de que devemos usar o fórum do
décimo primeiro ano como plataforma para trocar ideias.

— Juntem-
se para ensaiarem as vossas falas, meninas, entrem bem nas vossas persona

Comam, bebam, respirem esta peça. De vocês, não espero nada senão o vosso me

A sala de convívio fica vazia. Deixo-
me ficar para trás, a alisar as rugas com que a Phoebe me
deixou depois de te ter lido em voz alta. Pouso-
te no cimo da estante, a ideia de a tua cara ser
rabiscada ou usada como base para copos, demais. Um minuto depois, volto atrás
com a tua fotografia e guardo-a na bolsa da frente da minha mochila.

Durante a terceira aula, inicio sessão no fórum. Um sítio privado, um espa
demonstração de confiança da directora do colégio em relação aos alunos do déci

Protegido por uma palavra-
passe a cargo de uma aluna nomeada para o efeito — nada mais, nada
menos que a abelha-
mestra, a Phoebe Newmont. Citações e poemas. Trabalhos de casa. E, agor
vídeos. O último a ter sido carregado: «Focinhuda leva com almofada.» As reacçõ
aquelas caras sorridentes com lágrimas de riso. A Izzy deixou o comentário: «Ma

Esforcei-
me tanto para não acreditar naquilo que costumavas dizer — somos só nós

Annie, eu e tu, mais ninguém te vai querer. Claro que eu aquiescia, respo

Programada para obedecer. No entanto, quando a noite já ia avançada e a ameaça
tua sombra me mantinha acordada, rejeitava interiormente as tuas palavras. Agar
me à ideia de

que, um dia, gostariam de mim e aceitar-me-
iam como sou. Quem quer que fosse. Fosse lá isso o que
fosse. Mas, de momento, não tenho qualquer hipótese, a Phoebe certificou-
se disso. Não demorou a
decidir que eu era não só alguém de quem ela não gostava mas alguém d
gostar. É poderosa, tal como tu.

Dor. Dói-
me ser o alvo da Phoebe, se bem que, até certo ponto, seja uma forma de inclusão
oportunidade de aprendizagem, uma oportunidade que agarro com unhas e
mim própria agora, embora os teus ensinamentos ainda ecoem bem alto de

Recordo-me de um fim-de-semana em que fui dar-
te uma ajuda no trabalho. Brinquei com as crianças
enquanto tu cuidaste das mães. Uma das mulheres teceu um comentário so
me linda. Linda de morrer. No carro, de regresso a casa, disseste-
me que a beleza nos dá poder.

E camuflagem.

Tem-me dado a mim, disseste, e dar-te-á a ti.

Perguntei o que querias dizer com isso. A tua resposta: A Natureza é mesmo assi
atrai as pessoas. Uma rã arborícola de cores vivas, uma aranha sorridente. O lindo
sua cabeça distrai a presa. A teia, pegajosa. Grossa. A vítima apercebe-
se tarde demais. Apercebe-se de quê, mamã? Sorriste, deste-
me um beliscão na anca, com força, e respondeste: Que não há fuga possível.

A tua voz, a maneira como contavas histórias. Cativante, porém, assustado
me de ter pensado que não queria cegar as pessoas ou atraí-
las até mim de forma que não pudessem escapar.

Não queria ser como tu.

10

Quando liguei o meu portátil esta manhã, vi que estás em todo o lado nas notícias
a que os jornalistas conseguiram ter acesso e que engolem na totalidade.

Num dos artigos, lê-se:

O júri ouvirá o testemunho não só da mãe de Daniel Carrington, a mais r
Thompson, mas também de um especialista forense que responderá a perguntas s
quarto na casa do terror de Thompson, a que ela chamava «parque infantil
parte dos procedimentos habituais ou se o especialista forense foi chamado
Thompson está actualmente detida na Penitenciária de Low Newton e a data do ju

Quem me dera poder racionalizar esta informação. Pensar que o motivo pelo qual
concentrar-
se na morte do Daniel se deve ao facto de ser a mais recente e as provas ainda est
frescas. Mas conheço-te melhor do que isso. És tu. Instruíste-
os a apostar nisso porque sabes que é
onde me vai doer mais. Eu conhecia o Daniel, do abrigo. Ele e a mãe. Penso nela
outras mães. Em como elas se devem ter sentido ao perceberem o que tin
entregado os filhos. Monstros em vez de maridos, mas tu… algo ainda pior. Tamb
o mesmo, porém, a recordá-
lo sob outra perspectiva. Uma perspectiva que alimenta a tua predilecção
pelo que é macabro. Estarás a gostar do burburinho em torno de ti, a ver até onde
conseguem chegar. Também penso nos jurados, quem serão, que tipo de pessoas s
pena deles. As coisas que escutarão, as imagens que lhes serão mostradas.
se-ão meses,
talvez mais do que isso, até que deixem de as ver. De imaginar. Se vierem a deixa

A fotografia reproduzida pela Imprensa, não sei onde a foram buscar, nunc
olharão para a tua cara, para dentro dos teus olhos, e dirão: Olhem só para ela, dá
até me causa arrepios. Tu não vais importar-
te, acreditas na tua beleza, na tua simpatia, ainda hoje.

Os polícias, homens e mulheres, guardas na prisão onde te encontras, algu
conversarão contigo sobre o tempo. Talvez até contem piadas. Tu, encantadora.

O interesse por parte dos profissionais de saúde, os muitos que quererão e
te, fazer
ressonâncias magnéticas ao teu cérebro, numa tentativa de te compreender,

que mais pormenores vierem a lume. Assassinas que actuam a solo (sim, e assim) são raras. E depois há os outros, como aqueles que convidaste para espreita, a avançar nas sombras. Admiradores teus. Corresponder-se-ão contigo por carta, talvez até

recebas, no futuro, um pedido de casamento ou dois. A rainha de um subı admitir que existe. Pessoas comuns. Com uma maldade fora do comum dentro de psicopata é diferente dos outros. Ponderei as minhas hipóteses: 80% genética, 20

Eu.

100% fodida.

Ainda bem que é fim-de-semana, não tenho de me preocupar com a escola. A minha primeira semana completa. Sobrevivi-lhe. O Mike deixou um novo telemóvel à minha porta, do lado de fora, na quinta-feira à noite. Levo a mão à tomada onde o tinha à carga e tiro-o de lá. Quando me levanto e afasto as cortinas da porta para a varanda, deparo-me com um limpo céu azul. Dentro de poucas semanas, quando o mês de Outubro chegar, o Sol estará mais baixo no cé pequenina, teria uns três ou quatro anos, costumava gostar da escuridão do lareira na sala e por vezes assávamos *marshmallows*. Nessa época, não éramos só nós as duas, o pai e o Luke também lá estavam. Não gosto de pensar no meu irmão, em como ele ar deixando-me para trás. As emoções enterradas bem lá no fundo. É algo que devias abordar, a seu tempo, recomendou o psicólogo da unidade, mas como parte longo prazo, e depois do julgamento. Lembro-me de observar como eras para o Luke e de desejar estar no lugar dele, um desejo de que viria a arrepender-me.

Um pedaço de papel escondido atrás de um dos vasos na varanda chama-me a atenção. Destranco a porta, saio, apanho-o. Um número de telefone, com a letra M por baixo. Que rapariga esperta. Foi arriscado, porém, ter-se aproximado tanto da casa. Envio uma mensagem para o número, fazendo-a saber que é da minha parte. Ela responde de imediato, perguntando se quero enco

me com ela mais tarde. Respondo que sim. Então diz-
me para ir ter com ela ao fundo do jardim às três e não me
esquecer de levar uma camisola com capuz. Volto para a cama, aninho-
me no edredão, satisfeita com
aquilo que a mensagem da Morgan me faz sentir. Não tinha muitas amigas na mir
convites para ir passar a noite às suas casas cessaram por não serem recíprocos. N

Durmo profundamente, acordo a sentir-
me descansada, por uma vez que seja, e com fome. Procuro a
Rosie, mas a sua cama junto ao radiador no *hall* de entrada está vazia e vem-
me à lembrança que o
Mike disse que, por vezes, a leva com ele para o consultório. Lá recebe r
casa.

Encontro um bilhete em cima da mesa da cozinha: «Fui ver de ti — DOI

Manda uma mensagem a mim e à Sas com o teu novo número, por favor
mas ela estará por aí.»

Preparo uma taça de cereais, como de pé encostada ao forno quente. Ouço a porta
há um daqueles sinos antigos pendurado por cima que toca quando isso acontece,
tenha entrado sobe imediatamente as escadas.

— Olá…?

Como não obtenho resposta, vou até ao
hall. Há uma mala de senhora largada no chão, a
transbordar. A Saskia. Aproximo-
me da mala, vejo a carteira dela no cimo, tão cheia de recibos que
nem dá para a fechar. A Saskia é consumista, as compras fazem-
na sentir-se melhor durante algum
tempo. Estou prestes a voltar as costas quando vejo algo quase a sair da divisória
mais de perto, depois volto à cozinha para tratar do que desarrumei e preparar o p
almoço.

Quando ouço passos no patamar das escadas, dirijo-me outra vez ao
hall, assegurando-me de que chegamos lá as duas ao mesmo tempo.

— Olá, não me tinha apercebido de que estavas aqui em baixo. Soube-
te bem dormir até mais tarde? — pergunta a Saskia.

Um tapete de *yoga* pende-
lhe do ombro, dentro de uma bolsa de seda feita à mão, um presente do Mike, sem dúvida, ou talvez do Benji, o seu instrutor.

— Sim, obrigada.

— Quais são os teus planos? Podias vir a uma aula de *yoga* comigo, se tiveres interesse nisso…!

Pernas, finas como a de um louva-a-
deus, a reluzir em calças de licra puxadas bem para cima. Os lábios da vagina. Bem demarcados. Depilados, provavelmente. De tímida não ten

— Não, obrigada. Tenho montes de trabalhos de casa para fazer. Em Wetherbridg todas tão mais avançadas que eu.

— Não te preocupes, não tarda nada estás a apanhá-
las. Ficas bem aqui sozinha? Posso ficar em casa, se quiseres…!

— Não, é na boa.

— Estarei de volta daqui a cerca de uma hora e meia, se quiseres fazer o altura…!

— Acho que vou encontrar-me com uma amiga.

— Da escola?

— Sim.

Ela olha para um relógio inexistente no pulso. Desejosa de ir embora.

— Devia ir andando — comenta.

Já vai a transpor a porta quando a chamo.

— Saskia…

— Sim?

— Não gosto de ter de pedir, sabendo que tu e o Mike têm sido tão amá

possível eu ter algum dinheiro, para o caso de querer beber um chocolate quente

— Sim, óbvio, deixa-
me só ir buscar a minha carteira. Devíamos estabelecer uma mesada para ti,
como a Phoebe tem. Vou falar com o Mike esta noite sobre isso.

Vou ter com ela ao alpendre.

— Será que vinte libras chegam?

Aceno com a cabeça.

— Aqui tens.

— Obrigada. Diverte-te no *yoga*.

— Assim farei.

— E com o instrutor.

— Desculpa, o que é que disseste?

— Faz tudo com muito vigor.

— Claro — responde ela.

Sentirá um friozinho na barriga enquanto faz marcha-
atrás para tirar o carro do acesso à nossa casa. Deixa-
te de paranóias, dirá para consigo. A questão é que tem motivos para ser
porque, por muito que eu tente, às vezes não me consigo conter.

À hora combinada, vou até à outra ponta do quintal para me encontrar co
destrancado o portão na noite a seguir a ter-
lhe dado o meu antigo telefone e deve ter sido assim que
ela descobriu as escadas da saída de emergência que partem da minha varanda. A
pressa para ir embora, quer levar-me não sei aonde.

— Põe o capuz para cima e segue-me — ordena.

Quando chegamos ao fim da vereda, atravessamos a rua e entramos no bairro ond
imediato parecemos anões em comparação com os edifícios, as poucas pessoas qu

nem nos prestam atenção. Há luzes acesas em algumas das janelas, o céu começa entardecer. Nas varandas amontoam-
se bicicletas de criança, máquinas de lavar roupa e tralha.

— Despacha-te, sua molengona — resmunga ela.

Caminhamos até ao bloco de prédios mais distante, chegando a umas escadas nas

— Onde vamos?

— Bem até lá acima — responde Morgan, apontando para o topo do edifício. — chega mais depressa!

Ela arranca primeiro, mas não demoro a alcançá-
la. Dezasseis pisos, sem luzes nas escadas, uma porta no cimo, a tinta azul-cobalto a saltar, a cor a destacar-se em relação ao cinzento do cimento das

paredes. Paramos para recuperar o fôlego, sorrimos uma para a outra. Ela põe o c faço o mesmo ao meu.

— Anda — incita ela.

Abre a porta, o vento cumprimenta-
nos com avidez assim que a transpomos. Com rajadas fortes, dementes, a toda a nossa volta. Ela puxa-
me para a esquerda pela manga. Ao chegarmos perto da beira do terraço, começo a ver o mundo lá em baixo. Carros e autocarros, ideia de que estamos aqui em cima a observá-
las. Aponta para uma secção da balaustrada em falta, avisando-
me para ter cuidado.

Aceno com a cabeça. Dirigimo-
nos a uma grande conduta de ar, um propulsor gigante enclausurado por uma grelha.

— Aqui é menos ventoso — explica.

Há estilhaços de vidro no chão ao lado da conduta, uma garrafa de *Coca-Cola* vazia. Um caixote
de plástico, dois, talvez mais. Beatas espalhadas por todo o lado. Feio, mas lindo,

pode ficar incógnito.

— Quem sobe até aqui?

— Quase ninguém, habitualmente só eu. Não vivo neste bloco, mas às ve
espairecer longe de tudo.

Compreendo o que ela quer dizer, a necessidade de, por vezes, espairecer

Frequentemente.

— Que tal o telemóvel? — pergunto.

— Na maior. Estava desbloqueado, portanto, arranjei um novo cartão SIM. Foi fá
to devolva?

— Não, fica com ele. Já tenho um novo.

— De certeza?

— Sim. E também tenho outra coisa.

Saco do bolso das calças de ganga o pacotinho que tirei da carteira da Saskia e en
lhe.

— Não posso! Onde arranjaste isto?

— Encontrei-o na mala da minha mãe de acolhimento.

— Céus!

Vejo-
a desembrulhar o pacote, uma dobra de cada vez, até ficar esticado sobre
mão. Ela agacha-se, esvazia-
o, comenta que já consumiu umas poucas vezes em festas do bairro.

Usando o dedo mindinho para apanhar um pouco do pó branco, inclina-
se, tapa uma das narinas e aspira a droga para dentro da outra. Passa-
me o pacote, deita-se de imediato, como uma estrela-do-

mar sobre o cimento. Quando ela fecha os olhos, finjo inalar um pouco também.

pacote, deito-me no chão ao lado dela.

— Foda-se, é da boa — diz ela.

— *Ya*.

— Então, como vai a vida com a loirinha?

— Tenho tentado não me cruzar no seu caminho.

— Fazes bem, segundo me parece, ela de boa não tem nada.

— Provavelmente, não.

— Porque é que andavas a vasculhar as coisas da tua mãe de acolhimento, já agor

— Sei lá, acho que estava apenas entediada. Além disso, é relativamente fácil esp
la.

— Gostas de espicaçar as pessoas, é?

— Nem por isso. E não devia espicaçá-
la. Acho que ela tem um bocado de medo de mim.

— Medo de ti? Ora essa! O que há de assustador em relação a ti?

O meu passado, é isso que é assustador.

— Nada. Toma, serve-te de mais um pouco de coca.

A pergunta da Morgan abala-me, faz-
me pensar sobre o que habita dentro de mim e se é possível escapar-
lhe. Traços bem enraizados no meu ADN perseguem-me. Atormentam-me.

Ela snifa uma linha de cocaína, põe-se de pé de um salto, pergunta-
me se quero saber como é voar.

— Anda, eu mostro-te.

Vamos até à beira do telhado, ao intervalo na balaustrada, o vento mais forte, o cé

Ela está atrás de mim, a empurrar-me para a frente, para a beirinha.

— Sobe — diz ela. — Para o peitoril.

O meu corpo retesa-se, as minhas pernas não obedecem. Parece-me um jogo que não quero experimentar.

— Vá lá, sobe, não vais cair. Passo a vida a fazer isto. Abre os braços de par em p
fosses uma águia.

— Não, está demasiado vento.

Ela chama-me medricas, avança e sobe para o peitoril, detém-se por um momento para se
reequilibrar antes de se erguer da sua posição agachada.

Um passo em falso.

E.

Algo se acende dentro de mim.

— Vês? — desafia ela entre risadas. — Não é difícil. Para algumas pessoas, pelo

A tua voz chega até mim neste momento, zangada, desapontada. ELA ESTÁ A R
SE DE TI, ANNIE. ISSO

NÃO ESTÁ CERTO. DÁ UM JEITO, FÁ-
LA PAGAR. Não, não quero. Quero afastar-me, mas, em vez disso, dou
um passo na sua direcção. Sinto uma corrente percorrer-
me de cima a baixo, tão extinta desde que te
deixei, não sei quem sou. SABES, SIM, ANNIE. SABES BEM QUE SIM. MOS
ME. Dou mais um passo, de
braços esticados, tão perto dela, ali na beirinha, e talvez o tivesse feito, talvez seja

Claro. Mas a Morgan desce com um salto, vira-
se para mim com um sorriso de orelha a orelha, uma
falha num dos dentes da frente. Um forte sentimento de culpa quando a encaro.

— Medricas — diz ela. — O que te apetece fazer agora?

— Tanto me faz.

— Vamos voltar para junto da conduta de ar. Snifar mais coca.

— Está bem.

Quando estamos deitadas no chão, pergunto-
lhe porque queria voar, porque queria ser como uma águia.

— Para escapar, suponho. Para ir para outro lado qualquer.

— Uma vez contaram-
me uma história sobre uma rapariga que tinha tanto medo que rezava para ganhar asas de águia.

— De que é que ela tinha medo?

Da pessoa que lhe estava a contar a história.

— Alguma coisa a perseguia e, independentemente de quão rápido corria ou de q essa coisa estava sempre no seu encalce.

— O que era?

— Uma serpente. Esperava até que a rapariga estivesse exausta de tanto correr, es ter adormecido e depois aparecia.

— Uma serpente é o mesmo que uma cobra, certo?

— Sim.

— Porque é que andava atrás da rapariga?

— Não era bem uma cobra, estava apenas a fingir que era.

— Então o que era?

— Era uma pessoa, a avisar a rapariga de que, se alguma vez tentasse fugir, iria a de a encontrar.

— Como é que uma pessoa se pode transformar numa cobra?

— Às vezes, as pessoas não são o que parecem ser.

— A rapariga conseguiu escapar?

Não na versão que me contaste, mamã.

— Não sei.

— Porquê?

— Porque a rapariga desapareceu e nunca mais ninguém a viu. Nem à cobra.

— Achas que a cobra ainda a persegue?

— Talvez.

Provavelmente.

— Ainda bem que não há nenhuma cobra atrás de mim.

— Pois, que sorte a tua.

— Conheces montes de outras histórias?

— Sim.

— Podes contar-me outra?

— Talvez para a próxima.

Consegui o que queria, que eu e a Morgan fôssemos amigas, mas agora tenho me

Um passo em falso.

E.

Troçaste de mim dentro da minha cabeça, dizendo: NÃO PERCEBES, ANNIE?

NÃO PERCEBES O QUE ÉS?

11

Quando entro em casa, vejo o casaco do Mike sobre o corrimão das escad
hall, deve ter
voltado mais cedo do trabalho. Vou buscar o meu iPod ao quarto, não me apetece
e encaminho-
me para um nicho de leitura à porta do escritório dele. Gosto deste recanto, pois é
prolongamento natural da sua biblioteca pessoal e também porque me permite, co
escutar as suas conversas telefónicas às escondidas. Os livros que aqui se encontr
mas, na sua maior parte, incidem sobre o estudo de tudo o que deriva da

Psicanálise. Psicoterapia. Psicologia. E o livro de capa dura vermelha que tem um
meu coração, sobre o estudo de psicopatas. O rótulo que te atribuíram na Imprens
com muitos capítulos. Quem diria que sabiam tantas coisas sobre ti?

A parte que acho mais interessante é o capítulo sobre os filhos dos psicopatas. A
criança sente quando a violência se mistura com o carinho. O jogo do pux
hipervigilância, nunca saber o que esperar ao mesmo tempo que se sabe q
alguma coisa. Reconheço essa sensação, experimentei-
a diariamente contigo. Como daquela vez em
que ficámos sem luz em casa, uma tempestade lá fora. Algo ainda pior lá
lanterna, mandaste-me ir à cave para voltar a ligar o quadro. Disse-
te que tinha medo, que não queria
ir, eu sabia que lá em baixo havia mais do que apenas caixotes e móveis antigos.
sob o queixo e disseste que irias comigo — um ardil, claro. Empurraste-
me lá para dentro, trancaste
a porta. Fiquei colada à porta, contei de trás para a frente, a partir de cem ou mais
acordei contigo a pontapear-
me. Estavas decepcionada comigo, foi o que disseste, por ter sido fraca
e medrosa, juraste que ias tornar-me mais rija, ensinar-
me a ser tal e qual como tu. Nessa noite,
fantasiei sobre virar o feitiço contra o feiticeiro, pôr um ponto final nas tuas lições
mesmo que estivesses morta, o teu fantasma atravessaria paredes até me encontra

Ouço o telefone tocar no escritório do Mike, ele atende sem demora, como se esti
da chamada. Afasto os auscultadores dos ouvidos, não que tenha música a tocar,
sempre que estamos absorvidos. Alheados. O Mike confia em mim, não tem moti

Ainda.

Uma pausa, e depois: «Olá, June, não é incómodo algum, és uma distracçã

vinda, tudo
menos ter de repassar as anotações de hoje. Eu sei, nem me digas nada. Sim, ela e
bem na escola, é muito trabalhadora. Estou a tentar convencer a Phoebe a fazer o

Risos.

Fica sem falar durante um bocado, a ouvir o que a June tem a dizer, e e
pobre rapariga, que mais terá ela de aguentar? Nem posso acreditar!»

Uma pequena explosão dentro do meu peito.

O Mike fica em silêncio, de novo à escuta, depois responde: Sim, claro, vou cont
lhe o que tem
a ver com o julgamento, mas não aquilo que a mãe dela tem andado a dizer. Obri
todo o esforço que tens feito. Sim, nós também achamos, muito especial mesmo.

Um clique. Chamada terminada.

Volto a pôs os auscultadores no lugar, escondo o livro vermelho debaixo de uma
antes de o Mike sair do escritório. Finjo não dar pela sua presença, tamborilando
imaginária que está a tocar. Ele acena com uma mão mesmo à minha frente, sorri
de pausa do meu iPod, tiro os auscultadores.

— Oi! Como foi o teu dia? — pergunta-me.

— Foi bom, obrigada.

— O que estás a ler?

Um calhamaço vermelho sobre a mamã. E eu.

Mostro-lhe o exemplar de
O Deus das Moscas que tenho comigo, o outro livro que estou a ler.

— É de leitura obrigatória. A professora Mehmet acha que devemos ler pelo men
por mês. É também a peça que vamos representar este período.

— Conseguiste um papel?

— Faltei às audições, mas a professora Mehmet pediu-

me para ser o ponto e vou ajudar nos bastidores, a pintar os cenários e coisas assim.

— Boa. E a Phoebe conseguiu um papel?

É claro que sim, é ela quem manda no décimo primeiro ano. Não sabias?

— Ela é a narradora, tem muitas deixas para decorar.

— Ui, então é melhor ela aplicar-se. Estás a gostar? — pergunta, apontando com a cabeça na direcção do livro.

— Sim, estou.

— De que estás a gostar mais no livro?

— Não envolve adultos.

— Obrigadinha — diz ele a brincar.

— Não, não foi isso que quis dizer.

— Então, o que querias dizer? Gostas do facto de as crianças não terem pais?

— As crianças têm pais, eles apenas não estão na ilha com elas.

— Bem visto. Mas há umas partes do livro que são bastante perturbadoras, não ha

Concordo com um aceno de cabeça e respondo:

— Como a morte do porquinho.

— Não morre também um rapaz chamado Simon?

Ele reparou que eu não tinha referido essa parte, o psicólogo que habita nele dese o motivo.

— A morte do Simon é muito perturbadora, não achas? — pergunta.

Hesito o suficiente para parecer que estou a pensar sobre o assunto, e então respo

— Sim.

O que quero dizer-
lhe. A verdade. É que… Não considero perturbadora a noção de haver pessoas
ou crianças a agredirem-se ou a matarem-se umas às outras.

Considero-a familiar. Vejo-a como sendo a minha casa.

Senta-
se ao meu lado. Tem as mangas da camisa enroladas para cima, mostrando
alourados dos antebraços, um relógio de pulso que parece ter custado uma
suficientemente perto para me tocar, mas não o fará.

— Acabo de falar ao telefone com a June. Ela queria trocar dois dedos de conver
férias por uns dias.

E comunicar-
lhe seja lá o que for que andas a dizer. Mais uma bola no ar, um malabarismo.

— Há alguma novidade em relação ao julgamento? Sobre se tenho de estar prese

— Ainda nada em concreto, mas o que ela disse foi que os advogados es conjunto de questões para nós passarmos em revista.

— Questões?

— Coisas que poderão perguntar-te.

— Então sempre vou ser interrogada?

— Ainda não temos a certeza, e eu sei que é uma sensação horrível, mas, assim q te. Prometo.

O Mike levanta-se, espreguiça-se, oferece-
se para me preparar qualquer coisa para comer, tenta distrair-me. Impedir-me de fazer mais perguntas. Acompanho-o até à parte da frente da casa.

— Ah, é verdade, esqueci-
me de te avisar que hoje vamos ter um jantar de família.

— Nós os quatro?

— Sim. Eu, tu, a Sas e a Phoebs.

Passa as batatas, por favor, Focinhuda.

Sempre gostava de saber que reacções isso despertaria à mesa.

— Normalmente, apontamos para cerca das sete. Parece-te bem?

— Sim.

As duas horas seguintes, passo-
as a desenhar e a ouvir a Phoebe do outro lado da parede, no seu
quarto, a falar ao telefone, uma conversa e outra e outra. Penso em bater à sua po primeira vez que estamos a conhecer-nos.

Dir-lhe-
ia: Vamos esquecer tudo o que aconteceu até agora. Vamos começar do zero. Ser até.

Quando chega a altura de ir jantar, desço à cozinha. O cheiro de algo a assar no fo
e desagradável. O Mike é da mesma opinião, abre a janela assim que eu chego. A
encostada ao lava-
louça, debruçada sobre o telemóvel. Há uma garrafa de vinho tinto aberta em cim
da bancada, ao lado do rádio, que está desligado — ninguém quer correr o risco d
notícia sobre ti.

— Cheira bem — digo.

A Phoebe ergue o olhar e zomba com um som desdenhoso que lhe vem n
garganta. O Mike olha para ela, abana a cabeça. A Saskia vira-
lhe costas, ocupando-se a mexer o molho que está ao lume no fogão.

— O que estás a cheirar é a mítica galinha assada da Sas.

— Só é mítica porque fica tão seca que terás de a mastigar durante uma
vamos a tempo de encomendar comida chinesa, malta.

O comentário da Phoebe é ignorado, a sua atenção volta a centrar-
se no telemóvel. Sou nova nesta
família mas também eu o sinto. A incapacidade da Saskia para ser mãe, para ser f
Phoebe e entristece-
me saber que ela não consegue ver quanto eu e ela somos mais parecidas do que
diferentes.

— Muito bem, Phoebs, está na hora de pousares o telemóvel, não quero o
contrário. Tu e a Milly podem pôr a mesa, por favor.

— Está bem, mas só não estejas à espera de que me divirta.

— Talvez conseguisses, se tentasses — diz a Saskia, virando-se para nos encarar.

O seu
timing é errado, com demasiados anos de atraso para poder passar a mão
apaziguar a Phoebe. Mas porquê?

— Talvez se eu tentasse? Isso vindo de ti?

— Por favor, pessoal, não me parece que seja necessário fazermos isto em frente

Uns abanões, o perigo de derrocada. Um baralho de cartas com que foi cuidadosa construída uma pirâmide. Uma família frágil.

Ninguém diz uma palavra, o único som que se ouve é o das patas da *Rosie* sobre os mosaicos

quando ela entra na cozinha, a abanar a cauda, o focinho bem empinado no ar. Ur quando o cheiro da galinha agora fora do forno a tenta, a atrai para mais perto.

O Mike debruça-se e faz-lhe festinhas atrás das orelhas, mesmo onde ela gosta, depois diz-lhe, anda, velhota, lá para fora, e tira-a da cozinha, deixando-a fechada no *hall* de entrada. Eu e a Phoebe pomos a mesa enquanto a Saskia dispõe batatas assadas e legumes em tige Mike regressa, começa a afiar uma faca grande, fazendo-a deslizar para um lado e para o outro com gestos elaborados, usa-a depois para trinchar a galinha assada. Não me pede para espalmar as mãos contra a mesa para poder espetá-la nos espaços entre os meus dedos o mais depressa que consegue.

Não é pessoa para gostar desse tipo de brincadeiras.

Sentamo-nos à mesa e, nos minutos seguintes, há pratos a passar de mão em mão e tigelas trocam de uma ponta para a outra da mesa, até todos estarmos prontos para come serve vinho para ele e para a Saskia, enche o copo da Phoebe até meio. Quando m recuso, dizendo que água está bem para mim. A Phoebe anuncia que sou

Aposto que o nome que ela me está a chamar interiormente é algo muito pior.

— Um brinde — propõe o Mike, erguendo o seu copo.

Ninguém se junta a ele.

— A Milly disse-me que vão encenar *O Deus das Moscas* este período.

Encontrou ouro, sabe onde minar.

— Sim, basicamente, tenho o papel mais importante, sou a narradora. A p que é porque tenho muito boa dicção.

— É bom saber, não é, Sas?

A Saskia acena com a cabeça, mas sem grande convicção. Está a sonhar acordada
Benji ou sair porta fora para não mais regressar. Os olhos vidrados, a mão que co
em quando. O Mike não é cego nem tolo. Opta por ignorar. Por tolerar. O
stock dela, reposto. Está pedrada. Fodida. A ser fodida. Pedrada, que se foda.

— Milly! Terra chama Milly! — oiço o Mike chamar.

Estava outra vez com o olhar fixo, desta vez em Saskia.

A Phoebe comenta: Se o olhar matasse… A Saskia endireita-se na cadeira, enche a boca de
comida. Vá lá, já chega, diz o Mike. A conversa prossegue. Desenxabida.
comendo enquanto falamos. A Phoebe tinha razão, porém. A galinha está seca. O
lhe
como é que ela se está a sair com as suas deixas e sugere que ela faça como eu, le
livro. É como acenar uma bandeira vermelha à frente do touro, pôr mais achas na

— Típico! Por acaso, até me tenho aplicado imenso para aprender as minhas deix
estás ocupado como a merda para o veres.

Bebe o vinho até à última gota, o calor do álcool a contribuir para o seu ataque de

— Voltas a falar assim e sais da mesa, estás a ouvir? Sobretudo quando a tua mãe
refeição tão agradável.

— Então devo estar a comer outra coisa — riposta ela.

A Saskia abre a boca, prestes a dizer qualquer coisa, mas volta a fechá-la. Não sente, e não tem, metade da coragem da filha. Levanta-se, dizendo que precisa de ir à casa de banho — o seu nariz está com fome.

— Estava só a brincar, por amor de Deus.

— É a última vez que te aviso, Phoebe, estou a falar a sério — avisa o Mike.

Espetando o garfo numa batata, a Phoebe olha para ele e diz:

— Está bem.

O Mike passa as mãos pelo cabelo e solta um suspiro. Depois, pergunta-me se quero mais um pouco de galinha.

— Não, obrigada, estou quase cheia.

— Então e a mim, não ofereces? — reclama Phoebe.

— Queres mais um pouco de galinha?

— Não, mas quero mais vinho.

— Não é hoje de certeza.

Tarde demais. A Phoebe pega na garrafa, deita no seu copo tanto quanto deita par desta vez, enche-o. Os seus lábios, sujos de roxo.

— Não me parece, Phoebe.

O Mike levanta-se, tira-lhe o copo da mão, despeja o seu conteúdo no lava-louça.

— Costumavas deixar.

— Costumavas ter maneiras.

Ela fita-
me e sei que, de alguma forma, me está a culpar. Quando o Mike volta a sentar-se, tenta uma nova abordagem.

— Porque é que vocês as duas não se juntam para trabalhar na peça, para outra?

— Eu gostava — respondo.

— Eu e a Iz já estamos a trabalhar em conjunto.

— Talvez pudessem incluir a Milly!

— Ela só ia acabar por se sentir excluída.

— Não é preciso seres malcriada.

— Não estou a ser malcriada. Porque estás a tomar o partido dela?

— Não estou a tomar o partido de ninguém.

— Estás, sim. Mais valia eu ser invisível!

O Mike poderia contar-lhe, desarmá-
la. Explicar porque é que eu e ele passamos tanto tempo
juntos, onde fomos quando faltei às aulas. Os advogados. As nossas conversas ao
falamos. Sobre ti. Mas não o faz. Diz-lhe que é importante ajudar-
me na adaptação à vida enquanto
membro desta família, que um pouco de tempo e atenção extra são necessários. A
a retorquir quando a Saskia volta com um copo de fundo grosso e pesado

Uma rodela de lima. Senta-
se, mexendo e remexendo no colar, uma corrente dourada igual à da
Phoebe e à minha. A Phoebe não deixa passar nada em branco, não quando envol

— Bom, tendo em conta que já passaste aos aperitivos, vou mas é beber o teu vin

Alcança o copo de vinho da Saskia, bebe o líquido que restava. É uma L
sedutora, sabe exactamente onde apertar os calos. O Mike pressiona as mã
obrigando-
se a ter calma, a empregar as ferramentas que utiliza na sua profissão. Levanta-
se, fala.

— Não estou a pedir-te, estou a ordenar-
te. Sai da mesa, Phoebe. Se ainda tens fome, leva o que
quiseres contigo, mas vai directa para o teu quarto. E, de preferência, não voltes a
frente esta noite.

Ela faz o que lhe é dito. Sem levantar a crista. Quanto maior é a subida, maior é a

E eis que só restam três.

Não consigo evitar ter pena dela. Também já me senti assim. A fome causada pel
pessoas, ou à pessoa, que deve proteger-
nos. Cuidar de nós. O Mike pede desculpa e pergunta-me se já acabei de comer.

— Sim, obrigada. Acho que também vou subir, se não se importarem.

— Claro, claro. E desculpa lá, não era suposto o jantar ter corrido desta maneira.

Paro à porta do quarto da Phoebe, tento imaginar o que ela está a fazer. A trocar m
Izzy? A dizer-lhe quanto odeia a sua família, quanto me odeia a mim?

Afinal, «uma família novinha em folha» é algo que não existe.

— Milly, é o Mike, consegues ouvir-me?

Por favor, pára de chorar.

— Milly, com quem estás a falar?

Vou ajudar-te, prometo.

— Está tudo bem, Milly.

> Não, é demasiado tarde para isso.

Alguém pousa as mãos sobre os meus ombros, deixa-as repousar lá. Faz pressão. Uma voz diz:

Milly, tens de sair daí. Abro os olhos e vejo o Mike diante de mim.

— Deixa-me ajudar-te.

— Não, eles precisam de mim, Mike. Estão assustados.

— Dá-me a mão, Milly. Isso, linda menina.

Quando o Mike me conduz para fora da cave, a luz do corredor cega-me. É como um holofote.

Estou exposta. Esta sou eu. Começo a chorar, ele envolve-me num abraço apertado contra o peito. O

seu coração bate com força, sinto-o através do tecido grosso do seu pijama. Não devia tocar-me, mas ainda bem que o faz.

— Desculpa — digo, bem junto ao seu peito.

— Não tens nada de que pedir desculpa, Milly.

Tenho.

E muito.

12

No sábado à noite, quando me acompanhou até ao meu quarto, o Mike disse-
me que estava tudo
bem, que na sessão desta semana conversaríamos sobre o que se passou. M
certeza de que ele está a ser sincero? De que está tudo bem? O chão que piso, me
noite chega. O que faço, o que digo. O que revelo sobre mim nesses momentos. C
eras tu, ainda é, em grande parte do tempo, mas agora tenho um novo me
porta para sair, que o Mike reconheça que deu um passo maior que a perna. Maio

Daqui a onze semanas tem início o teu julgamento. Onze semanas, e estarei no m
tu, a respirar o mesmo ar. Quero saber o que a June disse ao Mike pelo telefone. A

Algo que não querem que descubra. Vai com calma e diz a verdade, essa
preocupação, disse-me o Mike na semana passada. Para ele é fácil falar…

Sento-
me na cama, tiro um dos elásticos para o cabelo que tenho no pulso, faço um rabo
de-cavalo
alto, é assim que as outras raparigas da escola usam o cabelo. Depois de
esboços que fiz durante o fim-de-
semana para mostrar à PK. Estou ansiosa por voltar a vê-la, quando
estou com ela sinto que estou a fazer alguma coisa bem. Momentos antes de sair
uma mensagem. É a Morgan a dizer que se divertiu no sábado, vemo-
nos em breve, seguido de uma horda de
emojis. Uma estrela, um polegar para cima. Duas raparigas a dançar e um balão v

Acho que ela gosta de mim. Ainda só viu as partes boas. Há coisas que nunca dev
era o que costumavas dizer-
me. Mostra apenas o lado de que sabes que eles vão gostar. No qual vão confiar.

— Bom dia — cumprimenta o Mike quando entro na cozinha.

— Bom dia.

A Phoebe também está presente, de braços cruzados junto ao peito. Vira a assim que me vê.

— Phoebe — diz o Mike.

Ela olha para ele, exala exageradamente e resmunga um está bem, depois vira-se para mim.

— Peço desculpa pelo que aconteceu no sábado.

Aceno com a cabeça e respondo:

— Obrigada, não tem importância.

— Teve, teve importância, e a Phoebe sabe que sim. Já deixei bem claro que, se a

repetir, haverá consequências. Não é, Phoebe?

— Sim.

— Muito bem. Agora, vamos começar do zero. Porque é que vocês as duas não v juntas? Não é todos os dias que saem de casa à mesma hora.

— Vou encontrar-me com a Iz. Temos cenas para falar.

— Tal como disse no sábado ao jantar, Phoebe, estou certo de que poderias inclui em quando, não?

— Não faz mal, eu gosto de caminhar sozinha, é uma oportunidade para espairec

O Mike parece ficar desapontado, mas não insiste mais. Terminamos o pequeno-almoço ao mesmo
tempo e até acabamos por sair de casa juntas, mas, chegadas à rua princip desemboca, a Phoebe diz:

— Não penses que não vejo o que estás a fazer, mas, para que conste, a mãe e o p ninguém em casa por mais de uns dois meses ou assim. Muito em breve serás rec de onde vieste.

Afasta-se a correr, a mochila a baloiçar, e junta-
se à Izzy, que está à sua espera ao fundo da rua.

Recambiada para o sítio de onde vieste, disse ela. Tenho vontade de lhe gritar, pa
onde está, para onde vai uma pessoa se não pode ficar onde se encontra n
onde veio? Para onde irei eu uma vez terminado o julgamento? Um acolhimento t
a June disse quando a conheci na unidade. O Mike e a Saskia decidiram
receberão mais ninguém até a Phoebe terminar o ensino secundário. Ela nã
tem e de como eu gostaria que houvesse lugar para nós as duas.

Chegada à escola, verifico o horário que tenho no cacifo. Devia ter Matem
tempo, mas há pouco, ao passar pela Secretaria, vi um papel afixado a avisar que
ia faltar e que as alunas do décimo primeiro ano eram esperadas na biblioteca. De
até à sala de Artes Plásticas para ver se a PK está por lá. A sala está vazia quando
de malha comprido sobre as costas da sua cadeira, na secretária um livro
virado para baixo. Quero virá-
lo para cima, saber para onde é que ela estava a olhar, mas a porta abre-
se e ela entra, carregada com um monte de pratos descartáveis decorados com car
feltro. Sorri quando me vê.

— Que bela surpresa. Como foi o teu fim-de-semana?

— Foi bom, obrigada. Como foi o seu?

— Bastante parado, para ser sincera — responde. — Se vieste aqui para me ver, e
pois tenho meia hora livre antes da invasão das pequenitas.

— Queria mostrar-lhe alguns desenhos que fiz durante o fim-de-semana.

— Fantástico, vamos lá ver então.

Faço deslizar o rolo de papel que estava preso pela aba da minha mochila e entreg
lho.

— Bem, tens andado ocupada.

— São só três desenhos — respondo, gostando da forma como o entusiasmo dela

— Vamos estendê-los aqui sobre a mesa.

Usamos os copos cheios de canetas de feltro para fazer peso sobre os can
recua um pouco depois de estarem as três assim dispostas. Acena com a cabeça.

— Estes desenhos estão espectaculares, sobretudo o da rapariga com as as
gostaste de desenhar?

— Sim, acho que sim.

— Algum dos teus progenitores é artista?

Como posso dizer-lhe, como posso explicar-
lhe que consideravas arte aquilo que fazias.

Sobre pele, não sobre papel.

— A minha mãe foi embora quando eu era pequena, portanto, não sei bem.

— Desculpa, foi falta de sensibilidade perguntar-
te uma coisa assim, sabendo que estás a viver com os Newmont.

Digo-
lhe que não faz mal, mas não é verdade. O problema não é o que ela disse, é o qu
posso dizer.

— És muito talentosa. Já pensaste em prosseguir os estudos nesta área?

— Talvez, mas também gosto muito de Ciências.

— Dá mais dinheiro, não há como negar. Obrigada por teres partilhado es
adoro ver o que sai dessas vossas cabecinhas. Se me dás licença, tenho de respon
e-mails,
mas estás a vontade para ficar e desenhar um pouco nos próximos vinte minutos,
coisa.

— Eu devia ir para a biblioteca. A professora Dukes faltou, portanto, em vez da a
uma hora de estudo.

— Se quiseres, posso ligar num instantinho à bibliotecária a avisar que estás com

— Não se importa que eu aqui fique?

— Claro que não! Quantas mais, melhor. Sabe bem ter companhia, não sabe?

Sim.

Sento-
me em frente a um dos cavaletes enquanto a professora Kemp liga à Sr.ª Hartley. pau de giz vermelho da caixa que está na mesa ao meu lado. Na minha r rodopiado. Trabalhamos em silêncio. Voa pó, o tempo também. Pequenas a evidentes sobre o azul-
escuro da saia do uniforme. Exerço muita pressão, o giz parte-se.

— Posso ver? — pergunta ela.

— Sim.

Ela aproxima-se, fica atrás de mim.

— A cor nesta peça é muito poderosa.

Concordo com um aceno de cabeça.

Os derrames e as infiltrações.

— Podes descrever o que desenhaste? Esta parte aqui é uma pessoa?

O dedo da PK paira perto do teu rosto, mas não lhe toca. Ela delineia o ar à volta, relação aos traços de giz vermelho que te rodeiam.

— É uma interpretação de algo que vi.

— Na televisão?

— Mais ou menos.

— Já ouviste falar no Prémio Sula Norman?

— Essa não é aquela rapariga que morreu?

— Sim, morreu de leucemia há dois anos. Uma artista muito talentosa, na minha não tenha chegado a conhecê-
la, foi antes de eu vir trabalhar para cá. Quando ela faleceu, os pais

decidiram instituir aqui na escola um prémio composto pelo fornecimento d
Plásticas para um ano lectivo inteiro e por uma exposição numa galeria no Soho.
trabalho, aconselho-te a participar.

— Não sei se sou suficientemente boa.

— Acredita em mim: se continuares a sair-
te com trabalhos como este, acho que tens uma forte
possibilidade de ganhar. Não deveria dizê-lo, mas é verdade.

— Obrigada. Vou pensar nisso.

Dirijo-me ao lavatório, concentro-
me em lavar as mãos, em tudo menos no calor que se espalha
pela minha cara. Que estupidez estar a corar, e ela reparou. Puxo um toall
dispensador, seco as mãos. Ela junta-se a mim no lavatório, estende-
me um pano húmido.

— Para o pó na tua saia.

Passo na biblioteca o que resta do primeiro tempo e saio de lá o mais depressa po
a campainha toca, para ter a certeza de que chego ao ginásio antes das outras. Tro
de um cubículo. Privacidade. Nos dias que correm, o meu corpo é só meu
maillot de
ginástica, vamos praticar saltos. Ainda bem que não me cortei ontem à noite, os b
Havel dão-
me apoio de ambos os lados do tronco para me ajudar a fazer uma pirueta sobre a

Aparece uma aluna mais nova, interrompendo a aula.

— Há uma chamada importante para si, professora Havel.

— Não pode esperar?

— Não, a Sr.ª McD, na Secretaria, disse que era urgente.

— Está bem. Não demoro nada, meninas. Deixem os saltos por agora e trabalhem
amor de Deus não inventem disparates, tenham cuidado.

O barulho aumenta de volume assim que a porta do ginásio se fecha. Risc

conversas sobre rapazes e os acontecimentos do último fim-de-semana. Escuto, isso ajuda-me a aprender a como me encaixar. Integrar. Observo a Georgie, uma das rapari nosso ano, a trepar por uma corda que pende do tecto. Ela faz força com os pés co extremidade, usa os braços para se elevar, ganha altura. Está a ir bem, já vai quas balançar um pouco à medida que ela progride. Vejo a Phoebe dar uma co Clondine, segredando-lhe qualquer coisa ao ouvido e rindo, antes de se aproximar da corda. A Georgie já está bem lá em cima agora, não há nenhum colchão debaixo d prestes a fazer, estava capaz de jurar. Devia intervir, mas, por uma vez qu ridicularizada. A humilhada.

Elas começam a balançar a corda, ao início só ao de leve. Não demora m raparigas se aperceberem. Aglomeram-se ali num instante, os rabos-de-cavalo a pender pelas costas por terem as cabeças inclinadas, os olhos postos no tecto. Os telemóveis também na mesma direcção, mas os *maillots* não têm bolsos. A Georgie pede-lhes para pararem com aquilo, mas elas não param. Desce, depressa, quero gritar-lhe, mas o medo apodera-se dela primeiro.

Manda-a agarrar-se à corda, sussurrando-lhe ao ouvido: Segura-te como se a tua vida dependesse disso. A Georgie aconchega o corpo à corda, apertando-a com mais força, os pés descalços inúteis.

Escorrega um pouco, debate-se. Torna a prender, à volta da corda, a perna que se tinha soltado.

Alguém faz uma piada: Como está o tempo aí em cima, Georgie? Risos. Asneiras quão alto ela está a baloiçar. Depois, um aviso da Annabel.

— Ela vai cair, Phoebe, pára com isso.

Mas a Phoebe não lhe dá ouvidos, puxa a corda com mais força, o seu sorriso ma saborear o poder. O controlo. A Georgie baloiça como um macaquinho bebé que se às costas ou à cauda da mãe. Sem ramos, sem árvores. Nada para lhe amparar a q cima. Sozinha no mundo. Todas nós estamos.

— Força, Clon, é a tua vez.

Ela faz o que lhe mandam, puxa a corda para a esquerda, faz a Georgie rodopiar. a corda dá, consigo ver os seus olhos, molhados. Lágrimas. Medo. O corp mais do que da última vez. Cansaço. Ajuda-a. Não posso. Podes. Não queres.

A mim ninguém ajudou.

A corda começa a baloiçar mais devagar, a Clondine afasta-
se, grita para a Georgie:

— São dez libras pela voltinha, por favor.

As outras raparigas perdem o interesse, assumem que o desfecho só poderá ser fe deixará de baloiçar, que a Georgie deslizará por ela até ao chão dentro de reclamando com a Phoebe e a Clondine sobre como se sentiu assustada. O círculo começa a desintegrar-
se em conjuntos de duas e três raparigas, que se disseminam pelo ginásio. corda, quase imóvel agora. Um concurso de fazer a roda tem início no tap retomada. A maioria das raparigas, mas não a Phoebe. Seja lá o que for, está à esp também, não consegue resistir a dar um último esticão à corda. Há um fogo a ard aquele bocadinho assim a mais.

A Georgie, demasiado cansada para se conseguir segurar.

Desvio os olhos antes de ela cair ao chão. O som, inconfundível. É o som que os *pop!* Um *craque!*
O riso a que me tinha juntado há uns minutos dissipa-
se em silêncio. O silêncio transforma-se num «foda-se».

— Sua idiota de merda, Phoebe — exclama a Clondine.

Viro-
me. Georgie. Mais desmoronada do que propriamente sentada, a cara branc mesma cor que o osso que lhe sai do maxilar. Uma faca de cálcio, um co *maillots*, as piruetas já esquecidas, congregando-
se em redor da Georgie. Eu também me aproximo, mas pela retaguarda, sento-
me ao lado dela. A respiração, a dela, em pequenos arquejos, a corda a
baloiçar acusadoramente sobre as nossas cabeças. Todas nós participámos. agora diferente, os timbres mais agudos do que antes, com uma nota de p

agarradas umas às outras, em choque.

— Foda-se, não fui só eu, foste tu também, Clondine.

— Não. Eu já me tinha afastado, tal como tu devias ter feito.

— Oh, meu Deus, acho que vou vomitar.

— Cala a boca, Clara, pensa na pobre Georgie.

— Vamos levar-te à Jonesy,
okay, Georgie? Vais ficar bem — afirma a Annabel. Decidida. Com ar de capitã.

A Phoebe agacha-
se, dispõe de um tempo limitado para fazer que tudo fique bem e tem no
disso. Agarra a oportunidade com unhas e dentes.

— Lamento tanto, pensava que estavas a descer. Nunca teria feito o que fiz se ach

— É um bocadinho tarde demais para isso, não achas? — retruca a Annabel.

— Importas-
te de calar essa matraca, por uma vez que seja? Vai e chama a Jonesy, trá-
la cá. E não

te atrevas a dizer uma palavra. Seja como for, vão todas encobrir-
me, certo? Estávamos todas as rir, somos todas culpadas, foi um acidente.

Ela é boa. Ela é mesmo muito boa. As raparigas concordam solenemente com um

A Clara vira-
se e tapa a boca com a mão como se fosse vomitar, os ombros arqueados. A Geor
começa a gemer. Um som inquietante que progride para um lamento quando ela c
o osso a sair-
lhe da pele. A Annabel corre para a porta, gritando para quem fica: Vou l
Jonesy.

— Não olhes — digo eu à Georgie.

Os lamentos da Georgie são mais altos aos ouvidos da Phoebe, que só quer calá-

los.

— Foda-se, acalma-
te, por favor. A Jonesy vai chegar não tarda nada. Mas não te esqueças d
dizer que foi um acidente, *okay?*

— Vou buscar-lhe um copo de água? — pergunta a Marie.

— Não — responde alguém. — Não se deve dar-
lhe líquidos, foi o que aprendi na televisão,
temos só de a manter quente até ser assistida.

— Então e aquela camisola com capuz ali ao fundo? Deveríamos usá-
la para lhe tapar as pernas?

Estás com frio, Georgie?

Sinto o corpo dela começar a tremer. Choque. Recosto-a contra o meu ombro.

— Porque não tentamos levantá-la e sentá-
la ali no banco? — sugere a Phoebe. — Consegues
fazer isso, Georgie? Achas que és capaz?

A Georgie abana a cabeça, começa a chorar.

— Tens de tentar. Vamos lá, vamos ajudá-la a levantar-se.

Sei o que a Phoebe está a tentar fazer, a «dar uma arrumadela» na cena, a torná-
la menos brutal. O

corpo partido de uma rapariga tem melhor aspecto sentado num banco do
desconchavado debaixo da corda de ela onde caiu, de onde ela foi projectada.

— Não, não façam isso — ouço-me dizer.

Um mar de veludo roxo e azul fita-me.

— Não te metas onde não és chamada — responde a Phoebe.

— Ela tem demasiadas dores, não podem movê-la.

— E o que faz de ti uma especialista em ossos partidos?

Uma sensação no meu couro cabeludo, um calor que se vai alastrando lentamente
da Georgie, digo-lhe para apoiar o cotovelo, amparar o braço contra o peito.

— Isso, assim mesmo, vai aliviar-te as dores.

Aliviou quando foi comigo.

Jonesy, a enfermeira da escola, chega, olha de relance para a Georgie e m

Secretaria chamar uma ambulância. Empurra a mesa de saltos para trás de nós, ag
me por ter ajudado e instrui a Georgie a reclinar-
se devagarinho. A professora Havel também já deve ter ouvido
o que se passou, chega com um ar furioso.

— O que aconteceu? Disse-vos para terem cuidado.

— E tivemos — responde a Phoebe. — Estávamos só a divertir-
nos um bocado e depois a Georgie caiu da corda.

— Mas ninguém ouviu o que eu disse? Trabalhar no tapete apenas, foi o
mudar de roupa, todas vocês, despachem-se.

A Phoebe espera-me do lado de fora do meu cubículo, planta-
se bem junto à minha cara, tão perto
que vejo minúsculos salpicos castanhos no meio do azul dos seus olhos.

— Da próxima vez, não te intrometas nas coisas que não têm nada a ver contigo,

Ignoro-a, vou-me embora. Ela segue-me, empurra-
me para trás ao ultrapassar-me. Aterro
pesadamente sobre os bancos de madeira do vestiário.

Com nódoas negras, mas viva.

Tão, mas tão viva, Phoebe.

13

Alguns dias depois do incidente no ginásio, a Phoebe passa um postal de mão em

aula de Biologia.

— É para toda a gente assinar — ordena. — Vou fazer com que a Sr.ª McD o env
para casa da Georgie.

Quando o postal me chega, vejo os rabiscos cor-de-
rosa da Phoebe: «Lamento o teu acidente,
rápidas melhoras, com amor P xxx.»

«O teu acidente», uma interessante escolha de palavras. Parece bem, aos olhos de
ou de um pai. Não há razão para suspeitar de que foi por culpa de alguém
avisada de que não pode dar com a língua nos dentes. Toda a gente sabe, mas eu,
nos dentes em relação a ti, não foi, mamã? Contei a história uma e outra vez, uma
piscar na câmara de filmar.

Depois de todas terem assinado, vejo a Phoebe lamber a aba do envelope,
mão para a fechar, esboçando um gesto delicado em forma de V. Põe
gloss nos lábios, cor-de-rosa,
beija o ápice do V nas costas do envelope. Penso em como ela é diferente na esco

Quão diferente eu era também, tão bem que fingia, tão bem que guardava
me o
que diriam as outras raparigas se soubessem que a Phoebe tem pesadelos. Grita. C
a nas
noites em que estou demasiado assustada para conseguir dormir, demasiado assus
meu quarto, todas as sombras e murmúrios que chegam dos cantos escuros. De ti.
me, sento-
me no corredor, aninhada nos cortinados de veludo. Inquieta e perturbada é a Pho
gemidos fracos e solitários no seu sono transformam-
se em lágrimas quando ela acorda. Por vezes, acende-
se um candeeiro, uma nesga de claridade debaixo da porta. Já pensei em
dela, dizer-
lhe que está tudo bem, embora provavelmente não esteja. Não sei o que será pior,
mãe como a minha, que era demais, ou uma como a de Phoebe. Que não é o sufic

Toca a campainha para o almoço e dirijo-
me à escola preparatória. Ainda só lá fui dar uma
mãozinha duas vezes, mas as miúdas parecem gostar de mim e eu gosto delas. Es
pouco como a magia. Elas estão metade no mundo real e metade no seu mundo p

para combater, princesas para salvar. Outra vez, Milly, adoramos esta história, po
semana passada, uma das meninas caiu, acariciei-
lhe as mãos, sacudi a gravilha dos seus joelhos. Sê corajosa, disse-
lhe, vais precisar de ser.

Quando chego ao parque infantil, uma pequena multidão corre na minha direcção
e braços estendidos.

— Iupi!!! A Milly chegou!

— Podes fazer de cavalinho? — pede Evelina, uma menina minúscula de
delicada, com um tom rosado em volta dos olhos. Aposto que tem uma mamã em
banhos de aveia por causa do eczema, vê-
se a pele seca na parte de trás dos joelhos.

— Toca a subir — respondo-lhe, dobrando-me para que ela consiga alcançar-me.

Dou por mim a fazê-
lo muitas vezes. A pensar sobre que tipo de pais as outras crianças têm. Os
funcionários da unidade não perderam tempo a dizer-
me que o que fazias era errado. Anormal. Por
isso, estou a tentar aprender o que está certo, estou a tentar ser diferente de ti.

Evelina, uma autêntica coala, cruza os braços à volta do meu pescoço. Quando pa
junto à janela de uma sala de aulas, com um comboio de crianças a segui
nos, desejosas de que
chegue a sua vez, vejo o meu reflexo de relance. Desvio o olhar.

Quando me baixo, para deixar a Evelina descer, irrompe um coro de «ago
grande exagero, estar assoberbada, corro em círculos, a criançada a perseg
me, claro. Uma menina deixa-
se ficar para trás, de olhos postos no chão, lançando ocasionalmente um olhar, ob
as outras crianças, como elas interagem comigo. Lembro-
me de fazer o mesmo quando tinha a idade dela. Ofereço-
lhe as minhas costas para ela subir.

— Queres experimentar?

Ela abana a cabeça, remexendo nos botões do casaco do uniforme com um tique
cara. Uma rapariga gorducha, que eu preferia evitar, lança-

se para as minhas cavalitas e diz-me para
me pôr a caminho. Fico chateada por ver que a outra menina, aquela que eu querc
o suficiente para se juntar à brincadeira. Ensinaste-
me como agir junto das crianças, e, no entanto, parece faltar-
me muito do teu charme. Do teu dom.

Arranco, a galope.

— Mais depressa, mais depressa — exige a voz aguda nas minhas costas.

Ela aperta as suas pernas à volta da minha cintura, a sensação incomoda-
me. Sufoca-me. Ainda é
uma queda grande das minhas costas até ao chão, não tão grande como a que a G
suficiente para magoar uma criança de cinco ou seis anos. Eu devia segurá-
la com força.

Devia.

A menina cai ao chão com um baque sonoro, começa a chorar.

— Deixaste-me cair.

— Oh, vá lá, Angela, não é preciso fazer um grande drama. Até as melhores cava
vez em quando. Levanta-te, sacode-te.

E põe-te a andar. Desaparece da minha vista.

No chão de cimento do recreio está pintado o jogo da macaca. Vejo a me
olhar para lá. Não a convido para jogar, sei que não aceitará, mas vou até ela e do
lhe um doce que
tenho no bolso. As crianças gostam de doces e das pessoas que lhos dão.

O teu elogio chega-
me de imediato — ASSIM É QUE É, MINHA FILHA —, mas, ao invés de despe
em mim uma sensação de vitória, como durante o confronto com a Clondi
banho, desta vez faz-me sentir sórdida.

— Ei, isso não é justo — reclama a Angela quando repara no doce. — Eu é que c

Ignoro-

a. Uma. Porquinha. Gordinha. A campainha toca, assinalando o fim da hora de al

— Vamos lá, crianças, façam um comboio para irmos a fazer pouca-
terra até à porta.

Três professoras aguardam as crianças para registarem a sua entrada, conta
estão presentes. Nunca se sabe quem está à espreita do lado de fora do parque inf

Ou do lado de dentro.

— Professora Carter, a Milly deixou-me cair.

— O que é que disseste, Angela?

Respondo eu em vez da rapariga.

— Era só uma brincadeira, estava a andar com ela às cavalitas, mas está tudo ben

—
Hum, tem mais cuidado da próxima vez, por favor, Milly. A última coisa que que
pais apareçam com queixas.

— Claro, serei mais cuidadosa.

— Por favor — responde ela, perscrutando-
me com os seus olhos pequenos e perspicazes.

Encaro-a, olhos nos olhos, sorrio. Não sou eu quem deve ter cuidado.

A professora Evans, uma das outras docentes ali presente, manda as crianç
me.

Elas fazem-
no em uníssono, um lindo chilrear que me enche e me aquece. Procuro a menina.
fim da fila, ainda a tentar fazer-se pequena. Invisível.

Ontem o Mike chegou do trabalho tarde, pelo que só nos foi possível ter uma sess
falar comigo sobre o Daniel, sobre aquilo que poderão perguntar-
me se tiver de depor em tribunal,
sobre como os advogados poderão tentar insinuar que eu devia ter feito m

mais. É fundamental que evites interiorizar esses sentimentos, disse o Mike, e aga
te ao facto de que nada do que aconteceu foi culpa tua. Ninguém te culpa.
Não é verdade, foi o que pensei, mas não lhe disse.

Eu culpo-me.

Pediu-
me para nos juntarmos outra vez hoje à noite, para eu continuar a fazer o

orientado, dizendo-
me que era essencial para libertar o trauma que tenho enterrado no meu subconsciente. Quando lhe expliquei que não gosto de não ser capaz de m
disse, respondeu: Tens de confiar em mim, Milly. Eu sei o que estou a fazer, já fa
anos.

Antes de me juntar a ele, respondo à mensagem que a Morgan mandou. Dizia que
espiar a «cabra loira» e perguntava se eu sabia que ela fumava. Não, não sabia, re
lhe. Vejo
que me está a escrever uma nova mensagem: Pois, mas fuma. Que mais conseguis
ela?!! Nunca lhe pedi que o fizesse, mas agrada-
me a ideia de ela andar por aí à socapa, a espiar
para mim; faz com que me sinta mais próxima dela, como se fosse alguém em qu

Quando chego à cozinha, ouço a Phoebe a contar ao Mike sobre o acidente da Ge
ajudou. Depois diz-
lhe que eu bloqueei completamente, que não ajudei nada. Mesmo estando a
Georgie tão pálida.

— Não ligues — diz ele, olhando para mim. — Parece-
me que foi bom que estivesses lá, Phoebs.

— Ah, pai, por acaso encontraste por aí um trabalho meu para a aula de Ciências?

— Acho que não, querida. Quando foi a última vez que o viste?

— Não tenho a certeza, ontem, talvez. Mas é para amanhã e a professora Frith va
se se eu não o entregar.

— Então é melhor começares a procurar.

A Saskia junta-se a nós, envergando o seu equipamento de *yoga*. A vagina em evidência, como sempre.

— Ouviste isto, Sas? A Phoebs ajudou a Georgie Lombard, ela sofreu um acident uns dias.

— Que bom — responde a Saskia. — Tenho de ir andando, já estou atrasada para

A Phoebe fica melindrada. Por ela não querer saber mais pormenores. Lan sórdido e passa por ela com um encontrão. A Saskia gesticula para o Mike e perg lhe: O que foi?

— Nada — responde ele. — Vamos, Milly, está na nossa hora.

Nenhum de nós repara nela de imediato. Três. Andares. Acima. Empoleirada no c

— Diverte-te no *yoga*, mamã querida — diz ela, olhando-nos lá de cima.

Provoca a Saskia, tira as mãos do corrimão, finge desequilibrar-se — quer que a mãe a mande ter cuidado, mas não é ela e sim o Mike quem o faz.

— Não sejas parva, desce daí, olha que podes morrer.

Mais uma vez desapontada, faz um gesto obsceno com o dedo para a mãe, desapa seu quarto. O Mike ainda tenta sorrir, mas a Saskia limita-se a dizer:

— Tu é que és o psicólogo, resolve isto.

— Sas, trata-se da nossa filha, não de algo que se pode resolver. Ela está zangada por causa…

— Por causa de mim? Era isso que ias dizer, não era? A culpa é minha. continua a ser culpa minha, certo?

— Não foi isso que quis dizer. Ouve, vou conversar com ela, mas não hoje.

— Talvez se passasses mais tempo com a tua filha as coisas ficassem melhores.

Um golpe baixo, ela arrepende-se mal as palavras lhe saem da boca, pede imediatamente

desculpa. Fito o seu corpo magro, não muito diferente do da Phoebe em termos d
cabelo, os mesmos olhos. Ela própria quase uma adolescente, é muita areia para c
numa casa connosco, duas adolescentes a sério. As lições de hoje em dia, a um rit

Mais brutal.

A caminho do escritório, o Mike conta-
me que o psiquiatra da unidade lhe ligou hoje, querendo manter-
se a par da minha actual medicação. Lembro-
me bem do gabinete dele. Paredes cheias de
certificados e diplomas emoldurados. As perguntas, as mesmas todas as semanas.
de cabeça. Os
flashbacks. E, por fim, o sono. Que tal tens dormido? Todas as noites são diferent
expliquei-lhe. Sim, é de esperar, respondeu-
me. Uma folha é arrancada do bloco, mais um *cocktail*
de comprimidos que prescreve. Azul de manhã, branco à noite. Cor-de-
rosa, se não quiser pensar em nada. Uma das outras pacientes mostrou-
me como posso mantê-los dentro da boca, de lado, e depois cuspi-los na sanita.

Tomar os comprimidos fazia-me sentir como se estivesse a fazer batota.

Uma cortesia que não merecia, que continuo a não merecer, quando penso
acontecesse ao Daniel na noite antes de te ter ido denunciar.

— O que achas de aumentarmos a tua dose à noite? — pergunta o Mike.

— Sinto-me atordoada quando estou na escola, logo pela manhã.

— Ainda? Isso não é lá muito bom. Deixa-
me tomar nota, para não me esquecer de mencionar isso
amanhã quando lhe ligar de volta. Assim que o julgamento terminar, farem
medicação toda.

Mike, tão zeloso a prescrever-
me medicação. Não tanto no que diz respeito a assegurar-se de que
a tomo. Uma meia cheia de comprimidos na primeira gaveta da minha cór
caderninho, faz uma anotação, depois senta-se na cadeira à frente da minha.

— Preparada?

— Nem por isso.

— O que estamos a fazer é importante, Milly. Há partes da tua mente a que precis
de modo que sejas capaz de seguir em frente. Por exemplo, o episódio no

algumas noites na cave, durante o qual experimentaste dissociação, está relaciona
aquilo que sentes em relação a coisas que fizeste e que não foram culpa tua.

O medo vai subindo desde o fundo do estômago e aloja-se na minha garganta.

— Precisas de aceder a essas emoções, precisas de te sentir segura por saberes qu
não consegue controlar-te.

O Mike ontem disse que sabia o que estava a fazer, que já o fazia há mu
porque é que não consegue ver os cordelinhos, os teus cordelinhos, a que ainda es
é que ele não consegue ver o que se está a passar?

— Vamos fazer um pouco de relaxamento e podemos conversar mais no final.

Ele manda-
me visualizar o meu lugar seguro, mas não consigo ver mais nada para além dos r
de fantasmas a formarem-
se no fumo. O cigarro que costumavas apreciar no fim. Os pequenos
fantasmas ainda a rodopiar. Não conseguem descansar em paz, não gostam do síti

Do sítio onde foram postos.

— Descreve o que ouves — pede o Mike.

— Alguém a pedir ajuda.

— De quem se trata?

— É alguém no quarto em frente ao meu.

— Foste lá espreitar? Viste quem era?

— Já sabia quem era, reconheci a sua voz, mas a porta estava trancada, não pude

— Não te cabia a ti ajudá-lo, Milly.

— Na manhã seguinte, ele estava a chorar, a chamar pela sua mamã, mas trancada, por isso não pude ajudá-lo. Depois saímos de casa, ela levou-me à escola, cantava sempre a mesma canção no carro.

— Que canção é que ela cantava?

— *Lavanda verde, dilly dilly, lavanda azul…*

SE TIVERES AMOR POR MIM,
DILLY DILLY, EU TEREI POR TI. AINDA ME AMAS, NÃO AMAS, ANNIE?

— Eu também estava lá, Mike.

— Onde estavas, Milly?

Abro os olhos. O Mike está inclinado para a frente na cadeira.

— Disseste que também estavas lá. O que quiseste dizer com isso?

Mordo a língua. Sinto um sabor ácido e quente quando o sangue flui.

— Fizeste tudo o que podias, Milly. Tudo o que podias, dadas as circunst particularmente difícil recordar o Daniel.

— Porque achas que era dele que me estava a lembrar?

— Reconheceste a sua voz. Ele era o único que tu conhecias suficientemente bem

— Mas isso não quer dizer que eu não gostasse de todas as crianças que ela seque

— Eu sei, e não estou a dizer que não gostavas, mas deve ter sido ainda mais difí percebeste que ela raptara o Daniel. Tinhas passado algum tempo com ele no abri

— Não quero falar sobre isso.

— Mas precisas de o fazer. Precisas de ser capaz de o fazer se fores a tribunal.

— Nessa altura, serei capaz.

— Porque não tentar agora?

— Sinto que me estás a pressionar, preciso de mais tempo.

— Só quero que saibas que este é um lugar seguro, Milly. Podes dizer seja o que
comigo. É para isso que aqui estou.

Respondo-lhe que tenho noção disso, mas estou cansada e não quero falar mais.

Ele reclina-
se na cadeira, assente com a cabeça e diz que está tudo bem, que podemos parar p
agora.

Leio até à meia-
noite, exausta, e, no entanto, o sono não chega. Anseio por ser abraçada,
reconfortada por alguém. Como me doía quando me tocavas, como dói mais agor
toca. Levanto-me da cama, destranco a porta da varanda, abro-
a de par em par. Uma golfada de ar
frio irrompe pelo quarto, cada calafrio e arrepio na pele é uma sensação bem-
vinda no meu corpo. A minha pele solitária.

Sento-
me no banco em frente ao cavalete que o Mike e a Saskia me compraram
deles. Já é tarde, passa das duas da manhã. O ar da noite envolve-
me, os meus pés expostos. Gosto
do som que o carvão produz. As manchas, os borrões, a perfeição deixada ao rele
tinge as minhas mãos faz-
me ver que alguma coisa está a acontecer. A ser criada. Balanço-me no
banco enquanto desenho, para a frente e para trás. Fecho os meus olhos momenta
carvão com mais força. O vento entra pela porta da varanda, belisca-
me os seios. Os mamilos, duros e tensos.

Balanço-me de um lado para o outro.

Para a esquerda e para a direita. Um movimento circular. Sabe-
me bem a madeira do banco
através das cuecas, o calor gerado, um forte contraste em relação ao resto

Esfrego.

Com mais força no papel.

Com mais força contra o banco.

O carvão parte-se. Resta-me um pulsar lá em baixo e pó preto nos joelhos.

De manhã, um desenho preso no cavalete. Tu, novamente. Tiro o papel, enrolo-o, guardo-o dentro

do gavetão debaixo da minha cama.

14

Os últimos dias não têm sido nada bons. Um sonho recorrente — estou no banco vou começar a falar, mas, em vez de palavras, sai-
me uma colónia de morcegos da boca. A guinchar
a verdade. A vergonha de o dizer em voz alta, o que deixei que me fizesses, o que fizesses. Esta manhã acordei com falta de ar, o jogo das almofadas que costumava

A Morgan não respondeu às minhas mensagens durante o fim-de-
semana. Às vezes, ela vai dar uma
mãozinha ao tio, por isso sei que é disso que se trata, mas muitas vezes penso no ela descobrisse a verdade sobre mim. Se ela compreenderia, se continuaria amiga. Já pensei em contar-
lhe. É a pessoa de quem me sinto mais próxima, e por vezes és um fardo
demasiado pesado para carregar sozinha. A necessidade de partilhar, de me entanto, não tenho a certeza de que ela guardasse segredo e temo que os mataste, não conseguindo atingir-
te, possam vir atrás de mim. Olho por olho, dente por dente.

Opto por uma camisola preta com capuz e calças de ganga. Botas *Uggs*. Hoje vamos fazer uma
visita de estudo em conjunto com o colégio de Brookmere, que temo desde que fo me visível, pelos motivos errados; as outras raparigas, confiantes. Sabem c presença de rapazes. Na cozinha, um bilhete do Mike, juntamente com um prato *croissants*: «Um mimo para esta segunda-feira, divirtam-
se no passeio, meninas.»

O plural quando ele se refere a mim e à Phoebe. Uma equipa. Não me ir verdade, faríamos uma boa equipa. A Saskia chega e pergunta-
me se estou entusiasmada por causa do passeio.

— Mais ou menos.

— É melhor do que ter aulas, não?

Não, nem por isso.

— Toma, leva um *croissant* contigo.

— Obrigada. A Phoebe já foi andando?

— Há cerca de cinco minutos, acho.

— *Okay*, até logo.

A caminho da escola, deito o *croissant* no lixo, o meu estômago às voltas. Estou com esperança de ver a PK esta tarde, quando voltarmos, para lhe mostrar mais desenhos qu cabeça e sorri sempre que me vê na escola. Na sexta-feira passada, ao almoço, parou quando ia a

passar pela minha mesa e desejou-me um bom fim-de-semana. Dei por mim a imaginar como teria sido a minha vida se tivesse crescido com ela em vez de contigo. Senti-me culpada depois, quase imediatamente.

O autocarro está à porta da escola quando chego, o registo a ser feito a bordo.

— Despachem-se, vá, toca a entrar no autocarro — diz o professor Collier, um dos professores d Latim.

Escolho um lugar mais à frente, é menos provável que alguém se queira s auscultadores postos, sem música a tocar. O autocarro enche rapidamente, a raparigas resplandecentes, com uma camada a mais de base e sem se cont rapazes, quais macacos, pendurados no compartimento para as bagagens para faz jardim zoológico. Esmagador. Contam-se os presentes, lá de trás alguém grita «Falta o Joe», ouve-se uma piada sobre ele estar a cagar. O professor Dugan, o docente do tal rapaz, imp

— Estou a vê-lo, professor, vem a caminho.

— Despacha-
te, Joe. Não, não podes. Já esperámos o suficiente por ti. Vá, senta-
te no primeiro lugar que encontrares, se fazes favor.

Ele olha para os bancos de trás, encolhe os ombros, deixa-
se cair no assento ao meu lado.

Seguem-se assobiadelas e piadas, ele ergue o braço para mostrar o dedo do meio.

— Acalmem-
se lá, vocês aí — ordena o professor Dugan pelo microfone. — Devemos chegar
destino dentro de aproximadamente quarenta minutos, dependendo do trânsi
não é para se afastarem, estão a ouvir? Saem do autocarro, entram e esper
bilheteira. Lembrem-
se, por favor, todos vocês, mesmo não estando a usar o uniforme, estão a
representar ambas as escolas. Alguma dúvida?

— Podemos parar num McDonald's?

— Alguma dúvida pertinente? Não? Excelente. Relaxem e desfrutem da vis
Deus, Oscar Feltham, tira os pés de cima dos bancos, com essas maneiras mais pa

Consigo ver que o Joe está a olhar para mim, pequenos relances, a tentar perceber
extraterrestre. Viro-
me ainda mais para a janela, de costas voltadas para ele, mas o seu odor persiste.

Uma nota de fundo a especiarias, um tipo de desodorizante qualquer, não
admiti-
lo me deixe embaraçada. Ele pergunta alguma coisa. O meu instinto é ign
lo, mas ele repete a pergunta, inclinando-se no seu lugar de forma a colocar-
se no meu campo de visão. Levanto um dos auscultadores, viro-
me para o encarar. O cabelo, ruivo. Os olhos, azuis.

— Desculpa, o que disseste?

— Queres uma pastilha?

— Não, obrigada.

— Oh, não te acanhes, são as de mentol, superfortes.

O Joe estende-
me o pacote. Volto a dizer «Não, obrigada», desejando ser capaz de me descontra
de agir de uma maneira mais normal e aberta. Preciso de praticar mais. A
encolhe os ombros, põe uma pastilha elástica na boca, exala exageradamen
quando a menta começa a fazer efeito. Sorri e diz:

— Provavelmente, também deveria ter dito que não.

Abre a boca, começa a ofegar um pouco. Não quero ver a língua dele, pc
lado.

— Já alguma vez foste às Masmorras de Londres[1]? — pergunta ele.

Só a um sítio muito parecido.

— Não.

Ele fala em voz baixa, não quer que na parte de trás do autocarro saibam que esta

— Eu também não. Mas deve ser superdivertido.

Não respondo, não concordo.

— Não pareces muito entusiasmada.

— Não estou.

— Porquê?

— Não me sinto muito bem.

— Não vais vomitar, pois não? — pergunta ele, mas com um sorriso.

— Não, acho que não.

— Ufa! Não és daqui da zona, pois não? Sei que estás a viver durante u
Phoebe.

Confirmo com um aceno de cabeça.

— De onde é que és?

— Tenho-me mudado muitas vezes.

— Que fixe. Eu sempre vivi aqui. Já agora, chamo-me Joe.

— Sou a Milly.

— Então e como é viver em casa dos Newmont?

— É bom.

— Então a Phoebe não tem sido uma chata para ti?

O meu espanto dura o suficiente para ele perceber. Pisca-me o olho. Oh, céus.

— Ora, já a conheço há anos, ela consegue ser uma cabra daquelas… É l
assim, uma cabra.

— Ela não é assim tão má.

— A sério? Admira-me que digas isso. Ela não gosta de competir.

— Eu não estou a competir com ela.

— Acredita em mim, é assim que a Phoebe vai encarar as coisas. E, como tu és d
achar muita graça.

Não tenho coragem para lhe perguntar o que ele quis dizer com «diferente
combinação entre eles, um telefonema nocturno no qual ela lhe pediu para ele fin
depois me fazer parecer uma palerma.

— Ser diferente é bom, já agora. Vai por mim, sou ruivo. — Ele sorri de novo e d

— Vais à festa do Matty nas férias do Outono?

Outro assunto em voga no fórum. Os pais fora, uma carnificina. A reacção
adolescentes. Uma festa. Não sei se possuo esse gene.

— Não fui convidada.

— Estou eu a convidar-te.

— Não sou muito de ir a festas.

— Toda a gente vai. Vai ser muito divertido. Tu e a Phoebs deviam ir juntas, a cas
poucas ruas da vossa.

— Não tenho a certeza, talvez. Se não te importas, agora vou ouvir música.

— Na boa, eu vou dormir um bocado até lá chegar.

Sinto alívio quando acaba. A conversa. E quando o autocarro encosta à porta do r
todos e o Joe se junta ao seu grupo. As raparigas ficam na proximidade dos rapaz
reivindicaram para si semanas antes. O que acontece nem vinte minutos de

Baixei as defesas depois de falar com o Joe. A simpatia é fatal.

Tencionava manter-
me no pelotão da frente, perto dos professores e do guia, com o seu disfarce
ensanguentado e dentes castanhos, mas acabei por ficar mais na cauda do grupo.
gang também estão por aqui e a Claudia, a estudante alemã do programa de interc
se
mais interessada em estar aos beijos com o rapaz com quem está do que em ver a
chama-
lhe vagabunda e passa por ela com um empurrão. A iluminação no túnel
sombras, pequenas e grandes, pelas paredes. De vez em quando, ouvem-
se gritos através de colunas
escondidas em algum lugar, e risos. Um riso macabro, o de um torturador que ach
faz. Uma cabeça que é cortada. A sensação de ser seguida. Observada. Olhos à es
escuridão, arrepios na nuca. Clarões, tão rápidos como os dos disparos de
onde estive que se parece com este, um sítio aonde nunca mais quero voltar.

Tento concentrar-
me nos sons que me rodeiam, tento não escutar a tua voz. A espicaçar-
me.

TAMBÉM ESTAVAS LÁ, ANNIE. Vejo como dá prazer aos rapazes fazer as rapa

las. Apalpá-las. Elas soltam risadinhas e enxotam-
nos, para logo a seguir regressarem para perto
deles. Ecoam mais gritos, ratazanas no tecto por cima de nós a fugirem. U
pedir esmola, com o cadáver de um bebé ao seu lado, um corvo a bicar u

Repetes: TAMBÉM ESTAVAS LÁ, ANNIE.

Olhos que são piscinas. Em risco de transbordar. Lágrimas. Quentes. Forço o meu
meio do grupo, tento chegar-
me mais à frente, apanhar ar. Luz. Nem noto que já não sou eu quem está
a empurrar, é a Phoebe, e algumas outras mãos também. Empurram-
me para dentro de uma das celas,
barricam a porta, e sei que não adianta nada gritar.

Ajudem.

Os números fazem-
me sentir segura, mas não quando sei que cerca de sessenta alunos estão entre
mim e os professores e a saída. Tento lembrar-
me dos meus exercícios de respiração, dos ataques de
pânico que sofri nas primeiras duas semanas depois de te deixar. Inspirar p
nariz — não, é ao contrário, inspirar pelo nariz, expirar pela boca.

Escuridão total.

Tento abrir a porta da cela outra vez, mas há alguém a mantê-
la fechada. Sinto movimento atrás de
mim. Três luzinhas embutidas no chão acendem-
se, incidindo sobre uma sombra. É parte da exposição, não é real.

Está tudo bem, eu sou capaz.

Uma figura junto à parede, a de uma mulher. Faço força com a palma da mão con
quero gritar. As lágrimas formam-se nos meus olhos. As memórias beliscam-
me e agarram-me, como
os peixes de um lago quando lhes atiramos pão. OLÁ, ANNIE. Não, vai-
te embora, não és real. VIRA-TE, ANNIE. Não. Encosto-
me à porta, fecho os olhos, bato com os punhos contra o metal.

— Deixem-me sair, por favor, deixem-me sair.

Dou murros na porta. A cabeça a andar à roda. Vejo-
me a carregar algo nos braços, a abrir uma
porta. Escuro, tão escuro. O cheiro. A podre, porém, doce. Um burburinho a sinal

larvas de mosca em incubação, ratazanas a arranhar.

Não queria fazê-lo. Não queria.

Tu. É. Que. Me. Obrigaste.

NEM SEMPRE, ANNIE.

Isso não é verdade.

Vejo os seus rostos, os rostos que me esforço tanto por não ver, pequeninos e ame
consigo chegar até eles. A chorarem. Fecho os olhos. Grito.

— Deixem-me sair, por favor. Alguém me deixe sair.

Por favor.

Sinto as mãos de alguém a tocar-me.

— Estás bem, relaxa, está tudo bem. Abre os olhos.

Risos quando o faço. Estou encolhida a um canto da cela, com os braços à volta d
os ouvidos.

— Despachem-se, o professor Collier está a chamar-nos — diz uma rapariga.

O Joe está aqui, estende-me a mão. Recuso, não sabendo se foi cúmplice.

— Estás bem? Não parecias estar num estado normal.

— Isso é porque ela é uma anormal — diz a Phoebe.

— Cala mas é essa matraca. Não vês que ela está aterrorizada?

— Uhuuuu, alguém tem um fraquinho pela Focinhuda.

— Focinhuda? Tens-te visto ao espelho?

— Disfarça agora, Joe, mas toda a gente sabe que não foi isso que disseste na fest

— Pois, mas eu agora estou sóbrio, não estou?

— Não deves estar, se estás a tentar ajudá-la.

— Parece-me que tens ciúmes, se queres saber o que eu acho.

— Ciúmes? Dela? — A Phoebe aponta para mim quando me levanto.

— Sim, é o que parece.

— Vai-te lixar, Joe.

A Phoebe empurra-
o na minha direcção, segue pela passagem que vai dar ao próximo cenário

Ouço o professor Dugan apressar-
nos, há um outro grupo atrás de nós quase a chegar. Sinto a narina
esquerda quente e cheia.
Stress, ansiedade, qualquer tipo de emoção intensa, desencadeia-o. Digo ao
Joe para me deixar em paz, viro-lhe a cara.

— Vamos seguir caminho juntos — propõe ele.

— Não, vai-te embora, por favor.

Ele hesita, mas afasta-se instantes antes de eu começar a sangrar do nariz.

Regressamos a tempo do almoço e passamos o resto da tarde a preparar o Grande
Reunião de Pais Multidisciplinar, uma oportunidade para os pais irem à es
para a futura carreira das suas filhas. Um
feedback geral sobre como têm estado a correr as nossas
primeiras semanas no ano lectivo. O Mike e a Saskia vão e quando chega
falar tanto comigo como com a Phoebe. Ela vai primeiro, eu aguardo a minha vez

Passado um bocado, ela sai da cozinha, bate com a porta, lançando-
me um olhar cheio de ódio quando vai a passar.

O Mike abre a porta, pergunto-
lhe se a Phoebe está bem. Ele explica que vai ser castigada na
escola, duas horas de detenção por ter perdido o seu trabalho de Química.

poderia ter-

lhe dito onde estava, dentro do gavetão debaixo da minha cama. Um pequ
pagar pelo «acidente» da Georgie.

Praticamente só o Mike é que fala. Conta-
me que estou entre as cinco melhores alunas do décimo
primeiro ano, um pouco às apalpadelas em termos sociais, mas a fazer progressos
me o ombro, isso não me faz sentir bem, faz-
me pensar em ti. No Verão passado, na reunião de pais,
eu estava lá a ajudar. Tu usavas um vestido às flores vermelhas e azuis. U
comentou quanto eu era cumpridora e como tinha tão boas-
maneiras, queria saber qual o teu segredo.

Apertaste-
me o ombro, respondeste com um sorriso: Não sei, suponho que apenas tive sorte

— A professora Kemp contou-nos que te incentivou a habilitares-
te ao prémio de Arte.

— Eu não estava com muita vontade, mas ela acha que tenho boas hipóte
trabalhar em alguns esboços para participar.

— Parece que tu e ela fazem um bom par — diz o Mike.

— Gosto imenso dela.

Assim que o digo em voz alta, apercebo-me de que é verdade.

Mais tarde, quando espreito o meu telemóvel, tenho uma resposta da Morgan.

Desculpa não ter dado notícias o parvo do meu irmão mais novo escondeu
me o telefone, não me posso encontrar
contigo esta semana vamos combinar qualquer coisa no fim-de-
semana. Qualquer coisa divertida.

Costumavas dizer a mesma coisa nas tardes de sexta-
feira, a caminho de casa depois da escola.

Qualquer coisa divertida. Uma vez, pensei em saltar do carro ainda em mo
como, descobriste. Accionaste os fechos de segurança para crianças. Um gr
disseste. Pensei que possuirias menos de mim depois de te ter denunciado,

que possuis ainda mais. Algo tão inocente como uma visita de estudo transforma-se numa viagem ao
passado contigo ao meu lado. Correntes invisíveis. A tilintar quando caminho.

Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro.

A porta à direita.

Desta vez, uma rapariga.

Não é a tua primeira escolha, só ficavas com uma

se tivesse mesmo de ser.

Duas em nove.

Perguntaste-me se eu estava a ver.

Estava. A mais corajosa, e a mais triste, que vi.

Continuava a reerguer-se depois de cada pancada.

Chorei enquanto espreitava pelo buraquinho na parede,

assegurei-me de que já tinha secado as lágrimas

quando abrisses a porta.

Embrulhei-a num saco de lona, os cobertores não era permitidos quando se tratava de raparigas.

Levei-a para baixo, deixei uma boneca ao seu lado,

uma que costumava ser minha.

O seu corpo tão imóvel.

Chiu, pequenina, já acabou.

Há dois dias tive a minha sessão com o Mike, como é habitual às quartas
feiras. Contei-lhe a
verdade — que estou assustada, que durante o dia te ouço, a tua voz dentro da mi
contar-
lhe sobre as noites também, tu uma faixa de puro terror deitada na cama ao meu l
vergonha. Ele perguntou-me o que me dizes. Contei-
lhe que me chamas inútil, que dizes que não vou
ser capaz de viver sem ti, que não vou sobreviver ao julgamento. Ele relembrou-
me que não era eu quem estaria a ser julgada. Contei-
lhe que me atormentas, ele não parava de tentar aprofundar, fazendo-
me perguntas sobre aquilo por que me atormentas. Mas tudo o que lhe disse foi q
ter ido à Polícia mais cedo, então as coisas teriam sido diferentes.

Hoje estamos a fazer um ensaio de balanço da semana para a peça da escola no G

Já li
O Deus das Moscas mais de uma dúzia de vezes. É reconfortante. Ler sobre outra
circunstâncias que as assustam, a agir de forma que nunca pensaram que consegu

Tenho cuidado com a minha mochila, no seu interior um copinho de vidro com u
tem um armário cheio deles, pedi-
lhe se poderia ficar com um para ter no meu quarto. Tirei dois, um
para dar à PK em sinal de agradecimento. Devo encontrar-
me com ela hoje ao almoço, dar-lho-ei nessa altura.

Estando a maioria das alunas presentes, a professora Mehmet bate palmas três ve
cesse a conversa fiada de cerca de trinta raparigas na mesma divisão.

— Espero que todas tenham andado ocupadas a decorar as vossas deixas.
parámos da última vez, que foi, deixem-
me cá ver… Ah, sim, a morte do Porquinho.

— Ohhhhh.

— Muito bem, Lucy, mas vamos deixar o drama para quando estivermos no palc

— Professora?

— Sim, Phoebe?

— É-nos permitido termos os nossos guiões connosco?

A professora suspira, coloca as mãos nas ancas, os seus volumosos seios a
dois segundos antes de se deterem.

— Não, por esta altura, já todas deviam estar perto de saber as vossas deixas de c
estiverem, temos aqui a Milly de prontidão para vos ajudar.

«Não.» Uma palavra que a Phoebe odeia ouvir. Essa e «Milly».

— Despachem-
se, vá. Vocês aí ao fundo, subam para o palco, larguem os telemóveis.

Rapariguinhas tontas.

Há barulho quando as cadeiras são arrastadas, o último punhado de raparigas sob
o palco. Vou ter com a professora Mehment para saber onde me devo sentar. Ela e
os espectáculos a sério, ficarei no palco, escondida atrás das cortinas, mas que iss
agora.

— Senta-
te na primeira fila e acompanha o guião sem saltar nenhuma deixa, está bem?

Ao olhar para o palco, consigo ver pela cara da Phoebe que está apavorad
deixas. Está sentada numa cadeira, no lado esquerdo do palco, a ler cada
freneticamente. Tarde demais. O espectáculo vai começar.

— Chiu, pessoal, vamos começar. E… acção!

Esta é a deixa da Phoebe, o início da cena. Tem os pés cruzados, encolhi
assento, mas não quietos, o direito sempre a mexer, um tique nervoso. O guião ag
lado. Uma tentação. Vejo-
a olhar para baixo, depois para mim. Sustento o seu olhar por um momento,
saboreio o facto de ela precisar de mim, depois digo a primeira deixa.

— Sem os óculos do Porquinho, Ralph é…

— Incapaz de acender a fogueira.

Ela interrompe-me, termina a frase, prossegue.

— Ralph sopra no búzio para convocar uma reunião.

— Saafi, tu fazes de Ralph, finge que estás a soprar no búzio.

As raparigas que sabem as suas deixas, a maioria, assumem o controlo a partir da avançando bem, até que chega novamente a vez da Phoebe. Ela hesita, engana-se, faz figura de parva.

Sente-se pior do que nunca, imagino eu.

— Não, não, não! — ouve-se a professora Mehmet bradar. — Phoebe, isto é inaceitável. O que faz de ti uma pessoa tão ocupada e importante que nem decoras as tuas deixas? Tenh ela quase nem precisa do guião, sabe tudo de cor.

Ai!

— Eu sei as minhas deixas, professora, só que estou sempre a esquecer-me delas.

— Pois, isso não chega. Se continuares assim, não terei outra escolha se n Milly. Percebeste?

A Phoebe assente com a cabeça, fica calada, não se atreve a dizer o que professora. Quando o ensaio acaba e estamos a sair do auditório, ela chega se a mim por trás e sussurra-me ao ouvido:

— E então o Porquinho morre.

Almoço com a PK na sala dela e reparo que ambas escolhemos a mesma sanduícl queijo. Quando terminamos, ela levanta-se, prende uma folha de papel num dos cavaletes e diz:

— Estás à vontade para começar a desenhar quando te apetecer.

Tiro a vela de dentro da mochila.

— Isto é para si.

— Para mim? Porquê?

— Para agradecer ter-me ajudado com as raparigas.

— É muito querido da tua parte, Milly, mas não é permitido os professore dos alunos a não ser que seja Natal.

— Estamos quase a meio do período, o Natal não é muito depois disso.

Sorrio-lhe, vou até à sua secretária, pouso a vela.

— É de baunilha. Tentei encontrar uma da alfazema, sei que teria gostado.

Ela pega na vela, cheira-a, volta a pousá-la na secretária.

— É muito agradável, mas a sério que não posso…

— Não faz mal, foi uma tolice minha. Pode deitá-la fora se quiser.

Dirijo-me ao cavalete, sento-me.

— Não fiques aborrecida, Milly. Foi um gesto muito bonito, mas as regras razão.

O telefone sobre a sua secretária toca, o ruído, estridente contrasta com a sala, um intruso bem-vindo. Ela atende.

— Sim? — Uma pausa, e depois: — Sim, ela está comigo. Agora? Está bem, vou la descer.

— Pousa o telefone. — A Sr.ª Newmont está na Recepção.

— O quê? Porquê?

— Não sei bem. Era a Sr.ª McDowell da Secretaria ao telefone. Mas devias ir ver

Más notícias. Más o suficiente para a Saskia vir à escola.

— Em relação à vela, Milly…

— Tudo bem, eu compreendo.

Eu também não quereria receber um presente meu.

A Saskia sorri quando chego ao pé dela na Recepção. Ela não sorriria, po realmente mau? Algo sobre mim?

— Aí estás tu.

— Porque estás aqui?

— O Mike ligou, pediu-me que viesse buscar-
te, ele está a caminho de casa. A June já voltou de
férias, acho que ela precisa de falar contigo sobre qualquer coisa. Tens tudo?

Digo que sim com a cabeça.

— Já assinei a tua saída. Vamos.

Sigo as suas
leggings justas, as ancas ossudas, até ao carro. Uma noite destas, quando eu estav preparar um chá para a Saskia, o Mike entrou na cozinha para pôr as suas gotas o o
inclinar a cabeça para trás. Apertou. Uma gota. Pestanejou. A sequência fe me lembrar de ti.

Adoravas ensinar-
me química, as reacções que causam dor. As horas que passavas a navega Internet, a aprender. As gotas oftalmológicas transformam-
se em veneno no chá. Também me
ensinaste isso. Não querias apenas uma ajudante, querias alguém que desse trabalho.

Chegadas a casa, a Saskia diz:

— Acho que já estão no escritório. Queres que vá contigo?

— Não, está tudo bem. Talvez seja melhor se for só eu e o Mike.

— Eu compreendo. Estarei por perto se precisares de mim.

Ignoro a
Rosie a saltitar junto das minhas pernas, desejosa de ter companhia e mimo duran

Os meus sapatos ecoam no chão de mármore, sozinha enquanto caminho, o meu c

Porque é que a June está cá? A porta do escritório está aberta, entro. O M
se, um erro,
demasiado formal, a sua expressão tensa. Passa as mãos pelo cabelo.

— Olá, Milly — cumprimenta-me a June.

— O que se passa? — pergunto.

— Senta-te, vamos conversar sobre tudo.

— Não me quero sentar.

O Mike aproxima-se de mim.

— Senta-te ao meu lado no sofá.

Não tenho escolha, a June está na minha poltrona, a almofada de veludo ao seu l

— Falo eu, Mike? Ou queres ser tu?

— Começa tu.

— Muito bem. Hoje de manhã, o Simon Watts, um dos advogados, ligou-me.

O Magricela.

— Precisava de te contar duas coisas e queria fazê-
lo pessoalmente e o mais depressa possível,
para o caso de a Imprensa conseguir ficar a saber. A primeira é que, defi
chamada a testemunhar no julgamento. Tal como esperávamos, a Defesa qu
se nos
acontecimentos mais recentes, ou seja, nos últimos dias que passaste em ca
incluindo a morte do Daniel. Querem esclarecer alguns aspectos.

— Esclarecer o quê? — pergunto.

— Lamento ter de te dizer que não sabemos. O que o Simon disse foi que provav
deitar areia para os olhos, a Defesa deve estar a querer gerar expectativas. Infeliz
estratégia é muito utilizado nas semanas que antecedem um julgamento.

A minha pálpebra esquerda começa a tremer, um marionetista escondido a puxar

Relembrando-me de que ainda és tu quem manda.

— Mas, seguramente, descobriremos antes do julgamento, não, June? — pergunt

— A não ser que tenham de ser apresentadas novas provas, não, é pouco prováve
saber exactamente aquilo a que a Defesa se refere até ser chegada a altura. Pode s
como a Milly ter de clarificar algo que viu ou ouviu. Os nossos advogados estão
não surgirá nada de novo durante o julgamento.

*Mas eles não te conhecem, pois não? Não sabem como é que a tua mente funcion
gostas de brincar com as pessoas*.

— Então, ao certo, o que é que a Milly terá de fazer?

— Terá de se apresentar em tribunal duas vezes. Uma para a Procuradoria a inter
a Defesa o fazer. Importa não esquecer, Milly, que a qualquer momento p
medidas especiais, o teu depoimento não precisa de decorrer na sala de audiência

— Talvez não seja má ideia, tendo em conta que não temos a certeza sob
advogados de Defesa vão fazer. O que achas, Milly? — O Mike gira todo
voltado para mim.

— Não sei. Continuo a querer fazê-lo, preciso de o fazer, mas tenho medo.

— De que é que tens medo?

— Que ela queira fazer com que me culpem.

— Ninguém te vai culpar, Milly.

— Não sabes isso, não és o júri.

— Não, não somos o júri — responde a June. — Mas o tribunal irá encarar-
te como uma menor
que vivia com ela em casa sob coacção. E, para tornar tudo mais fácil para ti, os
prepararam algumas perguntas de exemplo, para tu e o Mike verem juntos.

Dito assim, parece tão simples. Como aprender o ABC. Mas aquilo que v

tribunal não tem nada de simples.

— E ela vai ter oportunidade de rever a denúncia que fez?

— Sim, claro. Na semana que antecede o julgamento, pedir-te-ei que leves a Milly ao tribunal para conhecer o espaço e também para assistir ao vídeo do depoimento que deu. U que o suficiente — pode ser muito traumatizante ter de voltar a passar por tudo e dúvida e confusão nas testemunhas. Pode fazê-las sentir-se pressionadas para «decorar» o seu

depoimento, quando, na verdade, o que encorajamos é que se concentrem serão feitas.

A reacção do Mike é dizer:

— Suponho que faz sentido. Podemos voltar a falar sobre tudo isto mais agora, tens alguma pergunta a fazer?

— Não.

Tal como a Phoebe com a professora Mehmet, nada que eu possa dizer em voz al

— Vou poder estar na sala de audiências com ela, June?

— Não, duvido. Num caso tão mediático como este, é provável que o juiz fa ordem de anonimato, com o menor número possível de pessoas presentes. incidentes de fugas de informação para a Imprensa sobre o que se passou estarei sempre lá, sentada ao lado da Milly. Tu e a Saskia, se ela assim o desejar, numa das salas reservadas às famílias.

— Disse que tinha duas coisas para me dizer. Qual é a outra?

— A outra é que a data do tribunal foi alterada. O caso que devia anteceder o nos o que libertou a agenda do juiz — explica a June. — O julgamento foi antecipadc começará de segunda-feira a três semanas.

Quarenta e cinco passa a vinte e quatro.
Sou boa a matemática, principalmente no que a ti diz respeito.

— A semana depois das férias do Outono — ouço-
me dizer. — Não vou estar preparada.

— Vamos assegurar-
nos de que estarás. June, há mais alguma coisa que possamos fazer entretanto para que a Milly se sinta, de facto, preparada?

— Por estranho que pareça, nada assim de muito diferente do que têm feito até ag
com as sessões semanais, aumentem a frequência se algum de vocês achar que é n
que eu estiver de volta ao escritório, reencaminhar-vos-
ei as perguntas dos advogados.

— Então, para além de analisarmos as perguntas, continua tudo como está?

— Exactamente. Ah, é verdade, estarão por cá nas férias? É provável que tenha de rever o seu depoimento.

— Sim. A Phoebe vai para fora com a escola e talvez nós demos uma escapadela não para muito longe, só mesmo para espairecer um pouco. Por isso, podemos est altura em que seja preciso estarmos.

— É uma boa ideia tirar uns dias, não dar nas vistas por uns tempos. A Imprensa amanhã que o julgamento foi antecipado e, tal como já falámos anteriormente, pr

em gerir o facto de estares tão exposta às notícias, Milly. Alguma das raparigas da ao caso?

Poderia contar a verdade, que a querida filha do Mike gosta de ler sobre ti em voz devias arder na fogueira, tem toda uma audiência aos seus pés a concordar com el que ele saiba como o clima é mau entre mim e a Phoebe. Sei a quem seria mostra porta da rua.

Portanto, digo que não, que nem por isso.

— Óptimo. Eu sei que é difícil, mas a melhor maneira de lidar com a sit simplesmente afastares-
te. Estou perfeitamente consciente de que é muita coisa para digerir, mas estás em excelentes mãos com o Mike e, se depois de eu me ir embora te ocorrer me queiras perguntar, pede-lhe que pegue no telefone ou me escreva um *e-mail*. Está bem? — Ela aproxima-se, está prestes a tocar-

me no ombro, recolhe a mão no último instante quando se lembra.

Ajoelha-
se à minha frente, um hálito a café velho. — Não vai ser tão mau quanto pensas q
ser.

Olho-
a de cima. Empenhada, lá isso ela é. Não faz a menor ideia, porém.
Não vai ser tão mau
quanto pensas que poderá ser — não, June, será ainda pior.

Depois de o Mike a levar à porta, digo-
lhe que quero ficar sozinha, preciso de tempo para digerir tudo.

— Sim, claro. Estarei aqui quando estiveres preparada para falar.

De pé junto ao lavatório da minha casa de banho. A lâmina sobre a minh
mais força do que o habitual. Uma faca a cortar manteiga. Um relâmpago
costelas. Gotas vermelhas, quentes.

Mas nenhum consolo.

16

Mal dormi. Sempre que fechava os olhos, via-
te, na tua cela. Sorridente, contente com a maneira
como as coisas estão a correr. Como o teu plano está a ser posto em prática. Com
decrescente, a carvão, no lado de dentro do armário na parede da casa de banho. C
até ao julgamento. Pensei que ia ajudar, mas, quando escrevo o número, as minha
tremer. Advogados e membros do júri. O juiz.

E tu. Ali, atrás de um painel.

À espera.

O Mike mandou-
me uma mensagem logo pela manhã a avisar que ia mais cedo para o tral
tinha um dia cheio de pacientes, mas gostaria de pôr a conversa em dia amanhã o
feira.

Não há nada que ele possa dizer ou fazer. Já o disse: «A única forma de sair é atra

A Phoebe vira-
me as costas mal entro na cozinha, barra duas torradas com manteiga. A Saskia es
junto ao lava-louças. Uma peça sobressalente.

— Bom dia — cumprimenta-me.

— Olá. Queria só avisar que vou sair hoje à tarde, vou tirar fotografias para um tr
Plásticas.

— Tudo bem — responde ela. — Também vou andar no entra e sai, mas talvez po
um filme mais tarde! Um filme daqueles para raparigas.

— A seguir ao pequeno-
almoço vou directa para casa da Clondine, portanto, não contem comigo…

não que te importes com isso… — responde a Phoebe, atirando com a fac
louças e saindo, de torrada na mão.

— Então e tu, Milly? Achas que te apetece?

— Talvez, mas não sei até que horas vou estar fora.

Como o meu pequeno-
almoço sozinha, grata por me ir encontrar com a Morgan mais tarde. Nas
mensagens que me manda, fala sobre como sonha viver noutro lugar qualquer, lon

Já lhe escrevi uma mensagem uma centena de vezes, apagando-
a antes de a enviar. Acho que, se
algum dia lhe contar sobre ti, será cara a cara.

Encontramo-
nos à tarde conforme combinado, numa das ruas paralelas, longe da estrada princ

Ela esboça um movimento rápido para cima, com a cabeça, quando me aproximo
enorme sorriso estampado no rosto.

— Muito bem — diz —, tiveste saudades minhas?

Sorrio-lhe, o que ela interpreta como sendo a minha resposta.

— Anda lá, vamos.

— Onde vamos? — pergunto-lhe.

— Encontrar-nos com uns amigos meus.

— Que amigos?

— São só dois rapazes que conheço.

— Temos mesmo de ir?

— Qual é o problema?

— Nenhum, não tem importância.

Atalhamos caminho por duas ruas por onde ainda nunca tinha passado. Um sosse
feiras de fim-de-
semana não chega até aqui. As casas vão ficando menos brancas, mais pequenas,
em breve estamos noutro bairro social. Quando dobramos a esquina e vamos a atı
fila de carros pretos primeiro e na igreja depois. Vai a sair um pequeno grupo de p
dianteira, de cabeça baixa. Uma mulher a ser amparada pelos dois homens que a l

— Espera, deixa-os entrar nos carros, Morgan.

— *Nã*, é na boa, anda.

À medida que nos aproximamos, vejo o caixão, a madeira castanha polida
janela da carreta funerária, o sol de Outubro a penetrar o vidro. Uma corc
motoristas dos carros abrem as portas, elegantes nos seus uniformes, segurando o
corpos. Paro antes de chegarmos perto deles. Interromper a sua procissão, me
errado. A Morgan continua a andar, alheia, prosseguindo pelo meio das pessoas e
carros estão cheios e arrancam e o padre volta para dentro da igreja, deixo-
me ficar à porta por mais um minuto ou dois, a pensar no meu pai. Ele foi-
se embora antes do pior, mas deve ter visto as
notícias, deve saber. Fugiu. Escondeu-
se. Em negação em relação à mulher com quem casou, em

negação em relação a quem escolheste em detrimento dele.

A Morgan assobia e faz-
me sinal com um ar impaciente. Assim que me junto a ela, pergunta-me
porque parei.

— Por respeito, suponho.

Ela cospe para o chão, faz uma cara de quem não percebe ou não quer s
se uma
pequena chama dentro de mim. De uma lição, é disso que ela precisa, e eu sou un

Viramos a esquina para uma rua residencial, blocos de prédios altos de ambos os
direita, com grades de ferro nas janelas. Entramos no bairro social à nossa esquer
lo
até chegarmos a um pequeno parque infantil, o chão uma lixeira de estilhaços de

de *fast-*
food. Não há crianças a brincar, apenas dois rapazes mais velhos sentados
carrocel, com latas de cerveja na mão.

— Muito bem, imbecis — cumprimenta a Morgan.

— Cala a boca, sua otariazinha — retruca um dos rapazes, um boné na cabeça, ur
na orelha direita.

A Morgan sobe para o carrocel, tira-
lhe a lata da mão, bebe um gole de cerveja, arrota em seguida,
o que lhes arranca uma gargalhada. O outro rapaz, cheio de borbulhas no pescoço
pergunta:

— Quem é esta?

— É a Milly, mora em frente a mim.

— Nada mal — comenta ele. — Vem sentar-
te aqui ao pé de mim, fazer amizade.

— Estou bem assim — respondo, sentando-me no banco de jardim ali ao lado.

— És boa demais para nós, é?

Sorrio, tento não parecer intimidada.

— Vais dar-me uma cerveja ou quê? — pergunta a Morgan.

— O que é que recebo em troca? — riposta o rapaz de boné.

— O prazer da minha companhia maravilhosa, claro. — A Morgan levanta-se e faz uma vénia exagerada.

O rapaz de boné chama-se Dean, o amigo refere-se a ele por esse nome quando diz:

— Aposto que sei aquilo que realmente querias.

— Nem me fales — responde o Dean.

Acendem os seus cigarros, oferecem-me um.

— Não, obrigada.

— És toda bem-comportadinha, não és?

O Dean puxa a Morgan para junto dele, começa a fazer-lhe cócegas. De início, ela resiste-lhe, mas, depois de ele lhe sussurrar qualquer coisa ao ouvido, ela responde, aposto que se com ele. Desaparecem dentro de uma pequena casa de brincar, pintada com nomes e *graffiti* no telhado. Tento acalmar o pavor em crescendo no meu âmago. São coisas que estão a acontecer à Morgan. Quero ir até à casota, ajudá-la, mas, às vezes, tentar ajudar, fazer uma coisa boa, pode acabar por significar fazer uma coisa má.

O amigo do Dean levanta-se e vem sentar-se ao meu lado, com as suas unhas todas estragadas.

Roídas. Coloca o braço atrás de mim, pousando-o ao longo das costas do banco de jardim, toca com a mão no meu ombro.

Toca-me.

Tento ignorar a comoção que ouço chegar de dentro da casota, de corpos se. A
Morgan, a minha amiga, de joelhos ou deitada de costas. O rosto do rapaz se do meu
pescoço, os barulhos do interior da casota substituídos pelo som da sua saliva enq pastilha elástica. Sinto um arrepio, deveria levantar-
me, não sinto as pernas. Bloqueada.

— Estás com frio? Posso aquecer-te.

O cheiro a álcool, o cigarro na sua mão, a proximidade da cara dele com a minha me.

Até ti.

Uma sombra, um dossel feito de amor pervertido e luxúria, a sufocar-
me todas as noites na minha cama. Tu.

Ele apaga o cigarro no espaço que há entre nós no banco de madeira. Ati o para o chão, um
cemitério de beatas. Retorcidas em posições estranhas, os pescoços partidos, os c

Ele pousa a mão na minha coxa, começa a fazê-
la subir, ligeiramente, aos poucos. A palavra «não»

aloja-se na minha garganta, não sai. Não consigo proferi-
la. Seja como for, não resultaria. «Não»

significava «sim», significava que tu conseguias sempre aquilo que querias. mesma. Quando os lábios dele entram em contacto com a pele do meu pescoço, n lhe pertencem, mas sim a outra pessoa. Nunca quis ser tocada desse modo tocasses desse modo.

— Deixa-me! Deixa-me em paz, já disse! — digo, levantando-me de um salto.

— Céus, mas que raio de problema é o teu?

Vou até à casinha de brincar, desato a bater no telhado, cada passo que dou pontua

do regresso à nossa casa, ao teu quarto.

— Morgan. Morgan. Vamos, quero ir embora agora.

O rapaz dentro da casota diz que sou uma aberração. Uma desmancha-
prazeres. Uma cabra. Ouço o som de um fecho a subir.

— Acalma-te, dá-me só um minuto — responde a Morgan.

Apresso-
me pela ladeira acima, para longe deles, em direcção aos carros no estacionament
gato preto escondido debaixo de um deles. De olhos fechados, em paz. Tr
caminho. Não o faz. Estou zangada, zangada com a Morgan. Ninguém a obrigou,
a sorrir, continua sorridente enquanto caminha até mim. Uma lata de cerveja na m
gargareja, cospe. Porca.

— Porque estavas a passar-te?

— Quero ir para casa.

— Raios te partam, como se nunca tivesses feito cenas do género.

Não respondo, não sei como explicar.

— Posso ir para a tua casa contigo? Podias deixar-
me entrar à socapa pela varanda.

Devia dizer que sim. Ela precisa que alguém tome conta dela, a mantenha longe d
de se comportar melhor. Eu podia ajudá-la nesse aspecto.

— Então? Posso?

— Sim.

No caminho de regresso a casa, dás-
me instruções, ideias sobre como ensinar a Morgan, como a

«ajudar» a ser limpa, mas o que dizes assusta-
me, não me soa bem. Não quero fazer-lhe isso, ela é
tudo o que tenho, é a minha única amiga. Preciso dela. E é por isso que, quando e

uma fileira de carros estacionados para atar os atacadores, o faço — olho. Norma
normalmente não quero reavivar a memória, mas desta vez encaro a janela do car
qual a minha é cópia chapada, olha-me de volta. ACEITA QUEM ÉS, ANNIE.

— Não quero — respondo.

— Com quem estás a falar? — pergunta a Morgan ao levantar-se do chão.

Abano a cabeça, ela sorri, chama-
me maluca e diz: Não te preocupes com o que aconteceu no
parque. Eles não passam de uns parvalhões. E chego à conclusão de que podes di
sobre mim aos advogados, já o fizeste de certeza, mas a Morgan é minha. Eu é qu
lhe que mudei de ideias, é demasiado arriscado esgueirá-
la para dentro de casa com a Saskia por perto.

Ela fica chateada, diz que assim terá de ir para a casa dela e aturar o irmão e a irm
novos. Obrigadinha, Mil, diz ela antes de se afastar.

Quero dizer-lhe de nada. Mas ela não compreenderia.

17

As perguntas são simples e directas quando o Mike as faz. É psicólogo, está prog
apoiar e amparar, mas os advogados de Defesa não.

O Mike lê as perguntas em voz alta: O que viste exactamente pelo buraco na pare
que o Daniel Carrington morreu? Durante quanto tempo estiveste a espreitar pelo
certeza de que foi isso que viste a tua mãe fazer? Tens a certeza absoluta? O que a

Por favor, diz ao tribunal outra vez. E outra vez.

Quanto terminamos, o Mike diz-
me que me saí muito bem. Pousa a folha de papel onde tem as
perguntas e diz que lamenta o facto de eu ter de estar a passar por isto. Que toda e
estar a fazer-
me sentir muito exposta, a ideia de responder a perguntas em frente aos ju
juiz. Sim, está, confirmo, é assustador não saber o que poderá acontecer nesse dia
dito. Mas vou ficar bem, acho que ir a tribunal, encarar-
te, é a minha forma de ajudar as crianças a
quem fizeste mal. A minha forma de assumir responsabilidades. O Mike fa

sobrevivente e como isso pode fazer com que uma pessoa se sinta mais re
verdade é. Por vezes, penso que te sentes assim, que achas que a morte daquelas c

Estou certo?, pergunta ele. Não sei bem, respondo-lhe. Às vezes, sim. Não fizeste nada de errado, tranquiliza-me ele. E, se a tua mãe disser algo em contrário, é só ela a tentar contin
abuso sobre ti.

Uma explicação bonita, um laço numa fita.

Falamos sobre aquela vez em que fomos de carro até Manchester nas férias. Eras
cuidadosa, a espalhar por grandes distâncias aquilo que fazias. A rede clan
desesperadas que sentiam confiança suficiente em ti para te entregarem um
remotamente, nesse sentido durante anos. Mais uma vez, a tua camuflagem
também teres uma filha. Poderíamos ter continuado assim indefinidamente, mas t
do Daniel, alguém que eu conhecia. Demasiado próximo.

— O que dirias ao teu eu mais novo para te dar algum conforto nessa altura?

— Não sei.

— Tens de tentar. O que gostarias de ter ouvido?

Que era diferente de ti.

— Que um dia tudo teria um fim.

— Tu puseste-lhe um fim. Foste muito corajosa em teres ido à Polícia.

— Esperei demasiado tempo. Já muitas coisas más tinham acontecido.

— Se pudesses ter sido ouvida mais cedo, o que terias dito?

— Ajudem-me. Deixem-me em paz.

— Como poderias ter recebido ajuda se querias ser deixada em paz?

— Não sei, é só o que eu sinto.

— Assustada, acho eu. Então e se tivesses dito: «Ajudem-me, levem-me para algum lugar seguro»?

Conto os livros que há nas estantes. Os números ajudam. Então começo a chorar, para esconder o rosto. O Mike fica ali sentado em silêncio, deixa-
me chorar, depois diz:

— Tu mereces isso, Milly, a sério. Mereces sentir-te segura e ter uma vida nova.

Baixo a almofada. A cara dele é tão convidativa, a olhar para mim. Ele quer ajuda
me a sentir-me melhor, consigo ver isso, mas ele simplesmente não compreende.

— Não compreendes, Mike. Pensas que me conheces, mas não conheces.

— Acho que estou a começar a conhecer-
te. Acho que te conheço melhor que a maioria das pessoas. Não achas?

Se isso fosse verdade, ele saberia o que dizer. Ele saberia que a melhor maneira d
dizer-
me que posso ficar. Que vai zelar por mim. Mas tenho demasiado medo d
assim que o julgamento terminar, terei de ir embora. Começar do zero. E não há n
quanto a isso.

— Podemos parar, Mike? Já passou mais de uma hora. Estou cansada, quero ir de
me.

Ele percebe que me fechei em copas, sabe que por agora é melhor tirar o pé do ac

— Está bem, deixa-me só ir buscar a tua medicação para a noite.

Escondo os comprimidos junto dos outros, ligo o meu portátil para saber se há alg
nas notícias. Foste levada para a solitária, não há mais informações para além do
presidiária ter tentado atacar-
te no seguimento de ser anunciado que o teu julgamento foi antecipado.

Importa proteger-te, imagino, a pressão da opinião pública para te manter viva.

Para te fazer pagar.

18

As mãos sujas, uma toalha no lavatório. O Mike devia ter-
me deixado onde me encontrou de

madrugada depois da nossa sessão. Na escuridão da cave.

A Phoebe está no patamar das escadas quando saio do meu quarto, empol
corrimão, o telefone colado à cabeça, um pé assente na alcatifa. As unhas
perfeição, de cor-de-
rosa. Ergue o olhar quando vou a passar e pergunta: Que barulheira toda
aquela durante a noite? Acordaste-me. Respondo-
lhe a primeira coisa que me vem à cabeça:

— Estava com dores de estômago. O Mike trouxe-me uns comprimidos.

— Sim, olha, para a próxima, faz menos barulho.

Prossigo caminho, deixando-a para trás, desço um lanço de escadas, viro-
me e pergunto:

— Como te estás a sair com as tuas deixas para a peça?

Ela mostra-me o dedo do meio e só com os lábios diz: «vai-
te foder». Ela sabe que o Mike e a
Saskia andam pela casa e facilmente a ouviriam.

— Avisa-me se eu puder ajudar em alguma coisa — respondo com um sorriso.

Afastando-se do corrimão, precipita-se para o seu quarto e bate com a porta.

Na cozinha, encontro a Saskia sentada à mesa a bebericar de uma caneca grande,
as mãos magras, as veias pronunciadas desde os nós dos dedos até aos pulsos. Cu
me com
um «bom dia», os olhos perdidos no vazio, mais uma questão de boas-
maneiras do que uma verdadeira tentativa de estabelecer um diálogo.

— Ovos? — oferece o Mike, de colher de pau na mão.

Usa um avental com uma imagem do James Bond e por baixo a frase «L

Reparando que estou a olhar para o avental, solta uma pequena risada, ten
preocupação. Como ele se deve sentir inadequado. Mesmo depois da nossa sessã
da cabeça.

— A Saskia comprou-o no Verão passado nos meus anos. Não foi, Sas?

— Diz?

— O avental.

— Sim, querido. Acho que sim.

Olho para o Mike quando ele se vira outra vez para o fogão. Alto. O corpo, forte

o cabelo louro-
escuro, raiado de alguns brancos. O peso de todas nós sobre os seus ombros largo
apesar de nunca o ter ouvido queixar-se.

— Aqui tens. Ovos mexidos.

Agradeço-lhe e sento-me ao lado da Saskia.

— Não vais comer um pouco também? — pergunto-lhe.

— Não, não. Gosto de comer mais tarde.

Ou de não comer sequer. O Mike vai até ao
hall, sobe ao primeiro degrau das escadas, grita por
Phoebe. São precisos dois gritos para que ela saia do quarto e responda:

— Um minuto e já desço.

Ele junta-se a nós à mesa e incita-
me a começar a comer, dizendo: Vá, força nisso. Pergunta-me se
tenho alguma ideia sobre o que gostaria de fazer nas férias de Outono.

— Tanto me faz. Por mim, fico bem aqui. Sei que são ambos pessoas ocupadas.

— Acho que a June estava certa, devíamos tirar uns dias e ir passear. Há um sítio
já lá estivemos, as árvores estão lindas nesta altura do ano.

— Ora, que acolhedor que isto é, não? — comenta a Phoebe quando entra na cozi

— Bom dia. Serve-te de ovos, junta-te a nós.

— O que se passou ontem à noite? Vocês acordaram-me.

— Já contei à Phoebe que tive dores de estômago e me levaste uns comprimidos.

O Mike hesita, não é do seu feitio mentir, mas chegará à conclusão de qu
fazer. Protector. Uma necessidade.

— Não ouvi nada — diz a Saskia.

Ninguém se mostra admirado.

— Sim, pois, demorei imenso tempo a voltar a adormecer.

— Desculpa lá, Phoebs — apazigua-
a o Mike. — Bom, estávamos mesmo agora a falar sobre as
férias da escola. É uma pena que não possas vir connosco.

— E fazer caminhadas numa floresta no meio do nada? Não, obrigada. Prefiro mi
Cornwall com os meus amigos.

Devon fica perto de Cornwall. Costumava ser a minha casa.

— Também há muitas florestas por essas bandas, sabes? — intervém a Saskia.

Não é uma má tentativa, quase com piada, mas a Phoebe não é da mesm
enche o copo com água da torneira. Vejo a mão do Mike ir do tampo da mesa par

Um capitão num navio aos abanões, é o que ele é. Um motim é possível. Prováve

— Tens de comer alguma coisa, Phoebs.

— *Nã*, não estou com fome, estou a fazer dieta.

— Não, logo pela manhã não estás. Precisas de tomar o pequeno-almoço.

— Porquê? Não estou a ver a mamã querida a comer.

— Ela não vai passar o dia inteiro na escola ou a liderar uma equipa de hóquei, p

A Phoebe resmunga em voz baixa com o copo quase a tocar nos lábios: l
nada, como de costume.

— Então, pelo menos, vai à despensa buscar uma barra de cereais para comeres n

— Está bem — concede ela. — Como queiras.

Saímos juntas para as aulas, não temos escolha, o Mike e a Saskia vão despedir-se de nós à porta.

Separamo-
nos mal chegamos à casa a seguir à nossa. Observo o seu corpo atlético c atravessa a estrada, a caminhar com autoconfiança, todo um outro mundo em rela no seu interior. Há duas semanas, desci até à lavandaria, na cave, para ir buscar u ouvi vozes. A Sevita estava a passar a ferro, a Phoebe estava sentada no chão de p fazer os trabalhos de casa. A Sevita levantou o olhar quando entrei, sorriu e cump me: Olá,
Menina Milly. A cara da Phoebe disse tudo. Zangada, ciumenta. Não queria que e queria partilhar. Aquilo que não consegue obter da Saskia, encontra-
o noutro lado, precisa disso.

Passar pelo bloco de prédios altos relembra-
me que me esqueci de avisar o Mike e a Saskia de
que vou chegar mais tarde da escola. Mando uma mensagem a ambos a dizer que dos adereços para a peça de teatro, devo chegar a casa por volta das seis ou das se pequenina, branca. Estou desejosa de voltar a ver a Morgan. Cuidei dela no fim-de-semana, mandei-a
ir para casa. Não tenho conseguido pôr de parte a ideia de lhe contar sob suficiente para poder conversar sobre isso se quiser. A June não aprovaria. me uma nova
identidade para que me sentisse protegida. Invisível. Ninguém saberia quem cidade enorme, disse ela, serás apenas mais uma entre a multidão. O mais importa é nunca revelar a ninguém quem és ou contar seja o que for sobre a tua mãe. Com é importante? Sim, foi a minha resposta, continua a ser, mas nunca me tinha ocor seria.

O dia arrasta-
se. Alemão, depois Música. Matemática e Artes Plásticas. A PK não é a r professora. Penso nela a passar tempo com outras raparigas, a conversar. A mandei-lhe mais um *e-*
mail a perguntar se podia ir ter com ela, mas não me respondeu.

Biologia, a última aula de hoje. Dissecação. O coração de um porco. O hu
praticamente. Os ventrículos. As aurículas. A importante veia cava. Sei mu
entranhas de um ser humano.

Gloriosos em toda a sua vermelhidão, quinze corações dispostos nas bancadas qu

um para cada rapariga. O professor West, metade cego, metade velho, manda-
nos seguir as instruções
que estão no quadro branco para que toda a turma possa ler.

As lâminas de prontidão.

E eis-
nos a talhar, um corte aqui, um golpe ali. Uma luta para algumas das rap
para mim. Sou a primeira a terminar. Fito o coração, agora em pedaços es
tabuleiro cinzento. Dois bisturis ensanguentados e uma pinça, os responsáveis. Es
em meu redor. Que nojo!
Uh, odeio Biologia, mal posso esperar pelo próximo ano para não ter esta
disciplina. Dá-
me uma ajudinha com o meu… Nem pensar, quase nem consigo fazer o meu!
Blah!

Levanto a mão. Passado um minuto ou dois, o professor West ergue a sua
perscrutar a turma.

— Já acabei, professor.

— Então vai lavar as mãos e anota as tuas observações.

Depois de usar o lavatório, regresso ao meu lugar, abro o livro de exercícios num
começo a escrever, até que as ouço. A Clondine e a Izzy a soltarem risadinhas, as
frente à minha a espreitar-me por cima dos ombros. Viram-
se para a frente quando eu olho.

Recomeço a escrever. É então que…

Um coração acerta-me na cara.

Faz ricochete na minha bochecha esquerda, escorrega para o meu peito, cai ao ch
a bata. Levo a mão ao rosto. Pegajosa. Fico com sangue nos dedos. A Izz

me, a Clondine a
vigiar, embora o professor não constitua uma grande ameaça. Viro-
lhes as costas. A minha camisa
está manchada, o sangue do coração que pertence ao porco podia perfeitamente s

— Está na hora de arrumar — anuncia o professor West.

— Ainda não terminei, professor — ouve-se lá da frente.

— O relógio não pára, Elsie. Devias ter sido mais rápida.

Mexer-me-
ia se pudesse, contudo, não consigo sentir as pernas. Não. Consigo. Sentir. Aos ol
delas, serei sempre uma aberração. Sei que o professor vem na minha dire
sapatos. Uns brogues castanhos, de pele, aposto que os engraxa todos os dias. Pár

— Valha-
me Deus, rapariga, o que andaste tu a aprontar? Disseste que tinhas acaba
estás cheia de sangue na camisa e na cara. Vai limpar-
te e, por amor de Deus, apanha aquele coração do chão.

Ouço risos abafados enquanto o professor West prossegue caminho.

A Zoe, uma rapariga da minha bancada, uma testemunha silenciosa, baixa-
se e apanha o coração com um toalhete de papel, entregando-
me outro para eu limpar a cara. Deu-se ao trabalho de o
humedecer primeiro. Com o dedo, indica-me onde devo esfregar.

Anuo, agradeço-
lhe, desejando ainda ser uma criança pequena e ter quem o fizesse por mi
Clondine e a Izzy exibem-
me sorrisos sarcásticos quando vamos a sair do laboratório. Os corredores
estão cheios, mas abrem-
se alas para eu passar. É sangue o que ela tem na camisa? Acho que sim, *yack!*
Vou à casa de banho da ala de Ciências mudar para as calças de ganga e a camis
que escondi na minha mochila hoje de manhãzinha. Nada de uniformes no
especialmente não um deste colégio. O meu telemóvel toca. Ajoelho-
me e tiro-o da mochila. É a
Morgan, quer saber se o plano de ir ter com ela se mantém de pé. Ao re
maquilhagem familiar esquecido no chão do cubículo ao lado, respondo-

lhe que chegarei dentro de
vinte minutos, há uma coisa que preciso de fazer primeiro.

Quando chego ao terraço do bloco de prédios, ela está a fumar um cigarro e diz:

— Está ali um pássaro que acho que tem a asa toda estrafegada.

— Onde?

— Ali ao fundo.

Aponta para uma caixa de plástico e explica:

— Estava a esvoaçar por todo o lado, a dar-me cabo dos nervos, então tapei-o com a caixa.

Aproximo-me, agacho-
me, espreito pelos buraquinhos no plástico. Em forma hexagonal. Um pombo, uma asa pendurada. Partida. A sua cabeça move-
se rapidamente, um balançar contínuo. Não
sei por que motivo, mas abano a caixa, um turbilhão de pânico no seu int arrulhar. Um SOS para os seus amigos: Voa para longe, Peter, voa para lo se-ia a eles se pudesse, mas não pode, foi apanhado. A Morgan põe-
se de cócoras ao meu lado e pergunta-
me o que estou a fazer. Levanto um dos lados da caixa, enfio a mão lá dentro e ag força. Seguro-
o contra o chão, um batuque minúsculo a reverberar sob os meus dedos. U partida, não um coração partido. Por enquanto. O pombo começa a arrulhar de no outros. Os olhos vidrados e as cabeças que balançam para a frente e para telhados, os bebés a assistir também, os adultos obrigam-nos.

Sou rápida, é o gesto mais humano.

— Foda-se, que nojo! Porque fizeste isso? Céus!

A Morgan desvia o olhar.

— Teria sido pior se não o tivesse feito. Teria morrido na mesma, mas lentamente

— Podíamos tê-lo levado ao veterinário ou assim.

— Estava a sofrer, mas agora já não está. Ajudei-o.

— Antes tu que eu.

Sim.

Volto a tapá-
lo com a caixa e regressamos para perto da conduta, deitamo-
nos quietas como
estátuas sobre o chão frio, o céu cortado pelo ruído dos aviões que passar
caminho do aeroporto de Heathrow. Preparar teletransporte, Scotty[2],
qualquer lado serve. A
Morgan acende mais um cigarro, dedos azuis de fumo que se movem em
acima de nós. A respiração das bruxas.

— Porque estás tão calada? Hoje não tens nenhuma história para me contar?

Só uma, mas não estou certa de que deva contá-la.

— Não, nem por isso.

— Que bela companhia me saíste. Não posso ficar muito tempo. O meu t
rígido.

*Só mais uns minutos, por favor. Deixa-
me pensar bem no que dizer antes de abrir a boca. A minha mãe* é. Não.
*Tens visto nas notícias, a mulher que. Não. Foda-se. O que estou a fazer? Não
devo contar a ninguém*.

— O que se passa contigo hoje? — pergunta a Morgan.

— Nada. Porquê?

— Ficaste com o dedo a sangrar. Olha.

— Desculpa.

— Não precisas de pedir desculpa. Mas, se tens alguma coisa a dizer, fala de uma

É como patinar sobre um lago com a superfície congelada. Parece-

nos seguro, sentimo-nos
seguros, mas alguém tem de ir à frente, a testar para ver se o gelo não cede. Ela g
amigas. Posso contar-lhe, não tudo, mas uma parte. Não posso?

— Se vais ficar calada, vou-
me embora. Prefiro ver televisão do que ficar em silêncio.

— Espera.

— C'um caraças, qual é o teu problema?

Está a ficar escuro ali em cima no telhado, só eu e ela. Mais ninguém es
precisa de ficar a saber. Ela gosta de mim. Não sou nem um pouco como

Não vai?

— Se te contasse uma coisa, continuarias a querer ser minha amiga?

— Sim, acho que podemos dizer tudo uma à outra, não podemos?

Faço que sim com a cabeça, porque é verdade. Ela manda-
me mensagens quase todas as noites, pergunta-
me se a Phoebe me está a causar problemas e diz para eu não me preocupar, porq
tudo sob controlo.

— O que me queres dizer?

— Não tenho a certeza se devo.

— Não podes começar e depois não terminar.

— A verdade é que nem devia ter dito nada.

— Pois, mas agora já disseste e não vou embora enquanto não terminares.

As regras são para ser… Não são?

— Mil, estás a começar a irritar-me. Tenho de me ir embora daqui a nada.

— Promete-me apenas que continuarás a ser minha amiga.

— Tudo bem, como queiras, eu prometo. Agora, diz-me.

Sento-me, enfio um pé numa das alças da minha mochila e arrasto-a para junto de mim. A Morgan também se senta. Peço-lhe o isqueiro, está demasiado escuro para ver alguma coisa sem ele. Tiro do bolso da frente da mochila a página do jornal, aquela que arranquei do jornal que convívio. Espalmo-a contra as minhas calças de ganga. É arriscado andar com esta página de lado para o outro todos os dias, eu sei, bastava a Phoebe ou a Izzy revistarem a m suas unhas bem arranjadas a alisar os vincos em cima da tua cara. A min parecidas.

— O que é? — pergunta a Morgan.

Penso em voltar atrás, queimar a página do jornal em vez de lha mostrar, mas não de ser capaz de deitar fogo à tua cara. Da primeira vez que acendo o isqueiro, ele se.

— Não vi, acende outra vez.

Da segunda vez, a chama ilumina a tua cara, a tua boca, os teus lábios. N fotografia, mas há um sinal no lado direito do teu queixo.

Desta vez, ela consegue ver de quem se trata.

— Raios me partam! Essa mulher é aquela de que falam nos noticiários, a que ma

— Sim.

— Porque estás a mostrar-me a fotografia dela?

A chama do isqueiro apaga-se. Porque é que estou? Puxa. Empurra. As coisas avariadas que as pessoas avariadas fazem. Tinha a certeza, quando saí da casa de banho da Morgan não faria mal. Que a opinião dela sobre mim seria diferente, não seria co colegas. Sei o que elas diriam, o que elas sentiriam. Mas elas não são minhas ami anseio ouvi-la dizer as palavras: não és nem um pouco como a tua mãe.

Pergunto-lhe o que pensa sobre o assunto, sobre ti.

— O que queres dizer com isso, o que eu penso? Ela é psicótica, claramente. O q
interessa?

— Então e se se tratasse de alguém que tu conhecesses?

— Como se isso fosse possível… Não me interpretes mal, acontecem muit

bairro, mas nada desse género.

Ela prometeu que continuaria a ser minha amiga, posso contar-lhe.

— Então e se se tratasse de alguém que eu conhecesse?

— Boa tentativa. Mas estamos em Outubro, não em Abril, não é Dia das Mentira

Uma certa ânsia por alívio morde-me os calcanhares, tenta-
me. Quero poder aliviar-me um pouco do fardo que tu és.

— Vê — digo-lhe.

Seguro a página do jornal ao lado da minha cara e volto a acender o isqueiro.

— Vejo o quê?

— Olha lá para a cara dela, depois para a minha.

Ela aproxima-se para observar mais de perto.

— Caramba — responde. — És superparecida com ela, que horror.

— É isso que tenho estado a tentar dizer-te.

— O quê?

— Eu sou parecida com ela porque… Porque…

Por favor, não me abandones quando te contar.

— Porque o quê? Porque ela é assim… tipo… uma parente distante, uma tia ou c

— Não, ela não é minha tia, é minha mãe.

Deixo a chama apagar-se, dobro a página do jornal com a fotografia, guardo-a na minha mochila.

Consigo sentir a Morgan de olhos postos em mim, à espera da piada que anedota, inexistente. É ela quem quebra o silêncio.

— Diz-me que estás a brincar.

O facto de não lhe responder fá-la perceber que não estou.

— C’um caralho!

Não consigo evitar, as lágrimas começam a ameaçar cair. A Morgan levanta-se, dá um passo atrás.

— Por favor, não vás já.

— Tenho de ir, o meu tio vai ficar zangado.

Está a mentir, vai embora porque tem medo.

— Disseste que continuarias a ser minha amiga. Prometeste.

— Não é isso, é só porque é muito para assimilar, sabes?

Sim, sei. Também foi muito para mim.

— É por isso que estás numa família de acolhimento?

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Eles sabem sobre ela?

— O Mike e a Saskia sim, a Phoebe não. E a directora da escola também sabe.

— Mais ninguém?

— Não.

— Não é para parecer engraçada, mas porque é que me contaste?

— Já queria contar-te há algum tempo. Não me parecia bem esconder-
te um segredo.

— A sério que esta é a tua mãe?

— Sim.

— Céus, é preciso mandar abatê-
la, todos aqueles miúdos que ela matou eram mais ou menos da
idade do meu irmão e da minha irmã.

Aceno novamente com a cabeça. O que ela está a dizer é verdade, é preciso mand
te, e, no entanto, magoa-me imaginar isso a acontecer.

— Diz-me que não vivias com ela.

— Não, vivi com o meu pai até ele morrer. Já não a vejo há anos.

A mentira sai-
me naturalmente, e ela não a questiona. Se ela ler alguma coisa sobre uma menor
vivia na mesma casa que tu, direi que não sei de quem se trata, que deve ser algué

— Ainda bem que já não a vias há anos, caramba! Como é que a apanharam?

— Não sei bem, acho que foi denunciada por alguém com quem trabalhava.

Não é verdade. Por alguém bem mais próximo. A maior traição de todas é quando
sangue nos denuncia. As famílias devem ser unidas, todos os membros debaixo d
quero voar com outro bando, para outro lugar.

— Ela teve o que merecia, suponho.

— Sim, suponho que sim.

— Tenho de ir — diz a Morgan.

— Está bem.

Ela dirige-se à porta, eu chamo-a.

— Morgan.

— Sim?

Ela volta para ao pé de mim, levanto-me e pergunto:

— Isto muda o que sentes por mim?

— Não, nem por isso. A culpa não é tua, Mil. Ninguém deveria culpar-
te pelo que a tua mãe fez.

Seja como for, não és nem um pouco como ela.

— Estás a ser sincera?

— Sim.

Obrigada.

19

Na semana passada, sentei-
me no nicho de leitura, o Mike estava a falar ao telefone com a June.

Mesmo antes de desligar, disse: «É a bonança antes da tempestade.» Sei o que qu
está certo, esta última semana tem sido muito calma. Por fora. Depois das
anunciar que a data do julgamento tinha sido alterada, não houve muito mais mer

Os jornalistas estão a descansar, a preparar-
se para o início do julgamento, daqui a apenas dez dias.

Tu, também a descansar, a poupar as tuas forças. Só me apareceste duas v
disseste uma palavra, apenas enrolaste o teu corpo escamoso à volta do meu pesc
respirar nem mexer-me, um peso de cimento. O peso dos nossos segredos.

Quando vi a Morgan no fim-de-
semana, não estava bem certa de como ela se comportaria. Se teria
ou não mudado de ideias, decidido que já não gostava de mim, mas ela f
sempre. Gosta, porém, de falar sobre ti, sobre o que fizeste, e isso é mais difícil d
que ia ser, porque não é apenas a tua história, é a minha também.

A June passou cá por casa na quarta-

feira ao serão, enquanto a Saskia tinha levado a Phoebe e a
Izzy a jantar fora. Ela e o Mike voltaram a passar em revista a lista de perguntas d
June não parava de dizer que estava a sair-
me muito bem e quão difícil deve ser ter de voltar a
descrever o que aconteceu e que tudo será mais fácil após o fim do julga
muito a boca. Habitualmente teria falado, teria concordado, mas não desta
se a ficar para ali sentado a observar-
me atentamente, anuindo de vez em quando. Não gostei de como isso me
fez sentir. Uma pequena semente de pânico. Por dentro. Vulnerável. Terminámos
cartas.
Blackjack. É o meu jogo favorito, disse o Mike. Não tive coragem de lhe dizer qu
tua versão fosse diferente, era o teu jogo preferido também.

Hoje é o último dia de aulas antes das férias de Outono. Temos ensaio para a peça
muito importante, palavras da professora Mehmet, não nossas, porque a directora
assistir. Após o pequeno-almoço, o Mike insiste em dar-
nos boleia às duas até à escola, uma vez que fica no seu caminho.

— Façam-me a vontade — diz ele, piscando o olho à Phoebe.

— Está bem, combinado, pai. Só preciso de mandar uma mensagem à Iz,
la de que não deve esperar por mim.

A Saskia sorri, diz que a faz lembrar das suas idas e vindas para a escola há uns a

ignora-a, dirige-se ao carro, senta-se à frente, ao lado do Mike. Ele pergunta-
lhe sobre a peça, sobre como está tudo a correr.

— Bem, sim, acho que hoje o ensaio vai ser superdivertido — responde ela.

— Tenho a certeza de que será. Mal podemos esperar para ir ver a peça.

Quando chegamos à escola, assinamos o registo de entrada e encaminhamo
nos para o Grande
Auditório. A professora Mehmet desata num grande rebuliço mal chega, qu
perfeição. Começa a dar ordens à equipa técnica, dois sujeitos contratados para tr
palco e dos efeitos. É a primeira vez que os estamos a usar e toda a gente se ri qua
de fumo enche o palco em preparação para a cena da caça ao porco. Algu
falta — o grupo de História de Arte partiu esta manhã para uma visita a
professora Mehmet me pede para também entrar fazendo de porco. Não gosto da

mas não posso recusar em frente a toda a gente.

— E, Phoebe, bem sei que és a narradora, mas estamos com falta de pess
portanto, podes participar como um dos rapazes.

— Com muito gosto — responde ela, olhando para mim.

— Deve haver lanças suficientes para todas no armário dos adereços à esquerda d
já tiverem a vossa, subam para o palco, por favor, e, Milly, deverá estar a
porco em *papier-mâché*. Trá-la, por favor.

Sei esta cena de cor e salteado. É uma encenação, não é real, mas, quand
porco, começa a parecer real. Embora seja leve, a cabeça é grande e, depo
se
difícil ver. A única forma de não tropeçar é olhar para os meus pés. A respiração s
me em rápidas
e curtas exalações, gerando um calor intenso que faz ricochete entre a minha cara

Através das camadas de papel e cola, ouço a professora Mehmet.

— Milly, entrarás no palco pela direita com Jack e o seu
gang no teu encalce, e, lembrem-se todas
de que esta é uma cena crucial em que começamos a ver uma autêntica s
rapazes. Pensem em sangue, em violência gratuita, e usem o cântico de ca

Assim que eu der ordem para as luzes e o fumo, tu entras, Milly.

As raparigas não têm dificuldade em entrar no papel. Alguém à minha direita bat
no chão, um martelar repetitivo que me provoca contracções no fundo do estôma
esquerda sussurra: Corre, porquinha, corre. Tu nunca me chamaste porquinh
fazeres-me correr. COSTUMÁVAMOS DIVERTIR-
NOS TANTO, NÃO ERA, ANNIE?

— Vai, é a tua vez — diz alguém atrás de mim.

Falhei a minha entrada por estar a dar-te ouvidos.

Mal subo ao palco, dobro os joelhos, baixo-
me, o mais próximo possível de um porco. Resfolego

com dificuldade, contigo a dificultá-
la. Ali comigo. O barulho das lanças é agora uníssono. *Tum, TUM. TUM*. Sinto o odor a gelo seco produzido pela máquina de fumos, rodopiar pés com a iluminação do palco composta por clarões vermelhos pontuados pistas de dança nas discotecas. Começa o cântico.

— Matem o porco, cortem-lhe a garganta, derramem o seu sangue.

As palavras são diferentes das tuas, o propósito é o mesmo.

Alguém toca um tambor, as lanças aproximam-
se, Jack e os seus rapazes. Ando de um lado para o
outro no palco, aquilo deve ser uma perseguição.

— Matem o porco, cortem-lhe a garganta, derramem o seu sangue.

Tum, TUM. TUM.

Tentei encontrar novos esconderijos, mas tu sabias sempre onde procurar.

— Ali está ele — grita alguém.

Um uivo agudo, como o que uma criança faz quando brinca aos índios e *cowboys*, corta o ar, é o sinal deles. Ao ataque. A mim. Posiciono-
me no meio do palco, tropeço sem querer e caio ao chão, o
chão não é seguro. Não é suposto que seja, o porco não sobrevive, lembras-
te? As luzes de discoteca
aumentam de intensidade, a máquina de fumo lança mais uma baforada.

— Matem o porco. Cortem-lhe a garganta. Derramem o seu sangue.

Os pés que me rodeiam batem no chão em sintonia com as lanças. A primeira cac vem de trás, posso adivinhar de quem. Rebolo sobre mim para ficar de barriga pa começam a encostar-se e a atingir-
me, à vez. O tamborilar abranda até não passar de um ritmo
estável e hipnótico, o cântico mais baixo, mais ameaçador.

— Cortem-
lhe a garganta, derramem o seu sangue. — E mais um uivo de índio prod pessoa à minha esquerda. Uma pancada forte no tambor impõe o silêncio entre o

barulho do *papier-*
mâché a ser sugado e exalado por mim, de tão ofegante que estou. À minha volta,
os pés começam a descrever um círculo, deixando-
me ainda mais desorientada. Odiava a máscara
que me obrigavas a usar, sinto exactamente o mesmo neste momento. Não. Consi

— Sem misericórdia desta vez — diz Jack, papel desempenhado pela Marie.

A sua lança bate no chão com força, mesmo à minha direita. Com o fumo e as luz
parecerá ao público que foi espetada no meu coração. Sou carregada para fora do
e pelos braços, mas aqui na minha vida nova, sem tu estares ao comando, põem-
me de pé e nada de mal acontece. Gostava de conseguir celebrar e juntar-
me aos risos e às piadas nos bastidores. Ao
invés, vou à casa de banho no camarim, tiro a cabeça de porco, lavo a cara com á
contagem decrescente começando em cinquenta. Os números lançam o seu
flashbacks vão diminuindo e, passado algum tempo, sinto-
me suficientemente segura para sair dali.

Quando desço as escadas do palco para o corredor, encontro a directora Ja

Ela convida-me a sentar-
me na fila da frente, longe das outras raparigas, gostaria de dar-me uma
palavrinha.

— Estás a gostar da tua primeira peça aqui em Wetherbridge?

— Sim, obrigada, directora James.

— O teu desempenho foi muito convincente, Milly, mas fiquei um pouco preocup
o teu papel é o do porco.

— Não é, eu estava só a substituir a Aimee, que foi naquela visita a Paris.

— Estou a perceber, e também percebo que poderia ser complicado dizer
assim, tens de ter cuidado com as situações que poderão desencadear algo
tendo em conta… tu sabes.

Quero voltar a enfiar a cabeça do porco e chorar. Não há um minuto que passe na
não seja relembrada.

Tendo em conta… tu sabes.

— Há mais umas coisinhas sobre as quais queria conversar contigo, Milly. mandou-me um *e-mail* a informar-me de que irias apresentar-
te em tribunal, não na próxima semana, na outra a seguir, creio eu.

Assinto com a cabeça.

— Tens conseguido concentrar-te nas aulas?

— Sim, quase sempre.

— É óbvio que és muito inteligente, Milly, portanto não é um grande mot precisares de faltar alguns dias. Podemos enviar-
te para casa a matéria dada e os trabalhos de casa.

— Prefiro estar ocupada, se puder ser.

— Claro. Contudo, se mudares de ideias, basta mandares um *e-*
mail à minha assistente pessoal a pedir-
lhe que marque uma hora para ires falar comigo.

— Obrigada.

— O outro assunto que queria abordar era a professora Kemp. Segundo se tempo com ela. O problema, Milly, é que a professora Kemp não está a par de…

Em vez de o dizer, ela assente com a cabeça, espera que eu faça o mesm compreendi, então prossegue.

— Portanto, precisamos de ter cuidado, se assim se pode dizer. Tomei con tentaste dar-
lhe um presente, um gesto muito querido mas que não encorajamos… é, aliás, con regulamento da escola. No entanto, no teu caso em particular, talvez consiga ver c possa ter surgido.

É por isso que ela não tem respondido aos meus *e-mails*.

— A professora Kemp é uma docente fantástica, muito empenhada, mas, dito istc muito bem onde traçar os limites.

— Acho que não estou a perceber bem o que quer dizer, directora James.

— O que estou a querer dizer é que, se achares que será mais fácil para ti, podem
te outro orientador.

— Porquê?

— Pedi ao Sr. Newmont para falar contigo sobre isto durante as férias, estou certa
fará. *Okay?*

— Sim, directora James.

— Não é preciso ficares com esse ar preocupado, estamos todos do teu lado e ten
que conseguiremos resolver tudo pelo melhor. Parece-te bem?

Parece-me condescendente.

— Sim, obrigada.

— Óptimo. Continua o excelente trabalho com a peça. Será, sem dúvida, um espe
na grande noite da estreia.

Levanto-me quando ela o faz, tal como é esperado que façamos.

Acordo a chorar, a meio da noite. Sonhei que estava no tribunal.

Ao virar-
se para me encarar, o advogado de Defesa encolheu até ficar do tamanho de um n
perguntou-me porque deixei que lhe fizesses mal. De lágrimas nos olhos.

Desculpa, disse eu.

Não acreditamos em ti, responderam os jurados.

20

Ontem, depois das aulas, o Mike disse-
me que tinha reservado duas noites para nós os três num
hotel, um lugar chamado Tetbury. Partimos na segunda-
feira. Comentou também que gostaria de pôr a
conversa em dia, sobre a professora Kemp, mas que isso podia esperar pelo fim-
de-semana.

Eu e a Phoebe estamos de saída para a festa do Matty, a tal festa que o
estávamos no autocarro. O Mike autorizou a Phoebe a ir, na condição de
forem juntas, depois deixo-
vos voltarem a pé para casa sozinhas, disse ele. Não ias achar muita
piada se eu aparecesse à porta da casa dele, pois não? Antes de nos irmos embora
nos que temos de voltar para casa até à meia-
noite, nem um minuto depois, e nada de bebidas alcoólicas, entendido?

— Sim, pai, entendido.

A Phoebe liga à Izzy assim que pomos um pé fora de casa, diz-
lhe que acha uma chatice ela não
poder ir também e pergunta por quanto tempo mais acha que vai ficar de castigo.
fá-la rir e, antes de desligar, ela diz: Não te preocupes, otária, amanhã conto-
te tudo o que se passou.

Pobre Izzy, deve ter ficado nas nuvens quando o professor West lhe devol
maquilhagem, mas nem por isso quando percebeu que ele tinha visto os cigarros
teve como escapar, o nome escrito com caneta de feltro na parte de baixo
ligeiramente aberto em cima da secretária do professor West quando a sua sala de
todos os corações já arrumados.

Chegamos a uma outra moradia branca e grande, a Phoebe toca à campain
porta é um rapaz, alto, com um metro e oitenta e picos. Esboça um sorriso quando
diz:

— A festa é aqui.

Estende-me a mão.

— Sou o Matty.

— Olá, sou a Milly — digo, apertando-lhe a mão.

Sinto-
me nauseada quando escancara a porta para que entremos, ouço música vi
quando lá chegamos, reparo numa mesa do lado esquerdo. Garrafas de bebidas b
tigela de vidro — um ponche qualquer.

— Dificilmente se poderia chamar uma festa de Halloween a isto, Marty!

— Vai-
te lixar, Phoebs, os meus pais só foram embora pràí há umas duas horas, fizeram
eu e o Thom prometêssemos que não íamos dar nenhuma festa cá em casa enqua

Seja como for, tu és suficientemente nojenta para dez Halloweens, não é preciso

Ele termina a frase com uma gargalhada propositadamente macabra.

— Cala-te e vai buscar-
me uma bebida. Então o Thom voltou da universidade, é?

— Sim, devia estar a comandar tudo por aqui, mas bazou para ir ter com os amig
os nossos pais saíram.

— Ainda volta?

— Vejo que, pelos vistos, alguém continua a ter um fraquinho pelo meu irmão.

— Nem pensar, estou só a ser simpática, mais nada. Seja como for, gosto de outr

— De quem?

— É só um tipo que conheci no Verão, mas ele não mora aqui em Londres.

— Ou seja, ele não existe, é isso que me estás a dizer. Toma, aqui tens um pouco
vodka.

Ela aceita o copo de plástico que ele lhe oferece, deixa-

se cair num sofá ao lado de duas raparigas
que nunca vi, começa a conversar com elas.

— Queres beber alguma coisa? — pergunta-me.

Sim, obrigada, respondo, pois toda a gente tem um copo na mão. Mas não
manter-me em plena posse dos meus sentidos. Sento-
me num canto depois de ele me entregar a
bebida. Vão chegando cada vez mais pessoas. Toda a gente conhece alguém que
rede de contactos dos ricos que frequentam colégios privados é como uma grande
parece estender-
se a todo o lado. A Phoebe passa o tempo a ligar e a desligar numerosas chamada
no telemóvel. Dá um pontapé a um dos rapazes aos seus pés, que a tenta distrair
break-dance, o parasita. Pára com isso, lê-
se nos lábios da Phoebe, e, quando ela desliga, ele pergunta-lhe:

— Quando é que os vamos ter?

— Quando ele chegar, percebeste, meu parvalhão?

A Phoebe dá-lhe novamente um chuto, só que desta vez ele agarra-
lhe a perna e, aos puxões, obriga-a a ir parar ao chão. Senta-
se em cima dela, com as mãos à volta da sua garganta. Todos riem,
mas, para mim, não parece nem engraçado nem agradável. A Clondine chega, acc
rapazes mais velhos. A Phoebe vai ter com eles e um dos rapazes passa o braço à
dela, puxa-a para junto do seu corpo. Ela empurra-o, rindo.

— Mais tarde, vais implorar-me, acredita — diz-lhe ele.

A Phoebe abre a boca para lhe responder e eis que o seu telemóvel toca, uma cha
acaba em segundos. Assim que desliga, ela grita:

— *Okay*, malta, está na altura de passarem para cá o vosso dinheiro.

Saem notas das carteiras, são passadas de mão em mão até chegarem a ela, ningu
que é.

— Tu também, não penses que não te estou a ver aí.

Desvio o olhar, levo o copo à boca, finjo beber um gole.

— Talvez devesse obrigar-te a ajudares-
me. Assim, se formos apanhadas, ficamos ambas em apuros.

— *Ya*, devias — diz uma das raparigas no sofá.

Insignificante. O rosto de uma hiena, o riso também.

A Phoebe olha para mim e diz: Anda lá, então, de que estás à espera, não digas qu
em nada. Chegadas à porta da rua, ela detém-se antes de a abrir, encara-me e diz:

— Contas ao pai sobre isto e dou cabo de ti, percebeste?

Percebi.

À porta encontra-
se um homem num fato preto almofadado, um capacete de mota na mão. Ela não
lhe dá dois beijinhos, mas cumprimenta-o pelo nome próprio, Tyson.

— Merda, espera um pouco, vem aí gente. Se alguém perguntar, diz que e
pizzas.

Ah, c'um caraças, é na boa, é o Joe.

Quando o Joe chega à porta, diz olá. A Phoebe ignora-
o, ele passa por nós ao entrar para o *hall*, sorri-me.

— Oi, Milly.

Lembra-se do meu nome.

— Olá.

— Quantos queres? — pergunta o Tyson.

— Trinta, se tiveres.

— Trinta? Grande farra hoje, então.

— É o início das férias de Outono, já sabes como é.

O Tyson assente com a cabeça, descalça uma das luvas de cabedal, estend

deposita nela o dinheiro, um maço de notas enrolado como um cigarro. El
suficiente para não o contar, uma cliente habitual talvez, atravessa o acesso privad
estacionada junto ao passeio. Olha em redor antes de abrir o compartiment
passado um minuto ou dois, regressa com um grande saco de papel pardo na mão

— Lá dentro estão trinta — diz ele ao aproximar-se da porta. E, entregando-
lhe um saquinho com
comprimidos, acrescenta: — E estes são por minha conta. Uma cena nova, que va
fazer-te voar.

A Phoebe sorri, sopra-
lhe um beijo, És o maior, Tyson, és mesmo o maior. Ele parece ficar
satisfeito, ouço a sua mota antes de a porta se fechar, a acelerar, um som

Voltamos para a sala, o ar turvo por causa do fumo, garrafas e copos vazios a serv

Corpos embriagados e preguiçosos, reclinados nas cadeiras. A apatia é sacu
Phoebe.

— Chegaram os sacos das guloseimas.

Fico surpreendida por ver que está a falar a sério. Deixa cair em cima da
pequenos sacos de plástico, cada um com um palhaço na parte da frente.

— Sirvam-se, imbecis.

Tal como perante uma tigela cheia de guloseimas gratuitas, ninguém se faz rogad
a mesa coberta de palhaços é assaltada. Num piscar de olhos. Com a sua teatralid
Phoebe pigarreia, espera até ter captado a atenção de todos, sacode o outro saco d
o Tyson lhe deu. Rocas para bebés, com dentes de cavalo, alguns adornad
elásticos coloridos. *Iupi*, duplo
iupi, alguém diz: Está na hora de ficarmos pedraaados.

— O que são? — pergunta a Clondine.

A Phoebe tira um comprimido de dentro do pequeno saco e, segurando-
o entre os dedos, vira-o para um lado e para o outro, a examiná-lo.

— Tem um logótipo do Super-Homem, o Tyson disse que nos fariam voar.

Põe um na boca, percorre a sala para distribuir os outros pelas mãos estendidas, c
deus ou a rainha dos adolescentes. A bênção, por favor.

Após uma volta completa, restam dois comprimidos no saco.

— Abre bem a boca, Focinhuda.

— Não — respondo. — Não, obrigada — emendo.

— Não sei se compreendo essa palavra — diz ela.

— Deixa-a estar, Phoebe, mais fica para nós.

O Joe aparece por ali, tentando parecer indiferente. Não percebo nada de r
funcionam, mas a indiferença dele parece preocupação, precisa de ser um p
disfarçada. A Phoebe vira-me costas, farta da minha cara.

— Sim, tens razão, seria um desperdício, ela já traz um parafuso a menos de origé

As suas unhas como garras, em forma de amêndoa, ela enfia mais um comprimid
lábios comprimidos a fazer beicinho, fechando a gruta húmida. Escura. Nã
me o olho, um motim secreto contra Sua Majestade. Cortem a cabeça dele.

Não demora muito. A multidão de ricos, perfeitamente vestidos e lindos, metamo
se numa

turba. Animais. Mentalidade de matilha. Lá fora no jardim, a uivar à Lua. Olhos e
escancaradas. A fumar. Um dia, estes jovens governarão o mundo, até lá, destroe
no.

Encontro um sítio sossegado ao cimo das escadas, no primeiro patamar. U
guloseimas perdido pelo caminho. O conteúdo, de génios, a maneira apelativa co
tudo embrulhado em papel de alumínio, tubos de plástico. Finjo que é Nat
desembrulho um por um. Pó branco no primeiro, origami, à moda da Sask
comprimido branco, com o símbolo de uma pomba, a obsessão por voar c
três, uma cápsula com um M impresso, um preservativo para depois e um
fumado.

Deixo-
me ficar sentada na escuridão da sombra junto à parede, as vozes ecoam p

acima até mim. Reconheço a da Clondine. Vejo-
a desaparecer no interior de um quarto mais ao fundo
do corredor com um rapaz mais velho, o mesmo que há pouco tinha agarrado a Pl
quarto é deixada aberta, dá para ouvir o que se passa lá dentro. Um guinc
silêncio. Cerca de cinco minutos depois, um protesto. Pára, ouço-
a dizer, pára, Toby, não quero.

Mantenho-me na sombra, aproximo-
me da porta. Cala mas é essa matraca, diz ele. Pára de chorar.

Ela não pára, não consegue, já estive na mesma situação. O choro dela di
o, quebra a sua concentração, deixa-o frustrado.

— Fica quieta, caralho.

— Por favor, Toby, não quero.

Abro a porta de par em par, a cama visível à luz de um candeeiro no corredor. O T
Clondine esmagada debaixo dele. Os joelhos dele obrigam-
na a estar de pernas abertas, uma das mãos dele prende-
lhe os braços acima da cabeça, as calças de ganga dela puxadas para baixo até à
anca. Fecha essa porta, merda, diz ele, uma almofada atirada na minha direcção c
Clondine, uma medricas, a choramingar. Acendo a luz, ele vira-
se para me encarar, a espectadora indesejada, a desmancha-
prazeres. Era só uma brincadeira, diria ele se fosse interrogado, ela
também quis.

— Apaga a merda dessa luz e desaparece, já.

— Ouvi-a dizer que não.

— E o que é que tens a ver com isso?

Apago a luz, um momento de descanso para ele e para mim. A forma co
posicionada na cama lembra-
me de mim. E o som que ela produz quer dizer «não me deixes aqui com
ele». Conheço o som, eu costumava fazer um parecido, embora no meu caso foss
acender a luz, a mão dele na virilha dela. A Clondine está imóvel, ali dei
insuflável. Não largo o interruptor, uma espécie de discoteca.

Apago.

Acendo.

Apago.

Acendo.

Apago-acendo.

Apago-acendo.

Uma distracção, até para o violador mais motivado.

Resulta.

Ele sai de cima do corpo rígido e frígido dela. A Clondine rebola sobre si própria, trapos, deixa a cabeça pender para um dos lados da cama, vomita. Chora. Vomita vómito de drogada pendem-
lhe do queixo. Tem cinco anos, foi amassada e usada, só quer a sua mamã. Tem cuidado com aquilo que desejas.

Ele está diante de mim agora, estou de costas para a porta, um pé a impedir que e

A mão dele no meu pescoço, o corpo dele encostado ao meu.

— Estás com ciúmes, é? Querias estar no lugar dela, era?

Uma mão desajeitada no meio das minhas pernas, a esfregar grosseiramente para trás, fricção através da ganga. Apalpa-me uma mama, lambe-
me a cara, sinto a sua erecção contra o
cós das minhas calças. Ele revira os olhos, as drogas fazem-
no voar, ele não sabia disso? Os super-
heróis não voam e não violam. A Clondine choraminga outra vez. Somos duas co inútil, este não é o seu campeonato. Podia arrancar-
te o nariz com uma dentada, não era, Toby? Essa
cara de sonho arruinada, a esconderes-te para sempre.

Como eu.

Estico a mão, agarro o pénis dele com toda a força que tenho. O contacto repentir
seu corpo, mas não por muito tempo, à medida que aperto com mais força
activados. Minúsculos e poderosos neurónios aos gritos dentro da sua cabeça. A c
dor, um assunto em que sou especialista. É importante saber como se desenrola o
me
frequentemente, enquanto activavas os meus. Estou à espera de ficar com um olh
ou de uma estalada, mas o gato comeu-
lhe a língua, ou o pénis. Ele cai de joelhos no chão. Tarde
demais para rezar, Toby.

A Clondine levanta-
se da cama, o cabelo e os olhos selvagens e tresloucados, puxa as calças de
ganga para cima. O Toby está no chão, deitado de costas, a gemer. Ouve-
se uma voz vinda do fundo das escadas.

— Toby, meu, estás aí em cima? Desce, há cerveja para se beber por um
cuspiu todo, foi hilariante. Meu, estás aí em cima?

Toby. Um peixe na margem do rio, a arfar aqui e acolá. Não tira a mão do pénis. S
lixado por uma rapariga. Há passos nas escadas, o Toby começa a levantar-
se, o orgulho tem coisas
destas, motiva as pessoas. Saliva pegajosa e branca acumula-
se nos cantos da sua boca, por cima dos
lábios uma linha de suor. O odor do seu pénis é um manto que me envolve, exala
suas glândulas.

— Cabra.

O Hugo, Huggy para os seus compinchas, assoma à porta. Junto-me à Clondine.

— Meu, onde raio é que estavas enfiado, estou à tua procura há que temp
se cenas verdadeiramente maradas na cozinha.

Podia dizer-se o mesmo deste quarto.

O Toby limpa a boca desidratada com as costas da mão, aponta para nós.

— Estava só a divertir-me um bocado com a fauna local, já sabes como é.

— Bom trabalho, meu — responde o Huggy. — Mas, para a próxima, avi

me, partilha a diversão, como um bom rapaz.

Vão-
se embora, com os braços à volta dos ombros um do outro. Arrogantes. Despreoc
deles com o pénis a precisar de gelo, não de compaixão. Ouço um cântico, um jo
cerveja está em alta. A Clondine senta-
se na beira da cama. As pernas, fracas e trémulas, as mãos na
cabeça. Chora, murmura qualquer coisa sobre sentir-se parva.

— Não te preocupes — digo. — Não conto à Phoebe.

Ela olha para mim. A maquilhagem, preta. Parece que tem olhos de panda

Confusa.

— Porque haverias de contar à Phoebe?

— Pensei que talvez ela gostasse dele, quando ele chegou deu-lhe um abraço.

— Sim, ela gostou, agora já não, não desde que conheceu o Sam. Foda-
se, sou tão idiota. Gosto dele há séculos, pensei que ele também gostava de mim.

Ofereço-lhe o elástico para o cabelo que tenho no pulso.

— Devias lavar a cara, podes usar este elástico para prender o cabelo, se quiseres

Ela não consegue andar sem se desequilibrar, pelo que a amparo até à casa de ba
lhe no
rosto uma toalha que encontro no armário por baixo do lavatório. Usa águ
ajudar.

Pergunto-lhe se precisa de mais alguma coisa. Ela responde:

— Podes ficar aqui comigo, por via das dúvidas?

Anuo. As palavras saem-lhe entrecortadas, sabe-se lá o quê a correr-
lhe nas veias.

— Aposto que ele diz a toda a gente que sou uma oferecida.

— Está ali uma toalha, enxuga a cara.

— Oh, Céus, que salgalhada. Espero que ele não volte. Achas que volta?

— Não.

— Como raio é que consegues estar tão calma?

Experiência. Já tive muita.

Encolho os ombros.

— Não sabia que a Phoebe tinha um namorado.

— Merda, eu contei-
te isso? Não lhe digas que te disse, ela não quer que o Mike saiba.

— Conhece-lo?

— É só um tipo que conheceu no Verão, vive em Itália, acho eu, passam a vida a *e-mails*.

Não consigo fazer com que as minhas mãos parem de tremer.

— É o choque, já vai passar.

— Como sabes todas estas coisas? Também soubeste o que fazer quando a Georg

— Leio muitos livros.

Ela inclina-
se para o espelho, usa o canto da toalha de rosto para limpar o rímel borrado à vo
dos olhos.

— *Arg!* Tenho um sabor horrível na boca.

— Bochecha com um pouco de elixir oral.

— Porque estás a ser tão simpática comigo? Porque apareceste para ajudar? Nós
propriamente simpáticas para ti.

— Parecias assustada.

— E estava. Que parva. Oh, Céus, espero que ele não conte a ninguém, vou passa
na escola.

— Sei bem o que isso é.

Ela põe-
se de frente para mim, as pupilas dilatadas num minuto, pequenos pontinhos logo
enquanto se esforça por focar o olhar.

— Olha, Milly, suponho que te devo um agradecimento pelo que aconteceu ainda

— Bom, pelo menos, lembras-
te do meu nome, em vez de me chamares Focinhuda.

Tem a decência de corar um bocado, mesmo estando bêbada.

— Suponho que também te devo um pedido de desculpas. Lamento termos
cabras contigo, era suposto ser só uma brincadeira, mas as coisas ficaram fora de

— Porquê eu?

— Não estou a dizer que foi tudo por culpa da Phoebe, mas a maior parte foi ideia

— Acho que ela não gosta muito de mim.

— Não gosta de ninguém que o Mike acolha. Ele andou imenso tempo a
aceitar mais ninguém, depois apareces tu, ela dificilmente te receberia de b

Foda-se, acho que vou vomitar.

A Clondine ajoelha-
se no chão, abraça a sanita, regurgitando como a Clara quando a Georgie caiu.

Quando termina, pergunto-lhe se precisa de alguma coisa.

— Uma vida nova — responde e ri-
se, virando o corpo para ficar de frente para mim.

Se ao menos fosse assim tão simples.

— Não contes à Phoebe que te disse isto, mas tens noção de que ela tem ciúmes d

— Ciúmes? De quê?

— De todo o tempo que passas com o Mike.

— Não é nada desse género, é só porque neste momento estão a acontecer umas c

Umas cenas bastante importantes.

— Sim, pois, mas não é como se ela pudesse contar com a mãe, certo?

Certo, mas vamos deixar que a tua boca bêbada, drogada e desleal me diga o mc

— Acho que notei que elas não são muito chegadas.

— Como é que se pode ser chegado a alguém que mal se conhece? Céus, continu
vomitar.

Encosta a cabeça ao tampo da sanita. Tiro as escovas de dentes de dentro
lavatório, encho-o com água e ofereço-lho.

Ela assente, diz obrigada.

— O que queres dizer com essa história de a Phoebe mal conhecer a Saskia?

— Nem penses, ela mata-me se sonhar que disse alguma coisa sobre isso.

Pago para ver. Vi-te fazê-
lo tão bem com as mulheres de quem cuidavas, o modo como as levavas
a pensar que sabias mais do que sabias. Resultava sempre e resulta com a Clondi

— Estás a referir-te a quando a Saskia não estava bem?

A Clondine ergue a cabeça, fita-me com os olhos semicerrados.

— Como raio sabes disso? — pergunta. — Foi o Mike que te contou?

— Sim, mais ou menos.

— Foda-se. Suponho que, quando se vive com eles, torna-
se um bocado óbvio que algo não está
bem. Ela já saiu do manicómio há uns anos, mas provavelmente ainda lá deveria

lhe os parafusos todos quando a Phoebe nasceu.

Aceno com a cabeça, como se soubesse do que ela está a falar, e coment
sido para a Phoebe.

— *Ya*, acho que pensa que a culpa é dela.

— Porquê?

— Não sei. Enfim…

— Durante quanto tempo é que ela esteve internada?

— Pensei que tinhas dito que sabias.

Distraio-
a, realçando que as suas mãos pararam de tremer. Ela olha para as mãos,
Deus, seria a primeira coisa que a mãe dela iria notar, depois anuncia que tem de
se na
sanita, puxa as calças para baixo. Um jacto de urina, um traque a meio. I
habituada contigo. Saio da casa de banho, ajeito a cama, devolvo a almofa
vómito com uma revista tirada da mesinha-de-cabeceira. A Clondine faz-
se ouvir acima do barulho do autoclismo.

— Vou tentar falar com a Phoebs, convencê-
la de que afinal não és uma aberração assim tão grande.

Sai da casa de banho, ainda a cambalear um pouco, mas, no geral, inteira. A capa
humanos — por fora, recompostos, por dentro, outra conversa. Uma salgalhada n

— Viste o meu outro sapato?

— Está ali ao fundo, ao pé da cómoda.

— Obrigada. Que tal estou?

— Óptima.

— Como se nada tivesse acontecido, certo?

— Sim.

— Já agora, importas-
te se não contarmos à Phoebe que eu estava com o Toby, ela consegue ser
um bocado possessiva em relação aos rapazes e, sinceramente, não estou para a o

— Claro, mas será que podias…?

— Deixar-te em paz na escola? Claro, vou tentar.

A Clondine dirige-
se para a porta. Verifico o meu telemóvel, são onze e meia, falta meia hora para
o recolher obrigatório. Desço pouco depois dela. Procuro o Joe, não o vej
porém. Uma multidão à sua volta na cozinha, com uma gerigonça para bebe
tubo. Bongo, entoam eles, enquanto ela bebe. Bongo. Bongo. Bongo. Vou até ao
louça, encho um
copo com água, contente porque, pelo menos por uma vez, os gritos de encorajam
são dirigidos a mim.

Errado.

— Aguentem os cavalos — diz a Phoebe. — É a tua vez.

Abate-se um silêncio sobre a cozinha, ignoro-
a. Facas de cozinha à minha esquerda. Fácil. Soltar a franga. Ou esquartejá-la.

— Não me ouviste? Eu disse que agora era a tua vez.

Volto-
me. Ela é tão bela quanto está drogada, as pupilas grandes e intensas. Fur
Marlboro
Light, os lábios em forma de O, expele um anel de fumo perfeito. As boc
exacerbadas, está excitada. Teria sido a melhor escolha para o Toby levar para a c

— Não, obrigada — respondo.

Provocações e sussurros entre a multidão, não estamos, mas estamos, na Idade M
de sangue que as pessoas não hesitariam em pagar para ver. Expele um se
perfeito que me apetece espetar a língua no meio. A atmosfera na cozinha é pesad
mas também porque os seus fãs, arrebatados e em adoração, estão impacie
a
estar, não vale a pena. Aberração. Esquisitóide. O costume. Então a Clondine, cal

Deixem-
na em paz, ela é porreira. A Phoebe puxa mais uma baforada do cigarro, a maior i
desde que começou a fumá-lo, vira-
se para a amiga, exala o fumo para a sua cara e apaga o cigarro
nas costas da sua mão.

— Foda-se! — A Clondine recolhe a mão, segura-
a contra o peito. — Por que raio fizeste isso?

— Desculpa, Clonny, foi sem querer, enganei-me e pensei que eras o cinzeiro.

— Estás passada dos cornos, sabias?, completamente maluca. Doeu-me imenso.

— Oh, não sejas tão mariquinhas, toma, aqui tens um cubo de gelo.

A Phoebe tira um cubo de gelo de dentro de um copo que está em cima
o na direcção da Clondine, acerta-lhe na cabeça. Solta umas risadinhas.

A Clondine pega na sua mala, diz: Pronto, por mim chega, estou farta, vo
me embora. O clima altera-
se, a saída de alguém dá cabo da magia, a porta para este covil secreto d
mimados abalroada pela lufada de ar frio que entra pela porta dos fundos por ond

Foi traçado um limite, percebo observando à minha volta. Longe demais, Phoebe,

Se ao menos ela fosse melhor a mostrar o seu lado mais dócil. A rapariga que gos
sentada no chão aos pés da empregada doméstica que a criou. A rapariga que cho

Ela fita-
me, os olhos cheios de desdém. Raiva. Já a vi olhar para a Saskia da mesma form

— Tu estás sempre em todo o lado, não estás?

Aponta para mim, a visão distorcida e embaciada, os joelhos a cederem li
me outra vez para o lava-louça. Uma a uma, inventam-se desculpas, fala-
se por alto em arrumações e limpezas.

— Não te preocupes, os meus velhos estão fora até segunda-
feira. Vou pagar um extra à Ludy, ela
trata de tudo amanhã — ouço o Matty dizer.

— A Ludy de sempre — diz alguém a brincar.

Pelo reflexo na janela, vejo o Toby enroscar-
se todo à volta da Phoebe. Devia perguntar-lhe como

está a pila dele, o aprendiz de violador. Ela enxota-o, dirige-se à sala. Ele segue-
a.

— Deixa-me levar-te a casa.

— Como queiras.

Devia avisá-
la de que ele não é uma boa escolta. Aposto que, como por magia, tirará do bolso
chave que dá acesso a um dos jardins privados a meio do caminho — ou isso ou a
a a trepar ao
muro. As últimas pessoas saem da cozinha. Reparo que a mala da Phoebe está em
ouço-a rir com a rapariga-hiena de há pouco. Quando passo por ela, digo-
lhe que é quase meia-noite, ela ignora-me, por isso vou embora sozinha.

O Mike abre-me a porta quando chego, devia estar à espera à janela, ansioso.

— Onde está a Phoebe?

— Acho que vem já aí, vinha acompanhada por um dos rapazes.

— Oh, Céus, já está nessa fase — diz ele com um sorriso. Pergunta-
me se passei um bom bocado.

— Não foi mau, mas estou bastante cansada. Posso tomar o meu comprimido? Vo
de seguida.

— Claro.

Passam-se duas horas, o prazo para chegar a casa já passou. Pergunto-
me quanto tempo demorou
ela a perceber que as suas chaves de casa tinham desaparecido, enfiei-
as no meu bolso quando
passei pela mala dela. Ela e as suas pupilas dilatadas vão ter de prestar contas.

Em determinada altura, ouço passos a subir as escadas, vozes abafadas, qu
resolverem o assunto amanhã de manhã. A porta do quarto ao lado bate c
imediato, satisfeita por saber.

Que esta batalha… ganhei-a eu.

21

A sensação de estar a cair acorda-
me em sobressalto. Imaginei que estava no tribunal e não me
conseguia lembrar de como responder às perguntas. Estava toda a gente a olhar fi
à espera. Tu, atrás de um painel. Levanto-
me da cama, vou até à casa de banho, actualizo o número a
carvão, a contagem decrescente que tenho estado a fazer, altero-
o para oito, encosto a minha cabeça à porta do armário e tento respirar.

Os pés descalços não fazem barulho, o Mike não se apercebe de que estou na sole
cozinha. Está a ler alguma coisa, segura uma folha na mão enquanto olha para a c

Não tenho a certeza, mas acho que vejo o meu nome no topo. Ele sublinha, faz ar
que lê, esfrega os olhos, incomodado, cansado. Não posso, mas quero, ir até juntc
lo.

Agradecer-lhe por me receber na sua casa. Por se preocupar.

Ele ergue os olhos, vira a folha ao contrário quando me aproximo da mesa, enfia
do seu caderno pessoal. Digo para comigo que não posso esquecer-
me de procurar estas folhas depois, ou talvez numa quinta-
feira destas, enquanto a Saskia está no *yoga* e o Mike trabalha até mais tarde.

— Não te vi aí parada. Queres tomar o pequeno-almoço?

— Talvez daqui a nada. Se calhar faço um chá. Também queres? Pareces cansado

— Fiquei acordado à espera da Phoebe. Não só chegou duas horas atrasada como
perder as chaves de casa.

Oh.

— Lamento, a sério que tentei que viesse para casa comigo.

— Não peças desculpa, a responsabilidade não é tua, ao menos uma de v
horas.

— Achas que prepare chá a contar com a Saskia também?

— É muito querido da tua parte, mas por acaso ela já se levantou e saiu, arrancaram cedo para um
outlet qualquer, aparentemente havia saldos na loja de uma marca muito conhecida.

Enquanto a água ferve, o Mike pergunta-
me se estou entusiasmada por amanhã irmos de viagem.

Anuo, conto-
lhe que, depois de ele me ter dito que iríamos a Tetbury, fiz umas pesquisas na In

— Encontraste alguma coisa sobre o Arboreto? É muito perto de Tetbury, se Westonbirt.

Acho que vais gostar de lá ir, dá para fazer uns passeios pedestres muito agradáve
levar a Phoebe lá quando ela era pequena.

Ele costumava, é o que quer dizer. A Saskia talvez também fosse, mas era presente. Não preciso de lhe perguntar como gosta de beber o chá, sabe-
me bem quanto isso me faz sentir em casa.

— Quando terminares, Milly, vem sentar-
te aqui comigo um pouco, há uma coisa sobre a qual
preciso de falar contigo.

As saquetas do chá já estiveram na água tempo suficiente, o líquido tingido de un
escuro, mas mergulho-as, afogo-
as, adio ter de me juntar a ele à mesa. Adiciono leite a ambas as chávenas,
uma colher de açúcar para mim, nenhuma para ele, mexo, depois pego nas cháven
me
diante do Mike. Levo os joelhos ao peito, os pés sem tocarem no chão, o
espreita agarram-te. E não largam.

— Obrigado — diz ele, chegando a cadeira para mais perto da mesa. — Não quer
a mal, já tens bastante em que pensar neste momento, mas acho importante conve

e-mail que a directora James me escreveu.

Sobre a PK.

O chá está demasiado quente, sorvo um grande gole mesmo assim. A língua. Que

— A directora James refere que deste um presente, uma vela, à professora procurado muitas vezes.

— Não, não tanto quanto isso.

— Se calhar um pouco mais do que as outras alunas procuram os respectivos orie

— Apenas para que ela pudesse ajudar-me com as minhas obras.

— Eu sei, mas creio que também lhe tens enviado muitos *e-mails*.

— Só alguns. Ela não tinha respondido, quis ter a certeza de que os estava a recel

— Algumas vezes por semana é muito, Milly. Não duvido de que a professora Ke de ti, mas ela está a sentir-
se um pouco assoberbada. Acho que talvez queiras passar mais tempo com ela do que aquilo que lhe é possível.

Sinto-
me humilhada e estúpida e assolada por um desejo por ti. Não acontecia muitas v sempre estavas bem-humorada, mas, ocasionalmente, punhas-
te de pé atrás de mim e penteavas-me o cabelo. Dizias-
me como era bonita e eu sentia-me, efectivamente, bonita. Sentia-
me sempre mais bonita quando fazias algo agradável.

— Percebo como se pode ter gerado a confusão. Já estive com a professora Kemp uma senhora muito simpática, muito gentil. Contudo, acho que é important te a nomear e a
compreender o que pode estar a acontecer. Fazes alguma ideia do que estou a fala

— Não.

— Já ouviste falar em «transferência»?

Respondo novamente que não, mas não é verdade, já li sobre o assunto num dos l
ele está enganado, não é isso que se está a passar em relação à PK. Gosto da com
isso.

Não é?

— O termo «transferência» designa um processo através do qual o indivíd
inconscientemente, sentimentos que nutre por uma pessoa do seu passado p
situação no seu presente.

— Estava só a tentar agradecer-lhe.

Não a pedir-lhe para ser minha mãe.

— E foi um gesto muito amoroso, mas teria sido suficiente, melhor até, se apenas

«obrigada».

Mordo a língua; a dor, e o facto de ter de reprimir uma reacção, faz com
aguda percorrer-
me a base da coluna, a forma como os nervos estão interligados dentro do
humano.

— Ninguém te censura, Milly. No teu caso, é um sentimento muito natural.

Aí está ela, a diferença, de novo assinalada naquilo que me diz respeito.

Um sentimento muito natural — no «teu» caso.

Diante de mim, a cara do Mike torna-
se um borrão, as lágrimas, que me assaltam só por diversão, caem-
me nos joelhos. Ele diz-
me que está tudo bem e para não me martirizar por ter estes sentimentos.

— Isto significa que já não poderei voltar a vê-la?

— Combinámos que poderias trabalhar com ela no teu portefólio para o p
final do período. Depois disso, logo se vê. Seja como for, nenhum de nós
nessa altura.

A mim, quer ele dizer.

No refúgio do meu quarto, vou buscar os meus desenhos. Retratos de ti. U
mais obscuras da minha mente, onde tu habitas. Peço-
te desculpa por causa da PK, não vai voltar a
acontecer. O telemóvel apita com a entrada de uma mensagem, vou até à cama, le
a. É da Morgan,
quer confirmar se sempre nos encontramos às seis ao fundo do jardim. Sin
tempo que ouço a Phoebe gritar no corredor:

— Estou-me nas tintas para isso!

— Pois, mas não devias estar — contrapõe o Mike.

Ponho-me a escutar através da porta.

— Porque haveria de ficar em casa? Assim como assim, tu nunca estás por cá.

— A questão não é essa — responde o Mike.

— ESTOU-ME NAS TINTAS PARA ESSA MERDA! DEIXA-ME EM PAZ!

Encosto-
me à madeira da porta. Pais e filhos, não há relacionamento mais complicado. A p
quarto dela bate com força, afasto-
me da minha, volto a guardar os desenhos no gavetão debaixo da
minha cama e sento-
me à secretária, para tentar fazer os trabalhos de casa, mas estou demasiad
zangada e envergonhada por ter errado tanto em relação à PK. Tu nunca cometias
agir com toda a gente. Os rostos das mulheres iluminavam-
se quando chegavas ao trabalho, os das
crianças também. Costumava observar-
te, torcendo para que um dia eu pudesse ser essa versão de ti.

Chegada a altura de ir ter com a Morgan, fico na dúvida sobre se devo ir
emoções que estou a sentir. São de uma cor escura. Nada boa. Não teria ido se ela
a dizer que já tinha chegado. Que estava à minha espera. Despacha-
te, disse ela, está um gelo. Visto
uma camisola e saio do quarto pelas escadas da saída de emergência presas à min
me ao muro que delimita o jardim, as luzes de presença só são activadas

com gravilha ou se atravessa o relvado. Sei-
o porque já fiz a experiência. A Morgan está no canto
mais afastado, ao lado do portão que vai dar à vereda. Agora, às seis da
medida que os meus olhos se habituam à escuridão, consigo ver a sua car
está a comer uma sanduíche.

— É uma sanduíche com batatas fritas — diz ela. — Lembras-
te de me teres dado um pacote quando nos conhecemos?

Respondo-lhe afirmativamente com um aceno de cabeça.

— Então, o que contas?

— Nada de especial, só umas cenas que aconteceram na escola.

— Que tipo de cenas?

— Tem a ver com o corpo docente.

— *Arg*, não me digas que tens um professor tarado!

Acontece que, pelos vistos, a tarada sou eu.

— Não, é só um mal-entendido.

— Ele tentou apalpar-te ou algo assim?

— Não é um ele, é uma ela.

— Ainda pior.

Sim, a opinião pública acha o mesmo em relação a ti. Uma mulher que mata criar
mundo, os jornais abertos em cima da mesa da cozinha ao pequeno-
almoço, o leite dentro de jarros

às riscas a coalhar, quando saíram as primeiras notícias. Cereais de pequen
almoço cuspidos.

Pontapeio o muro. Dentro de mim, corre lava em vez de sangue.

— O que se passa contigo? Estava só a brincar.

Respondo que não se passa nada de errado, mas o que deveria dizer era: Fica long
me sinto eu. Ou talvez esta seja eu, talvez esta seja quem sou, alguém que está dia
amiga a lutar contra a ânsia de fazer alguma coisa, de causar dor, para que seja pa
não seja só eu a sofrer.

A Morgan faz barulho a comer. O estalar das batatas fritas, um ruído que polui o s
preciso. Normalmente, a companhia dela ajuda, mas não hoje. Não paro de
nas perguntas deles. O que viste na noite em que o Daniel morreu? O que acontec

Viste-a fazer o quê?

— É por causa da tua mãe? É por isso que estás stressada? Por falar nisso, vi qual
notícias, a dizer que ela era enfermeira. Que cena marada, imagina ser paciente de

— Não quero falar sobre isso, Morgan, pára.

— Falar sobre isso pode ajudar, a culpa de ela ser louca não é tua. Na televisão di
que vivia uma criança com ela… se não eras tu, quem seria? Não sabia que tens i

— Não tenho.

Nenhum sobre o qual queira falar.

— Então quem é que achas que vivia naquela casa com ela?

Encolho os ombros.

— Já te pedi, Morgan, por favor, pára.

O silêncio é melhor, não digas nada. Por favor. Demasiadas perguntas. Demasiada
a minha cabeça. NÃO É VERDADE, ANNIE, É SÓ A MINHA. A lava dentro de
meigo que encontra pelo caminho. Observo a boca da Morgan a mexer, o modo c
lábios. Come-os, come tudo. Quero que ela pare de falar sobre ti.

— Lá em casa, todos acham que ela vai ser condenada a prisão perpétua. Nunca n
vê-la, o que provavelmente é o melhor.

— Cala-te, Morgan, estou a falar a sério. É a última vez que te digo.

— Céus, olha só quem é toda sensível! Ela é um monstro de merda, devi

odiar.

Come que nem um animal, tem a cara toda suja. Os dentes e a língua. Continua a continua? SIM, CONTINUA, O QUE É QUE VAIS FAZER? O lobo bom. O lobo *Crunch!* Batatas fritas.

Língua. Lábios. Faço menção de acalmar o mau, digo-lhe que tenho frio, que vou para dentro.

— Porque estás tão zangada? Não queres saber dela, pois não?

Não conseguiram fazer o Humpty Dumpty ficar inteiro outra vez[3].

A sanduíche é quem leva primeiro, projectada da sua mão, segue-se o seu braço. Com o meu corpo, esmago o dela contra o muro, o sítio onde combinámos encontrar-nos deixa de ser um lugar seguro. Faço uso da minha altura, aperto-lhe o braço com os dedos, penso que forma e cor a nódoa negra assumirá.

— Larga-me — diz ela. — Pára.

Costumava ser eu a dizer isso, agora estou do outro lado, pus-me na outra pele. Sabe bem ser má.

Lamento, não consigo evitá-lo, e ela já não está a falar sobre ti, portanto, talvez resulte ser má às vezes. Poderia ter feito algo pior, só que, quando ela diz «se calhar, és mais parec do que pensas», a lava retrocede, torna-se roxa. Arrefece. Doente.

Uma doença dentro de mim. Largo-lhe o braço, dou um passo atrás, debruço-me. Pouso as mãos sobre as coxas. Não posso. Ser como tu. Não quero ser.

Ficamos ambas em silêncio, cada uma digerindo à sua maneira o que se passou. V me para a encarar, ela está a esfregar o braço para cima e para baixo com a outra mão.

— Morgan, desculpa. Não sei o que aconteceu.

— Sim, pois, não vai acontecer mais nenhuma vez.

— O que queres dizer com isso?

— O que quero dizer é que podes ir para o caralho.

Tento abraçá-la, só que ela usa os braços para me bloquear, empurra-me e vai embora. Fico
sentada no chão durante algum tempo, olho para cima, para o céu de Inve
solitária. Desvio o olhar e, quando olho de novo, a estrela desapareceu.

Não quer que eu a veja.

Canto enquanto os procuro.

Oito garrafas verdes penduradas na parede. Não. Não são garrafas, é outra coisa c
estão na parede. Experimento cantar novamente a canção, desta vez com as tuas p

Estão oito coisinhas pequeninas escondidas na cave, julguei que eram nove
chegou lá. Lembras-te?

Sim.

Se eu ao menos conseguisse abrir a porta, poderia ver se as coisinhas pequeninas

Não consigo abrir. A porta.

— Milly, é a Saskia. A porta está trancada, o Mike trancou-a. O que estás a cantarolar?

E se uma das coisinhas pequeninas caísse acidentalmente? Não consigo abrir. A p

— Vou chamar o Mike.

Conseguem ouvir-
me, coisinhas pequeninas? Vim aqui para vos libertar. Mas eles não respondem,
é tarde demais. Cheguei tarde demais.

Já caíram.

O que significa que vão ter de cá ficar.

Acordo ao som da partida da Phoebe para a sua viagem a Cornwall com a equipa no corredor, uma porta a abrir e a fechar. Segunda-feira. Devia levantar-me, vamos passar uns dias
fora, mas sinto o corpo pesado, o fardo devido à vergonha daquilo que fiz à Morg

Devido ao volume da tua voz.

A Saskia bate à porta, pergunta se pode entrar, digo que sim e sento-me na cama.

Calças de ganga brancas, justas, apertadas. Uma camisa às riscas brancas e azul-bebé metida para
dentro, a metade superior do cabelo penteada para a frente de modo a formar um mola castanha, o restante a cair-lhe sobre os ombros.

— Espero não te ter acordado, queríamos deixar-te dormir até mais tarde, considerando…

Considerando a noite passada.

— Vamos sair em breve. A viagem de carro não deve demorar mais de u chegaremos lá a tempo do almoço.

Não diz mais nada sobre esta noite. O Mike ter-lhe-á dito para não o fazer, ter-lhe-á explicado que era de esperar, dada a proximidade do julgamento.

— Milly.

— Desculpa, estava…

— A milhares de quilómetros?

Mais longe.

— Algo do género, sim.

A Saskia brinca com o colar, leva-o à boca, pressiona o contorno das letras contra os lábios, que
ficam brancos, depois voltam a ganhar cor. Pergunta-me se preciso de ajuda para fazer as malas.

— Não, obrigada, desço daqui a nada.

Assim que ela fecha a porta, pego no meu telemóvel para ver se a Morgan respon
o fez. Debato-
me com a ansiedade enquanto lavo a cara, me visto e preparo uma mala com roup
para passar a noite fora. O que fiz à Morgan foi errado e não quero perd
preocupa-
me também a possibilidade de ela contar a alguém sobre mim. Sobre quem sou.

Quando chego ao piso de baixo, vejo que a *Rosie* está no
hall ao lado do saco de viagem do Mike
e da Saskia. Abana a cauda quando me vê. Pouso o meu saco, faço-
lhe festinhas entre as orelhas.

— Acho que tu não vais — digo-
lhe. — Ficas aqui com a Sevita. Talvez prà próxima.

Ela inclina a cabeça, lambe-me a mão e acompanha-me até à cozinha.

— Há sumo de laranja acabado de fazer. Queres um pouco? — oferece a Saskia.

— Não, obrigada, vou preparar umas torradas.

O Mike está ao telemóvel, encostado ao lava-louça, de costas para nós.

— Claro, levo-a na quarta-
feira quando regressarmos, se te der jeito a ti! Muito bem, claro.

Obrigado, June, até quarta.

Desliga e vira-se para nós.

— Era a June, combinámos que vais lá esta quarta-
feira às três para assistires à gravação do teu depoimento. Eu levo-te.

Anuo, subitamente sem apetite.

Apanhamos algum trânsito à saída de Londres, segue-
se um longo troço de auto-estrada, a
paisagem cada vez mais verde à medida que nos afastamos da cidade. O Mike pe

me como têm
estado a correr os meus desenhos para o prémio de Arte. Bem, digo-
lhe. A Saskia vira-se para trás e diz que adoraria vê-
los um dia destes. Ambos trocam um sorriso e ela pousa-lhe a mão na nuca por
um instante. É a primeira vez que a vejo tocar nele.

Cerca de uma hora depois, viramos para uma longa estrada de gravilha, uma fonte
termina. Um membro do
staff explica ao Mike que o parque de estacionamento está completo, por
causa das férias escolares.

— Deixe a chave na ignição, levaremos o seu veículo para um estacionam
naquele terreno ali. Guarde este talão e, sempre que precisar do carro, basta mostr
lo na Recepção, que eles mandam entregar-lho.

O Mike trata do *check-in* e somos levados até aos nossos quartos, uma
suite familiar, quartos
separados com uma porta a fazer a ligação. Quando descemos para o almoço, fico
a quantidade de crianças. A gatinhar; a correr; a chorar; a sujar-
se. Por todo o lado. Mas não são
apenas as crianças, tu também cá estás. A tua cara, na primeira página de

«Falta uma semana». Um homem sentado numa mesa à janela segura-te. Lê-
te. Dobra-te. Guarda-te no
bolso de dentro do casaco que uma das empregadas lhe entrega. Levanta-
se e veste-o. Como a tua
cara está junto ao seu coração. Mas, verdade seja dita, tu amas de um modo differ
das pessoas. O teu amor não é tão delicado e doce como um beijo dos teus lábios
coração de alguém. Nem de perto.

O Mike pergunta-me se estou bem. Sim, estou óptima, digo-
lhe. Não quero estragar a viagem informando-o de que tu também vieste.

Depois do almoço, damos um passeio pela zona envolvente, paramos para conver

famílias. O Mike dá de caras com um colega de trabalho. O homem cumprimenta
beijinho e, quando lhe sou apresentada, comenta:

— Com que então esta é a Milly.

O Mike anui e sorri, sim. Sim, esta é a Milly. O homem explica que a C
acompanhou, foi só mudar a fralda ao bebé.

— E tenho mais estes dois pequenos terroristas.

Dois rapazinhos, com cinco ou seis anos no máximo, jogam à apanhada por ali. P
divertir-
se, não me importava de me juntar a eles. É um jogo simples. Inofensivo. Mais ac
tarde decorrem no relvado frontal actividades organizadas para as crianças, fazen
de desporto escolar. Eu e a Saskia ficamos sentadas nas poltronas junto à janela, a
de canções, corridas do ovo na colher, até mesmo uma corrida para os pai
houvesse e se estivesses aqui em carne e osso terias participado, provavelmente te

Mike chega, boceja, sugere que nos deitemos todos cedo. Durante a nossa
explicou-
me que na semana passada fechou a porta da cave à chave, não queria que eu me

Agradeci-lhe, desejando poder contar-
lhe que ficar impossibilitada de ir ver o que se encontra lá em
baixo me magoa ainda mais.

Depois do jantar, vão para o quarto deles e eu para o meu. Uma resposta da Morg
palavras:

Vai-te foder.

Na manhã seguinte, ao pequeno-
almoço, decidimos ir de carro até ao Arboreto. Está nublado,
parece que vai chover. O Mike tranquiliza-
me, as galochas e a gabardina da Phoebe estão no carro, trouxemo-las para ti.

— Ela não se importa? — pergunto eu.

— Ela não precisa de saber — responde a Saskia, com uma expressão brincalhon

Sorrimos os três.

Voltamos aos quartos para lavar os dentes, combinamos encontrar-
nos na Recepção passados dez
minutos. O homem com quem conversámos ontem, John, está junto ao balcão qu

mulher que presumo ser Cassie, a sua esposa, e os dois rapazes, mais um bebé qu
Cassie e a Saskia ainda não se conheciam pessoalmente, tecem comentário
educados sobre como está frio, um dia perfeito para acender a lareira.

— Acho que há uma na sala de estar principal — comenta a Saskia.

A Cassie sugere tomarmos lá um café antes de sairmos. Uma vez sentado

desatam a conversar sobre a renovação do consultório. O John queixa-
se do facto de a sala de espera não ter privacidade, é visível da rua.

— Sim, não é o ideal, talvez devêssemos pensar em pôr umas persianas ou algum

responde o Mike.

A palavra: painel. Como aquele que na semana que vem existirá no tribunal a sep
nos.

Os dois filhos mais velhos estão sentados no chão junto às janelas de esti
direito da lareira. Um cesto com brinquedos que eles não perdem tempo a deitar a
vrum-
vrum enquanto brincam com os carros, uma tentativa de imitação de tiros quando
uma bisnaga. Uma nesga do sol de Inverno espreita, atravessando a barreira form
céu, incidindo perfeitamente em torno dos meninos, o tom dourado dos seus cabe
olhos. Anjinhos. Mais uma vez, sinto-me tentada a juntar-
me a eles, ou a chorar, tamanha é a beleza.

Acabo por não fazer nada, permaneço onde estou, sem saber se chorar ou
me a eles seria considerado bem-
vindo ou normal. Quando me viro, o Mike observa-
me com uma expressão
estranha, tenta sorrir quando vê que reparei. A Cassie começa a falar com
Wetherbridge.

— Obviamente, ainda faltam muitos anos — diz, olhando para a bebé que tem no
é sempre bom ter a perspectiva de quem conhece em primeira mão.

A Saskia parece hipnotizada pela bebé, desvia o olhar mas acaba sempre p
lo sobre ela. A Cassie apercebe-se, pergunta-lhe se ela gostaria de lhe pegar.

— Não, deixe estar, não tenho muito jeito para bebés.

— Então e tu, gostavas? — pergunta-me a Cassie.

— Sim, se faz favor.

As palavras escapam-me da boca, ela levanta-se, passa-
me a bebé. Pele rosada, olhos fechados,
uma amorosa cortina de pestanas tão compridas que quase chegam às boch
boca, nenhum boneco ou biberão, mas esboça um movimento de sucção contínuo
cor de pêssego, para dentro e para fora. Um botão de flor.

As coisas belas e puras fazem-me sentir feia. Conspurcada. Lembro-
me de que quando tinha três
anos, talvez quatro, e te perguntei de onde é que eu tinha vindo. Esperava que me
esfregasses os nossos narizes um no outro como num beijinho à esquimó e respor
dentro de mim, pertences-me, eu amo-
te. Tal como a mamã de uma outra menina fizera quando
confrontada com a mesma pergunta na escola, mas tu não respondeste, saíste da c
me ali especada sozinha.

A Cassie comenta com o Mike, A vossa filha tem imenso jeito, e, por um instante
segundo, vejo qual é a sensação de acharem, por engano, que sou filha deles.

— Na verdade, a Milly é a nossa filha adoptiva, a Phoebe foi de viagem com a eq

— responde o Mike.

— Já te tinha dito isso ontem à noite — acrescenta o John.

— Desculpem, os neurónios também tiraram uma licença de maternidade. Mas is
admiro-vos muito por acolherem…

Alguém como eu.

Não chega a terminar a frase, a bebé desata num choro zangado e bem sonoro. De
olhar para mim. Assustada. Sentiu-
o. Seja lá o que for que existe dentro de mim. Sentiu-me segurá-la
com um nadinha de força a mais. Com mais força ainda quando ouvi o Mike dize
deles. Devolvo-a à mãe, está em boas mãos. Ou assim se espera.

Pegamos no carro e vamos ao Arboreto. Quando lá chegamos, há bastante famílias, uma ou outra pessoa desacompanhada. Arbustos exóticos e avenidas lad meticulosamente aparadas, as cores outonais, os laranjas e amarelos-torrados, o eco de um intenso
carmesim das folhas vermelhas das copas acima de nós. Caminhamos quas

Acho que isso significa que estamos à vontade, uma noção agradável. Feliz. O M se vêem muitos jovens da minha idade.

— Ao que parece, passar férias com os pais deixou de ser considerado fixe.

— Não faz mal — respondo. — Estou a gostar de estarmos aqui só nós os três.

O Mike sorri, descontraído. E, embora ele nunca o admitisse em voz alta, sei que um certo alívio por não ter de ser o moderador entre a Saskia e a Phoebe todos.

Ao serão, depois do jantar, compro um globo de neve para a Morgan na loja de *souvenirs* do hotel.

Alguns abetos, duas crianças de mãos dadas, o boneco de neve que fizeram ao se lhe
uma nova mensagem, a dizer que lhe comprei um presente. Ela não responde.

De início, penso que é imaginação minha ou que é a televisão do outro la aproximando-
me da porta que liga os quartos e encostando o ouvido, ouço-os. A discutirem. Ao
jantar, a Saskia estava embriagada, praticamente muda à excepção dos soluços a s a qual, como é óbvio, ela estava demasiado cheia para conseguir comer. O Mike c sobre ela se controlar, sobretudo com o julgamento na semana que vem. E

Esforça-
te mais, responde ele. Um deles atira qualquer coisa, um copo talvez, acerta na pa vozes baixam de volume, ela começa a chorar. Imagino o Mike a abraçá-
la, a dizer-lhe que está tudo bem. Passado um pouco, as vozes calam-
se, ouço outro tipo de barulho. Os gemidos da Saskia fazem-
me sentir esquisita. Envolvida. Quando se faz silêncio, dispo as minhas rou

dedos, para cima e para baixo, a escada que as cicatrizes brancas formam

costelas, depois vou tomar um duche.

Esfrego-me até ter o corpo em carne-viva.

23

Faltam cinco dias.

Dirijo-
me à porta da varanda, abro as cortinas, há um tordo pousado no parapeit
vermelho. Inchado para se proteger do frio. Quando me vê, voa para longe. Já nã

Não o culpo.

Na quarta-
feira, quando regressámos das Cotswolds, fui com o Mike ao tribunal para
gravação do meu depoimento. Não foi fácil. Ver a rapariga no ecrã a falar
rapariga sou eu.

Gostaria que fosse possível retractar as minhas declarações, que pudesse dizer:
Aquilo não aconteceu.

Mas aconteceu.

Estando lá, os advogados fizeram a simulação de um interrogatório por parte da I

Conhecias o Daniel Carrington?

Sim.

Como é que o conheceste?

Ele era uma das crianças no local de trabalho da minha mãe.

Estavas em casa quando ela o levou para lá?

Sim.

Os advogados avisaram-
me que os da Defesa farão tudo e mais alguma coisa para me passarem
rasteiras, para me fazerem parecer uma testemunha em quem não se pode confiar

relação a isso?, perguntou o Gorducho. Disse que me sentia bem.

Menti.

A June mostrou-
me a sala de audiências, o palanque ao qual terei de subir e onde ficará o painel
que me protegerá de ti. A noção de estar perto de ti outra vez gerou uma reacção
mais dentro da boca, tanta que achei que ia vomitar. O julgamento tem início na s
feira, mas disseram-me agora que só vou apresentar-
me em tribunal na quinta ou na sexta. Tive de alterar o
número no armário da casa de banho — a contagem decrescente nunca foi em rel
mas a quando voltaria a poder estar contigo.

Hoje é a Noite de Guy Fawkes[4]. O Mike informou-
me que da minha varanda dá para ver o fogo-de-
artifício que todos os anos uma família que vive a algumas ruas de nós tem no jar

começar por volta das sete, disse ele. Continuo a não ter qualquer contacto com a
volto a mandar-lhe uma mensagem, falo-lhe no fogo-de-artifício, convido-
a a assistir comigo. Posso deixar-te entrar à socapa, escrevo.

Eu e o Mike tivemos uma sessão ontem para me concentrar na respiração. O que
em pânico quando estiver no banco das testemunhas. Perguntou-
me se havia alguma coisa sobre a
qual não estivesse certa, alguma coisa que quisesse voltar a rever antes de
próxima semana. Não, acho que não, disse-
lhe, na minha mente não tenho dúvidas sobre aquilo que aconteceu. Pediu-
me para pensar numa palavra que me fizesse sentir bem. Demorei algum tempo, n
lá me decidi por «liberdade». Disse-
lhe que tinha inveja de ti, a viver às claras, enquanto eu tenho de
me manter na sombra, escondida de todas pessoas, à excepção de umas poucas. T
me tudo, até o meu nome. Ele disse-
me para encarar a escuridão como um lugar de repouso; no futuro, encher-se-á
de luz. E se sou como ela, perguntei-
lhe, se o herdei? A monoamina oxidase A. A enzima da
violência. Se ela a tem, é provável que eu a tenha também, mas ele disse-
me que não sou nada como
tu, tem a certeza absoluta. Não sei bem se acredito que ele estava a ser sincero ou
está a ser.

Não me esqueci daquela manhã na cozinha, quando o vi a esconder umas anotaçõ
que na quinta-
feira, quando tanto o Mike como a Saskia estavam fora, entrei no seu escritório. N
precisei de muito tempo para as encontrar, a última gaveta da esquerda, debaixo d

O cabeçalho na primeira página: ***MILLY (ideias para livro)***.

Só me foi possível fotocopiar metade das páginas, a porta da rua abriu-
se e fechou-se, era a Sevita a chegar. Ela sorriu quando me viu no
hall, os originais arrumados onde os encontrei, as cópias
dentro das minhas calças de ganga, o cós a segurá-
las. Ao que parece, o Mike está a escrever um
livro sobre mim, sobre como estou a sobreviver com ele a meu lado. Men
contei que tive. Tu, presa num quarto em chamas. Quando me perguntou o que ac
contei-lhe a verdade. Salvei-te. De todas as vezes, salvei-
te. Por baixo, escreveu com uma caneta
vermelha: «Ainda revela uma grande lealdade para com a mãe, abordar a questão

Algumas das suas notas de rodapé aprofundam o meu sentimento de culpa
abuso perde a perspectiva da neutralidade — toda a gente está a favor ou
vermelho, depois a frase «O MEU EU BOM
vs O MEU EU MAU» sublinhada e com um círculo à volta.

Tenho dado voltas à cabeça para perceber como me sinto a respeito de o Mike esc
sobre mim. Não me pediu permissão, nunca assinei um formulário. Serei e
bilhete da lotaria para obter a fama profissional. Uma história de sucesso. Acha el

isso significar que vou poder cá ficar durante mais tempo, não me importo. Acess

eis um preço que estou disposta a pagar.

Vejo a Saskia à hora do almoço, pergunto-
lhe se sente saudades da Phoebe, que ainda está fora
com a equipa de hóquei. Ela sorri, diz: Claro, tenho saudades tanto dela como do
estão fora, é bom ter-
te aqui. A sua linguagem corporal, o modo como ela transfere o peso de um pé
para o outro, a maneira como mexe no cabelo conta-
me outra história. Que quando estamos só nós as
duas ela ainda se sente incomodada. Nervosa.

Passo o resto do dia a ler sobre ti. Os jornais
online, és o assunto na ordem do dia. Um repórter à
porta do tribunal a fazer um apanhado sobre o que acontecerá quando o julgamen
teus crimes na ponta da língua, o número nove referido três vezes. Nove crianças.

Nove acusações de homicídio.

Quando acabo de ler toda a informação que consegui encontrar, está a escurecer l
muito para o fogo-de-
artifício. Vou à casa de banho e, quando volto, vejo movimento na varanda. O

tordo não regressou, mas a Morgan sim.

Baixo o monitor do portátil, destranco a porta, o meu coração entusiasmado dentr
tem o capuz posto, a tapar-lhe a maior parte da cara.

— Lamento, Morgan. Lamento mesmo, mesmo muito.

Ela encolhe os ombros, de olhos postos no chão. Alcanço a sua mão, puxo-
a para dentro do quarto, mostro-lhe o globo de neve.

— Agita-o.

E, quando ela o faz, sei que vamos ficar bem.

Clemente, é o que ela é, e só. Somos capazes de perdoar muita coisa qua
companhia.

Quando o fogo-de-
artifício começa, vamos para a varanda. Foguetes e explosões de cores alegres
pintam o céu.

— Nunca mais voltes a fazer nada do estilo — diz ela depois de o espec

Magoaste-me.

— Eu sei, e não voltarei a fazê-lo. Contaste a alguém?

A Morgan abana a cabeça em negação, parece ficar desapontada por eu lh
depois vai embora, levando com ela o globo de neve.

Ouço-te a vir, a serpentear ao longo da alcatifa grossa do meu quarto.

Tens um recado para mim, algo que me queres dizer.

VEMO-NOS NO TRIBUNAL, ANNIE.

Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro.

A porta à direita.

Querias cortar o meu cabelo, que me dava pelo meio das costas, curtinho como o de um rapaz.

Mas não o fizeste, eu chamaria a atenção na escola.

Ainda assim, arranjavas formas de te divertires.

Mascaravas-me, enchias as minhas cuecas de meias.

Mas eu não era suficiente para ti.

O quarto na nossa casa que tinha permanecido vazio durante meses.

O quarto em frente ao meu.

Anunciaste-o uma noite ao jantar.

Parque infantil, é como lhe vou chamar, disseste.

Insaciável.

Eu sabia que jamais pararias, por isso decidi correr

o risco de também te deixar.

24

É o primeiro dia do teu julgamento. Recuso a sugestão do Mike de faltar semana. Está a tentar proteger-
me. A Imprensa. Explodiu. Todos os noticiários e manchetes que li na Internet antes do pequeno-

almoço, a transbordar de ti. A página da BBC mostra a multidão à porta do tribunal. Uma horda. De pessoas zangadas. Se pudessem, bateriam incessantemer na carrinha de transporte quando fosse a passar contigo no interior. Cuspir

Atirariam granadas de tinta, vermelhas. Assassina. Assassina.

O silêncio em casa é ensurdecedor, o rádio da cozinha nem ligado à corrente está. brincar com todas nós: Acho que deveríamos tentar passar uma semana, talvez du Phoebe diz que não quer saber, acederá ao canal Netflix no portátil. Hoje de manh casa, o Mike puxou-me à parte, disse-
me para vir directa para casa se as aulas se revelarem demais
para mim. Então e se tudo se revelar demais?, apeteceu-me perguntar.

Se tivesse pensado bem sobre o assunto, se tivesse sido esperta, teria ficad natação esta manhã. Estúpida. A cabeça, atordoada. Mudo de roupa dentro de um as cicatrizes e cortes nas minhas costelas ficarem escondidos pelo fato de contava-
lhes que corto a pele para deixar escoar o Mal e deixar entrar o Bem. Ma compreenderia, perguntariam: De que estás a falar, qual Mal?

Uma fileira de canoas à nossa frente, aprender técnicas de salvamento é essencial de actividades do Prémio do Duque de Edimburgo[5].
Somos divididas em grupos de quatro, quem
quer que se encontre ao nosso lado. Deveria ter estado mais atenta.

— Vamos lá, raparigas — incita a professa Havel para nos apressar. — Já grupo de trabalho? Óptimo. Toda a gente alinhada na beira da piscina.

A Clondine tenta ser simpática.

— Oh, vá lá, Phoebs, ela não é assim tão má.

Desafiada em grupo por uma das suas crias. A Phoebe retruca:

— Cala-te, Clondine, nem sequer a conheces.

Ela tem razão.

— Não, mas conheço-
te a ti — riposta a Clondine, mostrando a queimadura de cigarro, já a

cicatrizar, nas costas da mão.

Estamos na outra ponta da piscina, na ponta oposta àquela em que se enc

Murmúrios abafados circulam para trás e para a frente, suficientemente alto para

A Phoebe e a Izzy tecem comentários sobre como o fato de banho me fica, quão e
dos meus braços. Uma antiga cicatriz, grande e roxa, no meu antebraço direito, cl
lhes a atenção.

— Aposto contigo que foi ela quem a infligiu.

— *Ya*, aposto que foi ela, provavelmente, é fã de sadomasoquismo.

Uma explosão de gargalhadas.

— Pouco barulho, vocês aí ao fundo.

A cratera roxa no meu braço. Não. Não fui eu que a infligi a mim próprio
aconteceu. Quando a fizeste, mamã, disseste: É para que não te esqueças.
meu braço contra o aquecedor de toalhas na nossa casa de banho. Serás sempre m
tatuagem do nosso amor sob a forma de uma queimadura no meu braço.

O instrutor entra na piscina, exemplifica como dar a volta à canoa quando fica vir

A diferença entre vida e morte, diz ele quando reemerge do azul. Relaxem
vossa companheira também. Façam o que fizerem, não entrem em pânico.

Observo-o, a sua boca mexe-
se, mas o som sai distorcido. Em câmara lenta. Demoro um momento
a perceber que estou a cair. Empurrada para dentro da piscina. Sussurros de início
penses, empurra-
a, anda lá. Caio à água com força, as pernas a baterem nos azulejos do fu
piscina. Impulsiono-
me contra o fundo para nadar até acima e respirar. Uma fila de cabeças, t
alinhadas, fitam-
me quando venho à superfície. Um exército de raparigas em licra preta, os
não estão para baixo junto ao corpo mas sim dobrados sobre os seus seios

Risos, uma ronda de aplausos.

Nado até à margem, o instrutor tece uma piada sobre alguém que está em pulgas p
Phoebe estende-
me a mão quando me aproximo da borda. Sei o que está a planear, consigo ler-
lhe os
pensamentos e não me parecem muito diferentes dos meus. Aceito a sua mão, ten
lateral da piscina, estou já meio de fora, é então que ela me larga. Desta
impacto com a água a deixar-me a pele a arder. Mais gritinhos e gargalhadas.

— Oh, por amor de Deus, Phoebe, vê se cresces, isso foi parvo e perigoso, já para
um desperdício de tempo para o resto da turma. Sugiro que tu e a Milly façam par
revirar a canoa, vejam se são minimamente capazes de ser sensatas em conjunto,
me Deus, Milly, despacha-te, ou tenho de ir buscar uma cana para te pescar?

— Não, professora Havel.

Nado até às escadas, satisfeita com a expressão estampada no rosto da Phoeb
quem ri melhor, querida parceira.

— Por acaso, professora Havel, dava-
me jeito uma voluntária, e, uma vez que já estás dentro de

água… — O instrutor aponta para mim.

— Que excelente ideia, nada até aqui, por favor, Milly.

Quando chego ao pé do instrutor, ele pede-
me para subir para a canoa enquanto a mantém imóvel.

É tudo uma questão de comunicação, diz ele, e de confiança.

— Estás preparada?

Aceno que sim, agarrando-me com força aos dois lados da canoa.

— Vamos virar a canoa quando eu disser três, *okay?* Um, dois, três, para baixo.

Um borrão de azul, de volta para cima num instante.

— Que tal?

— Tudo bem.

— Vêem, meninas, é superfácil. Formem duplas para fazerem esta parte, por favo
uma canoa pode ir praticando o exercício de nadar de forma assistida. Bas
flutuar de barriga para cima a fingir que está inconsciente. A vossa missão
la a nado até à borda, mantendo sempre o seu nariz e a sua boca fora da água.

— Professora Havel, não posso ficar com a Izzy ou com a Clondine?

— Não, tu e a Milly vão trabalhar juntas. Se não tivesses estado tão inter
disparates desnecessários há bocado, se calhar agora poderias dar-
te ao luxo de escolher, mas, assim sendo, não. É a tua vez de dar a volta.

O barulho na piscina, os salpicos e os gritos, um nervosismo no ar, a ideia de dar
água não agrada a ninguém. A Marie reclama por causa do cloro, que lhe vai estra
até à Phoebe, seguro a canoa no lugar. É a sua vez de dar a volta. Talvez ela tamb
ao interior da minha mente, aos meus pensamentos, porque diz:

— Não tentes pregar-me nenhuma partida, *okay?*

O meu silêncio enerva-a, resulta sempre.

— Estou a falar a sério, caso contrário, vais pagá-las.

Anuo, fazendo figas atrás das costas.

Enquanto ela sobe para a canoa, sinto-me tentada a perguntar-
lhe sobre o Sam. Deixou o portátil
para trás durante as férias. Fiquei admirada, contudo, satisfeita, por descobrir que
lhe sem palavra-passe. Criar uma palavra-
passe foi a primeira coisa que fiz quando me deram o meu.

Ela acha que não há necessidade. O Mike é o tipo de pai que nunca mex
primeiro. Acredita piamente no respeito pela privacidade, em nos deixar ser adole

Olho para trás para me certificar. O instrutor está ocupado. A professora Havel, n
piscina. As raparigas a comportarem-
se como raparigas, só a pensar em si próprias. Digo à Phoebe
que vou contar até três e depois vou virar a canoa.

— Despacha-te mas é, foda-se.

Então é o que faço. Um, dois, três e vira, uma volta inteira.

Não.

Propriamente.

Paro a meio. Um elefante. Dois elefantes.

Três.

Ela apercebe-
se ao número três. Já não está de mãos cruzadas sobre o peito, bate na ca
ambos os lados. Sinto o seu corpo mover-se, espernear e contorcer-
se de um lado para o outro.

Seis elefantes.

Sete.

O barulho na piscina faz eco nos azulejos, risos e tossidelas para cuspir á
ninguém repara. Durante quanto tempo é que uma pessoa normal consegue
debaixo de água? Trinta segundos? Sessenta?

Nove elefantes.

Dez.

Ela crava as unhas na minha mão, uma ténue espiral rosa na água. Feridas em for
luas,
infligidas por unhas tão bonitas, o seu grande orgulho. O instrutor aproxima-
se, a professora Havel
também. Viro a canoa, a cabeça dela para cima, fora da água. Emoções. Um arco-
íris estampado no
rosto. Pânico. A seguir, medo. Alívio por estar viva, e raiva, a última a surgir. Del
me com cada
tonalidade. Ela arfa, o peito a ofegar para cima e para baixo, olha para mim.

— Sua cabra — diz. — Professora Havel. Professora.

O instrutor sopra o seu apito, aos berros, manda-
nos trocar de lugar, aqueles que estiveram a dar a
volta na canoa passam agora a praticar o salvamento a nado e vice-versa.

— Professora Havel.

— Valha-me Deus, Phoebe, não pode esperar?

A Clondine e a Izzy aproximam-
se a nado, vêem a cara da Phoebe. Pálida. Em pânico. Presa num
ciclo. A sensação de que tem os pulmões prestes a explodir. Encurralada.

— O que aconteceu? — pergunta a Izzy.

— Quase me afoguei, foda-
se, foi isso que aconteceu — responde ela, de olhos postos em mim. A
parte branca dos olhos avermelhada, do cloro.

— És tão dramática — troça a Izzy.

— Vai-te lixar, Iz, todas vocês, vão-se lixar.

Sai de dentro da canoa, nada até às escadas mais próximas da professora
ainda toda arrepiada. Ficamos com pele de galinha quando temos frio, por outros

Leva a mão à garganta, assegurando-
se de que consegue respirar. Não sei o que diz à professora
Havel, mas, seja o que for, é autorizada a sair da piscina e não volta para assistir à
aula.

Ela mencionava-me nos seus *e-*
mails para o Sam — Há qualquer coisa nela de que não gosto,
escreveu. Em que sentido?, perguntou ele. Não sei, é um bocado esquisita ou algo

Ou algo assim, Phoebe.

No final da aula, quando estou a levar a canoa de volta para o seu lugar, sinto um
na mão direita. Quatro marcas na pele, a configuração do medo dela. Na privacid
pela porta do cubículo, uso o telemóvel para tirar uma fotografia à minha mão. U

25

No dia seguinte, mantive-
me em estado de alerta máximo na escola, ciente de que a Phoebe não demoraria muito até se vingar. Olho por olho, dente por dente. Um jogo d questão de tempo.

Não devia, mas também fui falar com a PK, e a caminho da sala dela apercebi-
me de como tinha
os olhos. Secos. Um clique quando pestanejo, não tenho dormido o suficie enervada, sabendo que terei de me sentar no banco das testemunhas daqui a dois se passa no tribunal, o Mike disse que está em contacto com a June quas deveria concentrar-me em mim, em dormir o máximo possível antes de quinta-
feira. Também gostaria
de dormir, só que, sempre que fecho os olhos, vejo nove coisinhas pequen para mim, a pedir ajuda.

Disse à PK aquilo que ficou combinado com o Mike, que eu faltaria às aulas na q por causa de uma pequena cirurgia.

— Nada de grave, espero? — perguntou ela.

Não, só mesmo o corte do cordão umbilical.

Já deveria ter sido feito há anos. Tóxico.

Enquanto me dispo para tomar um banho antes de me deitar, não paro de imaginar especada, à minha espera, à porta da sala de audiências, a atirar uma mo coroa. Aquela moeda oval que mandaste fazer no ano passado quando fomos a ur do País de Gales, não para passarmos férias, era um território novo que querias ex

Um território de caça novo, era o que isso queria dizer. Quando fui à cas homem que controlava as entradas e saídas que cunhasse a moeda igual d jogamos, coroa não jogamos, disseste tu de regresso a casa. Demorei meses a per dois lados. Ganhavas sempre. Contudo, agora já não és o juiz, um homem de peru outras doze pessoas. Desta vez, já não és tu quem decide. São eles.

Nem sequer a ouço a abrir a porta da casa de banho, tão ocupada estou a esfregar com champô, a tentar calar a tua voz. Ela abre a cortina da banheira com brusqui de tapar as minhas costelas com os braços, esconder as cicatrizes, mas não o peit

flash do telemóvel, ela obtém o que precisa.

— É para aprenderes a não tentares afogar-me, cabra.

Enrolo a cortina da banheira à volta do corpo, tenho medo de que ela a puxe para
faz. Pergunta-
me se fui a algum lado interessante nos últimos tempos. Vendo que não respondo,

— Não penses que não sei tudo sobre a tua amiguinha do bairro social.

Esconde-
o. Não demonstres. O vapor a fazer com que me seja difícil respirar. Quente.

— Estou certa, não estou? A Izzy disse que te viu com aquela otária que se senta
da nossa casa. Qual é o problema, não consegues arranjar amigas da tua idade? Ta
talvez ele te pergunte sobre isso durante o vosso tempo «privado». O que
soubesse que andavas a passar o tempo com uma das ratazanas do bairro social, e
que é tão mais nova?

*Ela tem doze anos, quase treze. É baixa para a idade. E sei o que o teu
preocupado*.

— Patética, é o que tu és. Aposto que adoraste estar nas Cotswolds sem mim, a br
às mães com a minha família.

Adorei, sim.

— Não que eu me importe, seja como for, já não falta muito para te ires embora,
nem cá passas o Natal.

Olho para o seu rosto com uma expressão zangada. Deveria dar a mão à palmatór
me
para darmos um aperto de mão, dizendo: Fica combinado. Uma trégua. Va
imagina como nos vamos divertir. Imagina o que aprontaremos. Mas a tentação d
atacar, de
lutar, é tão mais forte. Culpa dela, continua a alimentar o lobo errado, a d
lhe permissão para
assumir as rédeas. Assim, em vez de tentar fazer as pazes, digo-lhe:

— Às vezes, ouço-te à noite.

— O quê? De que estás a falar?

— Ouço-te.

Um alvo no seu corpo, o centro mesmo no seu peito, fá-
la ficar especada. Ela sabe a que me refiro,
que a ouço a chorar. Posso estar nua, mas ela acabou de ficar exposta.

Passam-
se apenas alguns minutos após a sua saída para o meu telemóvel vibrar, ela terá o
meu novo número no quadro de ardósia à entrada, o Mike insiste em ter os núme
afixados. Troco a cortina da banheira por uma toalha, vou até à minha secretária e

Uma MMS. O cabelo cheio de champô, a pele a reluzir, os braços cruzados à volt
mamilos duros, uma floresta negra em baixo.

Vejo que ela a enviou para várias pessoas. Raparigas e rapazes, incluindo
casa de banho, deixo cair a toalha que tenho à volta do corpo. Corto. Um

Vermelho. Uma foto mais interessante, bastava ela ter pedido.

26

Hoje de manhã, antes de sair para a escola, a Saskia deu-
me uma pequena bolsa de veludo. É um
presente, é da loja de cristais em Portobello Road, explicou. Quando abri a bolsa,
de dentro, fi-
la deslizar sobre a palma da mão, os cantos ásperos e ao natural, a parte de cima e
parte de baixo polida e preta, ela disse tratar-
se de uma turmalina preta. O talismã da protecção.

Pensei que poderias tê-
la no bolso enquanto estás no tribunal, achei que talvez ajudasse, disse ela.

Agradeci-lhe, mas o gesto, embora gentil, fez-me sentir pior, relembrou-
me que preciso de protecção.

Não me sinto preparada para amanhã, uma nódoa negra escura. Roxa. Azu
escura. Profunda.

Pulsante. A caminho da escola, repasso mentalmente as perguntas dos advogados
o que a tua mãe fez, conta ao tribunal o que viste —, mas não me lembro das resp

Basta dizeres a verdade, diz o Mike.

É mais fácil falar do que fazer.

Encontramo-
nos no anfiteatro para ensaiar a peça. As palavras, o que significam, é-
me tudo tão
familiar. Caveiras brancas reluzentes, o fim da inocência, as raparigas vesti
teve sorte da última vez, não fez de narradora quando a directora James estava a a
ela vai metendo os pés pelas mãos ao longo das suas deixas, a precisar do ponto r
não. A professora Mehmet perde as estribeiras, diz: Está decidido, Phoebe, ficas c
substituir-
te no papel de narradora. A sua expressão, podemos não estar quites — d
fotografia de ontem à noite, ela tem um bom avanço —, mas estou no seu encalce

O castigo por lhe roubar o papel não tarda. A Phoebe publica a minha fo
décimo primeiro ano, umas quantas alterações aqui e acolá, pêlos nos meus seios

A noiva de Frankenstein. Altera a palavra-
passe do fórum para «aberração», uma táctica para manter
os professores bisbilhoteiros ao largo. Envia um *e-*
mail para todas a alertar para a alteração. Estes
colégios altamente elitistas, uma raça de adolescentes inteligentes mas manhosos.

Um comentário de LadiLucie2000 sugere: Vamos criar uma página de Facebook
aberração». Phoebe acrescentou em baixo: «Boa ideia!!!! Já partilhei pelo S
que anda na Bentleys, ele vai passar aos colégios para rapazes fora de Londres.»

Ao almoço, sinto todos os olhos postos em mim enquanto vou a passar pelas mes
fila para ser servida. A maioria das raparigas baixa o olhar quando regress
tabuleiro na sua direcção, incluindo a Clondine, mas não a Phoebe nem a Izzy. De

sorrisos maldosos na boca. Não tarda muito e serei autorizada a ter um perfil no F
julgamento terminar, disse a June. Tenho muito tempo perdido para recuperar no
uma série de coisas normais. Uma entrada a pés juntos. Escolho um lugar numa m
possível da delas e, quando abandonam o refeitório, uma rapariga chamada Harri

Pergunta-me se estou bem, diz: Nem todas somos como a Phoebe, tenta ignorá-la, pode ser que ela te
deixe em paz. Piedade. Uma arma importante para a minha defesa. A minha camu

Dói, não me interpretes mal, não sou feita de ferro, mas a legenda da minha fotog
Milly, a

ABERRAÇÃO: ela pode fugir, mas não se pode esconder — faz-me sentir-me melhor. A Phoebe ainda não percebeu.

Não tenho nenhuma intenção de fugir.

Esconder.

Sim.

Fugir.

Não.

— Quero que imagines que estás no banco das testemunhas, estás segura, te a
salvo. As pessoas que te conseguem ver… os jurados, os advogados e o juiz… nã
fazer mal, apenas para te ouvir. Escolhe um objecto na sala de audiências e conce
te nele, algo
que te conforte. Quero que olhes para esse objecto se as perguntas começa
te demasiado.

— Então e se eu não souber responder?

— Dizes aos advogados que não percebeste, eles reformulam, fazem-te a pergunta de outra forma até que percebas.

O Mike termina a sessão com instruções para a manhã seguinte, manda-me ficar no meu quarto até a Phoebe ir para as aulas. Contou-lhe ontem sobre a minha pequena «cirurgia», que eu iria faltar o
resto da semana. Agradeço-lhe, e é do coração.

No meu quarto, o ar parece mais abafado que o normal, o aquecimento central est
respirar. Instalou-

se uma enxaqueca mesmo no meio da minha testa, fazendo com que me seja difíc
ver. Concentro-
me em escolher as roupas que vou usar amanhã. Só quando acabo de as dispor so
as costas da cadeira é que me apercebo do que escolhi. Roupas para te in
uma saia, uma camisa branca lisa que enfiarei para dentro, como um rapaz. Não c
me,
mas sei que aprovarias. Não devia estar a fazer isto. A continuar a tentar agradar-
te.

Não vou aguentar o dia de amanhã se te vir esta noite, se vieres até ao meu quarto
me e deixo as luzes acesas, leio o
Peter Pan enquanto as horas se vão arrastando. É o meu livro

preferido, sempre foi, desde que era pequenina. A ideia de as luzes dos faróis e d
rua serem os olhos das mães a velarem pelos seus filhos. Costumava rezar
nessa altura, acreditava na existência de um deus, mas, em vez disso, tive-te a ti.

Houve um fim-de-
semana em que assisti ao filme com as crianças no abrigo. Na parte em que o
Peter diz à Wendy: «Vem comigo para onde nunca, nunca mais terás de te preocu
crescidos», lembro-me de ter pensado que gostava de ir a esse sítio.

Por favor.

27

Passo a noite acordada e, quando chega a manhã, abro a porta do armário
apago o número. O «1» passa a agora. É agora.

Já vestida, fico em frente ao espelho de corpo inteiro, com os olhos fecha
os apenas
para ver como me fica a roupa, não ergo o olhar até ver o meu rosto. Po
composta, a minha camisa e as minhas calças passadas a ferro pela Sevita
salto, estilo sabrinas. Mas por dentro… Uma venda de caridade de órgãos.
pés para cima, demasiado coração dentro do meu peito. Não o suficiente.

Tiro da bolsa o cristal que a Saskia me deu, seguro-
o na mão. As sensações contraditórias das suas
superfícies, ásperas e macias, acalmam-
me. Não sei se acredito no seu poder, mas, ainda assim, enfio-

o no bolso das calças.

E espero.

O Mike chega mais ou menos vinte minutos depois, bate à porta, diz-me: Estamos prontos, a Phoebe já saiu.

— Devias comer alguma coisa — diz.

— Não consigo.

— Precisas de o fazer, ainda vai ser uma longa manhã, nem que seja uma barra de cereais.

— Depois, talvez.

— Vou buscar algumas coisas à despensa, podes comê-las no carro se mudares de ideias.

A Saskia aguarda-nos no *hall* de entrada e, quando me vê chegar, começa a mexericar no fecho do seu casaco, para um lado e para o outro, para cima e para baixo. Um barulho fren pára quando me vê olhá-la fixamente, tenta sorrir. O Mike sai da cozinha com um saco de plástico que contém comida que não serei capaz de comer. Partimos no seu *Range Rover* de vidros fumados, aposto que, quando o comprou, o mandou alterar, nunca imaginou que viessem a têm hoje. A esconder-me de quem possa querer espreitar, de quem possa saber que vou estar presente.

A viagem até ti é um inferno, um inferno pessoal. Ninguém diz uma palavra, olha em frente, semáforos e autocarros, um camião de recolha do lixo no caminho. O l vás, fica bem longe. O Mike põe um CD a tocar, a rádio é um risco demasiado alt

implica internamento de um dia para o outro, sendo eu a paciente na mesa de ope sorte chinês, vermelho e a debater-se, no fundo do meu estômago. A mexer-se ao ritmo da música, fazendo-me sentir enjoada ao longo dos cinquenta minutos que levamos a chegar a quero ouvir as palavras do Mike quando ele diz:

— Chegámos.

A Saskia olha em volta, oferece-
me uma pastilha elástica. Viro a cara, olho fixamente lá para fora
através das janelas de vidro fumado. Vamos entrar com o carro conforme

Fecho os olhos quando passamos em frente ao edifício, só volto a abri-
los já dentro do parque de
estacionamento subterrâneo. Conheço o aspecto de uma multidão, já vi nas notíci
ocorreu tirar-
me o portátil ou o telemóvel. As mulheres a quem roubaste, quando estavam incó
agora unidas pelo ódio na praça pública. Confiaram em ti. Uma faixa empunhada
por olho. Os jornalistas e os fotógrafos também, não tendo permissão para entrar,
oficial nomeado pelo tribunal, um privilégio. Ou uma cruz.

A June aguarda-
nos junto ao elevador do parque de estacionamento, reafirma que não te v
mantêm-
te nas celas que ficam na outra ponta do edifício. A cicatriz roxa no meu
enquanto o elevador sobe, um olá secreto, a tua forma de me dizeres que estás po
numa sala que parece pintada de fresco. De bege. Não sei o que farão com a noss
lambidela do pincel não será suficiente. A Saskia pergunta onde fica a casa de ba
sentamo-nos. Há quatro cadeiras, de um material macio, num tom verde-
escuro. Sento-me na beira da
minha, não quero sentir nada em contacto comigo. Contra as minhas costa
corrente eléctrica dentro de mim, a percorrer-
me, como se, ao entrarmos no edifício, tivessem
aumentado a voltagem. A minha.

A June oferece-
me um copo de água, sugere que vá à casa de banho enquanto posso, mas não ten
a certeza se me aguentaria nas pernas. Respira, limita-
te a respirar. Uma senhora que nunca vi
aparece à porta, só a cabeça a espreitar.

— Cinco minutos, estamos só à espera do juiz.

Limpo as palmas das mãos às calças, sinto o alto formado pelo cristal da
coxa. Quem me dera estar sozinha, poderia contar as minhas cicatrizes. O Mike d

me que vou safar-
me, que vai correr tudo bem. Gostava de acreditar nele, mas o peixe da sorte dent
volta a debater-
se, prevendo o contrário. Procuro mentalmente o meu lugar seguro dentro do tron
de árvore oco, mas, quando lá chego, desapareceu. A árvore foi cortada, le
Saskia regressa, a mulher de há pouco também.

— June, o juiz está pronto.

— Fantástico. Muito bem, Milly, está na hora.

O Mike levanta-
se, eu também, apesar de não estar preparada. Seria de esperar que estives
contei os dias, mas alguma coisa, tu talvez, deve ter entrado na sala e ata
tornozelos. ACHAVAS QUE EU TE FACILITARIA A VIDA, ANNIE? Não vou
te ouvidos, não posso. Tudo o
que tenho de fazer é responder às perguntas. Responder-
lhes. Sigo a June até à porta. Tanto a Saskia como o Mike apertam-
me o braço quando passo por eles, um de cada lado. Paro, tiro o cristal d
meu bolso, mostro-lhes. A Saskia vira a cara, chorosa. O Mike diz:

— Estaremos aqui quando tudo terminar, Milly.

Dali até à sala de audiências é uma curta distância. Tenho a narina direita a assobi
hemorragia. Devia pedir um lenço, há tempo, mas estou sem voz. Estou a guardá-
la para o tribunal.

Detemo-nos junto de uma grande porta de madeira.

— Quando estiverem prontos, abrirão a porta — explica a June.

Guardo o cristal no bolso, ela tenta fazer conversa fiada.

— Faltam poucas semanas para o teu aniversário, não é?

Os meus lindos dezasseis anos. Como não quero pensar sobre isso, ignoro-
a, fecho os olhos, reabro-
os quando ouço comoção vinda da porta. Um oficial do tribunal sai de lá de dentr
nos com a cabeça.

— Vais ser fantástica, Milly, respira bem fundo. Estás pronta? Vamos — diz a Jur

As conversas murmuradas na sala de audiências não chegam para disfarçar os nos
som óbvio. Denunciador. A June conduz-
me a um assento virado para o lado direito de um grande
painel branco, ficando de frente para o juiz e os jurados, nenhum carrasco, tanto c
ver. Assim que me sento, a June afasta-
se, ocupa um lugar perto da porta por onde entrámos. O

assobio no meu nariz cessa, o meu ritmo cardíaco entra em acção. Dispara
vibração caótica dentro do meu peito. Vejo o juiz com a sua peruca branc
minha direita, embrenhado numa conversa com um homem de bata, possivelment
de Defesa. O homem sussurra, o juiz escuta e anui. Mesmo à minha frente estão c
conto sete homens e cinco mulheres. Doze pares de olhos postos em mim, menos

Não faz mal olhares, disse-
me o Magricela, mas não sorrias, poderás ser acusada de tentar influenciá-
los. Influenciá-
los? Estou aqui para responder às perguntas dos advogados, nada mais.

Cada jurado tem um bloco de notas e uma caneta sobre a prateleira de madeira di
deles, a mulher a meio da fila de trás, rabisca qualquer coisa, talvez tambe
livro sobre mim ou a jogar à forca. A quem pertencerá a cabeça presa na corda?

Olho para a esquerda, vejo os advogados da Procuradoria, os corpos voltados um
diálogo. À esquerda, na bancada seguinte, encontra-
se outro homem de bata, a cadeira ao lado vazia,
o seu olhar fixo no homem que está a falar com o juiz. Contava ver um estenógra

sobre as teclas para captar todas as palavras que são ditas, mas a June ex
me que, desde há
alguns anos, são cada vez menos, tendo sido substituídos por um sistema de grava
pelo repórter do tribunal.

A única pessoa que resta és tu.

Pelos diagramas da disposição da sala de audiências que me mostraram, sei onde
seguir aos advogados de Defesa, na ponta mais à esquerda. Não fecho os olhos, p
que faço é escutar, atenta a qualquer som que possa vir de ti. Tento ouvir a tua res
bem esse som. Os cigarros que fumavas, de mentol, um ligeiro arranhar que te ve

não, não consigo ouvir-
te. O constante manuseamento de papéis e as trocas de posição dos pés sobrepõem-se a ti. Como estou tão perto de ti!

O homem no pódio afasta-se, senta-
se ao lado do outro advogado de Defesa. O juiz olha para os
papéis que tem à frente, olha na minha direcção, ergue a mão, diz numa voz possa

— Está aberta a sessão.

O barulho dos papéis e dos pés cessa e, ainda assim, continuo a não conseguir ou
te. Apenas a minha respiração. Trémula. Ofegante demais.

— A testemunha, faça o favor de se levantar.

Já terão assistido ao vídeo com as minhas declarações antes de eu ter entrado. Per
me se sou
o que eles esperavam, se sou diferente ao vivo. Um oficial do tribunal aproxima-
se para eu fazer o
juramento. Escolhi a versão que é uma afirmação em vez de uma promessa, não a
superior.

— Declaro solene, sincera e genuinamente que o depoimento que vou dar
verdade…

Lembra-te de respirar.

— … e nada mais do que a verdade.

OLÁ, ANNIE.

Não consigo respirar.

Tento ignorar a mão que sinto apertar-me o pescoço e concentro-
me no Magricela. Quando ele se
levanta, encara os jurados, sei o que esperar. Prepararam-me e ensinaram-
me as perguntas que vão
fazer. Vai passar num instante, disse ele da última vez que o vi.

— Senhoras e senhores do júri, todos nós assistimos ao depoimento dado

Gostaria agora de a ouvir.

Volta-se para mim.

— Por palavras suas, conte ao tribunal como era viver em casa com a sua mãe.

Uma pergunta aberta. Os advogados explicaram-
me que recorrerão a perguntas que requeiram uma
frase ou, melhor ainda, uma «história», como resposta. Quanto mais porme

Gorducho, não há que poupar nos pormenores. Então, fiz o que me mandaram e e
para contar no tribunal. Esta é verdadeira.

— Viver com a minha mãe era aterrorizador. Num minuto ela parecia esta
como preparar o jantar, no minuto seguinte ela…

Preciso de uma pausa para respirar antes de o dizer em voz alta. Esta vai ser a pri
me vais ouvir falar sobre ti. A vergonha inunda-me da cabeça aos pés.

— Está tudo bem — diz o Magricela. — Demore o tempo que precisar.

Tento de novo.

— Num minuto ela estava normal, no seguinte ela atacava-me. Magoava-
me, muito.

A primeira resposta é a que custa mais, avisou-
me o Gorducho. Uma vez tendo começado, vais sair-
te bem. Encontro um objecto, concentro-
me nele. A placa no cimo da parede por trás de onde os
jurados estão sentados. O Magricela pede-
me para descrever a primeira vez em que te vi a fazer mal a uma criança.

Conto-lhes que te vi bater-
lhe, o primeiro menino que raptaste. Não conto aos jurados o que
disseste quando te chamei cruel por espancares o seu pequeno corpo. Disseste: Nã
amor. O tipo de amor errado, ripostei. Depois, castigaste-me.

Não existe.

Chicotada.

Isso de.

Chicotada.

Tipo de amor errado.

Chicotada.

Cuspo, teu, sangue, meu, uma alquimia no ar.

Não conto aos jurados que disseste que era amor porque os meus advogados man
me não o fazer, ser-te-
ia feita a vontade e receberias uma sentença baseada na responsabilidade d

Porque somente uma pessoa louca, ensandecida, acreditaria que aquilo que fazias

De seguida, o Magricela pergunta-
me se eu queria ajudar as crianças a quem fizeste mal. Não
respondo de imediato, concentro-me outra vez na placa, os
flashbacks são como mísseis, a passar-me pela cabeça a toda a velocidade.

Jayden. Ben. Olivia. Stuart. Kian. Alex. Sarah. Max. Daniel.

Jayden. Ben. Olivia. Stuart. Kian. Alex. Sarah. Max. Daniel.

Não gostavas de usar os nomes deles, atribuías um número a cada um. M
número dez disseste tu a caminho da escola na manhã a seguir à morte do Daniel.
esqueci dos nomes de todos eles. Ou de estar a espreitar pelo buraquinho na parec

maçaneta, a tentar alcançá-los, deter-te. Tu a rires-
te bem alto. A criança lá dentro contigo, a chorar ainda mais alto.

— A testemunha precisa de fazer uma pausa? — pergunta o juiz.

JÁ? ORA, ORA, MINHA QUERIDA. JULGAVA QUE TE TINHA ENSINADO

E ensinaste.

— Não, obrigada.

— Vou repetir a pergunta: queria ajudar as crianças a quem a sua mãe fazia mal?

Doze pares de olhos a fitar-me. À espera.

— Sim, queria muito.

— Mas não podia, pois não? — prossegue o Magricela. — Porque não só como o quarto utilizado pela acusada para abusar e assassinar as crianças verdade?

— Sim.

— Diga, por favor, ao tribunal quem possuía a chave.

— A minha mãe.

— Objecção, Meritíssimo, temos provas que sugerem que a testemunha tan quarto.

— Que provas têm? — pergunta o juiz em resposta.

Um dos advogados de Defesa levanta-se e fala.

— Solicito ao júri que consulte a página cinco do relatório, detalhando as provas endereço onde residiam tanto a minha cliente como a testemunha. Contém brinquedos de criança encontrados neste suposto quarto «fechado à chave». pertencem à testemunha… um urso de peluche com o seu nome bordado na orelh faz conjunto com outras, tendo as restantes sido encontradas no quarto da posição sobre este assunto é que foi a própria testemunha quem levou este suposto quarto «fechado à chave».

— Meritíssimo, posso saber em que prova é que a Defesa se baseia para assumir

contrapõe o Magricela. — A mãe poderia ter levado estes objectos lá para conhecimento da testemunha.

— A Defesa faça o favor de responder.

Sustenho a respiração quando o advogado de Defesa começa a responder. que ele poderá dizer. Todo um arsenal de trunfos escondidos na manga da sua bat

— Acho altamente inverosímil que a Procuradoria espere que o tribunal acredite
que não a testemunha, tenha levado estes brinquedos para o quarto. A Procurador
tribunal que acredite que a minha cliente, até agora exclusivamente caracterizada

má e desapegada, tenha colocado no interior deste quarto trancado objectos que d
crianças, motivada por quê, por bondade? Duvido muito. Em vez disso, aponto a
alternativa. Movida pelo carinho, ela colocou lá os brinquedos, provando que tam
ao quarto.

Expiro. Ele respondeu conforme esperávamos que fizesse, como os meus advoga
faria. Sei o que o Magricela me vai perguntar a seguir.

E sei como responder.

RAPARIGA ESPERTA, ANNIE, VAMOS LÁ VER SE DURA.

— Permitam-
me esclarecer a Defesa, se é que é mesmo necessário — retoma o Magricela.

Vira-se de frente para mim.

— Foi você quem levou para dentro do quarto os brinquedos mencionados no rel
que teve acesso a este quarto?

— Fui eu que deixei os brinquedos lá, mas foi quando o quarto estava vazio e des
que ajudariam quem quer que a minha mãe trouxesse para casa a seguir. I
encontrava dentro do quarto eu não tinha acesso a ele, só existia uma cha
a no mesmo molho onde tinha as chaves do carro, levava-
as todos os dias para o trabalho.

O advogado de Defesa que ainda não falou escreve qualquer coisa numa folha de

O outro advogado lê, anui. Pega no papel, inclina-
se para a sua direita, a minha esquerda, até quase
se levantar do assento. A sua direita, a minha esquerda. Tu. Aguarda um ou dois s
a cabeça enquanto está a olhar na tua direcção, desliza de volta para o seu lugar, j
mãos. Seja o que for que lá estava escrito, deixou-
o contigo. Já não estou a sentir-me assim tão bem,
não queria ter visto aquilo, aquela transacção entre vocês os dois, não mesmo ant
próxima parte. A parte que mais me perturba.

— Conhecia um menino chamado Daniel Carrington? — pergunta o Magricela.

— Sim, conhecia-o do abrigo onde a minha mãe trabalhava.

Olho para os jurados, sem querer. Os dozes seguram as suas canetas, de prontidão

— Fale ao tribunal sobre a noite em que a sua mãe o trouxe para casa, era quarta-feira.

Eu sei, eu lembro-me.

— Ela trouxe-o para casa quando eu estava a dormir, normalmente fazia isso, trazia-os de noite para que ninguém visse. Às vezes, drogava-os para que eles não fizessem barulho.

— Então não viu o Daniel nessa noite em concreto?

— Vi. Ela acordou-me.

— Por favor, explique ao tribunal o que aconteceu depois de ela a ter acordado.

— Obrigou-me a espreitar pelo buraco na parede para que eu ficasse a saber de quem se tratav

— Ela queria chocá-la, porque você conhecia o Daniel, tinha estado com ele antes, no abrigo?

— Sim.

— O que aconteceu a seguir?

— Ela entrou no quarto, trancou a porta e obrigou-me a assistir.

— Obrigou-a a assistir a quê?

— A ela a fazer-lhe coisas. Coisas más.

— Então, só para que fique claro, a sua mãe acordou-a para que assistisse enquanto ela fazia mal ao menino que tinha trazido para casa, sendo que esse menino era o Daniel Carrir

— Sim.

— O que mais sucedeu nessa noite? — pergunta o Magricela.

AINDA AQUI ESTOU, ANNIE. A OUVIR. ESTÁ TODA A GENTE A OUVIR

Os jurados, agora com as canetas em movimento. Não olhes para eles. Pensa ante

— Ela zangou-se com o Daniel, começou a bater-lhe.

— Assistir a isso deve ter sido muito difícil para si. Conhecia o Daniel, gostava d

— Não assisti, fechei os olhos.

— E então o que aconteceu?

— Ela saiu do quarto, trancou a porta e foi para a cama.

— Quer dizer que a sua mãe deixou o Daniel no quarto fechado à chave?

— Sim.

— Por favor, diga ao tribunal como sabia quando uma criança tinha sido trazida p
levada para o quarto em frente ao seu.

— Essa porta estaria fechada. Só ficava fechada e trancada se alguém estivesse lá

— E, supostamente, você foi para a escola no dia seguinte!

— Sim, a minha mãe levou-me de carro, como de costume.

Um dos advogados de Defesa olha para a sua direita, um pequeno aceno d
direcção. A confirmação de algo. Mas de quê?

— Então quando voltou a ver o Daniel?

— Na quinta-feira ao serão.

— E viu-o através do buraco na parede, foi?

— Sim.

— Teve, em algum momento, contacto físico com o Daniel enquanto ele se encor
fechado à chave? Foi-lhe possível reconfortá-lo ou abraçá-lo em alguma altura?

— Não, a porta permaneceu sempre trancada. Mas teria tido, se não tivesse ido à
feira, o dia a seguir àquele em que a minha mãe o matou.

Um dos advogados de Defesa levanta-se e diz:

— Objecção, Meritíssimo, temos a intenção de provar a inocência da nossa client

acusação. O relatório da autópsia diz explicitamente que a causa da morte de Dan
asfixia. Ele foi encontrado virado de barriga para baixo no colchão, e ama
contra-interrogatório à testemunha, iremos explorar outra via.

— Indeferido, a testemunha está apenas a referir-
se às suas declarações originais, tal como o tribunal esperava que fizesse.

Outra via. O que é que isso significa? Deixaste os teus advogados sedento estivéssemos a jogar à forca, seria a minha cabeça presa na corda.

— Porque teria tido contacto com o Daniel se não tivesse ido à Polícia quando fo
Magricela.

— A minha tarefa era…

Faço uma pausa, durante a nossa sessão de treino ele disse-
me para o fazer. Deixa que o júri venha ao teu encontro, disse o Magricela.

— Demore o tempo que precisar, beba um pouco de água se for necessário — en

Faço o que me mandaram. Ele pede-
me para dizer ao tribunal qual era a minha tarefa.

— A minha tarefa era limpar depois.

— Depois de quê?

— Depois de ela os matar.

Nove entre doze jurados, todas as mulheres e quatro dos homens, mudam
lugares. Esfregam-se testas, aclaram-

se gargantas. Um murro no olho, daqueles que nos deixa cegos.

Meses de distúrbios do sono é o que os espera, muito depois de o julgam para sempre, por ti. Todos nós ficaremos.

ESTÁS A FAZER UM BOM TRABALHO ATÉ AGORA, ANNIE, TENS

ENTÃO E OS MEUS ADVOGADOS, SABERÁS MANIPULÁ-
LOS? ENTÃO E AMANHÃ?

Bebo mais um gole de água, tento concentrar-
me na placa por cima do júri, mas não pára de se mexer. Sempre a tornar-se um borrão e depois a ficar nítida. Já não tem um efeito tão calmante como tinha.

— No seu depoimento, gravado em vídeo, alegava que a sua mãe matou saber isso se não tinha acesso ao quarto? — continua o Magricela.

— Vi-a, pelo buraquinho na parede, a matá-lo.

— Objecção, Meritíssimo.

— Indeferido, a testemunha que prossiga.

— O que viu exactamente? — pergunta o Magricela.

— Na quinta-
feira à noite, no dia a seguir a ela ter trazido o Daniel para casa, ela subiu ao piso cima, para o quarto.

— O quarto a que ela chamava parque infantil?

— Sim. Não me mandou ir com ela para assistir, como habitualmente fazi algum tempo, subi.

— Porquê?

— Estava preocupada com o Daniel, queria ajudá-
lo, por isso subi ao piso de cima e espreitei pelo buraquinho.

— Diga ao tribunal o que viu, por favor.

Não consigo fazer com que as palavras me saiam da boca.

Começo a ver a sala um pouco turva, os contornos das caras diante de m
segurarem canetas. Unhas pintadas. Quero que parem de escrever. O que e
mim. Não é sobre mim que deveriam estar a escrever.

— Deverei repetir a questão? — pergunta o Magricela.

— Sim, por favor — respondo.

— O que viu a sua mãe a fazer quando espreitou pelo buraco na parede na quinta
feira à noite, a noite depois de ela ter trazido o Daniel para casa?

— Vi a minha mãe segurar uma almofada por cima da cara dele. Tentei entrar no
tinha trancado a porta pelo lado de dentro.

Consigo sentir as lágrimas acumularem-se, consigo vê-
lo. Daniel. A chamar pela sua mamã. Tão minúsculo que era, em cima da cama.

— A testemunha está claramente perturbada, talvez fosse benéfico fazer un

pergunta o juiz.

— Quero acabar com isto.

— Acredito que sim, mas sente-
se capaz de continuar? — pergunta ele, inclinando a cabeça e
olhando para mim por cima dos óculos.

Respondo que sim, porque devo-o ao Daniel, e aos outros.

— Diga ao tribunal, por favor, durante quanto tempo a sua mãe segurou a almofa
Daniel.

— Durante muito tempo. O suficiente para o matar.

— Objecção, Meritíssimo, a testemunha não é uma especialista médica, portanto,
permitido tecer conclusões sobre quanto tempo poderá ser necessário para que un

— Deferido, o júri deverá ignorar o último comentário da testemunha.

— Pode contar ao tribunal sobre a última vez que viu o Daniel na quinta-feira à noite? Onde é que ele se encontrava e o que é que ele estava a fazer? — pergunta o Magricela.

— Estava deitado na cama, imóvel. A minha mãe tinha descido até à sala de estar lo

através do buraco na parede, mas ele não respondeu, não voltou a mexer-se, foi assim que soube que ele estava morto.

— E logo no dia a seguir foi à esquadra da Polícia e denunciou a sua mãe.

— Sim, o Daniel foi demais. Queria que aquilo tivesse um fim, queria que tudo a fim.

Ouço alguém exalar à minha esquerda. Tu. Talvez a tentares deixar-me enervada, mais uma peça movimentada no tabuleiro de xadrez. Um bispo ou o rei.

O Magricela continua, questiona-me sobre como me controlavas, como me metias medo. A tocha que seguraste junto da minha cara enquanto sussurravas ameaças; a privaçã psicológica através dos joguinhos que gostavas de fazer; as agressões físicas. Os também. Alguns membros do júri encolhem-se e piscam muito os olhos ao ouvirem a descrição pormenorizada. Eu sabia que o Magricela ia enveredar por aqui, dissera-me que era para elucidar o tribunal, mostrar-lhes que és, de facto, sã, capaz de pôr em prática estes métodos ao longo de anos anos e, ao mesmo tempo, ter um emprego respeitável. Quando conto ao tribunal depositar os cadáveres, a cave, os doze jurados ajeitam-se no lugar. É perturbador. Estão perturbados.

Sei que estou a sair-me bem porque estamos a chegar às últimas perguntas e ainda não me atrapalhei. A tua voz calada agora. Estou a aguentar-me.

O Magricela vira-se para o júri e diz:

— Convém não esquecer que a testemunha que estão a ver aqui hoje é u manipulada e sexualizada desde tenra idade, numa casa onde anteriormente

tinha sido institucionalizado.

FOI LEVADO.

Quis ser.

NUNCA MAIS VOLTES A DIZER ISSO, ANNIE. NUNCA MAIS.

— Objecção, Meritíssimo, onde é que o digníssimo procurador pretende chegar c

— Sim, concordo, a Procuradoria faça o favor de não se desviar do assunto.

— Poderia a testemunha relembrar ao tribunal, por favor, quantos anos ten Magricela.

— Quinze.

— Quinze, senhoras e senhores. E poderia, por favor, dizer ao tribunal que idade sua mãe começou a abusar sexualmente de si?

— Objecção, Meritíssimo.

— Deferido, não é relevante para o caso.

Tinha cinco. Foi na noite da festa do meu quinto aniversário.

— Não tenho mais perguntas, Meritíssimo.

— Nesse caso, a testemunha está dispensada.

A June informa o Mike e a Saskia de que eu fui «fantástica», de que me portei mu parecem ficar aliviados e combinam trazer-
me de volta amanhã às nove. Quando vamos a sair de
carro, fecho novamente os olhos, reabro-
os algumas ruas mais à frente. Almoçamos assim que
chegamos a casa, depois digo-lhes que vou deitar-
me um pouco, eles acenam com a cabeça. Dorme o
tempo que precisares, vou lá acordar-
te se entretanto se fizer horas de jantar e ainda não tiveres
descido, diz o Mike. No carro, espreitei o meu telemóvel e vi uma mensa

se
baldado às aulas e queria saber se podia aparecer hoje à noite para me ver. Respo
lhe que podia vir antes, que eu lhe telefonaria a dizer quando. Ligo-
lhe mal entro no meu quarto, sabendo que o
Mike e a Saskia estão na parte da frente da casa. Peço à Morgan que se despache.
varanda passados poucos minutos, ofegante, faz uma piada sobre estar tão em bai
sua avó. Deitamo-
nos na minha cama, pés e cabeças desencontrados, ela não pára quieta, os seus pé
mesmo na minha cara. Faço-lhes cócegas, ameaço arrancar-
lhe os dedos à dentada se ela não ficar quieta. A Morgan ri-
se, diz: Gostava de te ver tentar.

Eu cá não, respondo mentalmente, e sento-me.

— Porque é que também não estás nas aulas?

— Tive de ir ao tribunal, responder a umas perguntas sobre a minha mãe.

— Porquê? Pensei que já não a vias há anos.

Mais uma mentira. O esforço extenuante de tentar lembrar-
me de quem sabe o quê.

— Queriam perguntar-me como é que ela era quando eu era pequenina.

— Como é que ela era?

— Não quero falar sobre isso.

— Como é que é possível que ninguém soubesse o que ela andava a fazer?

— Era esperta. Formidável.

— Em que sentido?

— As pessoas gostavam dela, confiavam nela. Sabia como lhes passar a perna.

— Lembras-te de tudo isso, de quando eras pequenina?

— Sim, suponho que sim, e por ler sobre o assunto nos jornais.

— Quando o teu pai morreu, deves ter-
te sentido muito sozinha, sem irmãos nem irmãs.

Faço que sim com a cabeça, é verdade. Senti-
me sozinha quando o Luke foi embora. Ainda bem
que não me vão perguntar sobre ele em tribunal, os jurados perguntar-se-iam porque é que ele
arranjou forma de escapar mais cedo e eu não. Todas as brigas em que entrou, os

o que estava ao seu alcance para ser levado, castigado num sítio mais agradável q

Tudo menos contar a verdade sobre ti, a vergonha que sentia, o que lhe fizeste du

— Como era o lugar onde vivias?

— Porquê?

— Era muito diferente daqui?

— Ficava no campo, rodeado de árvores. Havia pássaros por toda a parte, ficava a
los durante horas.

— Que tipo de pássaros?

— Estorninhos.

Um bando de estorninhos.

— Tal e qual um enxame, moviam-
se em perfeita sincronia, mergulhando a pique e voltando a
subir como se fossem um só. Uma linguagem secreta, uma inclinação da asa, um

Voavam para cima, voavam para baixo, voavam por todo o lado, sem parar.

— Uma linguagem secreta? Como um piar ou assim?

— Não, algo mais bonito, mais subtil.

— Porque é que eles estavam sempre assim em movimento, para cima e para baix

— Para que os pássaros maiores não conseguissem apanhá-los.

— Achas que foi por isso que a tua mãe foi apanhada, por não ter andado de um l
o suficiente?

— Talvez.

— Alguma vez te sentes mal, tipo, eu sei que nada do que aconteceu é culpa tua,
de ser tua mãe, certo?

— Eles vêm ter comigo à noite.

— Quem?

— Pedem-me que os ajude, mas não consigo.

— De quem estás a falar? Estás estranha, não estou a gostar. Estás a assustar-me.

Estou apenas a ser eu.

— Vamos falar sobre outra coisa qualquer, Mil. Conta-
me outra estória, outra sobre os pássaros do sítio onde vivias.

O rosto da Morgan acalma-
me, as suas sardas, clarinhas, não castanhas, uma sensação de paz
quando olho para ela. Passo para os pés da cama, de modo a ficarmos deitadas un

— Preparada?

— Sim.

— Era de noite, já bem tarde. Eu estava a lavar as mãos no lavatório da

quarto. Ouvi qualquer coisa atrás de mim, a arranhar a janela.

— Tiveste medo?

— Não, virei-me e foi aí que vi.

— O que era?

— Estava a olhar para mim, de olhos esbugalhados, duas grandes bolas com uma
volta.

— O que era?

— Uma coruja, do lado de fora da janela. Girou a cabeça a toda a volta para me f

— Para te fazer saber o quê?

— Que tinha visto o que eu tinha feito.

— De que é que estás a falar? O que tinhas feito?

— O que me tinham mandado fazer.

— Quem é que te tinha mandado?

— Não interessa.

— E o que é que aconteceu a seguir?

— A coruja foi embora a voar. As coisas que viu, as coisas que eu fiz, eram dema
para que ficasse ali.

A Morgan desata a rir às gargalhadas, diz-
me que só digo disparates, que devia ser atriz.

— Ainda não acabei de contar a história.

— O quê, não me vais dizer agora que a coruja voltou?

— Não, nunca mais voltou, mas penso nela muitas vezes, na forma da su
coração cheio de amor. Espreitou pela minha janela e depois foi embora, voou pa

O que viu era feio demais para amar.

28

Não me lembro de muita coisa sobre como cheguei ao tribunal hoje, a viagem de
sala com as paredes beges. Estou de volta ao banco das testemunhas, tenh
Defesa à frente. Belzebu. Olho mais atentamente, mas não há nada para v
bata por cima do fato, mais nada, o dedo anelar despido, sem aliança. Solteiro? D
que tenha um filho em casa bem aconchegado no berço. Como poderia ter, se te e

O que ele faz é subtil, ele é melhor do que os meus advogados achavam que era, i
crescendo. Nem vejo onde quer chegar até ele lá chegar.

À jugular.

A minha.

— Gosta de crianças, gosta de brincar com elas?

— Sim.

— Foi assim que travou conhecimento com o Daniel Carrington, não foi?

— Não estou certa de estar a percebê-lo.

— Brincou com ele no local de trabalho da sua mãe, não brincou?

— Uma vez ou duas, sim.

— Uma vez ou duas? Tenho aqui dois depoimentos, um da mãe do Daniel e outro
que vivia no quarto ao lado do dela no abrigo. Ambas confirmam que você brincou
diversas ocasiões ao longo de várias semanas, que você gostava muito dele
lhe gomas. É verdade?

Não sou eu que estou a ser julgada, não publicamente, pelo menos, no en
cabeça começo a ouvir um coro a cantar.

Um prisioneiro no corredor da morte.

As perguntas que faz são-me familiares, pratiquei-
as, mas hoje, depois de passar novamente a noite em branco a esconder-
me de ti, não consigo lembrar-me de como devo responder-lhes.

— A testemunha faça o favor de responder. É ou não verdade que brincou com o
vezes ao longo de várias semanas? Basta responder «sim» ou «não».

— Sim.

Pareço uma mentirosa agora, os jurados escrevem nos seus caderninhos. De
um ponto, descosido com um abre-
casas. Um pequeno pedaço de enchimento sai para fora. Um

pedaço bem maior quando o advogado, subitamente, altera o rumo das perguntas. percurso. Estratégias. Jogo sujo.

— Quando o seu irmão mais velho foi institucionalizado, porque não contou à ass a entrevistou que ele sofria abusos por parte da vossa mãe? Porque mentiu?

De imediato, o Magricela levanta-se, desafia a Defesa.

— Objecção, Meritíssimo, uma alegação ultrajante, a testemunha tinha quat quando foi entrevistada.

— Deferido. Isto não é relevante para o caso e constitui uma boa oportunidade pa lembrar de que está a interrogar uma menor.

Durante semanas a fio, fomos visitar-
te à unidade psiquiátrica, Luke, mas tu rebelavas-te,
recusavas sair do teu quarto, não deixavas que a mãe ou eu nos aproximássemos que eu. Lamento não lhes ter dito, Luke, mas tu também não o fizeste. Eu tinha m me de que estava a fazer uns jogos divertidos contigo, dos quais tu gostavas. Diag te um
distúrbio comportamental, ela tentou convencer os profissionais de saúde m te vir
para casa, que a culpa não era tua, era provavelmente uma reacção retardada ao fa ter saído de casa. Depois de termos ido embora, à noite, devastaste a sala de conv os médicos disseram que não, que era mais seguro para todos se permanec psiquiátrica. Quem me dera ter-
lhes dito, quem me dera ter sabido como, porque, a partir daí, as
coisas em casa ficaram tão mais assustadoras. Desde esse momento, coube-
me a mim ser a pequena
ajudante dela, mas eu não era suficiente. Eu não era um rapaz.

O advogado de Defesa olha para o juiz e anuncia:

— Gostaria de questionar a testemunha sobre a sua alegação de ter visto a Carrington.

O juiz olha para mim, pergunta-
me se estou preparada. Tenho de dizer que sim, a única forma de
sair é atravessar, as palavras do Mike a ecoarem dentro da minha cabeça.

— Sim, estou pronta — respondo ao juiz. Ele anui e diz ao advogado de continuar.

— Disse que viu a sua mãe matar o Daniel.

— Sim, disse, acho que sim. Ele não se mexeu mais após ela ter saído do quarto.

— Você «acha» que sim. Disse no seu depoimento inicial gravado em víd matar as nove crianças. E agora está a dizer que não tem bem a certeza se ela mat

— Tenho a certeza, só que é difícil explicar.

É, NÃO É, ANNIE?

Tens estado muito quieta até aqui, enquanto mencionavam o Luke, mas não agora frente, na beira do assento, à espera.

— O que é que é difícil de explicar? — pergunta o advogado de Defesa.

Mais um ponto que é aberto, mais enchimento que sai para fora. A minha mão para o copo de água sobre a mesa à minha direita, entornando-
o, as minhas mãos trémulas. Por um fio. Eu. É como estou.

— Ele não se mexia, por isso, ela só pode tê-lo matado.

— Mas não pode ter a certeza absoluta, pode? A morte do Daniel resultou de asfi esta ter ocorrido acidentalmente, após ele ter sido deixado na cama com fe ficar imóvel? E, assim sendo, não directamente às mãos da minha cliente.

— Não, acho que não. Não tenho a certeza.

— Parece haver muitas coisas sobre as quais não tem certeza hoje. Pergunto-
me o que diria se lhe
perguntasse sobre a chave suplente do quarto onde as crianças eram mantidas, a c cliente afirma que você tinha acesso.

— Objecção, Meritíssimo, mais uma vez, não é a testemunha quem está a ser julg o Gorducho.

— Deferido, a Defesa que se concentre em interrogar a testemunhar ao invés de p

ou tecer comentários para o tribunal ouvir.

O advogado anui, caminha até mim.

— Quando foi a última vez que viu o Daniel, onde é que ele estava?

— Na cama, no quarto a que ela chamava parque infantil.

— Pode descrever em que posição é que ele estava deitado, por favor?

— De costas, quero dizer, de barriga para baixo, ele estava de barriga para baixo. cara virada para o colchão.

Os olhos dos jurados trespassam-
me. Rabiscos, rabiscos. Mentirosa, é o que eles estão a pensar.

Com um nariz de Pinóquio.

— Afinal, em que ficamos? Estava deitado de barriga para baixo ou para cima?

Estou a segurar no cristal que a Saskia me deu, os nós dos dedos estalam quando torno da pedra. Só consigo pensar que a June estava certa em fazer de advogado c se ela não aguentar? E se estar no banco das testemunhas for demais para ela?»

O juiz volta a falar, pergunta, tal como ontem: A testemunha precisa de fazer uma

Se tiver sorte, sim, por favor.

— Não, obrigada.

O advogado prossegue.

— Então, só para que fique claro, em que posição é que o Daniel estava deitado?

Há oito coisinhas pequeninas escondidas na cave, e, se a nona coisinha p

morrer, de quem é a culpa?

— De barriga para baixo, com a cara virada para baixo — respondo.

— E desta vez tem a certeza?

Digo que sim com a cabeça.

— A testemunha faça o favor de responder à pergunta em voz alta.

— Sim, tenho a certeza.

Da mesma forma que o meu silêncio enerva a Phoebe, o teu enerva-
me a mim. Confiante. É como
te sentes. Estás à espera de que me atrapalhe, mas, secretamente, gostavas que iss
penso eu. Uma prova de como me ensinaste bem, eu conseguir não ceder
experientes que tentam deslindar-me. Que tentam soltar-
me os dedos com que me agarro ao parapeito
de um prédio. Que grande queda seria!

— A minha cliente afirma que no dia a seguir a ter levado o Daniel para casa, um
feira, foi
trabalhar e teve de lá ficar até mais tarde, inesperadamente. — O advogad
se para mim. —

Você apanhou o autocarro da escola para casa, o condutor confirmou-
o, lembrava-se porque, tal
como disse ontem, normalmente a sua mãe ia levá-la e buscá-
la de carro. Isto significa que esteve
sozinha em casa durante mais de duas horas antes de a sua mãe ter regressado a c

O seu aceno de cabeça ontem, na tua direcção, quando eu disse que normalmente
ias buscar de carro. O aquecimento mais forte. Não consigo respirar. Muit
testemunhas, estávamos lá. Eu vi-
te. Sinto um aperto no peito. A cabeça a mil à hora. Peço-lhe para
repetir a pergunta.

A senhora na fila de trás do júri faz um círculo à volta de qualquer coisa no seu b
olha para cima, os olhos fixos em mim. Desvio o olhar, tento concentrar-
me no que ele poderá
perguntar a seguir, mas não adianta, estas não são perguntas para as quais nos ten

Nunca disse aos meus advogados que estive sozinha em casa, eles nunca p
quem está a ser julgada, não havia necessidade de confirmar se ela me tinha ido b
se eu tinha apanhado o autocarro. Os meus advogados estão de rosto petrificado,

Não estou a sair-
me assim tão bem hoje e, lamento dizer, as coisas podem agravar-
se mais, muito mais, se eu contar a verdade. Se soltar o pombo-
correio engaiolado dentro do meu peito, se o deixar
fazer o seu trabalho. Entregar a sua mensagem.

O advogado de Defesa volta a perguntar-
me se estive sozinha em casa com o Daniel na tarde de quinta-
feira, quando ele ainda estava vivo e dentro do quarto.

— Sim — respondo.

O Magricela e o Gorducho entreolham-
se, sei o que estão a pensar: Isto é uma novidade para nós,
uma novidade que é uma grandessíssima merda e agora não é uma boa al

informações novas. O advogado de Defesa consegue cheirá-
la em mim, a ânsia, a necessidade de
revelar. Ele já a conhece, faz uma massagem nas costas enquanto continua
jugular. Baixa o tom de voz e reveste-a de doçura, reconfortando-
me, tentando pôr-me a jeito.

— Experimentou abrir a porta do quarto onde o Daniel se encontrava?

Estou prestes a dizer que sim, sim, tentei, mas alguém tosse. Tu. Sei que foste tu,
teus sons. Mas porque tossiste? Estás preocupada com qual poderá ser a minha re
que o jogo termine dentro de poucos minutos se não me conseguir aguenta
sucumbir à pressão. Ficarias tão desapontada. Um anticlímax. E uma má ir
mestra. Não te preocupes, é algo que não me vai acontecer, embora estivesse a m
não pensei nisso. A tentação de contar a verdade, de saber que gosto teria. Que se
valeria a pena ou se continuaria a ter de viver com uma cobra e os fantas
pequeninas a brincar aos meus pés. Apesar de tudo.

— A testemunha parece estar distraída, vou repetir a pergunta. Tentou abrir a por

— Sim, tentei, mas estava trancada.

— Então não entrou, em momento algum, no quarto onde o Daniel se encontrava

— Não.

— Nunca entrou no quarto, nunca tocou no Daniel, não tentou consolá-lo?

— Fiz isso, sim.

— Qual das duas coisas fez? Entrou no quarto ou tentou consolá-lo?

— Tentei consolá-lo.

— De que forma?

OLÁ, ANNIE.

Deixo cair o cristal, vai parar debaixo da mesa onde está pousado o copo reverberar na madeira do banco das testemunhas. Demasiados pares de olhos para todos postos em cima de mim. Olho para a June, que me faz um sinal para deixar baixar-me, apanhar a pedra, para poder esconder-
me, nunca mais voltar para cima.

— De que forma consolou o Daniel?

Um
pitbull, é o que o advogado é. Os dentes cravados na carne. Cravados em tudo o q apanhar.

— Falei com ele através do buraco na parede.

— Ele estava vivo nessa altura então, quando você estava a falar com ele fechadura?

— Sim.

— O que lhe disse?

— Que lamentava e que tudo acabaria em breve, que tudo ficaria bem.

Verdade.

— O que é que acabaria em breve? Como poderia saber isso, você não é a sua ma fazia ideia por quanto tempo é que ele seria ali mantido.

— Queria fazê-lo sentir-se melhor.

Verdade.

— O que estava o Daniel a fazer nesse momento?

— A chorar, a chamar pela sua mamã.

Verdade.

— Não tocou, em momento algum, no Daniel enquanto ele esteve na casa?

— Não.

— Se eu lhe dissesse que o especialista forense que nós consultámos encontrou v
ADN nas roupas do Daniel, o que diria?

— Objecção, Meritíssimo, a testemunha teve contacto prévio com a vítima

poderia facilmente ter passado para as roupas nessa altura.

— Concordo, deferido.

Sem um assobio ou sensação de calor, começo a sangrar do nariz. Uma gota verm
meus lábios, pelo meu queixo, aterra na madeira do pódio. Está toda a gente
me, olhem, ali
está ela, a filha de uma assassina coberta de sangue. Levem-
na daqui, deitem-na abaixo, é o que
poderiam dizer. Ouço o Gorducho a pedir uma pausa.

— A testemunha precisa de uma pausa? — pergunta o juiz.

Tapo o nariz, um oficial do tribunal passa-me um pacote de lenços, sinto-
me tonta. Não consigo lembrar-
me do que estava a dizer. A verdade. Não. Sim. Quero contar a verdade.

— Meritíssimo, será que o tribunal não vê que a testemunha está perturbada? — o
de pé.

— Sim, mas também estou ciente de que estas perguntas têm de ser feitas
depressa isso acontecer, mais depressa a testemunha poderá ser dispensada

responde o juiz.

Quero ir para casa agora.

TU JÁ NÃO TENS CASA, ASSEGURASTE-TE DISSO, ANNIE.

Seguro o pacote de lenços contra o nariz, respiro fundo e aguardo pela próxima p

— Então, o Daniel está no quarto a chorar, a chamar pela sua mamã. O que acont

— Ouvi o carro da minha mãe chegar, por isso desci para o piso de baixo.

— Disseram alguma coisa uma à outra?

— Não. Quando ela entrou em casa, passou por mim, subiu as escadas e entrou n
Daniel estava.

— Ela destrancou primeiro a porta ou já estava destrancada?

— Estava. Estava trancada, é o que eu quero dizer, ela abriu-
a. Levava as chaves na mão quando passou por mim.

— E depois o que é que você fez?

— Passado algum tempo, subi.

— E alega que através do buraco que havia na parede viu a minha cliente segurar
sobre a cara do Daniel, é isso?

— Sim, ele não se mexeu mais depois disso.

— Durante quanto tempo ficou a espreitar pelo buraco?

— Não sei bem.

— Mais ou menos. Minutos? Horas? Toda a noite?

— Não, apenas por alguns minutos talvez. Quando ela saiu do quarto, descemos p

Verdade.

— E você voltou lá mais tarde, foi? Ao buraco na parede.

— Sim, fui consolá-lo.

Verdade.

— Mas ele estava morto, disse que viu a sua mãe matá-
lo. Porque é que você haveria de lá voltar se ele já estava morto?

— Não sei.

— Não tinha a certeza de que ele estava morto, é isso que está a dizer, não é?

— Não. Ele estava morto, ele não se mexia.

Vejo o segundo advogado de Defesa receber um papel que lhe chega da minha es
minhas entranhas soltam-
se, um balão de ar quente quase a rebentar com as cordas que o impedem de
levantar voo. O advogado lê o papel e pergunta ao juiz se pode passá-
lo ao colega. Se é relevante
para as perguntas que estão a ser feitas, sim, responde o juiz. O advogado à minha
se,
aceita a folha de papel, lê, anui. Olho na direcção do júri, o fantasma do
lado dos jurados. Ele abana a cabeça, deixa-
a cair e começa a chorar. Somos como duas gotas de
água, disseste tu certa noite, mamã. Tão parecidas. Ao atirarem com paus e pedra
me os ossos, mas nunca me atingirão por me chamarem nomes[6].

Mentira.

O advogado volta a aproximar-
se de mim, traz nas mãos a folha de papel passada desde a tua
ponta do banco da Defesa, e então diz:

— O especialista forense concluiu que a morte do Daniel pode ter ocorrido duran

tempo em que você esteve sozinha em casa com ele, não necessariamente regressado a casa como inicialmente se pensava. O que tem a dizer sobre isto?

— Objecção, Meritíssimo.

— Indeferido, ouçamos a resposta da testemunha.

O meu nariz já parou de sangrar, mas uma pintinha vermelha deve ter caído antes os lenços. Uma nódoa na parte da frente da minha camisa, como a tinta na croma

Uma das mulheres do júri parece estar à beira das lágrimas. É mãe, apost lamento.

— Não sei. Não tenho a certeza.

O advogado hesita, olha para o papel que tem nas mãos. Ergue os olhos para mim me esperar.

Está pronto quando estiver, a tortura é um prato que se come frio. Aproxi se mais de mim, tem
sapatos castanhos como os do professor West, um fato azul-
escuro às risquinhas visível por baixo da
bata. Assente com a cabeça enquanto anda, detém-
se directamente à minha frente e então diz:

— Compreendo o que pode levá-
la a não ter a certeza. É complicado, não é? Há a questão da
chave suplente, à qual a sua mãe diz que você tinha acesso; o seu ADN, roupas do Daniel; e, agora, a hora da morte a coincidir potencialmente com o per esteve sozinha em casa. Creio que, à luz dos factos que acabei de expor, tenho o obrigação, de lhe perguntar…

O Magricela interrompe-o com:

— Objecção, Meritíssimo, a Defesa está a ser inflamatória.

— Indeferido. Mas recomendo vivamente a Defesa a proceder com cuidado.

O advogado anui, mas há algo na sua postura, as pernas abertas, os ombros puxad
indica que a última coisa que tem em mente é proceder com cuidado. Que
quer-
me a mim. Semicerra os olhos quando me encara, inspira, enche o peito.
Ulisses. E é então que a faz, a pergunta para a qual tem vindo a preparar o terrenc
tempo:

— Não foi a minha cliente quem matou o Daniel, pois não? Conte ao trib
aconteceu na noite em que ele morreu, conte a verdade.

Ninguém ouve a minha resposta, abafada por uma explosão de «objecções»
Magricela como da do Gorducho. Berros como «Objecção, Meritíssimo, isto
testemunha». Estão ambos de pé, ambos a dizer ela é menor de idade, não
jurados mostram-
se confusos, as canetas já não estão a postos mas sim a serem roídas, um homem
fila da frente de mãos levantadas num gesto de «quem sabe?». A June tar

parece nem metade do seu habitual «fantástico». Só não consigo ver-
te a ti. Sorridente, aposto, a
apreciar o caos que conseguiste causar, orquestrar.

Menti.

Foi essa a minha resposta.

Repito-a.

— Menti.

É necessário repeti-
la mais duas vezes, menti, menti, para o juiz levantar a mão, silenciar o
tribunal.

— Deixem a testemunha falar — diz ele.

Ei-
lo, mamã, o momento pelo qual esperaste, o momento em que me vou abaixo. O
que ganhas.

— Menti.

Ninguém mexe um único músculo, excepto o advogado de Defesa. Ninguém mex
ninguém cruza ou descruza as pernas, ninguém faz uma anotação. O advogado vo
se de
mim, pousa uma mão sobre a madeira à minha frente, um gesto amigável, mas ele
está faminto. Quer alimentar-
se. De massa de letrinhas servida sob a forma de mentiras que espreme
aos poucos de mim, a testemunha principal. Consigo lembrar-
me daquela noite tão bem, eu estava lá.

Eu sei o que aconteceu.

— Sobre o que é que mentiu? — pergunta ele.

Anuo, posso contar-
lhes, está tudo bem. Tentei ajudar o Daniel, fiz o melhor que pude. Queria que
ele ficasse a salvo, *dilly dilly*, fora de perigo. Verdade. Digo-
lhes que lamento. Lamento muito.

Verdade. As caras dos jurados, petrificadas. A June. Os meus advogados. O juiz.

— Sobre o que é que mentiu? — pergunta ele de novo.

— Menti ao Daniel quando, através do buraquinho na parede, lhe disse que ficaria
sabia que não ia ficar, mas, mesmo assim, disse-lhe que sim. Deixei-
o ficar mal. Foi assim que menti.

Choro, lágrimas salgadas tingidas de vermelho quando do meu nariz começa a es
para ver a desilusão do advogado de Defesa, a expressão do seu rosto a descair lig
não está na hora de jantar, sabes.

Agora, vai-te lixar.

Ele recolhe a mão, continua a olhar para mim. Pode olhar o que quiser mas não co
nada e o tempo dele terminou, vai tramar-
se por atormentar uma menor de idade se continuar a
insistir, e tem noção disso. Vai embora, senta-
se no seu lugar e pronuncia as palavras que tenho estado à espera de ouvir.

— Não tenho mais perguntas, Meritíssimo.

— Nesse caso, a testemunha tem permissão para sair do seu lugar.

Uma onda. Em bruto. Sou inundada de tristeza no momento em que me dispensar olho para o painel. Quero correr até ti, trepar para dentro de ti, de volta ao teu úte história, nesta nova versão amar-me-
ias. Novinha em folha. O juiz volta a falar, a June faz-me sinal
para que vá ter com ela.

— Pode ir embora, Milly — diz ele.

Também está cansado. A sua peruca, crina de cavalo, pesada. Quente. Ele diz o n novo nome, em voz alta.

Violando as regras. Ela não perdoa, como um cão de caça quando apanha o rasto

— O nome dela é Annie.

Todas as cabeças se voltam para ti. Não soas como uma pessoa desequilibrada, co que esperam que sejas. Soas como uma mãe, uma mãe que se preocupa. Preciso d a minha força de vontade, de algo mais, para não correr para os teus braços. Na sa esforçam-se para assimilar o erro cometido pelo juiz, os murmúrios elevam-
se a vozes, aumentam de volume.

— Silêncio no tribunal — diz ele.

Desta vez demora mais tempo até se fazer silêncio, o seu poder, a sua cre

Não a tua, porém. Quatro palavras da tua boca é o que basta. A tua voz, carregada que paira a baixa altitude, ameaçando desabar. Uma tempestade.

A June pega-me pelo braço, paro para apanhar o cristal, depois ela conduz-
me para fora da sala de
audiências. Já não escuto um coro, nenhuma canção dentro da minha cabeça, só a meu nome. ANNIE.

Estou de regresso à sala de paredes pintadas de bege, também me acompanhas até a Saskia vêem a minha cara e a minha camisa.

— Foi só o nariz que sangrou — digo. — Vou à casa de banho limpar-me.

— Queres que vá contigo? — oferece-se a Saskia.

— Não, está tudo bem, obrigada.

— Esperamos por ti aqui — acrescenta o Mike.

Aceno com a cabeça.

A porta da casa de banho fecha-
se com um trinco que desliza para a direita. Meto a mão ao bolso,
a turmalina preta. Não posso cortar-
me nas costelas, a camisa, branca. Calças para baixo. A coxa
como alternativa. Tenho de fazer força com a ponta áspera, não a parte macia, ras
a contra a pele.

Desenho um A. É como ficar com uma pedrada, é uma chicotada. A dor transport
me, leva-me até ti.

A DE ANNIE.

Sim, para ti serei sempre Annie, mas para os outros sou Milly. Gémeas siamesas

em guerra.

O meu Eu bom.

O meu Eu mau.

Estás orgulhosa de mim, estás? Joguei o jogo, poderei até ter vencido, mamã.

Quando retorno à sala reservada às famílias, a June diz que vai confrontar o tribu
como fui tratada pela Defesa. O Mike chama-
lhes sacanas, quer seja o trabalho deles ou não. Digo-
lhe que está tudo bem, que já acabou. A Saskia parece aliviada. A June acompanh
nos até ao parque
de estacionamento e diz que é provável que as coisas andem depressa, o v
conhecido já na próxima semana.

Aguentem aí.

*

Mais tarde, em casa, vou ter com o Mike ao seu escritório, ele quer ver-me antes de começar o fim-de-
semana, averiguar se estou bem depois de ter ido a tribunal. A Phoebe está lá qua ainda de castigo por não ter cumprido a hora de chegar a casa, a punição pela noit até voltar da viagem com a equipa de hóquei. Está a regatear com o Mik lo a deixá-la sair de casa.

— Vá lá, é sexta-feira — diz ela —, vai toda a gente ao cinema.

— Não — responde o Mike —, estás de castigo até segunda.

— Estás a ser tão parvo, pai.

— Acho que foste tu que fez uma coisa parva.

— Como se tu nunca tivesses cometido um erro…

— Não vou enveredar por aí outra vez, Phoebe, é até segunda-
feira, e não quero ouvir nem mais
uma palavra sobre este assunto. Agora, querida, se não te importas, há um preciso de falar com a Milly.

— *Ya*, fixe. Boa, pai. Obrigadinha.

Mais um olhar assassino quando passa por mim.

O Mike fecha a porta, diz infelizmente não sou muito popular neste momento, de me para me sentar.

— Não vou tomar muito do teu tempo, o dia foi suficientemente longo e

Como te sentes, agora que já passou?

— Não sei bem, ainda não me parece real.

— É compreensível. Queria dizer-
te quão orgulhoso me sinto de ti e quanto lamento o facto de a

Defesa te ter tratado daquela forma. Sinto-

me parcialmente responsável, para ser sincero.

— Porquê? A culpa não foi tua.

— Não, mas talvez nós pudéssemos ter-
te preparado melhor do que preparámos. Se calhar,
devíamos ter sido um pouco mais frontais contigo.

— Frontais em relação a quê?

— Houve um fim-de-
semana em que a June me ligou para me informar de que a tua mãe tinh
andado a dizer algumas coisas sobre a noite em que o Daniel foi morto.

A conversa que escutei quando estava no nicho de leitura.

— Achámos que não devíamos contar-
te, não era suposto os advogados abordarem o assunto da maneira como fizeram.

— Que tipo de coisas é que ela andava a dizer?

— Uma data de disparates sem nenhum sentido, o juiz desconsiderou de i
dela. Só gostava era que não tivesses tido de passar pelo que passaste hoje.

— Eu estou bem, a sério. Tu tens-me ajudado muito, Mike.

— Espero que sim, e pelo menos agora podemos concentrar-
nos em ti, no esforço que é preciso fazer para te ajudar a recuperar.

— Vais fazê-lo comigo?

— Tanto quanto me for possível, sim.

— Tanto quanto te for possível?

— Não te preocupes com isso hoje, Milly. Só tens de te preocupar em ter uma bo
que bem mereces.

Será que mereço?

Adormeço de imediato, duas noites sem dormir dá nisto, obriga os nossos

se, leva-
nos a sítios onde não queremos ir. Um menino aos pés da minha cama, de olhos a apavorados. Não consigo respirar, diz ele, não consigo respirar.

Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro.

A porta à direita.

Prometo dizer a verdade, toda a verdade.

E nada mais do que a verdade.

Para além dos planos que tinhas para mim no meu aniversário,
esta foi a outra razão pela qual me fui embora quando fui.

Estavas no trabalho, eu estava sozinha em casa, não através

do buraco na parede mas dentro do quarto.

Uma chave suplente, sabia onde a escondias.

O seu corpo minúsculo enroscado na cama, a um canto.

Mexeu-se quando entrei, fechei a porta atrás de mim.

A pele pálida, o quarto não arejado. Com olheiras, a chamar

pela sua mamã. Sim. Vais vê-la em breve, disse-lhe.

Os seus olhos castanhos, húmidos, aliviados.

Segurei-o contra o meu corpo, aqueci o dele por inteiro.

A tua voz dentro da minha cabeça, as coisas que disseste

à mamã dele para que ela to entregasse.

E se o teu marido vier atrás de ti, Susie? E se ele fizer mal
ao teu filho? Ainda pior: Conheço uma pessoa nos Estados Unidos
que trabalha com adopções.

Uma família amorosa à espera, uma vida melhor para o Daniel.

Não contes a ninguém.

Dei-lhe um ursinho de peluche para ele segurar, um dos meus,
o nome bordado na orelha.

Fecha os olhos, disse-lhe, pede um desejo. Segurei-o com força
ao longo da pior parte, enquanto o ar deixava os seus pulmões.

Enquanto o asfixiava.

Estavas do lado de fora quando abri a porta, de volta mais cedo
do que era esperado, a tua vez de espreitar pelo buraquinho.

Olhaste para mim de uma forma que eu nunca tinha visto antes.

Assim é que é a minha menina, disseste. Orgulhosa.

Nunca te disse, mamã, que o fiz para o salvar.

Não para te agradar.

Quando eu disse que contei à Polícia tudo, quase tudo.

Estava a falar a sério.

29

Foi a maneira como ela o disse ontem, quando tínhamos terminado o *brunch* de domingo com o
Mike e a Saskia e estávamos a subir para os nossos quartos. Então, conta pequena cirurgia, o que era mesmo?, perguntou-
me. Correu bem, obrigada, mas preferia não falar
sobre isso. Ela sorriu, assentiu, disse: Deve ser difícil para ti, não poder falar sobr *montes* de coisas. A ênfase no «montes». Uma sensação inquietante, uma s estômago. A caixa de Pandora a ser entreaberta. Ela sabe. O que é que el saber? Eu e o Mike temos sido muito cuidadosos, não temos?

Hoje é o último dia para submetermos os nossos portefólios para o prémio de Art

será anunciada na próxima semana. A primeira coisa que fiz quando cheguei à es
foi enviar um *e-mail* à PK. Combinámos encontrar-
nos no final do dia e quando chego ela diz-me que estou um pouco para trás.

— As outras participantes terminaram na semana passada, quando tu estavas… fo

Não quero ser paranóica, mas foi a hesitação, o espaço que ela deixou em branco
a sua frase, como se tivesse dúvidas sobre onde estive, o que andei a fazer. É ima
pode ser, tal como em relação à Phoebe. Certamente.

— Porque não dispões todos os teus desenhos pela ordem pela qual os cri
triagem dos cinco de que precisas?

Enquanto espalho os teus retratos, penso no julgamento ainda a decorrer, tu senta
algemada, a encarar uma pena de prisão perpétua, sem qualquer contacto comigo.
a perda. Perder o Luke mudou tudo, os teus desejos tornaram-
se mais negros, mais fatais. Ficaste
farta de sermos só eu e tu, raptaste o Jayden, o primeiro rapaz, menos de um ano
Luke. O amor é um lubrificante e, embora fosse pervertido, recebia-
lo da nossa parte. De quem o
receberás agora? Poderás fazer com que a detida na cela ao lado da tua e

Existem sempre possibilidades, dizias, oportunidades para fazer diabruras.

A voz da PK interrompe os meus pensamentos.

— Uau, quando estão assim dispostos, dá mesmo para ver.

— Dá mesmo para ver o quê? — pergunto-lhe.

— A jornada, como se cada desenho fosse uma peça de um *puzzle*.

E então ela faz-me uma pergunta estranha.

— Sentes-te mais segura, agora que vais ficar com os Newmont?

Os retratos estão muito bem disfarçados, o rosto esborratado, os olhos de uma co
teus. Não é possível reconhecer o sujeito, tenho a certeza.

— Não sei a que é que se refere.

Ela abana a cabeça e diz:

— Não interessa. Eu escolheria estes dois, definitivamente, aquele ali da p
outros dois, talvez uns que demonstrem uma grande profundidade no uso de soml

Alguém deseja boa-
noite quando vai a passar pela porta. A PK diz: Espera aí, Janet, és tu? Mas a
porta do corredor abre-se e fecha-
se logo a seguir, é impossível que a tenham ouvido.

— Dá-
me só um segundo — diz a PK. — Preciso de ir atrás dela para lhe dizer uma coi

A sala parece ficar vazia, menos apelativa, quando ela sai. Escolho os últimos doi
por mim a dirigir-
me à secretária dela, a sua agenda, aberta. Uma nota num *post-it*: «Encomendar
mais barro.» A letra gloriosa, toda redondinha. Amorosa. A perninha de baixo do
comprida, a sublinhar as outras letras, um abraço feito de tinta. Um cartão grosso
da última página da agenda. Bege. Letras a dourado na parte da frente. Puxo-
o para fora. Um convite
para um casamento, nomes que não reconheço, mas não são os nomes que me cha
outra coisa, o envelope atrás do convite. Viro-
o ao contrário, uma morada, a morada da PK. Sei onde
fica a rua dela, já lá passei a pé com a Morgan. Volto a pôr o convite e o envelope
porta ao fundo do corredor abrir-se e regresso para junto dos meus desenhos.

— Desculpa lá. Então, já tomaste uma decisão?

— Sim, estes cinco aqui.

— Excelente escolha. Uma coisa é certa: vai ser difícil superá-
los. A Janet acabou de me
relembrar que a galeria Muse na Portobello Road está com uma exposição fantást
carvão. É uma pena que hoje seja a última noite, acho que terias gostado de ir ver

— Ainda podíamos ir, não podíamos? Hoje à noite? Teria de pedir ao Mike, mas
se importará se for para a escola.

— Na verdade, estava a falar de ti, que tu devias ir. Não a sugerir que fôssemos a

— Ah,
okay, desculpe, é só porque soa mesmo giro e acho que o Mike não me v
sozinha.

Ansioso, um pouco protector demais desde a minha ida a tribunal, quer-
me em casa todas as noites até o veredicto ser anunciado.

— Gostava mesmo de ir, professora Kemp, sobretudo depois da cirurgia qu
passada.

— Sim, como correu, já agora?

— Correu bem, já passou.

— O que deve deixar-
te satisfeita, acredito. Não vou prometer nada, tenho planos para hoje à
noite, mas posso tentar passar pela galeria por volta das sete. Não me imp
espreitadela. Porque não vais com o Mike e, se nos virmos lá, óptimo?

— Tudo bem, claro, vou perguntar-lhe. Vai lá estar às sete?

— Vou tentar.

O Mike oferece-
se para me acompanhar à galeria, eu digo que não, fica a uma curta distância a pé

Omito a parte sobre encontrar-me com a PK, disse-
lhe que todas as participantes do prémio de Arte
iam. De início, ele não tinha a certeza, mas convenci-
o, sou boa nisso. Depois de tudo o que tem
acontecido, digo. Ele anui. Compreende.

Antes de eu sair, verifica se tenho o telemóvel comigo, diz-
me que estou bonita, até mesmo com
um ar adulto. Espero não ter cometido um erro e escolhido o vestido errado. Agua
a à porta da
galeria, acho que será agradável entrarmos juntas. Algumas pessoas vão entrando
um bocado cedo, por isso, quando são sete e dez, já lá estou especada há quase vi
consigo sentir os pés, aconchego mais o meu casaco contra o corpo. Espreito o te
me serve de nada, visto que ela não tem o meu número nem eu tenho o dela.

Quando já passam vinte minutos da hora, tento manter-
me calma, digo para comigo que está apenas
um pouco atrasada, que o seu caos artístico me envolverá quando ela chegar, faze
pareça melhor. Cumprir horários e ter disciplina são as chaves do sucesso, costum
não quero pensar em ti.

— A PK não tem nada a ver contigo.

— Desculpe? — reage alguém.

Apercebo-
me de que pensei em voz alta no preciso momento em que um trio de mulheres ia
da galeria e passava por mim. Balbucio um pedido de desculpas, qualquer
minhas deixas. Elas sorriem ao lembrar-
se dos seus tempos de escola já idos, uma época feliz, a
julgar pelos sorrisos. Ou pelo facto de o tempo apagar as más memórias,
aconteça com as minhas.

Olho para o telemóvel, faltam vinte e cinco minutos para as oito. Ela não vem, ter

Quando chego a casa, vou directa ao meu quarto, abraço uma almofada contra o p
almofada do escritório do Mike, azul, tão macia.

Sussurras-me ao ouvido, relembras-
me que és a minha mamã e que aquilo que a PK fez está
errado. Puxo o edredão para cima da cabeça, mas as tuas palavras alcançam-
me na mesma e, ao fim

de algum tempo, começo a escutar o que estás a dizer, começo a concordar. Tens
tens, o que a PK fez não foi bonito.

Ouço-o quando respondes, o entusiasmo na tua voz.

ASSIM É QUE É, ORA AÍ ESTÁ A MINHA MENINA, ANNIE. O QUE VAIS

DIZ-ME: O QUE VAIS FAZER?

30

O veredicto é conhecido na quarta-

feira, menos de uma semana depois de ter ido testemunhar. No caminho da escola para casa, olho para o telemóvel, como de costume, trê Mike na última meia hora. Acedo à página na Internet da BBC News, a t condenada.

Culpada.

Culpada.

Culpada vezes doze.

És condenada pelos nove homicídios, o juiz definiu logo a sentença. Prisão perpé de liberdade condicional. O Mike espera-me à porta de casa, abre-a quando chego. Aceno-lhe com a cabeça para lhe comunicar que já vi as notícias. Ele diz: Vem cá, chiu, está tudo b

Pensei que ficaria feliz, aliviada. Que depois de o julgamento terminar conseguiri das costas o que fiz ao Daniel. Fiz o que fiz para ser boa, para o salvar, e, no enta de fazer de mim uma má pessoa. Faz-me ser igual a ti.

A Saskia aparece no *hall*, acaricia-me as costas entre as omoplatas.

— Lamento, Milly. Mas, pelo menos, agora já acabou, podemos começar a aniversário — diz ela.

Quando olho para cima, vejo o Mike fazer-lhe que não com os olhos. É cedo demais, é o que ele quer dizer. Ela apercebe-se, parece desapontada por meter o pé na argola. Outra vez.

— Então quando te sentires capaz, Milly — diz ela, afastando-se.

O Mike pergunta-me se quero pôr a conversa em dia, está desejoso, o próximo capítulo do livro por escrever, aposto. O dia do veredicto. Digo que não, que gostaria de ficar

Sento-me no chão, encostada aos pés da cama. Sento-me e penso em ti. No nosso tempo juntas.

Nas vezes em que te sentaste na tua poltrona, a roupa interior não consta televisão, um programa sobre assassinos, irmãos, chamaste-

lhes: Apesar de eu ser melhor do que
eles, não serei apanhada. Como iriam apanhar-
me? Criticaste as faltas deles, os erros deles. É por
serem homens, disseste, o facto de eu ser mulher protege-
me e tu também, pequena ajudante da mamã.

A Imprensa, o nome que te atribuíram, já o terás ouvido e terás visto a tua fotogra
página dos jornais. A tua alcunha, o meu livro preferido, escrito em letras garrafa

A ASSASSINA PETER PAN

Acho que vais gostar, resume bem o espírito da coisa. Seja como for, não depend
sete chaves como estás agora. Os pormenores que forneci à Polícia devem
Imprensa. As palavras que sussurravas a cada corpo inerte que jazia no quarto, ac
para dormir. Para sempre. É bem feita por teres deixado a tua mamã, a tua voz en
sibilavas junto aos seus ouvidos apesar de eles já não poderem ouvir. Tent
te que eles não
tinham tido escolha, que as suas mamãs tinham aberto mão deles. Não, não, não,
me, eu não
abri mão do meu filho, ele foi levado. Eles não são o Luke, disse eu, nã
lo.

Espancaste-me, fiquei toda negra só por ter mencionado o seu nome.

Espancaste-me.

Mais perturbador do que a dor é o amor quando é deturpado. Embalaste-
os nos teus braços, deitaste-os como se pudessem quebrar-
se, ainda mais, ou novamente. Seis meninos. O Daniel era o
sétimo, mas ele não foi teu. Seis principezinhos, ou algo assim, embrulhados em
com um pijama novo. Duas meninas. Não querias saber delas para nada. Não me
terminar, costumavas dizer. Terminar de fazer o quê?

De dizer adeus.

De todas as vezes, era disso que se tratava. Os rituais, vestir os meninos
pijama era o que o Luke usava na noite em que foi levado, após terem descoberto
quem se tinha escapulido de casa durante a noite e incendiado o posto de
apartamento situado por cima vazio no momento, felizmente. Ele tinha onze anos

Os «olás» são importantes, é como começamos, mas roubar um «adeus», não te d
segurar o Luke nos braços uma última vez antes de o levarem. Esse foi, para ti, o
todos.

Sou interrompida quando a porta do meu quarto é aberta e a Phoebe entra
especada, a olhar fixamente para mim, de cima.

— Para onde estás a olhar? — pergunto.

Ela não responde. Piranhas minúsculas atacam-me as entranhas.

Mesmo com todos os cavaleiros e cavalos do rei[7].

Phoebe fita-
me durante mais algum tempo, depois recua lentamente para fora do quarto, sem
ao trabalho de voltar a fechar a porta.

Tenho uma sessão com o Mike após o jantar, ele pergunta-
me como me sinto em relação ao veredicto. Nauseada, digo-
lhe, não como esperava sentir-me. Ele falou com a June, queria saber os

pormenores do que aconteceu em tribunal, pergunta-
me porque nunca contei a ninguém que tinha
estado sozinha em casa com o Daniel. Tive medo, respondo, sabia que a
culpar-me. Então e tu, ainda te culpas?, pergunta-me ele. Sim, culpar-me-
ei sempre, admito. Porquê?, insiste ele. Porque sim, respondo. Ele olha-
me de uma maneira estranha, uma espécie de escrutínio, mas fica-se por ali.

Mais tarde, vou buscar os restantes esboços que fiz de ti, aqueles que não submet
Arte. Não consigo explicar porque é reconfortante olhar para ti. Mas é. O que não
sentir os olhos da Phoebe postos em mim. Ela vir ao meu quarto, ela fitar-me.

Custa-me fazê-
lo, mas rasgo os teus retratos até não serem mais do que um amontoado de olhos,
lábios e orelhas. Quero seguir em frente, quero uma casa normal recheada de cois
perguntou-
me uma vez o que queria da vida. Aceitação. Foi essa a minha resposta. Aceitar d
vim e quem sou, ser capaz de acreditar e provar que é possível distorcer o format
o meu coração ficou por o teres contorcido. E será, Milly, respondeu ele, espera e
não sabe quão estranho é esse formato. Reúno os pedacinhos de papel, deito-

os no caixote do lixo da
casa de banho. Cerca de uma hora depois, vou lá buscá-los, uso fita-
cola para voltar a compor os desenhos.

A mensagem da Morgan chega depois da meia-
noite: Estás acordada? Preciso de te ver. Digo-lhe
para vir ter à varanda, quando ela chega parece mais pequena do que ante
tamanhos de roupa. Abro a porta. O ar frio aproveita para se esgueirar, o
todos os cantos, dançando. Zombando. A boca da Morgan está inchada e em sang
esquerdo da testa arranhada, parece uma queimadura causada por fricção n
a para dentro pela mão, fecho a porta e tranco-
a. Verifico duas vezes se ficou bem trancada.

— O que aconteceu?

A Morgan abana a cabeça, pequenos movimentos rígidos, olhando para o chão.

— Não sabia para onde mais havia de ir — responde.

Os seus dedos descrevem círculos no ar diante do seu corpo, atando e desatando n

Dirijo-me ao candeeiro da mesinha-de-cabeceira, ligo-
o. As suas calças de ganga estão sujas e um
cheiro salgado e amargo emana dela, tem um ténue hálito de álcool.

— Tens mais algum ferimento?

Ela limpa o nariz com a manga, mas o ranho volta a escorrer logo a seguir, um líq
a ir parar-
lhe à boca continuamente. O seu queixo começa a tremer. Nada de lágrimas. O ch
seja lá o que for que aconteceu impede-
as de correr. Pego no pacote de lenços que está no chão junto à cama.

— Toma.

Ergo o braço para lhe atirar o pacote, ela retrai-se, encolhe-
se um pouco. Baixo o braço, quero dizer-
lhe sou eu, não tenhas medo, mas depois lembro-me de que já a magoei.

— Podes passar cá a noite.

A Morgan abana a cabeça.

— Sim, vou ajudar-te, vou fazer com que tudo fique melhor.

— E se alguém vier aqui?

— Não virão, estão todos a dormir.

Tiro da minha cómoda um pijama de algodão macio. Castigar-me-
ias por me preocupar com ela,
não é um rapaz, dirias, as raparigas não precisam que sejamos meigas com elas. M
te-ia, ela não é um rapaz, mas é importante para mim.

A luz do candeeiro não é forte, mas quando a ajudo a tirar a camisola ve
anunciarem-
se. Uma pegada, o contorno de um sapato nas costelas, de lado. Pouso as mãos de
meus ombros quando me inclino para baixo, levanto-
lhe uma perna de cada vez para despir as suas calças e vestir-
lhe as do pijama. Endireito-
me, as mãos dela ainda sobre os meus ombros. Ficamos
assim durante algum tempo, a olhar uma para a outra. Depois afasto-
me, formo uma pilha com as suas roupas, pouso-
as numa cadeira junto à porta da varanda.

— Senta-te na cama, vou buscar uma toalha para te limpar o rosto.

Ela contrai-se enquanto limpo o sangue do inchaço à volta da sua boca.

— Quem foi?

— Quem me dera que ele morresse — responde ela.

— Quem?

— O meu tio.

A Morgan desfaz-se em lágrimas, eu abraço-a, embalando-
nos para a frente e para trás, começo a cantar baixinho. Lavanda azul,
dilly dilly… Ela começa a respirar com mais calma, pára de chorar.

— Adoro essa canção.

— Eu sei. Deita-te, precisas de descansar.

Ela deita-
se sem protestar, fica de lado virada para mim, os joelhos encolhidos até ao peito.
a com o edredão, mais um cobertor por cima. Os seus olhos fecham-
se. Ela atira uma das almofadas que estava debaixo da cabeça para o chão.

— Em casa só tenho uma.

Deixo-
me ficar sentada ao seu lado na cama, observo o seu rosto contrair-
se, relaxar, à medida
que ela tenta esquecer o que aconteceu. Ficarás a salvo,
dilly dilly, nada de mal te vai acontecer,
Morgan. Não posso ajudar em relação ao seu tio, mas, no que diz respeito a ela, é

Apanho a almofada, penso quanto ela iria gostar da Terra do Nunca, um lugar onc

e nunca há planos definidos, mas ela mexe-
se, esfrega os olhos com os punhos fechados como as
crianças fazem quando estão cansadas. Abre os olhos, olha para mim, para a almc
mão, pergunta-me o que estou a fazer.

— Nada, estava apenas a pôr a almofada em cima da cama outra vez.

— Estou segura aqui, não estou, Mil?

— Sim.

— Óptimo — responde ela em voz muito baixinha.

De manhã, quando acordo, ela desapareceu. O pijama aos pés da cama, num pequ

31

Não vi a Phoebe em casa hoje de manhã, mas ela e a Izzy são as primeiras pessoa
deparo quando chego à assembleia de quinta-feira. Sento-
me na fila atrás da dela, alguns lugares

mais para a esquerda. Presto atenção às conversas que fluem à minha volta, algun
as pessoas talvez saibam, mas giram em torno do habitual. Penteados e rapazes, p
quem ainda precisa de comprar bilhetes para a peça de teatro da escola. C
levantamo-
nos quando os professores sobem ao palco. Uma rapariga mais nova, do nono anc
faz um discurso sobre «ajudar o próximo», as boas acções que podemos fazer ao
das festas para ajudar os menos afortunados. A directora James levanta-
se para transmitir os
comunicados da semana, fala sobre o projecto de redecorar a sala de conv
alguma de vós estiver interessada na recolha de fundos, faça o favor de ir falar co
na Secretaria. Passa a enumerar mais uns quantos aspectos relacionados com a pr
em que a nossa peça estará em exibição, e o último anúncio que faz é:

— A vencedora da edição deste ano do Prémio de Arte Sula Norman é a Milly Ba
primeiro ano.

O aplauso não é imediato, mas melhor do que nenhum. A directora James prosseg
meu nome será gravado a dourado no quadro das premiadas que fica na e
Grande Auditório e que devo ir falar com a professora Kemp sobre os restantes p
me pouco à vontade, não por causa do elogio público mas porque não voltei a ver
em que ela devia ter ido ter comigo à galeria de arte. E porque sinto o olhar da Ph

Quando olho para ela, desvia o olhar imediatamente.

Durante a hora de almoço, a PK vem ter comigo à biblioteca, onde estou a tentar
para a aula de História, mas já li a mesma frase inúmeras vezes. Sorri quando che

— Parabéns, tinha o pressentimento de que ias ganhar. Os pais da Sula e
adoraram os teus desenhos, foi uma decisão unânime.

— Obrigada.

— Deves ficar muito orgulhosa, sobretudo com tudo o que…

Ela cala-
se, mas é tarde demais, a sua expressão, os tiques denunciadores — ela ajusta tod
missangas que tem à volta do pescoço, seguem-se os anéis.

— Tudo o quê?

Senta-se ao meu lado. As minhas suspeitas quando estive com ela na segunda-feira estavam certas.

— Foi por isso que não foi.

— Não fui onde? — pergunta ela.

— À galeria. Disse que iria lá ter comigo às sete, esperei durante mais de meia ho

— Referes-te a segunda-
feira? Oh, Milly, eu disse que ia tentar mas que não podia prometer nada.

— Tudo bem, eu compreendo.

— Não é nada disso, a pessoa que eu esperava apareceu mais cedo do que era sup

Esqueci-me. Desculpa.

Ela inspira pelo nariz, expira lentamente, as bochechas cheias de ar. Inclina-se na minha direcção, o cheiro a alfazema.

— Tinha a sensação de que se passava alguma coisa, Milly. Os esboços; os *e-mails*; a prenda que tentaste dar-
me; tu teres faltado às aulas. Voltei a falar com a directora James e ela acabou por contar sobre, enfim, sobre de onde vens.

Conto os livros que estão na prateleira por cima da cabeça dela. Vou no décimo p ela diz:

— Eu sei sobre a tua mãe, Milly.

— É por isso que já não quer ser minha orientadora.

— Essa não é, de todo, a razão, mas poderia ter dado jeito eu saber.

— Assinou os seus *e-mails* como PK.

— Desculpa, não compreendo.

— Pensei que se importava.

— E importo, mas assino todos os meus *e-mails* como PK, há anos que é assim. Lamento se achaste que te dei a impressão errada. Teria tido mais cuidado se soubesse.

No canto superior do ecrã do meu portátil surge um quadro de mensagens, a alert*e-mail*: «Novo tópico no fórum do 11.º ano.» Sigo a hiperligação, demora algum teimagem a ser carregada.

A imagem é uma fotografia tua.

O título: « *Ding-dong* a Bruxa Má que DEVERIA estar morta»[8].

Por baixo, dois símbolos de uma mão com o polegar de fora. Um virado para cim para baixo. Uma votação: concorda-se, não se concorda. Dezassete votos até agora. Um dos polegares, redundante.

Fecho o portátil com força, levanto-me, a minha cadeira cai para trás, provoca um estrondo. Mexete. Não consigo. Anda. Não consigo.

A PK levanta-se e pergunta:

— Milly, o que se passa?

A bruxa má. DEVERIA estar morta. *Ding-dong*. Tu. Tu deverias estar morta, é sobre isso que elas estão a votar, e sei quem se seguirá.

A bibliotecária aproxima-se e pergunta se está tudo bem.

— Não sei bem. Milly! Está tudo bem?

— Preciso de ir.

— Ir aonde? O que aconteceu?

— Não posso falar, lamento — digo, reúno as minhas coisas e vou embora.

— Lamentas o quê? Aonde vais? Ainda não te falei no prémio de Arte.

Vou directa à enfermaria, uma máquina de escrever escondida dentro da minha ca
as teclas enquanto caminho: a Phoebe sabe. A Phoebe sabe.

E não tarda todos saberão, se é que ainda não sabem.

— Não me sinto muito bem, enfermeira Jones, posso ir para casa, por favor?

— Não há dúvida de que pareces um pouco indisposta. Fazes ideia do que poderá

— Julgo que é uma enxaqueca.

— Sim, recordo-
me de ter lido na tua ficha que sofrias de enxaquecas. Terei de telefonar a
Newmont, são os teus guardiões, não são?

— Sim.

Do relógio na parede chega um suave tiquetaque, um ritmo meio hipnótico como
na noite em que a Polícia apareceu lá em casa. Sinto exactamente o mesmo que s
a espera, a vontade de que tudo termine. Só que desta vez não sei que «tudo» é es

— Está tudo bem, falei com o Sr. Newmont. Ou ele ou a sua esposa estarão em ca
hora ou duas, a empregada está lá neste momento. Sentes-
te capaz de fazer o percurso até casa a pé?

Faço que sim com a cabeça.

— Óptimo, então as melhoras, vai descansar e bebe muitos líquidos.

A Sevita está à minha espera quando chego a casa.

— Olá, Menina Milly, quer almoçar alguma coisa?

— Não, obrigada, vou direitinha para a cama, não me sinto lá muito bem.

— *Okay*, estarei na lavandaria.

Vejo-a fazer uma cruz sobre o peito com a mão ao afastar-se, uma ave-
maria. Uma oração por mim, ou por ela. Sozinha em casa. Comigo.

Ponho-
me a andar de um lado para o outro no quarto, preciso de conseguir pensar bem. S
Phoebe sabe? Seria o tópico publicado no fórum dirigido a mim ou apenas uma p

em reacção à sentença do tribunal? Encurralada. Eu. Num beco sem saída.
iria, se fugisse? Uma pessoa como eu não tem para onde ir.

Tenho de descobrir se a Phoebe sabe e se mais alguém sabe. A quem teria ela dito

Izzy? A todas as alunas do meu ano, talvez, mas cruzei-
me com algumas delas quando saí da escola e
não aconteceu nada. Teriam dito alguma coisa se soubessem. Sento-
me na cama, tento acalmar os
meus pensamentos a mil à hora, sempre a sentir a areia da ampulheta a escoar-
se. Levanto-me, volto
a andar de um lado para o outro. Pensa, bolas, pensa. De repente, ver um
espreitar da minha mochila da escola desperta-me uma memória.

Abro uma porta que não deveria abrir, não é a minha. Uma das regras da
privados, é proibido entrar no quarto dos outros sem permissão. O Mike. A
doméstica, mas não está cá ninguém a quem pedir, portanto, eu autorizo-
me. O quarto dela é um
clichet, já aqui estive antes durante as férias. Cartazes e cor-de-
rosa, um cheiro doce a pairar no ar.

Algodão doce. Rebuçados de caramelo. Açúcar e canela. Tiras de polaróide
coladas à parede por cima da secretária. Luzinhas em forma de coração pendurad

Uma gruta. Um trenó para uma princesa, uma rainha feita de gelo. Na me
de-cabeceira, tubos peganhentos de
lip gloss perfilados como as pedras de Stonehenge, nunca se sabe quem va
conhecer nos nossos sonhos. Eu sei.

Encontro o que procuro na gaveta do meio da secretária. Tenho sorte, poderia est
ela, mas sei que raramente o leva, prefere o telemóvel, é lá que está a ac
gaveta, ligo-o, a sua conta de *e-*
mail aberta, uma mensagem nova. Não posso arriscar lê-la — ela
ficaria a saber que tinha sido aberta —, mas leio as mais recentes trocada
quais lhe diz que se sente sozinha, odeia a vida que tem, deseja poder viv

último *e-*
mail que enviou foi ontem à noite, já bem tarde, menciona umas anotações sobre
encontrou no escritório do Mike. E então diz que acha que eu talvez tenha alguma
a Assassina Peter Pan, é estranho como o caraças porque sou fisicamente muito p

A mensagem não lida é a resposta dele. O que terá dito? O que irá ela fazer?

Volto a pôr o portátil onde o encontrei, saio do quarto e fecho a porta, percorro o
meu quarto. Fico deitada na cama até escurecer lá fora. Até a enxaqueca ceder e j
nuca nem me comprimir o início da coluna. Viro-
me de lado, abro os olhos, a cabeça agora dói
menos, mas, quando olho para o meu quarto, o coração dói mais. O que irá a Pho
será de mim? Para onde irei?

Já não aguento ficar deitada e quieta, pelo que desço ao piso térreo. A Sa
conversar com a Phoebe na sala de estar. Procuro algum sinal de que ela lhes con
sabe, mas nada me sugere animosidade.

— Vês, Mike, ela está bem, não há motivos para ficares preocupado por i
Saskia.

A Phoebe não me olha nos olhos, abandona a sala pouco depois de eu chegar.

— Onde é que vocês vão? — pergunto.

— Eu e a Sas fomos convidados pelos Bowen para irmos jantar a casa deles hoje,
que não estás a sentir-te muito bem, achei que seria melhor ficarmos em casa.

— Sinto-me melhor agora, que descansei um pouco.

Se eles saírem, talvez consiga falar com a Phoebe, chamá-
la à razão, convencê-la de que sou diferente de ti.

— Não sei se deveríamos ir, tens tido muita coisa com que lidar nos últi
Mike.

— Eu estou bem, a sério, tenho trabalhos de casa pendentes para fazer.

— Quero acreditar que nos dirias se não estivesses, Milly, é para isso que cá esta

— Mike, ela disse que estava bem, não disse? Seja como for, já cancelám devíamos mesmo ir.

O Mike anui, diz: Parece que estou em minoria. Já ambos de casacos vestidos, ele se, uma
série de estratagemas para passar o tempo, pega no molho de folhetos publicitário correio e está numa prateleira junto à porta e põe-se a escolhê-
los, arruma com o pé a montanha de
sapatos que se encontram no chão. Comenta que os mosaicos do *hall* da entrada precisam de ser substituídos.

— Achas que tire rapidamente umas medidas? — pergunta.

— Não, já estamos atrasados, anda lá — responde a Saskia.

Não é maternal, o instinto dele, mas sente-
a, esta espécie de tensão no ar. Faz uma última tentativa.

— Então e a *Rosie?* Precisa de ir à rua.

— Uma das raparigas pode tratar disso — responde a Saskia.

— De certeza que não te importas que saiamos, Milly?

— É na boa.

— O número de telefone dos Bowen está no quadro de ardósia, liga-
nos se precisares de qualquer
coisa, qualquer coisa mesmo — diz ele antes de saírem.

Não sei o que fazer. Se devo subir ao quarto da Phoebe, bater à porta. Pe lhe se posso
conversar com ela sobre um assunto, só que não sei bem o que dizer. Sento-
me num dos sofás na sala de jogos a pensar, com a
Rosie aos meus pés. A sua audição aguçada capta primeiro, movimentação no piso de cima. Senta-
se, inclina a cabeça, escuta os passos da Phoebe a descer as escadas. A

Phoebe chama por *Rosie*, mas a cadela não se mexe. A Phoebe chama-
a de novo, desta vez mais impaciente. Agressiva.

— Ela está aqui comigo — respondo.

A Phoebe não responde logo, devia achar que eu estava noutro lado. Depois, sem diz:

— Ela tem de ir à rua, a mãe acabou de me mandar uma mensagem.

A *Rosie* levanta-se ao ouvir falar em ir passear, trota até ao *hall* em direcção à Phoebe.

— Raios partam, levo-a eu então.

Quando entra na sala, ignora-me, dirige-se à porta que dá para o quintal e abre-a. A *Rosie* segue-a mas não sai, fica sentada junto à porta aberta.

— Lá para fora, já.

A cadela continua sem se mexer, por isso a Phoebe agarra-lhe na coleira, arrasta-a para o quintal.

A luz activada pelo movimento acende-se acima delas. A Phoebe fica no exterior com a cadela, apesar de não ter um casaco vestido, e sei, pelo ar que está a entrar, que está um g de a *Rosie* fazer o que tem a fazer, a Phoebe trá-la para dentro, fecha a porta, os olhos postos no telemóvel. Os meus, nela. É agora ou nunca.

— Posso falar contigo sobre um assunto, Phoebe?

Ela levanta os olhos do telemóvel, mas tem dificuldade em encarar-me, olhando para todo o lado menos para mim.

— Depende.

— Eu sei que não nos temos dado muito bem, mas gostaria que isso mudasse.

— Não vale a pena.

— Porquê?

— Não vais cá ficar muito mais tempo.

— Gostava de ficar o máximo de tempo possível.

— Não depende de ti, pois não?

Levanto-me, ela olha para mim, pergunta:

— O que estás a fazer? Um dos meus amigos vem a caminho, pode chegar a qual

Está assustada. Não quero que ela esteja assustada. Quero dizer-lhe que, juntas, podíamos conquistar o mundo, uma dupla de matar, se o trocadilho me é permitido. Ela pas soleira da porta e, mesmo antes de a transpor, diz:

— Antes de sequer te dares conta, já o pai vai ter enfiado outra otária no teu quar nunca tivesses existido.

32

No dia seguinte, quando cruzo o pátio da escola, a Phoebe está lá, juntamente cor Izzy. A Clondine sorri, mas as outras duas viram a cara. Quanto tempo até os sorr passarem a olhares fixos e a dedos apontados? Ali vai ela, dá para acredit Peter Pan.

Quando chego a casa, quer o Mike quer a Saskia estão presentes. Que bo *timing*, diz ele, queríamos falar contigo sobre um assunto antes de o fim-de-semana começar. Sentamo-nos. A Saskia não me olha nos olhos, o Mike oferece-se para pôr água a ferver, nenhuma de nós lhe dá resposta.

— Queríamos, eu e a Sas, dizer-te que estamos muito orgulhosos de ti, daquilo que conseguiste fazer. Não conheço muitas outras adolescentes que tivessem conseguido lidar cor de um modo tão maduro, mas agora, que o julgamento acabou, precisamos d conversar sobre o que o futuro nos reserva.

Dois dias, ainda só passaram dois dias desde o veredicto. Mal. Podem. Esperar. livres de mim.

— A June e a equipa de assistentes sociais têm andado a tentar encontrar permanente para ti. Acham que talvez tenham arranjado uma família que vive nu de Oxford, com muito espaço e campos e dois cães, acho eu. Ainda não

obviamente terás de os conhecer e ver como se dão todos, mas parece muito pron
da ideia?

— Parece-me que não tenho voto na matéria.

— Não queremos que te sintas assim, estamos apenas a tentar ver o que será mell

— Quando é que me vou embora?

— Milly, não sejas assim, por favor — diz o Mike.

Cruzo os braços, procuro sentir as minhas cicatrizes. Viro a cara a ambos.

— Gostaríamos muito que passasses o teu aniversário connosco e acabasses o pri
da escola, teremos de ver como fazer quanto à exposição do prémio de Arte.

Tarde demais, por essa altura, já toda a gente saberá. O gato. Escondido com o r

— Sinto-me tão estúpida.

— O que queres dizer com isso? — pergunta o Mike.

— Julgava que gostavam de mim.

— E gostamos — responde a Saskia. — Muito.

— A Sas tem razão — diz o Mike. — Mas não estava previsto a tua estada aqui s
permanente. Falámos sobre isto no hospital, recordas-te?

Não estava previsto ser permanente por causa de Phoebe. Açúcar e canela. E tud

— Tal como disse, ainda nada foi decidido, mas estamos a pensar em con
preliminar à família em Oxford, talvez mesmo no próximo fim-de-semana.

Quanto mais depressa, melhor, é o que todos parecem achar.

É madrugada e, por uma vez que seja, tenho a cabeça no lugar. Não se trava nenh
mim, a dilacerar-
me em duas. Suponho que já há algum tempo sei que não pertenço aqui.
encaixo. Também já sei há algum tempo que não existe lugar para uma pe
nenhum. Se tivesse sabido disso antes de te deixar, talvez tivesse ficado, a

não me dava necessariamente amor mas me oferecia um sítio familiar onde ficar.
saco.

Vou buscar a meia à gaveta da roupa interior, entorno na minha mão os c
andado a esconder, meses a enganar o Mike. Entro na casa de banho, coloco-
os no chão, trago o meu
portátil também, tranco a porta, não dá para a abrir pelo lado de fora. Olh
estou certa de que tenho a quantidade suficiente. Sento-
me, de portátil pousado nos joelhos, uma
pasta oculta no meio dos documentos com o nome.

Tu.

Agarro em alguns comprimidos, engulo-
os com a ajuda de um gole de água da garrafa meio vazia
que deixei junto do lavatório. Assisto aos vídeos da tua chegada numa carrinha. A
fumado, como as do carro do Mike quando também fui ao tribunal. O vídeo segui
do julgamento. O veredicto. Culpada vezes doze. A multidão a formar uma vaga
a carrinha que te transportava abandonou o tribunal, os repórteres a segura

Ingiro mais uma mão-
cheia de comprimidos, uma mistura de azuis e brancos, alguns cor-de-rosa pelo
meio também. Carrego no botão de pausa quando surge no ecrã uma fotografia tu
torna-
se um borrão ao fim de mais ou menos uma hora, o meu corpo cheio de areia desl
parede abaixo. Sinto vontade de rir, pedrada devido aos fármacos, mas não me le
se faz nem da última vez que o fiz.

Tomo os restantes comprimidos, uma mão bem cheia. A maior parte cor-de-
rosa, não para atrair a
atenção dos rapazes[9] mas sim para não ter de pensar, nunca mais. Bebo outro g
seca, um caracol feito de carvão a passear pela minha garganta abaixo. Ba
agarro-me ao lavatório para me reerguer. Desta vez, quero efectivamente olhar-
me ao espelho, quero

ver-
te antes de partir, mas as minhas mãos escorregam, o espelho derrete. Vej

Estrelas cadentes. Pede um desejo, não vale a pena. Estou cansada, tão cansada.

Deito-
me na cama, não, acho que é na banheira. A cortina do duche é puxada
tenho de me tapar depressa, o telemóvel está a postos, ela tira-
me fotografias, lembras-te? Catorze azulejos ao fundo da banheira, contei-
os na noite antes de o teu julgamento começar, quando não
conseguia dormir. A minha cabeça descai sobre o meu peito, um lugar de repousc
comprimidos.

Sou puxada. As minhas pernas.

Agarram-mas, a partir de baixo.

Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro.

A porta à direita.

Agora, que morri, encontrarão as coisas que escondo.

Os teus retratos, que depois de rasgar voltei a colar com fita-cola.

Doentia, é o que me vão chamar. Tal mãe, tal filha.

Há mais coisas.

A primeira, por acidente, estava de gatas a limpar o quarto.

Um cubo de açúcar no chão. Não. Um dente de leite de um rapaz.

Ao meu bolso foi parar.

A partir daí, procurei, catei. Tudo e mais alguma coisa, roupas,
uma peça de cada um dos nove, uma obsessão que enfiei

na minha mala às escondidas *na noite em que foste presa*.

Porque é que as guardava?

Não era um presente para as fadas,

não debaixo da minha almofada.

A resposta era a minha maneira de me preocupar com eles.

Jayden. Ben. Olivia. Stuart. Kian. Alex. Sarah. Max. Daniel.

Nove coisinhas pequeninas que eu quis ajudar.

Nunca soubeste que eu as guardava.

Ninguém soube.

33

Tubos.

Ligados a mim.

Luzes.

Por cima de mim.

A garganta seca, a sufocar. Uma agulha nas costas da mão, em formato d molhada, um carreirinho. Lágrimas. Não quero chorar, não vale a pena. Sentir. M temer. Não temas nada. Teme tudo.

Está aí alguém?

Mãos frias entram em contacto com a minha pele. Batem. Remexem. Os meus ol abrir por dedos alheios. Uma luz forte, uma tocha do tamanho de uma ca uma das minhas pupilas. Uma voz com pronúncia a contar uma história s *overdose* de uma
adolescente, lavagem ao estômago. Tentativa de suicídio. Uma mistura de compri

É esse o nome que lhe dão…?

Uma linguagem de números e letras, sangue e coisas. Coisas e sangue. De branca, uma prancheta nas mãos, olha para um formulário. Hesita.

Aumentem a dose do sedativo, diz a bata branca.

Perco a consciência outra vez.

Quando volto a recuperar os sentidos, o Mike está ao meu lado. O ar sai-
me do coração, um balão
que esvazia. Está dilacerado, o corpo curvado sobre a cama. Não consigo falar, pe
mais do que isso. Aperto-lhe a mão, ele ergue o olhar.

— Milly, estás acordada. Graças a Deus, estás acordada.

Tento responder, dizer que lamento que ele não tenha conseguido curar-
me, odeio-me, sou má por dentro.

— Não tentes falar, precisas de descansar.

Estica o braço, carrega num botão por cima da minha cabeça. As minhas
pontos de interrogação, ele interpreta-as bem, conta-
me uma história. A minha história.

— Sofreste uma *overdose*, não desceste para o pequeno-
almoço então fui ver o que se passava, a
porta da casa de banho estava trancada, tivemos de a mandar abaixo. Fize
te uma lavagem ao

estômago e ainda estás sob o efeito de sedativos fortes, é natural que ainda seja tu
durante algum tempo, mas vais ficar bem.

A porta do meu quarto abre, faço um esforço para me concentrar, mas o cabelo lo
a.

— Ela está acordada.

— Sim, ainda de modo intermitente por causa da medicação, mas está consciente

A Saskia não se chega à cabeceira da cama, deixa-
se ficar para trás, mas diz: Que bom, fico feliz,
será que devíamos chamar alguém?

— Já chamei, a qualquer momento deverá chegar uma das enfermeiras. Está bem

Aceno com a cabeça, mas não sei se vou durar muito. As pálpebras, pesa
mancha. Esborratado. O quarto é um barco. Estou enjoada. Uma sombra, brilhant
baleia passa por baixo a nadar, vem à superfície ao meu lado, de boca be

interior. Um erro. Cometi tantos. Eles retribuem-
me o olhar, as caras assustadas, as mãos estendidas para mim. Inclino-
me o máximo possível para fora do meu barco, quero salvá-
los. Uma voz diz

«Não». Nunca o ouvi falar, mas acho que é Deus, aquele em que não acr
implacável. O mar agita-
se, agora já não consigo chegar até eles. Seriam nove, se os contasse.

Baixam as cabeças, sabem o que os espera, a baleia fecha a boca, mergulha para f
puxada de regresso ao branco, ao quarto, demasiado claro. Uma enfermeira a fala
Saskia, Venham comigo, por favor, a June está aqui. Quando torno a abrir os olho

Será que está mesmo? Sorri para a foto, Focinhuda. Não, por favor, não faças isso
murmúrio, estranha aos meus ouvidos. Tarde demais. Um
flash mesmo em cheio na minha cara. És a
cara chapada da tua mãe. Fecho os olhos, reabro-
os de imediato, mas ela não está ali, nunca esteve, é
a minha mente que me está a pregar partidas.

Há uma televisão pendurada na parede, ligada mas sem som, uma legenda
ecrã. Manchetes sobre o naufrágio de um
ferry e, por um segundo, julgo ver o teu rosto. Uma máquina
à minha esquerda, previamente num ritmo estável e sonolento, agora a soar mais
coração, a registar a minha reacção a ti. Tento desacelerar a minha respiração, ma
cada vez mais depressa, fecho os olhos, façam-
me ficar inconsciente outra vez, por favor. Volto a
olhar para a televisão, o noticiário acabou, se é que estava a dar sequer, a
participantes a tentarem compor palavras.

Faço menção de me sentar, não tenho força nos braços. A conversa entre a June, a

Para onde irei? A nova família já não me aceitará. Não estamos certos de poderm
pessoa na nossa casa, dirão, não será melhor para ela permanecer onde está? Sim,
agora. Quero ficar. Há espaço para nós as duas, para mim e para a Phoebe. Por fa

Volto a virar-
me para a televisão, o teu rosto ocupa todo o ecrã. Por baixo, uma palavra, a pisca

Ampliada.

FUGITIVA

Assentas e sorris, dizes-
me que vens atrás de mim. Ouço alguém gritar e apercebo-me de que sou
eu. Debato-
me na cama, a borboleta nas costas da minha mão sai a voar, os outros t
também. A máquina a monitorizar o meu coração dispara um alerta, um tom cont
fio soltou-
se, não consegue detectar o ritmo cardíaco. Sem coração. Não. É. Possível. Encor

Meu. Coração. Um médico entra apressado, acalme-se, acalme-
se, diz ele, empurrando os meus
ombros contra a cama. O Mike e a Saskia entram no quarto em seguida. O médic
ir buscar olanzapina, 5 mg, administração intravenosa.

— Ela vem atrás de mim — ouço-me dizer.

— Ninguém virá atrás de ti, Milly, estás segura.

As nove coisinhas pequeninas observam a partir do canto do quarto, as cabeças b
molhados, as bocas num beicinho triste.

Uma bata branca.

Uma seringa.

Sono.

34

Sou transferida da ala médica para a unidade de pedopsiquiatria. Não será
argumentou o Mike, um internamento curto e focado em rever a tua medic
máximo. Não conseguiu olhar-
me olhos nos olhos quando disse a palavra «medicação», como se
fosse culpa dele. Foi demasiado displicente ao limitar-se a passar-
me os comprimidos para a mão, é o que ele acha.

Uma enfermeira monitoriza todos os meus movimentos, chamam-
lhe observação constante.

Individualizada. Há uma prancheta pendurada na parede do lado de fora do
hora, à hora certa, fazem um visto na página.

Casa de banho. Visto. Almoço. Visto. Viva. Visto.

Posso ficar sozinha? Não.

Posso aceder à Internet? Não.

Posso ir embora?

Uma cabeça a abanar lentamente em negação.

Desta vez sigo as regras, até tomo os comprimidos que me dão, talvez ajudem, ur
durante horas a fio e não te vejo nem uma única vez. A June veio cá umas quanta
estada em casa dos Newmont foi prolongada até passar o Natal, mas que,
transferida para uma nova família. Pergunto-
lhe se a Phoebe sabe o que aconteceu. Não. Ela acha que
tiveste apendicite. O Mike disse-
lhe que tinha havido umas complicações mas que em breve voltarias para casa.

Como é que ela irá fazê-lo?, pergunto-
me. Como é que ela irá contar a toda a gente quem sou?

A rapariga no quarto ao lado do meu também me visita. Embala um coell
Prozac, apresento-te a Milly. Milly, apresento-te o
Prozac. Porque é que ele se chama *Prozac?* , perguntei-lhe. Ela riu-
se e respondeu numa voz melodiosa: O meu psiquiatra pergunta-
me o mesmo. Ontem a
rapariga veio até ao meu quarto, ficou de pé ao lado da minha cama a ac
cor-de-rosa, das orelhas do coelho e disse: Digo ao meu psiquiatra que chamo
Prozac ao coelhinho porque ele me faz sentir-me melhor.

Josie, sai do quarto da Milly, se faz favor, ordena uma das enfermeiras.

Depressa, dá-
me a tua mão, disse ela. E guiou o meu dedo através de um buraco no corpo pelu

do coelho, mais uma barriga cheia de comprimidos. Mas, na verdade, é porque o
gosta de *Prozac*, disse ela, piscando o olho e indo embora com uma pirueta.

Pequenos comprimidos azuis, dádivas dos deuses ou dos psiquiatras que os presc
se deuses. Quero dizer-
lhe para os tomar, para fazer o que eles mandam, mas costumava ser com
ela, armazenando-os à socapa. Toma-
os, não os tomes, «placebo» ao contrário é «obecalp». 10 mg
de obecalp para a rapariga no quarto 5, se faz favor. Aprendi depressa, na
psiquiátrica onde estive internada, fiquei especialista na linguagem que eles
enganar-
nos. Quando olho para trás, penso que talvez eu é que estivesse enganada, pois, a
uma semana aqui, a tomar os comprimidos e a falar com as enfermeiras, sinto-
me melhor.

Quase bem.

O painel para dar a alta médica reuniu-
se hoje. O Mike e a Saskia, a June também veio. Tratando-
se de um painel psiquiátrico, é disposto em forma de círculo, para que o paciente
integrante, não como se estivesse a ser entrevistado. E também não se usam farda
decide quem é que é louco, palavras tuas, mas não queria ouvi-
las, pelo que me concentrei em dizer
aos médicos que me sentia segura. Quando me perguntaram, de zero a dez

Nove, respondi, ainda estou a esforçar-
me para chegar ao dez. Sorrisos à volta da mesa, a minha
tentativa de fazer uma piada a ser apreciada.

A *overdose* foi atribuída a um efeito retardado do
stress causado pelo julgamento e à falta de sono.

Não há necessidade de nos concentrarmos mais no assunto, sigamos em fr
chefe ao Mike, o que aconteceu não foi culpa de ninguém. Recebo alta, posso ir p
feira, dia 25 de Novembro, falta uma semana para ter dezasseis anos. Vou
mala, não está nenhuma enfermeira à porta, estou viva, já não é preciso v
quase não pus a vista em cima entra no quarto, corre para mim, fico encostada à p
cheia de saliva pegajosa, efeitos secundários da medicação, uma sensação r
quando ele está a tentar ficar melhor. Diz-
me que também estão atrás de mim, os homens que entram
no quarto dele durante a noite. Sussurra, espreita sobre o ombro, não os deixes en
sujidade grosseira nos seus lábios, da insanidade nos seus olhos, fantasio q

lhe depois que estou a morrer. De quê?, perguntaria ele, eles fizeram-
te alguma coisa? Não sei, responder-lhe-
ia, acho que de uma coisa que aconteceu há muito tempo. Quero dizer-
lhe que não serão homens que virão atrás de mim à noite.

Serás tu.

Quão segura te sentes agora?

De zero a dez, talvez dois.

35

O Mike cancelou as suas sessões de sábado e tirou folga ontem. Ao pequ
almoço, preparou panquecas com
bacon e xarope de ácer para todos, comemos em conjunto e, por uma vez
bem. A Phoebe parecia feliz, sorridente. Um vislumbre de esperança dentro
abandonou a ideia de eu estar de algum modo relacionada contigo ou talvez saiba
mim, quer resolver as coisas entre nós. Ela e a Saskia saíram para uma manhã de
mostrou-se tão satisfeito. As coisas simples da vida.

Ele agora supervisiona a minha toma de medicação bem de perto. A equip
aconselhou-o a dar-me os comprimidos com uma bebida quente e a fazer-
me ficar na mesma divisão
que ele durante tempo suficiente para o calor do líquido dissolver o fármaco para
minha corrente sanguínea, e é isso mesmo que ele faz, o que não tem problema al
saiba que pode confiar em mim. Quero cá ficar.

Depois de a Saskia e a Phoebe terem saído, tivemos uma sessão, ele perg
me sobre que
gostaria eu de falar. Tive vontade de lhe contar que tinha passado grande parte da
a pensar no que a Phoebe sabe e no que ela irá fazer quanto a isso, mas, ao invés,
estada no quarto de hospital, onde a minha cama era um barco com uma

Disse-lhe que imaginara ter-
te visto na televisão, a palavra «fugitiva» no ecrã. Ele explicou que isso
se devia aos sedativos que me tinham dado, que podiam provocar alucinaç
queria que recorresse a ele se alguma vez não me sentisse segura. Que eu tinha de
meus sentimentos. Não queremos que acabes no hospital outra vez. Está bem?

No final da sessão, o Mike entregou-me um envelope. Abri-
o, um postal a desejar as melhoras, da
parte da directora James. O Mike explicou que disse a toda a gente, não a
tinha tido apendicite, não viu necessidade de informar a escola sobre o qu
verdadeiramente, dado que o primeiro período estava quase a chegar ao fi
me se eu achava que estaria preparada para regressar na segunda-
feira. Sim, gosto muito de frequentar
Wetherbridge, é a melhor escola onde alguma vez andei, respondi. Sei tam
Kemp está a par, disse ele, a directora James enviou-me um *e-*
mail, mas não precisas de te
preocupar, ela não vai contar a ninguém. Não, pensei eu, mas a tua filha talvez o

Hoje, eu e o Mike decidimos ir a pé até ao mercado. No caminho, ele diz-
me que enviou convites por *e-*
mail a propósito dos meus anos, para um chá lá em casa no próximo sáb

aparecer bastantes pessoas. Agradeço-
lhe, mas dou por mim perdida em pensamentos, a imaginar
como seria o meu décimo sexto aniversário se estivesse contigo.

Vamos beber um chocolate quente a uma das bancas e a senhora que nos
me se
estou ansiosa pelo Natal. Sim, mas primeiro ainda é o meu aniversário, re
Mike, tenta adivinhar a minha idade. A julgar pelo teu pai, diria que tens
acertou, farei dezasseis. Não me importei que ela se tivesse enganado, por
julgar pelo teu pai», o Mike não a corrigiu. Viro-
me para esboçar um sorriso para o Mike, mas ele
está a olhar noutra direcção, não ouviu o que ela disse.

Já de volta a casa, mando uma mensagem à Morgan para saber se ela sempre virá
logo. No hospital não me foi permitido ter o telemóvel, pelo que, por altura de m
montanhas de mensagens dela. A Morgan também pensa que tive apendicite e est
não me peça para ver a cicatriz. Estou mesmo desejosa de a ver, de ter a certeza d

Durante o resto da tarde, a casa está um sossego. A Phoebe não se encontra, prov
casa da Izzy, e a Saskia foi dormir uma sesta. O Mike está no seu escritório, a pôr
segundo ele. A escrever sobre mim, quiçá.

Tento desenhar, mas não consigo concentrar-

me. Não posso evitar pensar na Phoebe. Não é da sua
natureza deixar as coisas passarem em branco, não é da sua natureza tentar compr
dera poder ir ao quarto dela, ler os seus *e-*
mails, mas é demasiado arriscado com o Mike por perto.

Ontem ao pequeno-
almoço ela estava contente, a sorrir. Não é por eu estar de volta, claro que não, é
porque tem um plano.

Tenho medo. Sinto saudades da enfermeira a fazer vistos na ficha na pran
piruetas pelo meu quarto fora. Não quero estar sozinha. O chão. A tremer. Quero
me preocupa que a Phoebe tenha descoberto tudo, mas não sei como o fazer. Não
que desrespeitei as regras da casa, que estive no quarto dela.

Não sei o que lhe vou dizer, mas, mesmo assim, dirijo-
me ao seu escritório, ele disse-me para ir
ter com ele sempre que precisasse. Estou prestes a bater à porta, a minha mão erg
caminho de entrar em contacto com a madeira, mas ouço-
o falar ao telefone com alguém. Deixo cair
o braço, viro a cabeça de maneira a ficar com o ouvido encostado à porta, escuto

Planos para o Natal e a Passagem de Ano, depois ouço-o falar sobre mim.

— Acho que tens razão, June, está na altura de a Phoebe vir em primeiro
questiona. Peço desculpa por estarmos a mudar de ideias, mas agora, que a Milly
que tê-
las cá às duas é demais e, para ser sincero, depois de lhe dar apoio durante o julga
luz dos últimos acontecimentos, estou a pagar um preço. Todos nós estamos. Não
voltar a ter um pouco de normalidade na minha vida.

Ele cala-se enquanto a June fala.

— Sim, concordo, parece-
me demasiado cedo para lhe dizer, tão pouco tempo depois da *overdose*,
mas tenho a certeza de que ela vai ficar bem quando eu lhe disser. Serei amável.

Recuo, afastando-
me da porta. Já não tenho vontade de lhe dizer que estou assustada. Ele disse-me
para parar de engolir os meus sentimentos, mas como posso abrir-
me com alguém que sei que não me quer aqui?

Ver a Morgan quando ela chega à minha varanda comove-
me. A nossa casa é um lugar ou uma pessoa? Sentamo-
nos na cama, ela pergunta-
me como me sinto, mas não pede para ver a cicatriz.

Também lhe pergunto como ela está, da última vez que a vi estava ferida, o incha
já desapareceu, os arranhões na testa já sararam.

— Lembras-te de me teres dito que *Peter Pan* é o teu livro preferido, Mil?

— Sim?

— Bom, é também o filme preferido da minha irmã. Estivemos a ver o DVD na s
sabes aquela parte em que o Peter oferece uma coisa à Wendy para lhe agradecer?
coisa para ti.

Ela tira o presente do bolso, entrega-
mo. É um pequeno medalhão dourado parecido com os que
tenho visto nas bancas da feira de velharias. Abro-
o, não tem fotografias lá dentro.

— Pensei que talvez um dia pudesses pôr a minha fotografia de um lado e a tua d

Ambas sorrimos e apercebo-
me do quanto ela significa para mim e que não preciso de a magoar
para a manter segura. Está a desenrascar-se bem assim. A Morgan deita-
se na cama, pergunto se a
posso desenhar. Quero começar uma nova série de retratos, uma em que não tenh
caras.

36

Os meus primeiros dias de volta às aulas foram difíceis para mim, o ruído no refe
os encontrões nos corredores mais fortes. O constante medo de que a Phoebe espa
quatro ventos. Tentei ao máximo não me atravessar no seu caminho, rezan
magia, ela se esqueça de quem sou. De quem ela acha que sou. A espera é o pior
é que ela ainda não contou a ninguém.

Quando as aulas do dia de hoje acabam, vou à sala dos cacifos buscar os
Phoebe está lá com a Marie, que a convida para irem ao Starbucks. A Ph

coisas para fazer em casa.

— Mas podemos sair juntas, se esperares um minutinho. Só preciso de ler este *e-mail*.

Sorri enquanto olha para o ecrã do telemóvel.

— De quem é o *e-mail?* — pergunta a Marie.

— De ninguém — responde a Phoebe, olhando de soslaio para mim. — É apenas que tenho planeada para amanhã.

Não conseguiram fazer o Humpty Dumpty ficar inteiro outra vez.

A caminho do Grande Auditório, envio uma mensagem ao Mike, a relembrando-lo de que estarei a ajudar a fazer os cenários para a peça até às sete. Em resposta, ele diz-me para não me preocupar, tanto ele como a Saskia estarão no consultório dele a celebrar o final da sua casa mais ou menos ao mesmo tempo que eu. O segredo é manter-me ocupada, concentro-me em pintar e construir, e a meio da tarde ofereço-me para ir ao quiosque mesmo ao lado da escola para comprar guloseimas para todas, estamos a precisar de açúcar para recarregar baterias das sete, quando terminamos, já com uma boa parte do cenário pronto, apercebo-me de que me diverti, foi uma boa distracção.

Saio com a PK, conto-lhe que comecei uma nova série de retratos. Ela fica contente, está na altura de seguir em frente, diz. Sim, concordo. Está na altura.

— Não tens problema em ir para casa sozinha? — pergunta ela.

— Não, obrigada, vivo superperto.

— *Okey-dokey*. Até amanhã, Milly.

— Adeus.

Estou a meio caminho de casa quando o telemóvel toca. O nome do Mike pisca n

atendo, ele pergunta:

— Onde raio é que estás?

— Estou mesmo agora a ir para casa, estive…

— Não é para vires para casa, estás a ouvir?

A voz sai-lhe forçada, tensa. Tão diferente do habitual.

— Vai para casa da nossa vizinha Valerie e fica lá até eu dizer.

— Mike, estás a assustar-me, o que aconteceu?

— Faz o que eu te digo. Não venhas para casa, estás a ouvir-me?

— Sim.

Quando me aproximo da casa, tudo parece estar dentro da normalidade. Não quer
Valerie mas ela está à minha espera na rua, apressa-me a entrar.

— O que se passa? — pergunto-lhe. — O Mike deixou-me assustada.

— De momento ainda não se sabe ao certo, mas vai ficar tudo bem. Anda, entra,

Sempre que ouvi estas palavras — «vai ficar tudo bem» —, nunca nada ficou.

Não é preciso esperar muito. Primeiro ouço as sirenes, a travagem brusca à porta
Valerie leva-
me para a sala de estar com vista para o jardim, não para a rua, pergunta-
me se quero comer ou beber alguma coisa.

— Quero ir para casa, quero saber o que aconteceu.

— Por enquanto ainda não, querida.

Fico sem poder ir para casa durante quase duas horas. A Valerie liga a televisão, f
por parecer normal. Descontraída. Mas quando o David, o seu marido, che
perceber pelos olhares que trocam. São más notícias. Más notícias. Tocam à camp
abrir, ouço-o a falar com o Mike, trá-lo até à sala. Ao vê-
lo, desato a chorar, porque a sua camisa

está suja, toda a parte da frente da camisa, e sei que tipo de nódoa tem a
baixo e deixa escapar num tom monocórdico:

— Devia ter mudado de roupa, não me ocorreu.

Fala devagar, tem no rosto uma expressão de horror. Envelhecida. Também verá o
vermelho a partir de agora, um membro do mesmo clube que eu.

— Valerie, talvez devêssemos dar-
lhes um pouco de privacidade — sugere o David.

— É claro, levem o tempo que precisarem.

Eles fecham a porta ao sair, paira uma atmosfera pesada na sala. Carregada. O Mi
se ao
meu lado. Noto que as mãos lhe tremem. Normalidade, era isso que ansiav
June.

— Estou com medo, Mike, o que se passa? Diz-me, por favor.

Não consegue formular as palavras, sempre que vai começar a falar, cala-
se. A boca. A esforçar-
se para proferir o horror que sabe que tem de proferir. Por fim, diz:

— Um acidente, um acidente horrível.

O Mike tapa a cara com as mãos, também manchadas, os dedos todos. Quero con
lo e tocar-lhe, mas não quero nada daquilo em contacto com a minha pele.

— De que estás a falar?

Não me responde logo, abana a cabeça, o olhar recai sobre o tapete debai

Incredulidade. Já a vi antes estampada no rosto do detective a quem preste
depoimento. O Mike destapa a cara, mas de imediato volta a levantar uma mão pa
mal diz o nome dela. Está a hiperventilar. Para ele é fácil acalmar os outros, é o s
tratando-se de si, sente-se perdido.

— Que tipo de acidente? Ela está bem?

A respirar com esforço, uma mão no nó da gravata que está a usar. Tenta la. Não vai ajudar, quero dizer-lhe, nada vai ajudar.

— Não, não está bem — responde ele.

Mas não diz que ela está morta. Contudo, há tanto vermelho na sua camisa. Tanto

— O que queres dizer com «não está bem»? Posso vê-
la? Quero ver se ela está bem.

Ele passa as mãos pelo cabelo, repuxa a camisa, as mãos não param quiet sentir a forma do corpo dela. Começa a baloiçar, a falar baixinho para consigo.

— Mike, por favor, fala comigo.

— Ela foi-se, os paramédicos levaram-na, a Polícia está lá em casa.

— Foi para onde?

O Mike vira-se para olhar para mim, agarra-
me os joelhos. As mãos parecem garras. A regra «não
tocar na Milly» atirada pela janela fora. Quero afastar-
me, fecho os olhos. Não quero ver a
expressão nos dele quando disser aquilo que acho que vai dizer a seguir.

— Ela morreu, Milly, a minha Phoebs morreu.

Então começa a chorar, tira as mãos de cima das minhas pernas, abraça-
se a si mesmo. Os braços cruzados em torno do tronco, recomeça a baloiçar.

— Não compreendo, vi-a na escola pouco depois de a campainha ter tocado.

Ele levanta-
se subitamente. O movimento destinado a apaziguar os sentimentos negativ dele, é uma coisa que também costuma ajudar-
me. Às vezes. Caminha até à lareira, depois volta.

Sempre a balbuciar enquanto o faz. Anda de um lado para o outro durante eternidade, depois pára, olha para mim como se tivesse acabado de se lem alguém ali com ele. Vem ter comigo, ajoelha-

se no chão à minha frente, volta a vestir a pele de

psicólogo aos poucos. Terreno seguro. Sabe como desempenhar esse papel, confortável do que estar no lado errado da dor.

— Lamento, Milly. Lamento.

— Porque estás a dizer isso?

— Já tiveste de lidar com tanta coisa.

E então vai-
se abaixo, com enormes e dilacerantes soluços, um esforço de cada vez que respi

Também começo a chorar outra vez, a dor dele a tomar conta do espaço em meu r lhe que vai ficar tudo bem, que, de alguma forma, vai ficar tudo bem. Estendo a m a sobre a
sua cabeça. Acho que isso ajuda, pois ele pára de chorar tão compulsivamente, in se para trás, sentando-
se sobre os calcanhares, e começa a massajar as fontes, depois passa os dedos pel duas, três vezes. Respira fundo, é o que faz agora, inspirando pelo nariz, expirand

— O que aconteceu? — pergunto.

— Achamos que ela caiu, a Polícia está a investigar neste momento.

— Caiu?

— Não sou capaz de entrar em pormenores agora, Milly. Por favor. Agora não.

— Onde está a Saskia?

No Inferno, acho que seria a resposta dele se a pudesse dizer em voz alta, se cons forças para o fazer. Sinto o seu hálito a uísque quando fala. Disse que nã pormenores, mas não consegue evitar, repetem-
se sem parar, um disco riscado dentro da sua cabeça.

O telemóvel estava no chão ao lado dela, não pára ele de dizer. Tinha-
a avisado para não se sentar lá
em cima, um dia ainda caía. Mas ela nunca me deu ouvidos, pois não? Ela nunca

raio! Começa a chorar novamente, tapando a cara.

— A culpa não é tua, Mike.

Ouço a campainha tocar, vozes de novo. Batem suavemente à porta. A Va
desculpa, mas a Polícia precisa de lhe dar uma palavrinha, dizem que pod
quiserem. O Mike anui, apoia ambas as mãos no sofá para se reerguer, não pode c

A Valerie vai embora, diz que estará à espera no *hall*.

— Devíamos ir — diz ele.

— Tenho medo, o que é que vou ver?

— Não vais ver nada. Puseram uma lona no local onde ela…

O Mike vai até à janela, encosta a mão ao vidro, olha lá para fora, para o jardim, r
se.

Tenta. Vira-
se para me encarar, diz: Temos de ir. Quando saímos da sala, a Valerie e
esperam-
nos do lado de fora, dizem ambos que lamentam muito e para ligarmos se
coisa que possam fazer, seja a que horas for. O Mike assente com a cabeça.

A primeira coisa que vejo no acesso à garagem são os dois carros da Pol
ambulância, já se foi, segundo o Mike. Quando chegamos à porta da frente, não q

— Acho que não consigo, Mike.

— Temos de conseguir. Estarei sempre ao teu lado.

No
hall de entrada está um grupo de agentes fardados. O Mike apresenta-
me como sua filha
adoptiva. Um deles assente com a cabeça e diz que o Steve está à espera na cozin
preciso pôr mosaicos novos. Não largo o Mike quando passamos.

— Estás bem? — diz o Mike, a mão nas minhas costas.

Volto a perguntar onde está a Saskia.

— Os paramédicos deram-
lhe uma injecção, alguma coisa para se acalmar, está no nosso quarto.

Sentado à mesa está um outro agente, que se levanta quando entramos na cozinha

— Deves ser a Milly. Não há problema se te fizer algumas perguntas? Compreen
seja um choque horrível para ti.

— Posso ficar aqui com ela? — pergunta o Mike.

— Claro, isto não vai demorar, são só perguntas da praxe. Por favor, sentem-se.

Abre o bloco de notas diante de si, tira a tampa de uma esferográfica.

— Podes dizer-me quando foi a última vez que viste a Phoebe?

— Foi na escola, no final das aulas, deve ter sido perto das quatro da tarde.

— Como é que ela te pareceu?

— Normal, acho eu. Estava agarrada ao telemóvel.

— Sabes com quem é que ela estava a falar?

— Não, não, ela estava a ler um *e-*
mail. Parecia entusiasmada com qualquer coisa.

O agente escreve uma nota no seu bloco.

— E ela disse-te porque estava entusiasmada?

— Não.

— E disse se ia directa para casa?

— Acho que sim, sim, ela disse que tinha umas coisas para fazer.

— Disseram mais alguma coisa uma à outra?

— Não, nem por isso, eu tinha de ir para uma reunião. Estou a ajudar a nossa peça de teatro.

— E foi aí que estiveste durante esta tarde?

— Sim, somos pràí umas quinze alunas e uma das professoras, a professora Kem

Mais uma anotação no caderno.

— A que horas saíste da escola?

— Saí com a minha professora pouco depois das sete, foi nessa altura que o Mike

O polícia olha para o Mike, que anui para confirmar que aquilo que eu disse está parecendo envelhecer a cada minuto que passa. Sei que já acabou quando o agent notas, a tampa de novo na caneta. Os pormenores das pessoas.

— Lamento a vossa perda. Julgo que o nosso trabalho aqui está feito — diz.

Hesita por uns segundos, uma reacção bem-educada face ao que vê, estava acordado durante as aulas da academia, este. Quando se levanta, arrasta a cadeira sobre os mosaicos. se, todos os ruídos e sensações exacerbados agora.

— Vão cá passar a noite? — pergunta o agente.

— É possível, depende do estado da minha mulher. Deram-lhe uma injecção.

— Gostaria que eu providenciasse uma equipa de limpeza? Não vai ficar perfeito dia, mas será o suficiente para vocês conseguirem aguentar durante a noite.

— Se fosse possível, agradecia — responde o Mike.

Tapo os olhos quando vou a passar pela lona. O Mike diz-me para ficar no meu quarto até palavra em contrário.

— Se a Saskia estiver acordada, vamos passar esta noite a um hotel, se não, será que faremos amanhã.

Tenho três mensagens da Morgan no telemóvel a perguntar-me se estou bem e a querer saber

porque estão aqui os carros da Polícia. Mando-
lhe uma mensagem dizendo que estou bem, mas a
Phoebe não, morreu, caiu do corrimão das escadas. Foda-
se, responde a Morgan logo em seguida,
ela era má como as cobras mas não desejaria isso a ninguém, os acidentes são do

Sim, respondo.

Do pior.

37

Temos dormido num hotel ao longo desta última semana, a
Rosie está num canil. A casa deixou de
transmitir aquela sensação acolhedora que só as nossas casas dão, o mármo
hall teve de ser
levantado. Substituído. A zona, alvo de uma nova limpeza a fundo. Não p
como o Mike e a Saskia reagiram quando encontraram o corpo da Phoebe. Saskia
joelhos, aos berros, aposto. O Mike ao seu lado. Passos. Apressados. Ele terá corr
corpo da Phoebe, procurado sinais de vida, por isso é que as suas mãos e a sua ca

Terá desmoronado no chão, abraçado o corpo dela de encontro ao seu. A Saskia s
de o choque se instalar.

Estou preocupada com os dois, um foco de luz incide sobre a sua dor a todas as h
dias. O Mike cumpre as rotinas do dia-a-
dia com movimentos mais lentos do que é costume, cada passo a relembrá-
lo do que viu. É o guardião dos comprimidos, tanto a Saskia — se se levanta da
cama — como eu fazemos fila todas as manhãs. Ela toma tudo o que ele lhe der, a
pedir mais. Dormiu o dia todo, disse-
me o Mike quando cheguei das aulas no meu primeiro dia de
volta à escola, uma questão de estrutura, de normalidade, que me foi impo
contente com o escape, mas só me apetece é estar com eles. O Mike também sent
o meu regresso todos os dias ajuda.

Durante a noite, através da parede, ouço a Saskia chorar, o quarto de hotel adjace
som triste e contínuo, infantil. A dor da perda tem esse efeito, o seu horror
nos diminui, reduz-
nos a um estado em que queremos que nos dêem colo e nos protejam do mundo.

Ontem recebemos luz verde para voltarmos para casa. Não há muito tempo teria i
quarto, tirado do esconderijo um retrato teu, passado os dedos pelo contorno do s
faço. Passo o máximo de tempo possível com o Mike, preparando bebidas quente
tratando da
Rosie. Sendo útil. Deram folga à Sevita, tanto tempo quanto ela precise. Devastad
como o Mike disse que ficou quando ele lhe ligou no dia seguinte ao sucedido. El
tão chegadas, disse ele.

Ontem ouvi-
o chorar ao telefone, a falar com o pai, que está na África do Sul, demasiado velh
para aguentar a viagem, não poderá vir à homenagem fúnebre que vai dec
Auditório da escola. A Saskia não viu ninguém, não telefonou a ninguém,
ainda ela estava na casa dos vinte, não tem irmãos nem irmãs. Há anos que o Mik

Houve um vaivém contínuo de pessoas cá em casa ontem. Murmúrios, pos

Inimigas. Um misto das duas. Deu-
se uma mudança significativa em relação a mim na escola, como
se a morte da Phoebe tivesse dissipado um campo de forças de isolamento à minh
ela. A Clondine abraçou-
me da primeira vez que me viu, chorou junto ao meu pescoço, a seguir fui à
casa de banho, lavei as suas lágrimas da minha pele.

Hoje, ao chegarmos ao Grande Auditório, deparamo-nos com um mar cor-de-
rosa, a cor favorita da Phoebe. Chapéus, saias, uma
écharpe de plumas, a assembleia de uma irmandade grande e rosa.

Centenas de olhos sobre nós enquanto caminhávamos até à fila da frente.
me no tribunal, mas, de certa forma, esta multidão parece-me pior.

A directora James discursa sobre os feitos da Phoebe e o potencial que el
bem-
sucedida fosse no que fosse que tivesse escolhido fazer. Uma vaga de solu
percorre a assistência. Há raparigas debruçadas umas sobre as outras, algumas ge
outras a gostar do dramatismo como adolescentes que são. Depois, a Clondine de
Phoebe. Os últimos dois versos, não fiquem junto da minha sepultura a chorar, eu
morri[10].

O Mike sobe ao palco, agradece à escola pelo apoio. Ocupo o seu lugar p
Saskia. Os olhos. Vidrados como os de uma boneca. Distantes. Perdidos. S

transportam até lá. A Izzy encerra a cerimónia tocando viola e cantando *Somehere Over the Rainbow*.

Depois, há um beberete na biblioteca. A professora Kemp vem ter connosc condolências, a pele das mãos ainda seca. As pessoas gravitam no espaço em redc mãos a tocar-
me nas costas, nos ombros, nos braços. Faço os possíveis para não me ret acidente tão horrível, dizem. Sim, respondo. Terrível.

Mesmo antes de irmos embora, a mãe da Izzy aproxima-
se, pequena e francesa. Tóxica. Agora percebo a quem a filha sai.

— Quem pode ver algo de bom nisto? — pergunta. — Uma tragédia sem sentido.

O Mike anui, ela vira-se para mim.

— Gostaste da tua passagem por Wetherbridge?

Gostaste. No passado.

— Ouvi dizer que em breve vais mudar-te para outro lugar, contou-
me a Sas antes de tudo isto ter acontecido.

A Saskia não diz nada, o gato comeu-
lhe a língua, ou são os fármacos que ela engole todos os dias.

— Enfim, *quelle bonne nouvelle*. Que boas notícias.

Dá um beijinho ao Mike e à Saskia, ignora-
me. Depois de ela ir embora, o Mike desculpa-se.

Aceno-
lhe com a cabeça, tento parecer corajosa, mas a toda a minha volta pequenos anjo seus trompetes minúsculos, por Phoebe, não por mim.

Após a homenagem na escola, o Mike e a Saskia seguiram para o funeral cerimónia íntima, só para familiares e amigos chegados. O Mike deixou-
me em casa da Valerie, disse
que era melhor que eu não fosse, ele e a Saskia precisavam de tempo para se desp que compreendia, mas senti-

me desiludida por ele ainda não me considerar parte da família, e bem
sei que é egoísta da minha parte pensar assim, só que não consigo evitar.
baloiçar à minha frente. Há lugar para mim agora.

Vieste ter comigo, a meio da noite, a primeira visita em várias semanas. I
altura. Na altura de quê?, perguntei. Não respondeste, mas largaste a tua pele ante
um invólucro coberto de chamas debaixo da minha almofada, tão real que agora e
lá está.

Não sou capaz de dormir, dou por mim a abrir a porta do quarto da Phoebe. O seu
forte, doce e convidativo. Fecho a porta atrás de mim. O quarto está como ela o d
escola e os *dossiers* espalhados pelo chão, um exemplar de
O Deus das Moscas na mesinha-de-
cabeceira. A seu tempo, o Mike e a Saskia irão remexer nos seus pertences, desm

Abro a gaveta da secretária, mas o portátil não está aqui, procuro no fundo do gua
fatos e dentro da mochila. Poderá tê-
lo deixado na escola, contudo, quase nunca o levava para lá. Não gosto d
facto de não estar aqui, não gosto da maneira como isso me faz sentir.

38

O lanche para comemorar o meu aniversário foi cancelado, devia ter sido
de-
semana, mas estávamos hospedados no hotel. Afinal vai ser hoje, o último
primeiro período acabar, um jantar tranquilo, sem convidados, disse o Mike. Só n
desço à cozinha, encontro um presente em cima da mesa identificado com o meu
o. É um
relógio com uma inscrição na parte de trás do mostrador: FELIZ 16.º CON
sensação que isso me trouxe! Um sentimento de pertença.

Quando o Mike chega, reparo na forma como se movimenta, ainda com muito ma
antes do acidente da Phoebe. Tarefas simples como encher a chaleira eléctrica com
um esforço maior, a exaustão de estar vivo quando alguém que se ama não está. A
virada do avesso, mas não tenho coragem de o avisar, então tiro-
lhe a chaleira das mãos e mando-o sentar-se. O que ele faz sem protestar.

Quase não tenho posto a vista em cima da Saskia, e quando a vejo as sua
vermelhas, inchadas, como conviver de perto com uma das mães a quem n
elas se devem ter sentido sabendo que nunca mais voltariam a ver ou a abraçar os

que acabo de preparar o chá, pergunto ao Mike se posso levar uma chávena à Sas

— Podes tentar — diz ele. — Ela hoje vai fazer um esforço.

Levo o chá até ao quarto, bato à porta, não obtenho resposta. Bato de no
Entra. O quarto está às escuras, a pouca luz natural a esgueirar-
se pela janela da casa de banho. O ar
está parado. Cheio de pó. A Saskia está mais magra, já não se encontra c
com ninguém.

— Fiz-te um chá.

Ela assente com a cabeça, mas não sai do seu lugar, está sentada na beira da cama

— Queres que deixe aqui a chávena?

Assente novamente, pouso a chávena de chá em cima da cómoda, os seus
se de lágrimas. A gentileza dói mais quando estamos a sofrer.

— Desculpa, não deveria ter incomodado.

Limpa as lágrimas, abana a cabeça.

— A casa está tão silenciosa sem ela. É uma tolice, na verdade, tudo o que eu sen
paz e agora, que ela se foi, tudo o que quero é ela.

Não digo nada, não por agora. Tenho andado a ler uns artigos na Internet sobre o
ajudar pessoas que estão de luto. Pequenas coisas como um prato de comi
caixotes do lixo. Ser visível mas não intrusiva, deixá-las falar se quiserem fazê-
lo.

— Tenho saudades dela, até de quando me odiava. Não digas que não me
sabemos que eu não sou a melhor mãe.

Passa os dedos pelo colar com o nome. Dourado. Esboça um sorriso leve, um sor
espécie de tomada de consciência. Puxa a corrente com força, esta parte-
se, fica a baloiçar-lhe nas pontas dos dedos, até que cai ao chão.

— Nunca acertei em nada com a Phoebe, nem uma única vez.

Sento-me ao seu lado na cama, pego-lhe numa das mãos, digo-
lhe que acho que ela conseguiu acertar, sim, que é uma boa mãe — relembro-
a do cristal que comprou para mim. Ela chora, encosta-
se ao meu ombro. Ficamos assim sentadas durante algum tempo. Sinto as suas lág
algodão da minha *T-shirt*. Não é uma sensação agradável, mas deixo-
me ficar, torcendo para que ela
e o Mike se lembrem destes momentos quando decidirem onde irei parar.

— Devia tomar um banho — diz ela.

Aceno com a cabeça e, de saída, lembro-a de tomar o chá. Ao ver-
me, o Mike pergunta-me como é que ela está.

— Está a levantar-se, vai tomar banho.

— Bom trabalho, tiveste mais sorte do que eu.

— Quero fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar.

— E tens feito, tens-
nos mantido a andar para a frente. Se fôssemos só eu e a Sas, não sei be
onde já teríamos ido parar.

Trompetes minúsculos erguem-se em saudação, desta vez por mim.

Cerca de duas horas mais tarde, batem à porta do meu quarto. A Saskia, a dar o se
nas mãos uma bolsa. Maquilhagem.

— Gostava de aplicar a tua maquilhagem. Achas que pode ser?

Respondo afirmativamente com um aceno de cabeça, sentamo-
nos juntas na cama, ela vai falando
enquanto passa o pincel. Pó e base. Sempre que o seu pulso passa perto do meu n
por um aroma tão feminino que me faz ficar ainda mais corada. Quase nem poder
se toque
àquilo que ela está a fazer, mas é um gesto íntimo. O contacto visual, a uma tão c
ainda me deixa desconfortável.

— A Phoebe nunca me deixava aplicar-
lhe maquilhagem, dizia que eu não o fazia bem. Estou a aplicar bem a tua?

Faço que sim com a cabeça, e digo é claro, estás a fazer um óptimo trab

ideia se é verdade.

— És muito bonita, Milly, acho que não tens noção disso.

A Saskia fala sem parar, conta-
me que a Phoebe foi um acidente, que ela tinha tido gripe e se
esquecera de tomar a pílula durante uns dias. Um choque. Uma bebé difícil, nada

Sinto-me tentada a perguntar-
lhe sobre o Benji — um segredo, quando gerido com cautela, pode ser-
nos útil, dá-nos um trunfo. Dá-
me um trunfo, se a Saskia achar que estamos a formar um laço, a
guardar os segredos uma da outra, mas, pela primeira vez, ela antecipa-se.

— Gostava que passássemos mais tempo juntas, Milly. Achas que também ias go

— Sim, muito, mas possivelmente vou-me embora dentro de pouco tempo.

— Eu e o Mike temos falado, a casa já está tão vazia.

— Isso significa que eu…?

— O quê?

— Não interessa, é só porque eu realmente gosto muito de viver aqui com vocês

Ela anui e sorri levemente.

— O Mike disse-me que compraste um vestido, queres que te ajude a vesti-lo?

— Não, obrigada.

Peço-
lhe para ir buscar uma máquina fotográfica, gostava de tirar uma fotografia a nós
puder ser.

O meu vestido. Preto, em veludo, com mangas compridas, uma saia rodada, um p
me dá pelos joelhos. Combino com
collants e umas botas pretas de salto alto que comprei na

Topshop com a minha mesada, parecidas com as que já vi as outras rapar
rematar o conjunto com a minha corrente dourada com o nome, mas sei q
isso, opto por pôr o colar que a Morgan me deu e o relógio oferecido pelo Mike e
posso deixar de me sentir amada.

A Saskia volta trazendo a máquina fotográfica, o Mike ao seu lado. Está
criança. Mais uma irmã do que uma mãe.

— Deslumbrante — diz o Mike.

Ele envolve a cintura da Saskia com o braço e, embora ela se afaste dele, sei que
foder. Um recomeço.

O meu jantar de aniversário é comida chinesa, na cozinha. O Mike diz qu
demais para uma refeição de *take-*
away, é a primeira piada que lhe ouço desde a morte da Phoebe.

Desculpa não termos ido comer fora, mas neste momento não nos sentimos mesm

Há um bolinho da sorte para cada um de nós, mas nem o Mike nem a Saskia quer

Guardo o meu para depois, abri-lo-
ei sozinha quando terminarmos a refeição. O Mike diz que

recebeu um *e-mail* do pai do Joe a perguntar se o Joe poderia encontrar-
se comigo um dia destes. A Saskia anui, diz: É um bom rapaz, já o conheci.

— Parece-te bem, Milly?

— Sim.

Imagino-o a levar-
me ao cinema, as suas sardas a adquirirem um tom rosa enquanto me dá
beijo de boa-noite, mas depois lembro-
me a que levam os beijos e de repente a ideia já não me
agrada assim tanto.

Ofereço-
me para levantar a mesa e lavar a loiça, digo ao Mike e à Saskia para irem relaxar
pouco na sala de estar. Espreito quando vou a passar, estão sentados no m

Saskia está virado, as costas apoiadas no braço do sofá, os pés enfiados n
almofadas do meio. O Mike está sentado ao seu lado, com a mão pousada na cane

— Devíamos acender a lareira em breve, Sas, normalmente acendemo-
la em Dezembro.

— Nem acredito que já estamos em Dezembro.

Fitam a lareira apagada, ambos a pensar a mesma coisa, a mesma pessoa. Deixo-
os assim, subo
até ao meu quarto e ligo à Morgan. Não a tenho visto muito desde o acidente da F
me
concentrado no Mike e na Saskia, em preencher o vazio deles e em fazer amigas n
sair-me bem, acho eu. Oferecer-
me para ajudar a angariar dinheiro para a sala de convívio dos
finalistas foi uma jogada inteligente, que me promoveu instantaneamente. Uma fé
a renascer.

Quando ela atende, diz que tem de falar baixinho, a sua irmãzinha está a
pergunta-
me o que tenho andado a fazer. Nada de especial, respondo, tenho ido às aulas e a
casa. Tenho saudades tuas, Mil, podias contar-
me uma história? Está bem, mas primeiro fecha os olhos. Digo-
lhe os nomes das estrelas, dos planetas. Há água em Marte. Conto-
lhe sobre as
catacumbas de Paris, um cemitério de caveiras subterrâneo. Deve ser espectacular
de lá ir, se calhar um dia podíamos ir. Talvez sim. Combinamos encontrar-
nos no próximo fim-de-
semana, e, depois de desligar a chamada, abro o bolinho da sorte. No pap
se: SE TEM

ALGO BOM NA SUA VIDA, NÃO O DEIXE ESCAPAR.

Olho para o relógio que tenho no pulso e penso não faço intenções disso, custe o

A nossa encenação de
O Deus das Moscas recebe uma enorme ovação, com todo o público de pé.

Desempenhei o papel da Phoebe, o de narrador, no final do espectáculo sou empu
do palco pelas outras raparigas. Foste sensacional, faz mais uma vénia, anc
assistência, vejo o Mike e a Saskia aplaudirem. O Mike está a olhar para mim cor
estranha, não tira os olhos de cima de mim. Também não sorri.

No final da representação, ofereço-
me para ajudar a arrumar os adereços. Eu e a Clondine despachamo-
nos ao mesmo tempo. Ao sairmos, ela pára e olha para o céu.

— É tão triste.

— O quê?

— O baile de Natal é nesta sexta-
feira, era o preferido da Phoebe. Ela adorava os vestidos
elegantes e usar o casaco de peles da Saskia.

Também digo que é triste, porque é.

No caminho a pé para casa, abro a Internet na página da BBC News. Dur
surgido notícias nenhumas sobre ti, mas hoje, uma manchete. A nossa casa será d
um jardim no seu lugar. Nove árvores. Já não apareces na minha cama, largaste a
altura», disseste. Compreendo agora o que quiseste dizer com isso, que eu já não
misto de felicidade e tristeza. Estou, sobretudo, a começar a aceitar as coisas que
para ser boa, juro, apesar de serem coisas más.

Tenho ensaiado o que direi se alguma vez regressares.

Eis o que diria.

Nunca pedi para ter uma mãe que me assediava com assobios galanteadores, que
cara quando eu tentava dizer não. Dir-te-
ia que estavas errada quando te punhas atrás de mim no
espelho do teu quarto a dizer que nunca ninguém me amaria para além de ti, porq
e a Saskia poderão vir a amar-me. Dir-te-
ia que tinhas razão, as minhas entranhas são, de facto,
diferentes das das outras pessoas.

Estranhas e disformes.

A deformação que provocaste em mim. A deformação com que estou a aprender

Na noite em que foste presa, esbocei um aceno de cabeça para ti. Tu sabi

Estava a dizer-te que ia deixar-
te. Estava preparada. Mas tu não estavas, pois não? Nunca gostaste de

ver um jogo chegar ao fim, querias sempre continuar a jogar. O jogo que me obri
tribunal, o mais público que alguma já tínhamos feito. Um último tiro, uma exibi
tinhas ensinado. Não foi fácil, não, nem foi um cheque-
mate. Foi como encarar o Sol de frente. Um encandeamento. Sem uma sombra.

A tua voz, para mim, era como um conta-
gotas com morfina. Conspurcada, incapaz de dar alívio e
conforto, apenas medo e tentação. Ainda bem que já não te ouço nem vejo em sít
é possível que estejas, como, por exemplo, na paragem de autocarro ao pé da esc

As coisas que tu fizeste, as coisas que tu me fizeste fazer, partiram-me o coração.

Tu partiste o meu coração.

Tu partiste o meu.

Tu partiste.

Tu.

E eu.

Por causa disso, tenho segredos, tantos segredos.

Não sou quem digo ser.

Folie à deux — uma loucura compartilhada por duas pessoas.

Negar.

Manipular.

Mentir.

Mamã, achei que podia escolher.

Mas, afinal, sou tal e qual tu.

Só que melhor.

Ser boazinha já não me interessa.

Só

Me

Interessa

Não

Ser

Apanhada

40

Mal abro a porta da entrada, sei que há qualquer coisa de errado. É o lug
encontra especado, no meio dos mosaicos onde ela aterrou. O porquê de ele estar
ao longo de cerca de uma semana, não foi capaz de olhar para aqueles mosaicos,

los.

— Preciso que venhas ao escritório. Imediatamente.

Não me indica um lugar para me sentar quando lá chegamos, posiciona-
se mais perto de mim do que o normal, olha-
me nos olhos. Acho que não gosta do que vê, pois afasta-se, senta-
se na sua
cadeira atrás da secretária, fala baixinho para consigo. Em cima da secretá
uísque, vai a menos de dois terços, e um copo. Ele bebe a dose de que já se tinha
tempo a servir-se de mais uma. Sento-
me na poltrona que ao longo dos últimos meses já se tornou
minha, em silêncio. E espero.

As suas palavras, quando ele as profere, magoam-me.

— Avisaram-me sobre ti. As pessoas acharam-
me parvo. Irresponsável, até. Ter-te aqui só
causaria problemas, mas eu não dei ouvidos, achei que era capaz de lidar com a s

As piranhas estão de volta. O peixe da sorte também, um novo julgamento que se

— Pensei que sabia tudo sobre ti… talvez não tudo, mas a maior parte das coisas.
confiavas em mim. Eu confiei em ti, acolhi-te na minha casa, por amor de Deus.

— Mas eu confio em ti, Mike.

Ele bate violentamente com o punho cerrado na secretária, dou um salto. Não é n
com o que tu costumavas fazer, mas, partindo do Mike, do meigo e compreensivo
me
bárbaro. Brutal. Está zangado comigo. A sua mente está a voltar a funcionar, o lu
uma neblina. Paira a baixa altitude, esconde a paisagem. Esconde o que é real.

— Não me mintas. Se confiasses em mim, ter-me-ias contado.

— Contado o quê?

Ele hesita, engole um enorme gole de uísque, arqueia os dedos sobre o tampo da
tarântulas, irmãs gémeas, prontas para atacar.

— Nas nossas sessões, as coisas que dizias. Uma misturada. Inconsistente. Era tã
te.

Detestavas que te fizesse perguntas sobre esse assunto, esforçavas-
te muito por não dizeres o nome
dele, mas eu sabia que havia alguma coisa em relação à noite em que o Daniel tin

angustiava mais do que achava que deveria. Só que, quando te perguntava, quand
história era sempre a mesma, e eu acreditei em ti. Até certo ponto, queria acredita
passado por tanta coisa, mas agora já não tenho tanta certeza. Não tenho certeza s

Os seus dedos relaxam na secretária, mais um pianista do que uma aranha. O uísq
neblina, uma neblina que confunde a mente até já não saberes bem em que acredi
pouco, por favor, Mike.

— Aquilo que disseste em tribunal, sobre o que aconteceu naquela noite, era verd

tua mãe que matou o Daniel? Foi?

— Porque achas que estou a mentir?

— Porque é o que fazes, não é? Tu mentes. Tu mentiste-
me, não mentiste? Tu mentiste sobre a
Phoebe quando disseste que vocês as duas se estavam a dar bem.

— E estávamos.

Ele varre um pisa-
papéis de vidro de cima da secretária, o qual colide com a parede, não se
quebra, arranca um pouco de tinta, cai ao chão com um baque.

— Estás a assustar-me, Mike.

— Olha, e tu assustas-me a mim, sabias?

Aí está. A verdade. A dele. Sente o mesmo que todas as outras pessoas. O mesmo
relação a mim. Baixo o olhar.

— Desculpa, não havia necessidade de dizer isto, Milly.

Bebe mais uma dose de uísque, ajeita a moldura sobre o canto direito da secretári
solidão da primeira vez que vi as fotografias nesta moldura. Uma montagem de ir
em diferentes idades. Loura e perfeita e linda, não contaminada como eu. Ele aba
para a sua filha. Não com afecto, com mágoa talvez. Mágoa em relação a quê? El
ainda está em toda a parte, nos espaços e nos vazios que deviam ser meus agora.

O telefone na sua secretária toca, ele olha, mas não atende.

— É a June. Liguei-
lhe enquanto estava à tua espera, mas ela não atendeu. Deve ter percebido que
se passa alguma coisa, caso contrário, não lhe teria telefonado a esta hora.

— Porque é que o fizeste?

— Estou a escrever um livro sobre ti, sabias? Não. Enfim, estou. Não conseguia p
nada. Que estúpido e arrogante da minha parte.

Não me revela o motivo de ter ligado à June, mas consigo sentir o meu lugar nest
tenho vindo a esculpir, a manipular, desde a morte da Phoebe, a começar a dissipa
se no ar mesmo
em frente dos meus olhos. Em areias movediças. A ir ao fundo. Eu.

— Podes parar de fingir agora, Milly. Eu sei.

Mesmo com todos os cavaleiros e cavalos do rei.

— Durava há meses, certo? No Facebook, no fórum da escola. As mensagens. A
o telemóvel da Phoebe ontem. Ela estava a fazer-te
bullying há meses, não estava?

Consigo ler-lhe os pensamentos, todos os caminhos vão dar a mim.

— Porque não me contaste? Céus, passávamos tempo suficiente juntos.

— Não queria deixar-
te preocupado nem levantar problemas. Pensei que eu e a Phoebe
poderíamos vir a tornar-nos amigas… irmãs, até.

Ele abre uma das gavetas da secretária, tira de lá qualquer coisa, olha para o que t
depois levanta-o e pousa-o diante dele.

O portátil da Phoebe, era o Mike quem o tinha.

— Ela achava que eu não sabia.

— Que não sabias o quê?

— Sobre o Sam.

— Qual Sam?

— Estás a dizer-me que não sabias, não tinhas ouvido nada sobre ele na escola?

— Não, nada.

Pergunta-
me se estou a mentir. Não respondo, porque estou, mas apenas porque tenho dem
medo de contar a verdade. Os vislumbres daquilo que poderia ser uma no

nesta casa detêm-
me. Tão perto. Se ao menos conseguisse sobreviver a esta nova tempestade, se o
conseguisse convencer.

— Eu e o pai dele conhecemo-
nos há imenso tempo. Fomos colegas há uma série de anos,
mantivemos o contacto quando eles se mudaram para Itália, estivemos com
saberem, andávamos todos a achar graça ao romance, a esta relação a longa distâ
tinha lido alguns dos *e-*
mails, mas não todos. Não aqueles em que a Phoebe lhe falava das suspeitas
que tinha sobre ti.

— Achava que ela não sabia nada sobre mim…

— Pois, mas sabia.

Cerra os punhos, abre. Cerra. Alcança a garrafa de uísque, serve-
se de uma dose, bebe-a até ao
fim, mas não se serve de mais nenhuma. Gostava que ele o fizesse, consi
perspicácia e capacidade de raciocínio estão a ficar toldadas pelo calor do álcool.

— Ela veio ter comigo há uns tempos, disse que tinha lido algumas anotações mi
no escritório enquanto procurava um livro. Tentei dizer-
lhe que não era verdade, só que ela ficou tão transtornada, acusou-
me de estar sempre a pôr os meus pacientes em primeiro lugar. Não podi

continuar a mentir-lhe, não queria fazê-lo, então contei-
lhe, mas acordámos que ela não diria nada, e
não disse, pelo menos não a ninguém na escola, só ao Sam.

— Lamento, Mike.

— Tens dito que lamentas muitas vezes desde que te conheci. O que é que tu lam

Não fica à espera de que eu responda, a conversa que está a ter é mais c

Está a tentar arrumar mentalmente as coisas no seu devido sítio. A organi
tranquilizar-
se, dizendo para si que não percebeu tudo mal, tão horrivelmente mal.

— Ela tinha intenções de te expor, sabes. Está tudo lá, num *e-mail* que escreveu ao Sam, o último que enviou depois das aulas no dia em que morreu. Tinha comprado um telemóve enviar umas mensagens anónimas a todos, contando a toda a gente quem tu és. Ra que eu não vi quão infeliz ela era?

— A culpa não é tua, Mike.

Esboça ténues acenos de cabeça. Mas, de certa forma, parece-me que é, responde. Fita o portátil da Phoebe, olha de novo para a moldura com as fotografias dela. Desato a chorar, me ver isto de perto. A dor que causei, uma terrorista no seio da sua família, metamorfoseand me sempre.

Quando se apercebe de que estou a chorar, diz:

— Habitualmente, és muito boa a esconder as tuas emoções.

— O que queres dizer com isso?

— Seres vítima de *bullying* deve ter sido doloroso, deve ter-te deixado transtornada. Zangada.

Porém, nunca o demonstraste. Eu sabia que tu e a Phoebe não eram chegada houvesse uma grande animosidade, uma preocupação maior.

Está a mentir para si próprio. Ele notou, da mesma forma que nota como flutuar pela vida. Bêbada, pedrada, deprimida. Repetição. Bêbada, pedrada, Cidade das Esmeraldas[11] em casa virada do avesso. Se fosse honesto co suficientemente corajoso, admitiria que lhe conveio não notar, não adereçar a tens mim e a Phoebe. Ele queria-me aqui, precisava de mim. Acesso à minha mente, uma oportunidade de ouro, uma oportunidade que provavelmente nunca mais voltaria a surgir. Assassi são, como eu já disse, raras.

— Escondemos de ti, ambas o fizemos.

— Eu deveria ter conseguido perceber. Infelizmente, estava tão embrenhado no t

— A escrever um livro sobre mim.

Ele anui, responde: Sim, mas a que preço?

— É por isso que te sentes mal? Achas que deverias ter passado menos tempo co
a Phoebe?

Ele recosta-
se na cadeira, inclina o corpo contra o cabedal. Sei qual é a sensação de não se qu
falar sobre um assunto e, mesmo assim, estarem a fazer-
nos perguntas. Nunca ninguém quer falar sobre o que nos faz sentir culpados.

— A Phoebe amava-te tanto, Mike. Eu via-o.

Ele abana a cabeça, é a sua vez de ficar em lágrimas.

— Ela amava-te, a Clondine contou-
me, na noite da festa do Matty nas férias, que a Phoebe te
idolatrava, achava-te o melhor pai do mundo.

— Como é que eu poderia sê-
lo, estava demasiado ocupado, demasiado ocupado a envolver-me
nos problemas das outras pessoas.

— Era isso que ela adorava em ti. O facto de te preocupares e tentares ajudar.

As minhas palavras são como uma unção, esfregando um bálsamo calmante sobr
sua culpa. Consigo ver o jogo virar diante dos meus olhos. Levanto-
me, vou até à secretária, sirvo-lhe mais um uísque. Bebe, digo-
lhe, vai ajudar. Ele bebe, está habituado a que eu ajude. Tenho-me
esforçado nos últimos tempos para fazer com que ele e a Saskia não consigam pa
queiram passar sem mim. Ele observa-me enquanto volto a sentar-
me. Pego na almofada de veludo
azul que ele colocou na poltrona na nossa primeira sessão. Seguro-
a, abraço-a junto ao peito.

Desencadeará uma reacção, lembrá-lo-
á de que ainda sou uma criança, alguém que precisa de amor e
carinho. Orientação. Despertará a sua vontade, a sua necessidade de ser pr
herói escondido por baixo das suas camisas caras. Orgulho. Uma grande q

avalia mal alguém como eu.

— Disse algumas coisas que não deveria ter dito, Milly. Peço desculpa. Pe decifrado tudo, pensava que sabia.

Que sabia o quê? Porque é que ele ligou à June?

— A professora Kemp disse-
me hoje que estava tão grata pela tua ajuda com a concepção dos cenários, contou que tinhas trabalhado com tanto afinco na última reunião, até saí umas guloseimas para todas. Eu ainda não tinha sido capaz de pensar com clareza Phoebe, até hoje.

— Estás cansado, Mike, de tentar cuidar de toda a gente.

— Foi por isso que liguei à June, queria falar com ela sobre uma coisa. I altura, mas agora não sei. Acho que estava a querer deitar as culpas para vergonha de admitir que foi para cima de ti.

Contorna o bordo do copo com o dedo, pára, olha para mim.

— Perguntei à professora Kemp a que horas tinhas saído para ir buscar os doces.

certeza, com tanta coisa a acontecer ao mesmo tempo, mas disse que só estiveste de cinco minutos.

Como é que ela saberia, tem uma péssima noção do tempo.

— Estiveste?

— Estive o quê?

Em voz baixa, e lentamente, ele coloca a sua próxima questão:

— Estiveste fora só durante cerca de cinco minutos?

Normalmente, é a verdade que ele quer ouvir, mas desta vez os caminhos mim, apontam para ele também. Demasiado embrenhado e obcecado a reflectir so sobre mim. O livro tem agora um final diferente, um final que ele não quer escrev convidar-me para beber um chá, convidou-

me a viver com ele, com a família dele. Nunca
recuperaria, a nível pessoal ou profissional, se se sentisse, ou fosse considerado, r
enganar em relação a mim. Tem tanta noção disso quanto eu. Tanto a perder, tant

Digo que sim com a cabeça.

— Sim, fui e vim em cerca de cinco minutos. Fui até ao quiosque, aquel
mesmo em frente à escola.

— A mais lado nenhum? Não foste a mais lado nenhum?

— Não. A mais lado nenhum, Mike.

Ficamos ali sentados em silêncio. Faço um enorme esforço para manter o
desiste primeiro, inclina-
se para a frente, tapa a garrafa de uísque, um sinal de que o assunto está
encerrado por agora. Os pormenores das pessoas, os pormenores em que eu repar

— É tarde, Milly, devias ir deitar-te. Preciso de ficar sozinho.

Dou meia volta junto à soleira da porta, mesmo antes de sair do escritóric
repousa sobre o portátil da Phoebe, a outra está sobre a secretária, os ded
inconscientemente, na direcção do telefone.

— Mike, precisas de me dar a minha medicação, e a da Saskia também. Nós prec

Sobe-se vinte e oito.

Sobe-se mais um andar.

O corrimão à direita.

Se não tivesse visto a mensagem surgir no ecrã do seu telemóvel,
esquecido ao lado da chaleira eléctrica durante o pequeno-almoço,
quando a Phoebe estava sentada à mesa.

Teria sido tudo diferente.

Tudo.

«Vá lá, sua imbecil manhosa, o que querias dizer com Dia D

para a Focinhuda amanhã?», era a mensagem.

Remetente: Izzy.

Interrompi a pintura dos cenários no Grande Auditório para ir comprar gomas para toda a gente.

Verdadeiro.

O quiosque foi o único sítio onde fui.

Falso.

Corri durante todo o caminho, cinco minutos, se nos apressarmos, menos, se corrermos a toda a velocidade.

Subi as escadas, vinte e oito degraus para cima, mais um andar, o corrimão à direita. Ela estava lá. Gritou quando me viu.

Buuu.

Entrou no quarto dela, bateu com a porta.

Segui-a. Sai, disse ela. Fica longe de mim.

Dei um passo na sua direcção. O que estás a fazer? ,

perguntou.

Mais um passo. Contornou-me com um empurrão, disse:

Vou ligar ao pai.

Não a persegui, ela teria descido as escadas a correr, eu não queria

que isso acontecesse. Saí do quarto dela. Ela estava no patamar, meio sentada, meio encostada ao corrimão.

O seu lugar seguro, de onde gostava de atormentar a mãe.

Impressões digitais, dela, visíveis na madeira envernizada.

O medo sob a forma de suor, a sair-lhe dos poros. A transbordar.

Ela estava prestes a carregar no botão para iniciar a chamada.

Distraída.

Ela, não eu.

Mais um passo na sua direcção.

Quando alguém te diz olha que podes morrer. Acredita.

Um segundo foi o que bastou.

Ela caiu em silêncio.

O mosaico de estilo espanhol ficou pintado com uma nova cor,
o cabelo dela também.

Corri ao longo de todo o caminho de regresso, cheguei carregada
de bens essenciais do quiosque para toda a gente.

As perguntas do agente policial mais tarde naquela noite.

Só umas perguntas da praxe, disse ele.

Não há treino suficiente no mundo inteiro que os prepare para
o potencial das crianças.

Oh, Deus das Moscas.

Prometi ser o melhor que conseguia.

Prometi tentar.

Mike.

Um homem bondoso.

Contei-lhe tudo.

Bom…

Quase tudo.

Peço perdão.

AGRADECIMENTOS

Às crianças e adolescentes de quem cuidei, foi um privilégio. Vocês foram para lá sem vocês, não existiriam os alicerces deste livro. À equipa com quem trabalhei a pelas gargalhadas, quando tantas vezes poderiam ter sido lágrimas. Uma menção Unidade para Jovens do Hospital Real de Edimburgo, o meu primeiro emprego ap sobrevivemos àqueles turnos da noite… não faço ideia.

À minha agente, Juliet Mushens, por me encontrar e me tornar uma realidade. Po veloz com um sentido crítico do mais belo que há. És uma pequena grande brasa, uma amiga para toda a vida. A sorte que eu tenho por te conhecer!

Uma palavra de reconhecimento a Sarah Manning — uma bomba no que toca à o que seria de mim sem os teus *post-its*. E a Nathalie Hallam, por herdar a pasta sem a menor dificuldade. Para a #TeamMushens como um todo, obrigada pelo vosso apoio.

A Jessica Leeke, a minha editora na chancela Michael Joseph. Claque, olh

Puxaste por mim, mas amparaste-me. Deste-me o meu lado corajoso. A Ellie Hughes, a minha relações-públicas, por saber exactamente o que fazer comigo e por ser a tranquilida minha hiperactividade. A Hattie Adam-Smith, por ser a força criativa responsável por tudo o que tem a ver com *marketing*, sempre divina, descontraída e fã de chapéus de feltro. Uma equipa de que deu tudo o que tinha para dar. Estendo o meu agradecimento à restante equip e do quartel-general da Penguin. Tantas pessoas a fazerem tantas coisas e com tanto ca entusiasmo. Que maravilhoso estar debaixo desta asa. Obrigada a todos.

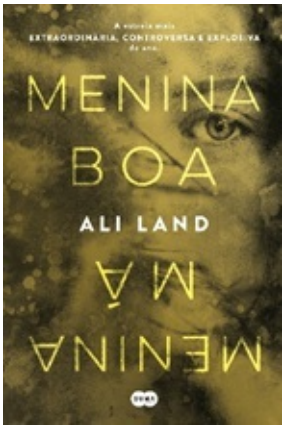
Para Christine Kopprasch, a minha editora na Flatiron US, por acreditar, n mas em mim enquanto autora. E o meu agradecimento estende-se quer ao resto da equipa da Flatiron quer a Sasha Raskin, a minha agente nos Estados Unidos.

A Alex Clarke, que esteve envolvido na compra dos direitos deste livro. A Karen
sua abordagem cuidadosa e tranquilizadora na preparação do manuscrito original.

por me dizer: «Não te preocupes, Ali, limita-
te a confiar no teu instinto.» Foi o que fiz, e o resultado foi este livro.

À minha família, com amor.

E, por fim, à tribo! Pessoas maravilhosamente espalhadas pelo mundo e sem as q
tido coragem para embarcar nesta viagem. São demasiadas, e é muito o que tenho
nomear cada uma. Por isso, um «obrigada» colectivo, pela cor, pela criatividade,
pela magia que dão à minha vida todos os dias. E por gostarem de mim
independentemente do resto. Meus compinchas absolutamente maravilhosos e esp
adoro. Obrigada obrigada, obrigada, um milhão de vezes obrigada.



«A estreia mais EXTRAORDINÁRIA, CONTROVERSA E EXPLOSIVA do an

Quando Annie, 15 anos, entrega a sua mãe à Polícia, espera um novo começo de
vida — mas será que podemos mesmo escapar ao nosso passado?

A mãe de Annie é uma assassina em série. Annie ama a mãe, mas a únic
maneira que tem de a fazer parar é entregando-a à Polícia.

Com uma nova família de acolhimento e um novo nome — Milly —, esp
também um novo começo de vida. Agora pode ser quem quer. Mas, com
julgamento da mãe à porta, os segredos do passado de Milly não a deixar
dormir…

Quando a tensão sobe, Milly vai ter de decidir: será uma menina boa ou uma men

mãe de Milly é uma assassina em série. E ela é sangue do seu sangue.

Um ritmo deliberado e uma trama habilmente tecida conspiram para criar uma lei
thriller psicológico perturbante, que é, ao mesmo tempo, uma exploração devasta
causados pelo trauma infantil.»

Publishers Weekly

Um ritmo deliberado e uma trama habilmente tecida conspiram para criar uma lei
thriller psicológico perturbante, que é, ao mesmo tempo, uma exploração devasta
causados pelo trauma infantil.»

Kirkus

«Um sentimento de medo aterrador rege a narrativa, e a mais fascinante das persc
thriller
s, uma assassina em série, enche estas páginas […] Os leitores vão adorar seguir
e surpreender-
se com o desfecho. Inteligente, inquietante e impossível de largar.»

Kirkus

«Perturbador. Prende-
nos a atenção desde a primeira página. Tudo é de louvar neste romance.»

The Guardian

«Inquietante e inesque cível.»

Heat

«Incrível, muito especial».

Radio 4's Open Book

«Incómodo, chocante e viciante. Coloque este livro no topo da sua pilha de leitur

The Sun

«Incómodo, chocante e viciante. Coloque este livro no topo da sua pilha de leitur

The Irish Times

«Este *thriller* psicológico de Ali Land é avassalador.»

Cosmopolitan UK

ALI LAND Licenciada em Saúde Mental, trabalhou durante dez anos com mental infantil e adolescente em hospitais e escolas do Reino Unido e Austrália. A se a tempo inteiro à escrita e vive em Londres.

A estreia literária de Ali Land,
Menina Boa, Menina Má, tem tido uma excelente recepção por parte
do público e da crítica nos países onde já foi publicado, subindo aos primeiros po mais vendidos. O livro será publicado em mais de 20 países.

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Título original: *Good Me Bad Me*

© por BO Dreams Ltd.

Edição em formato digital: novembro 2017

Copyright © 2017 Ali Land

© 2017, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edf. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: Margarida Filipe

Revisão: Alice Soares

Paginação: Vítor Miranda

Capa: adaptação de Teresa Coelho

Fotografia da autora © Laura Lewis

ISBN: 978-989-665-399-6

Composição digital: Newcomlab S.L.L.

Suma de Letras é uma chancela de:

www.megustaleer.com

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer pr
gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualq
legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrit

Notas

[1] Museu interactivo que recria os episódios mais violentos da história de Londr
obscuros e sanguinolentos e com sons ambiente assustadores. (*N. da T.*)

[2] Famosa deixa do capitão Kirk para o engenheiro-
chefe Montgomery Scott (Scotty), personagens da série televisiva *Star Trek. (N.*

da T.)

[3] Último verso de uma lengalenga infantil protagonizada pela personagem
Dumpty estava sentado num muro / Humpty Dumpty caiu no chão duro. /
conseguiram fazer o Humpty Dumpty ficar inteiro outra vez.» *(N. da T.)*

[4] Festividade que celebra a sobrevivência do rei protestante Jaime I de Inglaterr
a 5 de Novembro de 1605 como parte da conspiração para fazer explodir
encarregado de guardar a pólvora que seria utilizada chamava-se Guy Fawkes.
(N. da T.)

[5] Desafio voluntário, não competitivo e aberto a jovens dos 14 aos 25 anos de t
(habilidades, serviço comunitário e voluntariado e actividades físicas e recr
fortalecimento dos valores sociais na transição entre a adolescência e a idade adu

(N. da T.)

[6] Na sua versão original, é uma velha rima infantil, possivelmente uma v
transmitir coragem a uma vítima de agressão verbal. *(N. da T.)*

[7] Penúltimo verso da lengalenga infantil protagonizada pela personagem Hump
(N. da T.)

[8] Trocadilho com a música *Ding-dong! The Witch is Dead*, que faz parte da banda sonora do filme *O Feiticeiro de Oz. (N. da T.)*

[9] Trocadilho com um ditado popular em língua inglesa: *«Pink makes the boys wink.» (N. da T.)*

[10] Do poema *Do not stand at my grave and weep*, da autoria de Mary Elizabeth Frye (1932). *(N. da T.)*

[11] A Cidade das Esmeraldas é a capital da Terra de Oz, o reino onde d
americano L. Frank Baum, na origem do filme *O Feiticeiro de Oz. (N. da T.)*

Índice

Menina boa, menina má

Primeira parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Segunda parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Terceira parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Quarta parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Quinta parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Sexta parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Sétima parte. Sobe-se vinte e oito. Sobe-se mais um andar. O corrimão à direita.

Agradecimentos

Resenhas

Sobre a autora

Créditos

Notas

Document Outline

- Menina boa, menina má
- Primeira parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
  - Capítulo 8
- Segunda parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.
  - Capítulo 9
  - Capítulo 10
  - Capítulo 11
  - Capítulo 12
  - Capítulo 13
  - Capítulo 14
- Terceira parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.
  - Capítulo 15
  - Capítulo 16
  - Capítulo 17
  - Capítulo 18
  - Capítulo 19
  - Capítulo 20
  - Capítulo 21
  - Capítulo 22
  - Capítulo 23
- Quarta parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.
  - Capítulo 24
  - Capítulo 25
  - Capítulo 26
  - Capítulo 27
  - Capítulo 28
- Quinta parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.

    - Capítulo 29
    - Capítulo 30
    - Capítulo 31
    - Capítulo 32
- Sexta parte. Sobe-se oito. Sobe-se mais quatro. A porta à direita.
    - Capítulo 33
    - Capítulo 34
    - Capítulo 35
    - Capítulo 36
    - Capítulo 37
    - Capítulo 38
    - Capítulo 39
    - Capítulo 40
- Sétima parte. Sobe-se vinte e oito. Sobe-se mais um andar. O corrimão à direita.
- Agradecimentos
- Resenhas
- Sobre a autora
- Créditos
- Notas